

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FAFICH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**SER VOLUNTÁRIO, SER REALIZADO: INVESTIGAÇÃO
FENOMENOLÓGICA NUMA INSTITUIÇÃO ESPÍRITA**

Yuri Elias Gaspar

Belo Horizonte, fevereiro de 2010

Yuri Elias Gaspar

**SER VOLUNTÁRIO, SER REALIZADO: INVESTIGAÇÃO
FENOMENOLÓGICA NUMA INSTITUIÇÃO ESPÍRITA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Mahfoud.

Linha de Pesquisa: Cultura, Modernidade e Subjetividade.

Área: Psicologia Social.

Belo Horizonte

2010

150 Gaspar, Yuri Elias
G249s Ser voluntário, ser realizado [manuscrito] : investigação fenomenológica
2010 numa instituição espírita / Yuri Elias Gaspar. – 2010.

186 f.

Orientador: Miguel Mahfoud

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Psicologia – Teses. 2. Fenomenologia – Teses .3. Voluntários – Teses. 4.
Experiência (Religião) – Teses 5. Psicologia da cultura - Teses. I. Mahfoud,
Miguel II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título

*A Deus
e aos trabalhadores da sua seara
que colaboraram para a concretização dessa obra.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença que solicita e conforta.

À Roberta, muito mais que esposa e colaboradora, a companhia real que me ajudou a sustentar todo esse percurso, exemplificando o verdadeiro sentido de amar. De verdade: obrigado por tudo!

A minha mãe, Sara, a quem devo minha formação, sempre iluminando meus passos com seu exemplo de vida.

A meu pai, Ovídio, por doar tudo de si para possibilitar que nós, seus filhos, estivéssemos aqui hoje, felizes.

Aos meus irmãos, Rolf e Raydan, por me apoiarem mesmo nos momentos mais difíceis da nossa caminhada.

A meus avós, Seu Nahyme e Dona Ivone, pelo cuidado constante em todos os âmbitos da vida e por me ensinarem a lição de que se deve “fazer o bem, sem olhar a quem, e não fazer mal a ninguém”.

A toda minha família, pelo apoio e compreensão. Não é possível citar todos os nomes, mas gostaria de ressaltar a gratidão por minha tia Sandra e minha prima-irmã Amanda, por me ajudarem dos mais diferentes modos na elaboração deste trabalho.

Aos amigos “os cara praça”, por não desistirem de mim. Mesmo quando precisei estar longe, a certeza dessa amizade sustentou meus passos.

Aos amigos e colegas da graduação em Psicologia, pelos encontros que fizeram de mim o que sou hoje.

Aos amigos do CPH e do grupo de estudos da ACP, por me aceitarem e por me incentivarem a ser quem sou.

Aos amigos, colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pelos encontros e desencontros que me ajudaram a retomar o significado e o valor de realizar pesquisa na UFMG.

Aos amigos do LAPS, pela companhia e colaboração. Obrigado por fazerem da formação acadêmica uma formação humana e por me ajudarem a entender o real sentido da palavra “universidade”.

Aos demais amigos que fiz ao longo dessa caminhada, presenças marcantes que, cada qual a sua maneira, contribuíram para a concretização desse ideal. Em especial, ao Lucas pela disponibilidade para traduzir o resumo dessa dissertação para o inglês e à Rosário pelo cuidado na revisão deste texto.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro por meio de Bolsas de Iniciação Científica.

À CAPES, pelo apoio financeiro por meio de uma Bolsa de Mestrado.

À *Casa Espírita*, por abrir suas portas permitindo que esse trabalho se realizasse.

Aos tarefeiros da *Casa Espírita*, especialmente às pessoas entrevistadas, por permitirem que eu comunicasse a beleza contida no gesto voluntário.

Ao Miguel, por anunciar algo grande ao qual vale à pena dedicar a vida e por contribuir efetivamente para minha formação acadêmica e pessoal como orientador, mestre, amigo e padrinho. É também por você que cheguei até aqui.

RESUMO

Gaspar, Y. E. (2010) *Ser voluntário, ser realizado: investigação fenomenológica numa instituição espírita*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O voluntariado ganha espaço no cenário nacional, gerando aumento de investimentos, estudos acadêmicos e dando visibilidade a movimentos culturais que há muito o propõem. Neste trabalho, objetivamos investigar como se configura o relacionamento entre a experiência de voluntariado enquanto potencialmente realizadora da pessoa e o contexto sociocultural de uma instituição espírita, tal como vivido e revelado pelos sujeitos da experiência. De modo a apreender o dinamismo característico da experiência de voluntariado preservando sua complexidade e unidade, adotamos a Fenomenologia (Husserl e Stein) como proposta teórico-metodológica. Partimos da definição de conceitos nucleares da abordagem fenomenológica (*epoché*, atitude fenomenológica e análise das vivências) com vistas a fundamentar a noção de pessoa, base para compreensão do relacionamento do sujeito com a realidade. Abordamos a constituição da pessoa em ação (definindo motivação e realização), o modo como ela apreende o mundo físico (percepção e apercepção) e se relaciona com o mundo humano (empatia, comunidade, mundo-da-vida e cultura). Problematizamos a orientação cultural do homem na contemporaneidade e discorremos sobre as possibilidades de articulação entre a dinâmica da realização humana e a experiência religiosa. Para a coleta de dados, recorreremos a observação participante de cunho etnográfico e a entrevistas semi-estruturadas. Selecionamos quatro entrevistas para análise fenomenológica, seguindo o critério de escolha intencional de sujeitos reconhecidos na instituição como referência quanto ao modo ideal de trabalhar voluntariamente. Na análise do modo como os sujeitos elaboram sua ação voluntária, emergem elementos essenciais da experiência de voluntariado nesse contexto sociocultural. Destacamos a consideração da ação voluntária como compromisso e doação de si ao outro; a centralidade do juízo dado sobre a realização de si vivenciada nessa experiência; a abertura à contemplação e à transformação pessoal a partir dos sentidos colhidos ao agir; a importância dos relacionamentos e a potencialidade de constituição de vínculos comunitários; a consciência de participar de uma obra maior; a fé quanto à existência de presenças transcendentais que intervêm na realidade de modo providencial, sustentando e mobilizando a ação voluntária. Articulando esses resultados à análise do que é proposto aos voluntários pela instituição, colhemos a vitalidade do processo de mútua constituição entre pessoa e contexto sociocultural e compreendemos como a realização de si, elemento estruturante da experiência de voluntariado, dinamiza esse processo de mútua constituição. Tal compreensão, aliada às provocações advindas do contato com os sujeitos, fundamenta nossa conclusão quanto à importância de investigar o voluntariado ressaltando a força da experiência, capaz de romper concepções fechadas e de abrir horizontes que explicitam os vários sentidos implicados no gesto de se doar voluntariamente.

Palavras-chave: Fenomenologia; Voluntariado; Pessoa e Cultura; Realização.

ABSTRACT

Gaspar, Y. E. (2010) *Being voluntary, being realized: a phenomenological investigation in a spiritist institution*. Master's Thesis, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Volunteering becomes more important in the national landscape, generating an increase of investments, academic studies and providing visibility to cultural movements which have been proposing it for a long time. In this paper, we intend to investigate how the relationship between the volunteering experience as a potentially tool to realize the person and the socio-cultural context of a spiritist institution, as lived and revealed by the experience of the person. In order to apprehend the characteristic dynamism of the volunteering experience but preserving its complexity and unit, we adopted the Phenomenology (Husserl and Stein) as a theoretic-methodological proposal. We started by the definition of the phenomenological approach's nuclear concepts (*epoché*, phenomenological attitude and lived experience analysis) aiming to underlie the notion of person, a base for the understanding the subject's relation with reality. We focused on the constitution of the person in action (defining motivation and realization), the way this person apprehends the physical world (perception and apperception) and relates with the human world (empathy, community, life-world and culture). We elected as a problem man's cultural orientation in contemporaneity and we discussed about the possibilities of articulation between the dynamic of human realization and the religious experience. For data collection, we used the ethnographic participative observation and semi-structured interviews. We selected four interviews for phenomenological analysis, using the intentional choice criteria from subjects considered references in the institution concerning their way of working voluntarily. In the analysis of the way subjects elaborate their voluntary action, essential elements from the volunteering experience emerge in the social-cultural context. We call attention to the voluntary action as commitment and donation of self to the other; to the solid judgment given about the self realization lived in that experience, to the opening to contemplation and personal transformation based on the meanings collected from acting; to the importance of relationship and the potentiality of communitarian bonds constitution, to the conscience of participating in a bigger act, to the faith as the existence of transcendent presences which interfere with reality in a providential way, sustaining and mobilizing the voluntary action. Articulating these results to the analysis of what is being proposed to the volunteers of the institution, we collected the vitality of the process of mutual constitution between person and social-cultural context and we were able to understand how the self realization, structuring element of volunteering experience, accelerates this process of mutual constitution. This comprehension, allied to the resulted evocations from the contact with the subjects, underlies our conclusion about the importance of investigating volunteering emphasizing the strength of the experience, capable of rupturing closed conceptions and of opening horizons which explicate the various meanings implied in the gesture of self donating voluntarily.

Keywords: Phenomenology; Volunteering; Person and Culture; Realization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I – REFERENCIAL TEÓRICO	14
1. Dimensões constitutivas da pessoa	15
2. Pessoa em ação	18
2.1. Da motivação à ação: contribuições de Edith Stein	19
2.2. A ação enquanto auto-realização: contribuições de Karol Wojtyła	23
3. Modalidades de relação com o mundo: o campo perceptivo	27
4. Modalidades de relação com o outro: da empatia à comunidade	29
5. Mundo-da-vida e culturas	32
6. Orientação cultural na contemporaneidade	35
7. Experiência de realização de si e experiência religiosa: possibilidades de articulação	37
II – OBJETIVOS	42
1. Objetivo geral	42
2. Objetivos específicos	42
III – JUSTIFICATIVA	43
IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
1. Campo de pesquisa	44
2. Coleta de dados	44
2.1. Trabalho de campo e escolha dos sujeitos	44
2.2. Entrevistando os sujeitos	46
3. Transcrição dos relatos	46
4. Análise dos dados	46
4.1. A análise do contexto sociocultural	47
4.2. A análise das experiências de voluntariado	48
5. Apresentação dos resultados e da discussão	50
V – RESULTADOS	52
1. Adentrando a <i>Casa Espírita</i>	52
2. Olívia: <i>Nós fazemos parte, Ele deixa a gente fazer parte dessa maravilha</i>	69
2.1. A experiência de voluntariado de Olívia: uma síntese	86
3. Telma: <i>Servindo a Casa Espírita toda vida, eu venho e sou grata por isso</i>	88

3.1. A experiência de voluntariado de Telma: uma síntese	99
4. Márcia: <i>essa é a minha tarefa, eu vou abraçar ela com todo amor</i>	101
4.1. A experiência de voluntariado de Márcia: uma síntese	115
5. Shirley: <i>Essa tarefa é missionária: é uma oportunidade única, eu tenho que abraçar</i>	117
5.1. A experiência de voluntariado de Shirley: uma síntese	136
VI – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: diálogos e elaboração da experiência-tipo	139
1. A ação voluntária como doação de si ao outro	140
1.1. Na doação de si, emerge a pessoa	140
1.2. Para doar-se é preciso amor: o eu em direção ao outro	142
2. A realização de si na ação voluntária: um círculo virtuoso	144
2.1. Na elaboração da experiência, emerge a centralidade da realização de si	144
2.1. Realização e juízo	146
3. A ação voluntária como provocação à contemplação e à transformação	150
3.1. Na abertura da razão, a ação convida à contemplação	150
3.2. Na contemplação do agir, a possibilidade de transformar a si mesmo	152
4. A ação voluntária como relacionamento e participação	153
4.1. A centralidade dos relacionamentos na experiência de voluntariado	153
4.2. Da resignificação dos obstáculos à vivência da gratidão	155
4.3. Agir é participar de uma obra maior	157
4.4. Na ação compartilhada, constitui-se a comunidade	158
5. A ação voluntária como abertura ao relacionamento com presenças transcendentis ..	160
6. A ação voluntária e o contexto sociocultural: processo de mútua constituição	164
6.1. A experiência-tipo de voluntariado na <i>Casa Espírita</i>	164
6.2. Experiência-tipo e contexto sociocultural	165
6.3. A ação voluntária realiza a pessoa: provocações a ampliar o olhar	168
VII – CONCLUSÕES: certezas e provocações	170
EPÍLOGO: um retorno à experiência	174
REFERÊNCIAS	176
ANEXO	183

INTRODUÇÃO

Investigar o tema *voluntariado* tem se mostrado tarefa complexa e árdua. A começar pelo próprio termo “voluntariado”. Seria essa a expressão ideal? Ou seria “trabalho voluntário”? Ou “caridade”? Ou “solidariedade”? Ou “filantropia”? Ou “assistência social”? Ou “Terceiro Setor”? Cada uma dessas expressões carrega diferentes conotações e desdobramentos, os quais não se desvinculam de quem as propõe, de como propõe e de que pressupostos adota para propor.

Paralelamente, trata-se de tema que se encontra na ordem do dia, ganhando cada vez mais espaço no cenário nacional. Destacam-se, nesse sentido:

1) O fortalecimento do chamado “Terceiro Setor”, que agrega as “organizações sem fins lucrativos, autogerenciadas, integrantes da sociedade civil, com finalidade pública ou coletiva” (Sampaio, 2004, p. 37). Na esteira de tal consolidação, o voluntariado ganha notoriedade na medida em que se constitui como forma recorrente das relações de trabalho no contexto do Terceiro Setor.

2) Associada a este primeiro fator, tem-se a regulamentação do trabalho voluntário na Lei Federal n.º 9.608 (1998), que tornou obrigatória a assinatura de um termo de adesão, no qual são definidos a natureza do serviço e as condições para seu exercício, bem como identificados o prestador e o tomador de serviços.

3) A maciça divulgação midiática, impulsionada pela definição de marcos internacionais como a Declaração Universal do Voluntariado¹ e, especialmente, o Ano Internacional do Voluntariado, 2001, proclamado pela Assembléia Geral das Nações Unidas.²

4) O aumento de investimentos de diversas modalidades de instituições – de organizações não-governamentais a “empresas sociais” – nesta forma de trabalho, aumento que muitas vezes surpreende os estudiosos: “a impressão que se tem é que o trabalho voluntário transformou-se, nas mais diferentes situações, em um ‘bom negócio’” (Barros, Pinto & Guedes, 2006, p. 118).

Portanto, não é por acaso que assistimos atualmente à proliferação de estudos acadêmicos na realidade brasileira que se debruçam sobre o tema, partindo de diferentes

¹ Documento aprovado em 1990 por voluntários de várias partes do mundo a partir da convocação da *International Association for Volunteer Effort* (IAVE). O texto inspira-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, e na Convenção dos Direitos da Criança, de 1989 (Portal do Voluntário, n. d.).

² As Nações Unidas definiram como objetivos para 2001: 1) Reconhecer de forma crescente o trabalho voluntário; 2) Facilitar de forma efetiva o trabalho voluntário; 3) Organizar um modelo de trabalho em rede que envolva a mídia como um todo na divulgação de ações; 4) Promover o trabalho voluntário criando um clima generalizado na opinião pública que estimule e suporte o voluntariado (Carneiro, 2008).

referenciais e assumindo posições muitas vezes dissonantes. A título de exemplo, cabe mencionar os trabalhos sobre a constituição dos discursos a respeito do tema “voluntariado” em um ambiente universitário (Bavaresco, 2003); sobre as particularidades do trabalho voluntário em um contexto religioso (Castro, 2003); sobre as tendências que marcam o voluntariado, tomado criticamente enquanto trabalho que descaracteriza a assistência como direito (Holanda, 2003); sobre a cultura organizacional e a motivação de voluntários em uma organização de Terceiro Setor (Sampaio, 2004); sobre as razões do engajamento a uma causa social e o contexto carcerário a partir da visão de pessoas que voluntariamente trabalham nesse ambiente (Barros, Pinto & Guedes 2006); sobre a motivação e os benefícios que os voluntários esperam receber, pesquisa realizada em uma ONG (Silva, 2006); sobre a caracterização do perfil sociodemográfico e psicológico de voluntários de uma ONG (Dockhorn, 2007).

De modo a problematizar o campo em que nos inserimos, destacamos as elaborações de dois autores-referência que enfrentam o tema do voluntariado a partir de parâmetros distintos.

Montaño (2003), partindo de uma leitura marxista da realidade social, aponta nesta atual configuração de valorização do trabalho voluntário – especialmente daquele apropriado pelo Terceiro Setor – uma nova estratégia político-ideológica neoliberal de reestruturação do capital. Segundo o autor, a descentralização e a transferência para o setor privado (lucrativo ou filantrópico) das políticas sociais desresponsabiliza o Estado de seu dever social, precariza o trabalho e homogeneiza a sociedade civil ao abafar conflitos dentro desta, levando assim à perda do direito de cidadania e escamoteando a desarticulação do padrão de resposta estatal às seqüelas da “questão social”. Nesse sentido, a resposta às mazelas sociais passa “a ser uma *opção do voluntário* que ajuda o próximo, e um *não-direito* do portador de necessidades, o ‘cidadão pobre’” (p. 22).

O conjunto de organizações e atividades que compreende o chamado “terceiro setor”, para além dos eventuais objetivos manifestos de algumas organizações ou da boa intenção que move o ator solidário singular, termina por ser instrumentalizado, pelo Estado e pelo capital, no processo de reestruturação neoliberal, particularmente no que se refere à formulação e implementação de uma nova modalidade de trato à “questão social”, revertendo qualquer ganho histórico dos trabalhadores nos seus direitos de cidadania (Montaño, 2003, p. 19).

Giumbelli (1998), por outro lado, coloca em outros termos o debate em torno da assistência social ao estudar a lógica interna de um movimento que propõe o trabalho voluntário e que possui grande notoriedade no contexto histórico-cultural brasileiro: o Espiritismo. Objetivando conhecer o modo como o movimento espírita enfrenta e desenvolve

a questão da assistência social, o autor se volta para a caracterização do sistema doutrinário e da organização institucional do Espiritismo no Brasil. Nessa pesquisa de cunho etnográfico que também contém análises quantitativas, Giumbelli (1998) evidencia que, não obstante seja recorrente a associação genérica e pejorativa ao assistencialismo, a experiência de voluntariado no âmbito da Doutrina Espírita carrega uma complexidade que lhe é própria.³

Giumbelli (1998) demonstra que tal experiência remete direta ou indiretamente à noção de caridade, que não designa meramente uma disposição ou motivação psicológica e individual, mas diz de um pilar que decorre de um compromisso com a Doutrina Espírita em sua totalidade. No entanto, o próprio autor alerta que explicar o investimento espírita na assistência social – e, por consequência, no voluntariado – somente fazendo alusão ao compromisso doutrinário com a caridade não é suficiente. É preciso considerar as novas formas de envolvimento e de elaboração que vêm emergindo no contexto espírita no que se refere à assistência social, provocadas por reflexões acadêmicas no âmbito do Serviço Social e por atuações de lideranças espíritas na sociedade civil. Trata-se de uma configuração emergente de organização do trabalho assistencial espírita que, nas palavras de Giumbelli (1998, p. 165), ressalta a “caridade como cidadania, mas também cidadania afirmada pela caridade”.

Toda essa discussão em torno da significação do voluntariado situado em um determinado contexto ganha uma nova consistência ao nos aproximarmos da experiência de pessoas que trabalham voluntariamente numa instituição espírita.

Impelidos pelo ideal de ajudar o próximo e impulsionados por companhias que nos ajudaram a aderir ao percurso de voluntariado proposto nessa instituição, começamos a trabalhar durante um dia da semana. No primeiro contato, deparamo-nos com uma realidade diferente daquela que havíamos imaginado: encontramos pessoas de diferentes trajetórias pessoais e profissionais. Encontramos pessoas que oravam, conversavam e se divertiam juntas durante a realização do trabalho. Encontramos também alguns atritos, dificuldades de relacionamento, e encontramos pessoas dispostas a dialogarem e a reverem as dificuldades, buscando uma melhor solução para todos. Encontramos pessoas que buscavam ajuda, com grandes dificuldades financeiras. Mas, acima de tudo, encontramos pessoas, cada qual com a sua história e com o seu motivo para estar ali, seja recebendo, seja auxiliando.

³ Atualmente, cresce o número de estudos sobre o Espiritismo desenvolvidos no país. Nesse sentido, destacamos o livro organizado por Sampaio (2009a) que, reunindo textos acadêmicos e independentes, tem como uma de suas perspectivas explicitar como estudos sobre o Espiritismo têm ganhado espaço nas universidades brasileiras.

Inicialmente, baseados no conhecimento do senso comum, pensávamos no voluntariado nos perguntando sobre os motivos que levam as pessoas a trabalhar. No encontro com os voluntários que se dedicam ao trabalho por vários anos, fomos provocados a reformular esta pergunta, questionando-nos sobre o que leva as pessoas a *permanecerem* naquele trabalho por tanto tempo. É um questionamento que nos intrigou também porque começamos a perceber na nossa própria experiência que somente os motivos que nos levaram ao trabalho voluntário não sustentavam a permanência ali. Com o passar do tempo, percebemos que as dificuldades apareciam, o cansaço começava a nos desanimar, outros compromissos surgiam naquele horário atrapalhando a assiduidade no trabalho. Enfim, problemas de toda a ordem faziam questionar se realmente valia a pena “gastar” o tempo em um trabalho que não tinha nem terá retorno financeiro. Além disso, vimos muitas pessoas iniciarem o trabalho voluntário e, após poucas semanas, desistirem, cada qual devido a um motivo diferente.

Mesmo em face das dificuldades, permanecemos no trabalho. E, abertos às solicitações daquele contexto, começamos a reconhecer na experiência de algumas pessoas, e na nossa também, a provocação para considerar um novo fator que incide no voluntariado: a realização de si vivida enquanto se concretiza o gesto. Com essa provocação, chegamos a problematizar as imbricações entre o contexto e os sujeitos da experiência.

Em outras palavras, sob uma perspectiva, é o próprio contexto sociocultural dessa instituição religiosa que nos interroga, fazendo emergir em nós o interesse por conhecê-lo em sua dinâmica concreta, isto é, por conhecer o modo vivo como é proposto, o campo de possibilidades por ele aberto para os sujeitos que o compõem. Visto sob outro ângulo, esse mesmo interesse tem como foco os sujeitos, os “voluntários” cuja experiência pessoal nos solicita: como eles se posicionam diante do que lhes é proposto cotidianamente por esse contexto sociocultural? Qual é a relação entre tal posicionamento e a sua vivência religiosa? Como é possível que esse posicionamento de doação gratuita do seu tempo seja vivenciado como realização? Qual é a dinâmica dessa realização? Vivendo processos como esses, de que modo essas pessoas podem contribuir para a constituição da proposta cultural da instituição?

Perguntas como essas não são óbvias. Implicam ficar com a tensão suscitada pela experiência que se quer conhecer com empenho para que seja preservada sua complexidade e unidade. E, para tanto, encontramos na Fenomenologia de Edmund Husserl (2006a, 2006b, 2008) o referencial teórico-metodológico capaz de nos auxiliar. A escolha por esta abordagem justifica-se na medida em que o nosso objetivo de compreender o fenômeno em questão, articulando subjetividade e cultura, pode se concretizar através da dupla direção implicada na descrição fenomenológica, que, de um lado, empreende a análise das vivências e da vida da

consciência em suas modalidades e, de outro, busca a compreensão das cosmovisões através da investigação da inter-subjetividade (Ales Bello, 1998, 2004; Zilles, 1996, 1997).

No capítulo I buscamos introduzir o leitor à abordagem fenomenológica partindo de alguns elementos nucleares que a caracterizam (*epoché*, atitude fenomenológica e análise das vivências) com vistas a fundamentar a definição do conceito de pessoa, noção base para a compreensão do relacionamento do sujeito com a realidade. Dada a complexidade de tal relacionamento, abordamos a constituição da pessoa em ação (destacando os conceitos de motivação e realização) e o modo como ela apreende o mundo físico por meio da percepção e apercepção. A seguir, apresentamos as modalidades de relação com o mundo propriamente humano por meio da descrição da dinâmica da empatia, da comunidade e das definições de mundo-da-vida e cultura. Como desdobramento de tais compreensões, elaboramos uma problematização da orientação cultural do homem na contemporaneidade. Complementa essa exposição teórica a argumentação diretamente vinculada à dinâmica da realização humana e à emergência da dimensão religiosa na experiência.

É a partir das clarificações advindas do referencial teórico adotado que delineamos o objetivo geral e os específicos da presente pesquisa, bem como apresentamos os aspectos que embasam sua justificativa nos capítulos II e III, respectivamente.

No capítulo IV, descrevemos os procedimentos metodológicos, também embasados na abordagem fenomenológica. Destacamos o campo de pesquisa, as modalidades de coleta de dados, bem como os procedimentos de transcrição dos relatos e análise do material.

No capítulo V encontram-se os resultados das análises realizadas. Inicialmente, temos como foco a descrição do contexto da instituição investigada, com destaque para a compreensão alcançada a respeito de suas principais propostas socioculturais. Em seguida, encontram-se as análises das experiências de voluntariado dos quatro sujeitos dessa pesquisa.

A discussão dos resultados é realizada no capítulo VI, no qual optamos por apresentar cada um dos elementos essenciais presentes na experiência de voluntariado de todos os sujeitos imediatamente seguido pelo diálogo com grandes autores. A partir desses diálogos, elaboramos a síntese da experiência-tipo de voluntariado neste contexto sociocultural e articulamos às propostas socioculturais da instituição investigada. Finalizando o capítulo, recorreremos novamente ao diálogo com alguns autores de modo a dimensionar a contribuição desta pesquisa para o campo de estudos das experiências de voluntariado.

No capítulo VII retomamos as principais conclusões e provocações advindas deste trabalho de investigação e, com o epílogo, encerramos a dissertação convidando o leitor a um retorno à experiência comunicada.

I – REFERENCIAL TEÓRICO

A Fenomenologia de Husserl (1952/2006a, 1924/2006b, 1954/2008) e Stein (1932-33/2003a, 1930/2003b, 1930/2003c, 1922/2005a, 1917/2005b, 1932-5/2007a, 1934-6/2007b) enquanto proposta teórico-metodológica implica um modo de olhar que parte das provocações daquilo que se manifesta a mim – o fenômeno – tendo como meta compreendê-lo, deixando-o viver (Ales Bello, 1998, 2004). Olhar que não repousa nem sobre a coisa em si mesma e nem na criação subjetiva daquele que lhe dirige sua mirada, mas sim na relação que se estabelece entre eu e mundo, na realidade enquanto percebida por alguém (van der Leeuw, 1933/1964).

Isso é possível graças à atitude de *epoché*, que consiste em colocar entre parênteses concepções prévias, voltando-se para o fenômeno com o intuito de colher ali o que há de essencial. Trata-se de uma postura crítica e antiespeculativa de suspensão do juízo, que visa a evitar a sobreposição de construções categoriais ao significado do fenômeno estudado, de modo a favorecer que emergja o que lhe é mais próprio, sua estrutura (Ales Bello, 1998, 2004; van der Leeuw, 1933/1964; Zilles, 1996).

Com tal postura passa-se da “atitude natural” – que toma fatos e coisas apenas por sua manifestação exterior – à “atitude fenomenológica”, a qual se ocupa das vivências internas ao sujeito, do modo como ele elabora aquilo que lhe acontece e se posiciona no mundo (Ales Bello, 1998). Ao falar em “vivência”, Husserl utiliza a palavra *Erlebnis*, substantivo que busca expressar aquilo que estou vivendo no momento presente. Nas palavras de van der Leeuw (1933/1964), é

uma vida presente que, segundo o seu significado, constitui uma unidade (...). Assim, pois, a vivência não é simplesmente “vida”; em primeiro lugar, está condicionada pelo objeto (é vivenciada), em segundo lugar, está indissociavelmente unida com sua interpretação como vivência (p. 643).

Partindo de exemplos colhidos na experiência comum e cotidiana, Stein (1922/2005a) demonstra que toda vivência é composta por:

1. Um *conteúdo* que é recebido na consciência (por exemplo, um dado relativo a uma cor ou um sentimento de bem-estar).
2. A *vivência* desse conteúdo, sua acolhida na consciência (o *ter* a sensação, o *sentir* bem-estar).
3. A *consciência* dessa vivência que a acompanha sempre – em maior ou menor grau – e pela qual a vivência mesma é designada também como consciência (p. 232).

A vivência se dá à consciência, é o que se faz ao tomar algo: união entre ato do sujeito e fenômeno por ele apreendido (Ales Bello, 2004; van der Leeuw, 1933/1964). Portanto, a vivência designa os atos próprios da interioridade humana, elemento estrutural e constitutivo da consciência (Ales Bello, 1998).

A consciência é definida por Ales Bello (2006) como “ponto de convergência das operações humanas, que nos permite dizer o que estamos dizendo ou fazer o que fazemos como seres humanos” (p. 45). Nesse sentido, a consciência distingue-se da reflexão e não pode ser entendida como algo fixo, estanque. Ela é, outrossim, a condição de possibilidade do vivenciar humano, é a corrente ou fluxo original de vivências puras (Stein, 1922/2005a).

Nesse sentido, é possível apreender três características basilares da consciência: 1) ela é um fluxo, puro devir composto por vivências puras que se sucedem e que, apesar de estar em produção contínua, constitui-se como unidade por brotar de um único eu, o “eu puro”; 2) ela é original no sentido de que está na base, na origem de toda ordem de experiência humana; 3) ela é vivenciada, experimenta-se como viva. Portanto, o fluxo da consciência se constitui como um complexo no qual as vivências se despertam (Stein, 1922/2005a).

1. Dimensões constitutivas da pessoa

Ao investigar as vivências, Husserl pôde explicitar que elas são a base da subjetividade, uma vez que se constituem como a estrutura comum a todos os seres humanos, que se articulam de modos diversos de acordo com as variadas orientações culturais. Possuem também diferenciações qualitativas que permitiram ao investigador chegar à delimitação das três dimensões constitutivas do humano: a corpórea, a psíquica e a espiritual (Ales Bello, 1998; Husserl, 1956/2006a; Stein, 1922/2005a).

A dimensão corpórea refere-se às vivências ligadas mais diretamente às sensações. Sua constituição é dada e dela não se pode prescindir: o corpo vivente é o nível de percepção de si mais imediato e o meio de expressão do ser no mundo (Ales Bello, 2004, 2006; Husserl, 1956/2006a).

A dimensão psíquica diz respeito ao modo como o real ressoa no sujeito e vincula-se também ao temperamento, às tendências e aos impulsos. Para fundamentar e facilitar a compreensão dessa dimensão, destacamos a seguinte situação apresentada por Stein (1922/2005a):

Se sinto frio, então não me engano nem acerca do conteúdo desse sentimento – que designo precisamente como frio –, nem acerca da consciência desse vivenciar. Sinto, indubitavelmente, quando sou consciente disso, e sinto frio, e não outra coisa, quando tenho precisamente esse sentimento. Porém, é possível que eu me sinta com frio, sem que exista realmente uma situação de frio, podendo conscientizar-me de tal fato somente em seguida (pp. 236-7).

Esse exemplo abrange tanto um conteúdo de vivência, que pode ou não ser egológico, isto é, referir-se ao próprio eu (*sentimento vital*), quanto o estado interno que esse mesmo conteúdo exprime (*estado vital*). A manifestação dos sentimentos vitais e estados vitais indica a existência de uma qualidade real permanente que os sustenta: a *força vital*. Trata-se de certo *quantum* de energia próprio de cada individualidade, que pode variar de acordo com modificações nas condições vitais (Ales Bello, 2000; Stein, 1922/2005a).

O conjunto formado por força vital, sentimentos vitais e estados vitais constitui justamente a dimensão psíquica. As vivências psíquicas se articulam no âmbito da força vital e se expressam nos estados vitais por elos causais, porém não de maneira exata ou quantificável. Trata-se de uma causalidade peculiar, posto que uma vivência é condição para o acontecimento de uma gama possível de outras vivências, de modo que todo efeito possui uma causa, mas não se pode fazer a passagem de que uma causa necessariamente leva a certo efeito. Daí porque somente se pode investigar as causas retroativa e empiricamente, a partir de seus efeitos concretos. Em oposição à delimitação de uma causalidade quantitativa tal como perseguida pelas ciências da natureza, tem-se, portanto, o reconhecimento de uma causalidade qualitativa, na medida em que é possível identificar essencialmente as mudanças de qualidade dos estados psíquicos e as diversas gradações dessa qualidade (Stein, 1922/2005a).

Para a compreensão da dinâmica de funcionamento do mecanismo psíquico, é fundamental destacar a importância dos impulsos, definidos como tendências não motivadas, vivências sem fundamentação objetiva, isto é, sem um sentido a priori que as sustente. “Temos aqui um mero ser impulsionado, como no caso de uma bala que, por um disparo, é arremessada em uma determinada direção” (Stein, 1922/2005a, p. 278). Embora o eu tenha consciência do fato de ser impulsionado, tanto a direção quanto a concretização do impulso são em função da satisfação real ou possível do próprio impulso. Nesse sentido, se eliminarmos eventuais interferências da vontade, o impulso depende puramente do correspondente estado vital pelo qual é gerado e da energia psíquica consumida ou incrementada pela força vital que o alimenta. Portanto, a vida da psique me acontece, pois eu não decido ter certos impulsos.

Em síntese, pode-se dizer que a dimensão psíquica é esfera daquilo que *nos acontece* e que se pode apenas reconhecer, portanto, das vivências de reação, que se configuram como estados e sentimentos vitais e se conectam de modo causal, embora não seja mensurável quantitativamente, mas apreensível qualitativamente em suas estruturas essenciais (Husserl, 1956/2006a; Stein, 1932-33/2003a, 1922/2005a).

A dimensão espiritual, por sua vez, engloba as vivências volitivas e intelectivas, que se distinguem como atos de liberdade: posicionamentos do sujeito frente ao que lhe acontece. É esfera ativa, em que as vivências se articulam por motivação e visam à realização de um objetivo (Husserl, 1956/2006a; Stein, 1922/2005a). Desenvolveremos as especificidades da dimensão espiritual na seção subsequente, intitulada “Pessoa em ação”.

É o reconhecimento da indissociabilidade dessas três dimensões constitutivas que leva à definição de ser humano enquanto pessoa.

O eu pessoal é aquele que se delinea a partir da corporeidade, com uma base de *pré-datidade* (*predatitâ*) que se pode definir psíquica, mas se configura como pessoa, realmente unitária num sentido superior, como sujeito das tomadas de posição da vontade, das ações do pensamento; numa palavra, como eu livre. O eu puro, então, é o espelho, a via de acesso a uma realidade corpórea, psíquica e espiritual, que constitui o eu pessoal (Ales Bello, 2007, p. 72).

Para Stein (1932-33/2003a, 1930/2003c), o ser pessoa distingue-se pela liberdade de posicionamento e pela abertura tanto para a esfera interna (por via da capacidade de autoconsciência), quanto para a externa (mundo físico e esfera de relações). Possui um princípio formativo (ou “alma intelectual”) que lhe confere potências e limites e permite-lhe ordenar aquilo que recebe de modo a se estruturar e a intervir no mundo externo, de onde a sua denominação como *microcosmos*.

Em obras posteriores, Stein (1932-5/2007a, 1934-6/2007b) retoma a noção de consciência e pessoa em articulação com as contribuições da filosofia tomista, reelaborando o modo de apreender o ser, a temporalidade e o eu puro no fluxo de vivências. Partindo da evidência indubitável do próprio ser, isto é, que eu vivo e sou consciente da vida do meu ser, Stein reconhece diferentes *modos de ser* que constituem o fluxo temporal da consciência. Trata-se, na linguagem escolástica, das *potências* e dos *atos*. Para nossos propósitos, vale destacar o reconhecimento de diferentes potencialidades que são e estão presentes na vida do eu, mesmo que não ativadas em ato no momento atual.

Como corolário, pode-se identificar disposições de ser que constituem a estrutura da pessoa, cabendo ao eu atualizá-las e desenvolvê-las em função de *si mesmo*. Nesse sentido, o

“eu puro” – o eu tomado *substancialmente* em si mesmo e consciente de si – é existencialmente presente na experiência humana, com qualidades tais que podem conduzir a formação da pessoa (Stein, 1932-3/2003a).

Ao investigar a elaboração de Stein acerca da formação propriamente humana, Mahfoud (2005) contribui para a compreensão do conceito de pessoa ao ressaltar que

um elemento de vida espiritual contido num objeto cultural (produzido pelo espírito humano) é apreendido pela alma e ganha vida naquele relacionamento. A pessoa (...) se encontra num mundo de pessoas e de bens espirituais pelos quais a vida flui a ela. Mas cabe a cada um decidir sobre o funcionamento do intelecto (se e como), quanto ampliar o mundo espiritual, o quê dos elementos culturais acolher em si mesmo. (...) Além de receber e crescer, a alma humana tem condições também de organizar o que vai assumindo e *se estruturar, se formar*, fazer de si uma forma e con-formar-se a uma *imagem*, e intervir no modo formativo do mundo externo (p. 57).

Assim, o fruto das análises rigorosas da subjetividade é uma proposta antropológica que diferencia qualidades de vivência, reconhece dimensões distintas do humano e recoloca a centralidade do relacionamento com o mundo para a constituição do ser pessoa (Ales Bello, 2004). Como corolário, tal proposta antropológica favorece uma aproximação da experiência que se pretende investigar com uma posição de abertura para todos seus níveis e suas sutis variações, buscando apreender o modo como o sujeito elabora aquilo que lhe é proposto.

2. Pessoa em ação

Ao diferenciar as dimensões constitutivas do ser humano a partir da análise das vivências e da vida da consciência, a Fenomenologia objetiva explicitar fundamentos que podem possibilitar a elaboração de uma psicologia da pessoa (Stein, 1932-3/2003a). Uma psicologia que se ancore numa antropologia filosófica que evidencie a estrutura propriamente humana em seus elementos essenciais (Ales Bello, 2000, 2004; Goto, 2008; Husserl, 1954/2008; Mahfoud & Massimi, 2008; Stein, 1922/2005a; Wojtyla, 1982).

Giussani (2009) nos indica um caminho para apreender os elementos constitutivos da pessoa ao propor como ponto de partida a observação do eu em ação. “Não existe, efetivamente, um ‘eu’ ou uma pessoa abstraída da ação que realiza” (p. 60). É somente em ação que a pessoa se revela, nos alerta Wojtyla (1982), e é nesta busca por acompanhar o movimento da pessoa se revelando que podemos estar abertos e atentos ao que emerge de

mais radical. Está aí a possibilidade de uma descrição fiel e provocadora da experiência propriamente humana e efetivamente pessoal.

Edith Stein e Karol Wojtyła nos ajudam a compreender fenomenologicamente a constituição do ser pessoa em ação ao analisar a dinâmica que motiva o agir e o que essa ação realiza na pessoa.

2.1. Da motivação à ação: contribuições de Edith Stein

Dando continuidade ao percurso de análise da manifestação das vivências no fluxo de consciência, Stein (1922/2005a) reconhece, além das vivências propriamente psíquicas, outra classe de fenômenos, os *atos* – tomados no sentido de vivências intencionais –, que se referem ao movimento da consciência de se voltar para aquilo que se mostra (fenômeno), dinamismo este que evidencia tanto o eu quanto o mundo apreendido de modo humano. Se tal mirada se dirige a um objeto exterior, transcendente, trata-se do ato da percepção (Ales Bello, 2000). Diante do objeto transcendente, pode-se ainda discriminar os atos de relacionar aspectos singulares numa apreensão contínua (apercepção), numa apreensão sintética (síntese) ou numa apreensão do movimento que conecta um aspecto a outro (motivação) (Stein, 1922/2005a).

Stein, portanto, nos provoca a ampliar o conceito de motivação ao defini-lo como a vinculação que liga um ato a outro, ligação esta que estrutura toda a dimensão das vivências intencionais (Ales Bello, 2000). Não se trata de mera fusão, co-penetração ou conexão associativa entre vivências, mas sim de procedência, isto é, de uma vivência partir de outra, ser completada por motivo da outra, um realizar-se ou ser realizado de um em virtude do outro, por razão do outro. Tal vinculação só é possível se se reconhece a presença ativa do eu como ponto de origem dos atos: o eu realiza um determinado ato porque já realizou um outro anterior. Nesse sentido, o eu não só vivencia os atos como também é “senhor de seu vivenciar”, nas palavras de Stein (1922/2005a, p. 264).

A análise da experiência cotidiana evidencia que os fatores causais e motivacionais podem interferir um no outro, o que possibilita reconhecer tanto o condicionamento da força espiritual à sensível⁴ quanto a independência dos mesmos.

⁴ “Como unidades constituídas na corrente original, os atos (...) estão condicionados no ritmo de seu transcurso e em seu ‘colorido’ por variações dos sentimentos vitais. Precisamente essas vivências, que são ‘realizadas’ em sentido próprio, mostram com particular clareza a ‘energia de tensão’ do vivenciar” (Stein, 1922/2005a, p. 288).

Como vimos, a dinâmica da motivação é característica da dimensão espiritual, que se refere ao movimento propriamente humano de abertura para dentro (percepção de si mesmo enquanto ser autoconsciente e livre) e abertura para fora (mundo físico, social, comunitário, cultural, histórico, divino) (Stein, 1932-3/2003a, 1922/2005a, 1932-5/2007a).

Para melhor explicitar a ligação por motivação, própria da vida espiritual, vejamos um exemplo de Stein (1922/2005a) no campo perceptivo:

Quando capto uma coisa extensa no espaço, percebo também “com” ela o lado de trás, que não capto por si mesmo, e essa co-apreensão pode motivar, por sua vez, a eventual realização de um movimento livre, que faça ressaltar o lado de trás co-apreendido em uma genuína percepção. Pode-se apreender a maneira peculiar do dar-se de um objeto como um motivo para uma tomada de posição do eu frente a este objeto, a datividade perceptível, por exemplo, como motivo para crer em sua existência (p. 254).

Desse modo, a motivação se dá a partir do momento em que o eu apreende um objeto não como um vazio, mas como algo carregado de conteúdo de sentido (chamado usualmente de motivo) que aponta para certas direções, com consistência unitária de ser. É esse conteúdo de sentido que provoca o eu a se voltar⁵ e a se posicionar diante do objeto com o intuito de conhecê-lo em sua totalidade e de se mover em função dessa compreensão.

Daqui há que deduzir a exigência de que todo aquele que tiver formulado os correspondentes juízos como premissas deduza deles também a conclusão. O sentido de uma coisa reconhecida como valiosa ao mesmo tempo se apresenta como algo que deva ser. Daqui se deve deduzir a norma de que aquele que leva o valor à condição de datividade (tanto no caso da não existência do valor como no caso da possibilidade de sua atuação) deve tomar para si a meta de sua realização (p. 256).

É a partir de evidências colhidas na experiência que podemos concluir que a motivação não só *pode* como *deve* ser regida pelas leis da razão. Isso quer dizer que não é o fato do ser humano possuir certas estruturas que o leva necessariamente a atuar no mundo, mas sim que a compreensão do conteúdo de sentido motiva o eu a tomar posição considerando um espectro limitado de direções razoáveis. “O relâmpago se converte para mim no motivo para esperar que aconteça o trovão, não a *percepção* do relâmpago” (p. 256). Há motivos vivenciados pelo eu que permitem diferentes tomadas de posição sem solicitar nenhuma em particular, entretanto, existe fundamentação racional somente quando o posicionamento assumido corresponde àquilo que é exigido pelo conteúdo de sentido apreendido.

⁵ “A unidade de sentido prescreve quais complementações admitem um sentido parcial dado, e, portanto, quais passos ulteriores podem ser motivados por este primeiro passo” (Stein, 1922/2005a, p. 255).

A lei de motivação é, então, a base sob a qual os atos e, correlativamente, a própria motivação se estruturam no fluxo original de vivências. Como decorrência, é possível apreender e discriminar diferentes configurações de atos presentes no eu: 1) a tomada de conhecimento como ato de se voltar a algo, no qual o objetivo de tal mirada se converte em datividade, sendo que cabe ao eu receber o que lhe foi dado; 2) a tomada de posição do eu ante o conhecimento de algo num sentido mais básico de dar espaço ou não ao que o conteúdo de sentido do objeto lhe indica; e 3) o ato livre propriamente dito, que é um posicionamento num sentido genuinamente pessoal de aceitar ou rechaçar as provocações do objeto e tirar daí as conseqüências para a ação.

Quanto aos atos livres, há diferentes classes que se conectam, estruturando possíveis configurações da dinâmica da vida espiritual. Diante de algo, o eu é levado a crer na existência desse estado das coisas tal como se apresenta, estando assim convicto em sua crença. Dessa convicção suscitada cabe ao eu conceder ou não o seu reconhecimento, isto é, “re-conhecer”, a partir de si, que o motivo que se apresenta é razoável, está fundamentado objetivamente. É a partir daí que se pode afirmar genuinamente um estado de coisas. No entanto, a própria experiência indica que há afirmações que não estão nem suficientemente fundamentadas (motivadas somente pela crença) nem se baseiam na convicção. Embora estas últimas não estejam fundamentadas teoricamente, elas podem estar motivadas no sentido prático da vida cotidiana.

Vejamos um exemplo apresentado por Stein (1922/2005a) que nos ajuda a compreender as nuances de um possível ato livre: “asseguro a um enfermo que seu estado de saúde melhorará logo, porém sem crer nisto (ou crendo precisamente no contrário). Esta certeza que dói está motivada pelo desejo de tranquilizar o paciente” (p. 266). Não se trata de uma afirmação genuína por não estar presente frente a mim mesmo ou frente ao outro, embora não se configure por definição como uma afirmação mentirosa ou falsa. Nesse sentido, é possível distinguir as certezas que se dão sem convicção das mentiras que estão em contradição com a convicção.

Vale a pena retomar que todos esses atos são livres, ou seja, a existência dos motivos não força o sujeito a efetuar os correspondentes atos, mesmo porque há situações em que há motivos opostos em cena. Esses casos explicitam ainda mais que a decisão por uma ou outra direção não se dá automaticamente, “como se a agulha indicadora de uma balança indicasse o prato que contivesse maior ‘peso’ de motivos” (p. 268), mas depende radicalmente do eu que toma a decisão em função do que lhe é mais importante. Assim todo ato livre pressupõe um motivo, mas não é ele que determina por si o curso da ação.

Aqui nos aproximamos, por conseguinte, da esfera do querer e do agir, que completa o arco dos atos livres, ou melhor, dos atos voluntários. Stein (1922/2005a) delimita o querer como um propósito da vontade que tem por pressuposto necessário um “poder”, no sentido de possibilitar a ação propriamente dita. Isso não significa que todo ato livre seja um propósito – embora todo propósito tenha como pressuposto uma tomada de posição da vontade –, porém há um âmbito de atos livres que podem proceder de um propósito e que devem ser realizados por um “*fiat!*”, uma aceitação e decisão voluntária que efetivamente provoca uma ação exigida naquele momento. Acompanhemos uma situação cotidiana descrita pela autora:

Por exemplo, que me tenha proposto a dar uma notícia importante a alguém quando se apresente a ocasião propícia. Encontro-me com esta pessoa, e no transcorrer da conversa se produz o “momento favorável”: enquanto me dou conta claramente dele, digo internamente a mim mesma “agora!” e começo a dar a notícia. O dizer “agora!” não é uma renovação do propósito que eu “tenho estado abrigando” eventualmente há muito tempo; é o “*fiat!*” que dá vazão à execução do propósito (p. 270).

É somente nessa dimensão dos atos livres que a motivação – inicialmente tomada enquanto vinculação geral que conecta as vivências intencionais – adquire um sentido expressivo, na medida em que se refere a um nível de vinculação em que a pessoa se atualiza e se realiza em toda a sua potência espiritual. Na esteira do pensamento de Pfänder, Stein (1922/2005a) apreende a motivação na relação existente entre um motivo exigido pela vontade e o ato da vontade baseado nele. Tomada nestes termos, a motivação se realiza enquanto tal na medida em que o eu percebe, reconhece e afirma uma exigência que emerge do centro de si mesmo, passando a agir em função da correspondência entre essas exigências constitutivas da sua pessoa e as provocações apreendidas no mundo.

A esse respeito, escreve a fenomenóloga:

Semelhante exigência (uma *possível* razão da vontade) se transforma somente em razão real da vontade e, com isso, em motivo, quando o eu “*fundamenta* na exigência o ato da vontade e o que faz sair dela... então o eu não deixa fora de si a exigência e simplesmente a reconhece e aceita, mas a integra em si mesmo, a incorpora; logo, *apoiando-se* nela, realiza o ato voluntário em conformidade com a exigência e a cumpre assim provisoriamente de maneira ideal”. Ressalta-se, além disso, como característica do ato da vontade – em contraste com a tendência – o fato de que este ato “não é cego em si mesmo”, mas que contém “em sua essência uma consciência do que é querido”; de que, “pensando nele, se faz um propósito prático”; finalmente se afirma que é inerente ao ato voluntário uma espontaneidade que falta na tendência; que o ato voluntário parte do centro do eu, porém não como um acontecer, mas como um agir peculiar, no qual, saindo centrifugamente *de si mesmo*, executa uma pulsação espiritual (pp. 272-3).

A partir dessas elaborações é possível retomar tanto o sentido espiritual que realiza o ser pessoal quanto a radicalidade de um centro que indica e determina a direção de desenvolvimento formativo das capacidades psíquicas e espirituais.

A vida espiritual de um indivíduo é determinada pela singularidade deste núcleo; todavia, o núcleo é algo novo em relação à própria vida espiritual, e nem mesmo um conhecimento completo da vida espiritual – ou da vida psíquica – seria suficiente para captá-lo em sua inteireza (Ales Bello, 2007, p. 72).

Trata-se, portanto, de um núcleo singular, princípio de identidade da pessoa – constituído por esta capacidade do querer – que motiva, direciona e integra a pessoa no momento mesmo de seu agir (Ales Bello, 2000; Stein, 1922/2005a, 1932-5/2007a).

2.2. A ação enquanto auto-realização: contribuições de Karol Wojtyła

A apreensão da estrutura propriamente humana passível de ser realizada em ato nos conduz à análise da ação propriamente dita capaz de *revelar* a pessoa, questão esta desenvolvida por Wojtyła (1982) em seus múltiplos aspectos.

Nesse sentido, a ação – enquanto ato autêntico da pessoa – é um momento singular para captação e conhecimento da estrutura essencial do ser humano. Para tal empreendimento, é imprescindível retomar a descrição aristotélico-tomista do dinamismo potência-ato tal como proposta por Wojtyła (1982).

A potência, em latim *potentia*, pode ser definida como potencialidade, como algo que já é mas que ainda não é; como algo que está em preparação, que está disponível, inclusive ao “alcance de nossa mão”, mas que ainda não está realizado. O ato, em latim *actus*, é a atualização da potencialidade, sua realização (p. 78).

Todo ato humano (*actus humanus*) provém de uma potência correspondente e se realiza no mundo a partir do momento em que o homem se volta intencionalmente para aquilo que se lhe apresenta e decide agir voluntariamente, ampliando a consciência de si neste processo. No entanto, elevar a consciência à categoria de valor central do acontecer humano é um problema próprio do pensamento e da vida contemporânea que precisa ser enfrentado, pois as filosofias clássica e escolástica a concebiam implicitamente, subjacente aos conceitos de racionalidade e vontade (Wojtyła, 1982, 1961/2003a).

A consciência emerge então como base sob a qual é possível conceber e conhecer a pessoa em ação, aspecto intrínseco e constitutivo dessa estrutura dinâmica. A consciência carrega tanto uma função cognoscitiva quanto reflexiva, isto é, ela não busca somente conhecer o mundo, mas também interioriza à sua própria maneira o que é conhecido, explicitando assim a presença autoconsciente e criativa do eu neste processo. Desse modo, a consciência possibilita a subjetivação do ser humano nas ações realizadas no mundo. Segundo Wojtyła (1982), “a consciência é o ‘fundo’ em que se manifesta o próprio eu com toda a sua peculiar objetividade (ao ser objeto de autoconhecimento) e ao mesmo tempo experimenta plenamente sua própria subjetividade” (p. 52).

É neste sentido que se pode diferenciar aquilo que ocorre no homem – processo este em que o eu é passivo – da ação enquanto execução concreta de um ato humano intencional, consciente e voluntário que realiza a estrutura propriamente humana.

Portanto, é imprescindível reconhecer e incluir a dimensão da realização na análise da pessoa em ação, pois é somente a partir dela que a pessoa se expressa em toda a sua potência. Tomada nestes termos, a realização mesma tem, em certa medida, um caráter estrutural, que se atualiza no agir propriamente humano. Assim, toda realização de uma ação no mundo é também auto-realização da estrutura da pessoa.

Realizar-se significa não somente atualizar, mas sim levar à devida plenitude a estrutura própria do homem. Nesse sentido, a realização implica e solicita o ser humano em sua unidade e totalidade, não bastando a atualização parcial de alguns dinamismos humanos. Para Wojtyła (1982, 1961/2003a), o homem se realiza enquanto tal a partir do momento em que é pessoa, que se caracteriza pelo reconhecimento de uma personalidade concreta, singular e pelo fato de ser alguém e não meramente algo. Ser alguém é ser uma presença no mundo, é ser capaz de governar e possuir a si mesmo no sentido de querer e agir a partir da correspondência entre os objetos que se lhe apresentam como valor e o próprio eu como centro de avaliação.

Tal estrutura fundamenta a dimensão da moralidade como realidade existencial presente no interior do homem, alcançando certo nível de durabilidade que procede da pessoa (Wojtyła, 1982). Partindo dessa evidência, a moralidade não consiste em um jogo abstrato dos valores morais do que é bom e do que é mau, mas solicita um envolvimento da pessoa em toda a sua estrutura humana, além de explicitar a possibilidade da não realização da pessoa na ação. Portanto, segundo o autor, do ponto de vista axiológico (ou ético), a bondade moral leva à realização da pessoa, enquanto a maldade moral equivale à não realização. Como decorrência, a realização em sua plenitude não prescinde da dimensão ética, pois a pessoa

somente se realiza verdadeiramente na medida em que se posiciona levando em consideração a bondade moral de sua ação: a mera execução da mesma ação não lhe basta.

Para ser moralmente bom é necessário não somente querer um bem, mas o querer de modo bom; se não se quer de modo bom, o homem chega a ser moralmente mau, ainda que o que queria seja sempre um certo bem. A moralidade, por conseguinte, pressupõe o conhecimento, a verdade sobre o bem, mas se realiza através do querer, através da escolha, de uma decisão (Wojtyła, 1961/2003a, p. 314).

A partir dessa constatação, ressalta-se a centralidade da liberdade para a realização da pessoa, não no sentido de uma independência incondicional e absoluta do poder de escolha, mas enquanto possibilidade real de reconhecimento e afirmação pessoal da verdade tal como se lhe apresenta na experiência.

Sintetizando as proposições até aqui apresentadas, Wojtyła (1982) enuncia que:

A realização, que ontologicamente corresponde à própria estrutura da pessoa, unicamente se pode conseguir na pessoa. A pessoa encontra sua realização ao executar uma ação, e ao conseguir assim sua adequada plenitude ou perfeição, que em sua estrutura se adapta essencialmente à condição estrutural de autogoverno e autoposse. Na ação, a pessoa consegue sua própria realização, convertendo-se em “alguém”, e o ser “alguém” é a manifestação de si mesmo. Junto com essa realização pessoal – a palavra “junto” tem aqui muita importância – ou em união direta com ela se dá a realização do eu em sentido axiológico e ético, a realização mediante a cristalização do valor moral. Esta realização ou não realização depende diretamente da consciência, do juízo formado na consciência. A função da consciência é assim determinada pela estrutura ôntica da pessoa e pela ação, especialmente pela dependência da liberdade em relação à verdade, que corresponde unicamente à pessoa; este é o centro em que deve convergir a transcendência da pessoa na ação e a espiritualidade do homem (p. 183).

A consciência tem então uma função essencial por referir-se à capacidade humana de compreender, avaliar e distinguir o que é verdadeiro daquilo que não o é. Em outras palavras, ela busca apreender a verdade enquanto valor, condicionando assim a experiência de veracidade, regra normativa da verdade. Nessa busca, a consciência não só aspira à verdade na esfera dos valores como também identifica o valor fundamental da pessoa enquanto sujeito da vontade e, portanto, agente das ações.

É possível destacar novamente a centralidade da pessoa na experiência de realização, subordinada à consciência da verdade de si nas ações executadas no mundo. Trata-se de um reconhecimento que brota na transição do “é” ao “deve” – transição do “X é verdadeiramente bom” ao “eu deveria fazer X”.

O centro de referência na experiência de dever é o eu, que toma para si a função de agir em conformidade à verdade reconhecida por evidência. Uma ação que se baseia numa convicção ou certeza subjetiva e que desemboca numa experiência de obrigação interior, no sentido de um “chamamento” que conduza à realização de tal reconhecimento. A pessoa se torna responsável por suas próprias ações, no sentido de ser capaz de responder aos valores a partir dessa correspondência eu-mundo que a realiza. Por isso a responsabilidade está em conformidade tanto com aquilo que se apresenta à pessoa como importante quanto com o próprio eu como sujeito e agente da ação. Todo esse processo é entendido como um dinamismo que explicita a radicalidade da potencialidade espiritual – dimensão irreduzível à matéria, que se refere ao entendimento e à vontade – enquanto fator constitutivo da ação humana que possibilita a realização do eu pessoal na e por meio da ação.

É a partir destas elaborações que se conclui que realização e *felicidade* são sinônimas, no sentido de apontar para o mesmo dinamismo estrutural presente na ação. “A felicidade constitui o fim da natureza e não um objeto que se possa escolher” (Wojtyla, 1955-57/2003b, p. 73), pois ela é um anseio por totalidade correspondente à estrutura da pessoa, e não um conjunto de normas que acabam se tornando abstratas se não consideram esta busca pessoal.

Por outro lado, tal noção de felicidade se diferencia do prazer, que está estritamente relacionado à dimensão natural, psíquica, isto é, fenômeno que se dá no homem (Wojtyla, 1982). Entretanto, esta distinção não é fácil de apreender no vivo da experiência, uma vez que felicidade e prazer podem sobrepor-se. Não obstante, Wojtyla (1982, 1955-57/2003b) não abre mão desta diferenciação por entender que a estrutura pessoal de felicidade não se reduz à dimensão do prazer, não sendo nem guiada nem determinada pelo pressuposto da busca do prazer e distanciamento da dor, tal como anunciado pelos sistemas éticos utilitaristas. Nesse sentido, a realização experiencial do ser humano inclui o dinamismo do prazer-desprazer, mas não é definida por ele.

É indispensável destacar ainda a dimensão intersubjetiva presente na realização da pessoa em ação. De fato, a ação humana carrega em si um aspecto individual e um aspecto social. Isso quer dizer que toda ação é realizada num mundo de relações, sendo que a pessoa pode agir junto a outras pessoas. É nesse sentido que se reconhece um fator essencial da estrutura humana que possibilita “estar junto” com os outros: a participação. Mais do que simplesmente “fazer parte de”, participação se expressa no homem concreto enquanto capacidade intrínseca de agir com outros, atualizando e valorizando as potencialidades pessoais na relação com outras pessoas. Isso indica que o ser humano se realiza em sua

plenitude na medida em que participa pessoalmente e comunitariamente do mundo de relações que o constitui.

Uma das conseqüências existenciais decorrentes da participação é a atitude de solidariedade, que consiste em reconhecer o bem comum que condiciona adequadamente e que possibilita a participação mútua da pessoa na comunidade.

Adentrando a obra de Stein e Wojtyla, podemos elaborar um percurso que nos ajuda a apreender a experiência da pessoa em ato, com atenção à sua motivação e à auto-realização contida na ação.

Ora via motivação, ora via realização, destacamos a importância de considerar a experiência contemplando a presença ativa do sujeito, presença livre que brota do centro da pessoa. Ambos os autores explicitam a existência de um núcleo fonte da verdade de si mesmo, um centro que mobiliza, que estrutura, que desperta, que busca, que pede e que espera. Um ímpeto tão radical que precisa acontecer no mundo para que o eu aconteça, posto que é somente aqui, neste nível, que se pode dizer, verdadeiramente, “eu sou”.

Além disso, Stein e Wojtyla nos provocam a olhar a experiência de voluntariado de modo atento aos seguintes aspectos: 1) valorizar a análise das vivências como caminho privilegiado para a descrição do dinamismo subjetivo; 2) evidenciar a centralidade da ação enquanto reveladora e constituinte da pessoa; 3) acentuar que o ser pessoa emerge somente de um certo tipo de elaboração que coincide com o que lhe é mais próprio; 4) reconhecer o núcleo pessoal como capaz de estruturar e formar a pessoa em sua unidade e totalidade.

3. Modalidades de relação com o mundo: o campo perceptivo

O método fenomenológico, por meio da análise das vivências, reconhece a importância de delimitar a estrutura da subjetividade e o modo como a mesma se expressa em ato no mundo, buscando explicitar “a conexão profunda entre sujeito e objeto – não como contrapostos, mas como dois elementos que têm uma única raiz” (Ales Bello, 2004, p. 169). Para tanto, a opção de Husserl é por iniciar a análise preferencialmente pelas operações mais básicas, em que se destaquem os atos perceptivos (Ales Bello, 1998).

Buscando remontar às suas origens e evidenciar suas fontes, Husserl chega a demonstrar que a percepção propriamente dita é precedida pela *síntese passiva*: conjunto de operações básicas de diferenciação entre características como continuidade-descontinuidade,

homogeneidade-heterogeneidade, as quais nos possibilitam apreender o objeto em sua unidade. Passividade, nesse sentido, diz de processos que nos afetam antes mesmo do seu registro na consciência, de tal sorte que se pode apreender analiticamente um encadeamento gradual de operações até que se chegue aos níveis mais elaborados de vivência humana (Ales Bello, 2006).

Com a descrição da síntese passiva, Husserl nos oferece subsídios para a compreensão de como a realidade apreendida pelo homem não se reduz a construções do seu próprio intelecto, e sim é constituída pessoalmente por ele a partir dos elementos perceptivos que recebe do exterior. Tal processo de constituição tem início já no ato da percepção, posto que a síntese passiva é sucedida pela *síntese ativa*, que por sua vez está na base das operações mais complexas que configuram a atividade intelectual. Encontramos em Mahfoud e Massimi (2008) uma descrição precisa desse processo, em que se pode apreender as íntimas conexões entre percepção e pensamento:

Inicialmente os elementos do campo perceptivo se impõem ao *eu*: o estímulo do objeto intencional, dirigindo-se para o *eu*, o atrai com força maior ou menor, de modo que o *eu* cede. Esta receptividade do *eu* ante o objeto, na verdade, é o grau mais baixo de sua atividade, pois o *eu* permite que o objeto entre e o apreende. Tanto maior é a força afetiva do objeto, tanto mais forte é a tendência do *eu* a dar-se ao objeto. Assim o *eu* se volta para o objeto, iniciando uma nova tendência (*eu* – objeto). Desta desenvolve-se o pensamento, ou *cogito*, que é uma tendência ao objeto que parte do *eu* (p. 56).

Husserl destaca ainda que o campo perceptivo é composto tanto pela percepção propriamente dita quanto pelo horizonte aperceptivo. Por apercepção entende-se o movimento de implementar o que é captado diretamente pela percepção, do qual brota a impressão de apreender a coisa em sua totalidade. Trata-se de uma espécie de indução, que se dirige tanto para trás – posto que se baseia em recordações ou modificações de recordações – quanto para frente – uma vez que pode se estender ao que ainda irá acontecer. Segundo Ales Bello (1998):

Com base nisso se conclui que: 1) cada percepção tem o seu horizonte aperceptivo; 2) o mundo como universo das realidades é o correlato de um entrelaçamento de percepções de diversos objetos e de todos os horizontes aperceptivos reais e possíveis; 3) dirigindo a atenção para as formas ôntico-subjetivas em que se realiza a percepção é possível distinguir os atos e as afeições específicas do *eu* e as formas objetivas da entidade do que é idêntico onticamente. Desse modo se justifica o fato de que a visão de mundo, ou seja, a *Anschauung der Welt* pode torna-se *Weltanschauung*: critério de orientação global (pp. 37-8).

Nesse sentido, a Fenomenologia ajuda-nos a redescobrir o valor da vivência perceptiva enquanto modalidade de relacionamento entre o eu e o mundo, na qual se identifica tanto um nível passivo do sujeito que sofre impacto da presença do mundo, quanto um nível caracterizado pela presença ativa do sujeito, que elabora tal impacto buscando apreender a presença do mundo. Quanto a tal elaboração, a identificação do horizonte aperceptivo permite-nos compreender que o trabalho pessoal realizado pelo sujeito não prescinde da sua história, daquilo que ele recebeu da cultura em que foi formado. É por isso que se pode afirmar que

a apercepção, em especial, permite compreender a gênese dos produtos da cultura que são percebidos com realidades com as suas propriedades de coisas físicas, mas são igualmente apercebidos como formações culturais; neste sentido, a apercepção do mundo pode ser considerada uma “cosmovisão” (pp. 23-4).

4. Modalidades de relação com o outro: da empatia à comunidade

Com a descrição da dinâmica de articulação entre percepção e apercepção, apresentamos as modalidades com as quais o sujeito amplia seu conhecimento do mundo circundante em seu caráter físico (Ales Bello, 1998). Com relação à descrição da modalidade de apreensão do mundo humano, Husserl realiza este passo ao considerar uma modalidade peculiar de abordagem do outro, a vivência específica da *empatia* (Ales Bello, 2000). Edith Stein (1917/2005b), uma de suas principais discípulas, enfrenta diretamente este tema utilizando-se do referido método com o intuito de responder à seguinte provocação: o que significa tomar conhecimento da vivência alheia?

De modo rigoroso, Stein (1917/2005b) demonstra o fato imediato de que os seres humanos se reconhecem mutuamente enquanto sujeitos por meio do ato empático. Do ponto de vista estrutural, trata-se da capacidade de captar que o outro experiencia – que ele ativa vivências que eu também ativo –, de apreendê-lo como *alter ego*, “outro eu”, reconhecendo-o portador de potencialidades afetivas e cognitivas, formado de corporeidade, psiquicidade e espiritualidade. Eu não vivo o que o outro está vivendo, mas sim eu o reconheço como sujeito, isto é, um “eu” que vive, assim como eu vivo. Eu até posso buscar entender o que este outro está vivendo, mas isso já é num segundo momento, após esta percepção imediata do outro como ser humano.

Nesse sentido, a empatia, além de implicar uma clara diferenciação entre os sujeitos que, com isso, podem se relacionar reciprocamente, torna-se a base a partir da qual se desenvolve a própria subjetividade. “De fato, a constituição do indivíduo fora de mim é a condição da constituição do indivíduo em si mesmo; pois, quando capto o corpo de um outro como meu semelhante, capto também a mim mesmo como igual a ele” (Ales Bello, 2000, p. 162).

Portanto, pode-se dizer que a alteridade é constitutiva da subjetividade. Este ponto merece atenção. É a partir do olhar do outro que eu tenho condições objetivas de poder olhar para mim mesmo, reconhecendo-me e constituindo-me como um “eu”, diferente deste outro “eu” que me olha. Isso não significa que meu conceito de eu é determinado pelo outro,

pois, ao contrário, desperta em mim a comparação com aquilo que se apresenta a mim na percepção interior, permitindo-me adquirir cada vez mais a consciência de mim mesmo através de uma referência contínua que pode ter também uma função de corrigir enganos eventuais (p. 162-3).

Assim, o olhar do outro pode possibilitar que eu seja mais “eu mesmo” por meio do reconhecimento desta contínua correspondência entre autoconsciência e realidade. Tal correspondência refere-se a um trabalho árduo de subjetivação, na medida em que, no contato com o mundo, o ser humano elabora continuamente a própria vivência de modo a se constituir cada vez mais enquanto pessoa. É no impacto com o real, nas respostas às provocações que a vida solicita, que o ser humano se conhece, tornando-se “si mesmo”.

Em outras palavras, a empatia manifesta toda a sua potência no nível espiritual, ou seja, quando o sujeito compreende o outro inserido no mundo humano atualizando atos intelectivos e, especialmente, atos volitivos, isto é, quando o ser humano se dispõe por inteiro a estar diante do outro em sua personalidade característica. É a partir daí que o conceito de *pessoa* – entendido organicamente enquanto microcosmos aberto – faz sentido e ganha consistência ao destacar a justa posição do ser humano inserido no mundo que o constitui.

Dentre os vários níveis da vida associada humana que Stein analisa,⁶ o que mais interessa para a presente discussão é o da comunidade, devido à potencialidade que ela carrega para afirmar a pessoa em sua totalidade. Tal afirmação é possível graças ao reconhecimento do caráter orgânico da comunidade, constituída por uma força vital oriunda inicialmente dos indivíduos particulares, mas que, uma vez objetivada, os estimula e sustenta. Por conseguinte, a comunidade se realiza por meio de atos sociais, os quais expressam a abertura da pessoa ao relacionamento recíproco e a tomada de posição própria de cada

indivíduo singular que podem direcionar e redirecionar o curso de desenvolvimento da comunidade (Ales Bello, 2000).

Tais posicionamentos são carregados de valor, podendo ser positivos ou negativos, dependendo dos efeitos que geram. A genialidade de Stein consiste justamente em evidenciar que a positividade se torna valor não em sentido abstrato, mas sim porque afirma a pessoa naquilo que lhe é mais próprio: sua capacidade de abertura e tomada de posição. Nestes termos, o relacionamento empreendido é valorativamente positivo quando é capaz de permitir que as pessoas envolvidas sejam mais “si mesmas” no relacionamento posto. Experiencialmente, torno-me mais “eu mesmo” quando consigo favorecer o outro a se tornar mais “si mesmo”. É justamente nesta posição de disponibilidade, reconhecimento e afirmação do outro que se funda a solidariedade. Desse modo, o ato solidário é “re-significado”, conduzindo-nos a compreendê-lo enquanto relacionamento estruturante do ser do homem, base sob a qual a pessoa e a comunidade se realizam. Retornaremos a este ponto oportunamente.

Assiste-se, a partir do estudo da empatia, ao enriquecimento da antropologia fenomenológica, a qual possibilita responder à questão referente à constituição do ser humano considerando-o imprescindivelmente inserido num contexto social e histórico (Ales Bello, 1998).

Toda essa discussão lança a possibilidade de se compreender do ponto de vista do outro, na medida em que possuímos estruturas comuns passíveis de serem atualizadas. Daí a importância de um método rigoroso que nos permita a aproximação do outro em suas modalidades expressivas a um só tempo singulares e universais. Incita-nos também a vislumbrar a experiência de voluntariado em sua ligação orgânica com a dinâmica da solidariedade, e, assim, o ato de voltar-se para o outro sem esperar daí um retorno material revela-se como algo constitutivo, que pode até ser reduzido a prática ideológica, mas que possui seu fundamento originário na estrutura da pessoa. Essa última constatação ajuda-nos a olhar para a experiência que investigamos estando mais atentos ao modo como o sujeito empenha-se nessa modalidade de trabalho e às conseqüências que daí podem surgir. Além disso, tomado nesses termos, o voluntariado pode se concretizar como meio de reconhecimento e afirmação do ser pessoal, de onde emerge o seu potencial realizador.

A problematização da empatia e de sua vinculação com a comunidade provoca-nos, ainda, a encarar a experiência perguntando-nos até que ponto ela vincula-se a um contexto

⁶ Ales Bello (2000) apresenta as análises de Stein referentes a comunidade, massa, sociedade, povo e Estado.

comunitário e de que modo isso se dá; em que medida esse contexto ajuda a pessoa a emitir juízos frente ao que está vivendo; e qual é a qualidade desses juízos do ponto de vista da estrutura da subjetividade.

5. Mundo-da-vida e culturas

A análise estrutural da percepção-apercepção e da empatia apontam modalidades que possibilitam ao sujeito ampliar o conhecimento da realidade que o cerca, isto é, do mundo circunstante. Dando continuidade ao espírito de investigação fenomenológica, é fundamental se perguntar sobre os elementos constitutivos deste mundo, buscando evidenciar aquilo que lhe é essencial (Ales Bello, 1998).

É no bojo desta indagação que emerge um conceito de fundamental importância para compreender o substrato que possibilita ao sujeito elaborar a própria experiência: mundo-da-vida (*Lebenswelt*). Trata-se de um mundo *nosso*, mundo histórico-cultural concreto, fundamentado intersubjetivamente em usos e costumes, saberes e valores (Husserl, 1954/2008; Zilles, 1996, 1997). A um só tempo baseado na experiência pessoal e coletiva, o mundo-da-vida é “constituído por toda a bagagem de experiências vivenciais que cada ser humano possui e compartilha com o grupo ao qual pertence” (Ales Bello, 1998, p. 38).

Refere-se ao que é habitual, que nos confere segurança para nos movermos no campo da vida prática, cotidiana e, portanto, configura-se como estável e pré-reflexivo, embora possa posteriormente tornar-se objeto de reflexão. Mundo-da-vida é a matriz de significação que oferece instrumentos que possibilitam que o sujeito lide com o real de modo conexo com a experiência compartilhada, pois é o âmbito originário das “formações de sentido”, horizonte aberto e vivo no qual “os dados e experiências singulares compartilham ser e sentido com a totalidade na qual se inserem” (Zilles, 1996, p. 146). Assim, cada pessoa não precisa inventar soluções novas a cada problema que surge: pode percorrer caminhos já trilhados por outros, sem se sentir sozinha e sem precisar lidar sempre com o desconhecido (Schutz cf. Wagner, 1979).

O mundo-da-vida oferece recortes que permitem a pessoa adentrar o real a partir de uma perspectiva que é situada e, justamente por isso, ela pode se abrir para o que encontra à sua volta, podendo depois contemplar possibilidades outras. Dando-lhe certezas, fornece a coragem para enfrentar o desconhecido e fazer um trabalho pessoal ao elaborar aquilo que

encontra, podendo chegar até mesmo a questionar elementos do seu próprio mundo-da-vida (Husserl, 1954/2008).

Por toda essa ligação com a experiência concreta, viva, o mundo-da-vida revela a sua ancoragem numa antropologia *a priori*, ou seja, num nível básico da estrutura humana, já caracterizada acima como constituída pelas dimensões corpórea, psíquica e espiritual (Ales Bello, 1998). Isso não quer dizer que todos os mundos-da-vida sejam idênticos ou que favoreçam a realização, de uma forma acabada, de todas as dimensões da pessoa. Ao invés, essa ancoragem significa uma base de onde emergem as mais variadas formas de articulação das qualidades de vivências, justamente porque a configuração do mundo-da-vida não prescinde de um trabalho que é pessoal e, conseqüentemente, criativo.

Daí a importância de uma descrição fenomenológica que se ocupe de modo essencial da configuração própria do contexto de significação em exame. Além disso, a conceituação do mundo-da-vida permite-nos começar a compreender o sujeito sem desconectá-lo do seu mundo, incitando-nos a construir uma verdadeira ciência da pessoa, da subjetividade inserida no mundo (Mahfoud & Massimi, 2008).

Mas uma tal ciência não pode se limitar ao mundo-da-vida: há outros mundos nos quais se move o sujeito, em que se destaque o “mundo das culturas”. Termo que carrega uma complexidade que lhe é própria, cultura requer múltiplos níveis de análise (Ales Bello, 1998).

Num primeiro nível, cultura pode ser descrita como relacionada à produção humana, ou, mais precisamente, como atividade que manipula a realidade segundo um projeto e, nesse processo, contribui para a constituição dessa realidade de um determinado modo. Dada a sua variabilidade, Husserl insiste que o termo cultura ligue-se sempre a um adjetivo, favorecendo a diferenciação de expressões “pré-científicas” daquelas mais teóricas e evidenciando o modo como as mesmas podem se articular, ancorando-se ou não no mundo-da-vida. A esse respeito, escreve Zilles (1996):

Entre o mundo da ciência e o mundo da vida instaura-se um processo dialético de maior ou menor distanciamento. O mundo expresso no modelo científico, interpretado por uma ideologia ou cosmovisão, permanece mundo, mas é um mundo mutilado ou parcial. É um empobrecimento da realidade rica do mundo da vida do qual não deixa de ser um ato derivado. O sentido da ciência legitima-se, em última instância, no mundo da vida. Só este confere fundamentação axiológica, estrutura intencional e doação originária de sentido à própria ciência. (...) O mundo da vida é, para Husserl, um mundo que tem o homem como centro (p. 146).

Nesse sentido, Husserl chama a atenção para o fato de que a cultura – científica ou não – pode afastar-se do mundo-da-vida, tornando-se abstrata e levando os sujeitos a vivenciarem

experiências fragmentadas. Entretanto, permanece aberta a possibilidade de constituição de cultura articulada organicamente ao mundo-da-vida, desde que se busque preservar a centralidade da pessoa e a promoção de espaços para que ela elabore suas vivências de modo integrado.

Dessa maneira, a Fenomenologia realiza uma leitura interior das expressões culturais, culminando com a delimitação da cultura sob um novo prisma, “no sentido de que ela é reconduzida ao seu significado profundo, constituído pela mentalidade, pela forma de orientação, pelas expressões e pelos produtos próprios de um grupo humano” (Ales Bello, 1998, p. 42). Neste nível de análise, a expressão cultural contribui para e é fruto do posicionamento do sujeito.

Grygiel (2002) enriquece esse debate ao defender que não é qualquer posicionamento que constitui cultura. Diferentemente dos processos civilizatórios, em que se prioriza a técnica, a eficiência, distanciando o homem de si mesmo e de seu passado, os processos culturais se caracterizam pela abertura da pessoa ao mundo numa atitude de pergunta pelo significado daquilo que encontra e de espera pela realização do ser de cada coisa segundo suas próprias leis. Tais posicionamentos nascem da consciência moral, dimensão mais constitutiva da pessoa, fonte de onde brotam essas perguntas pelo ser das coisas e essa laboriosa espera das conseqüências do verdadeiro e do bem realizado no homem. Como corolário, chega-se a uma definição de cultura que não prescinde dessa consciência.

Para ilustrar sua definição, o autor utiliza-se da metáfora do agricultor: ele é homem da cultura por ser capaz de relacionar-se com a terra buscando a sua verdade e confiando nas conseqüências que daí advêm, mesmo que elas não lhe tragam prazer. Confia também na verdade do próprio labor, pois sabe ler os sinais, arar, semear e esperar, ou seja, sabe colocar algo de seu no mundo respeitando a dinâmica desse mundo. Essa metáfora evidencia o reconhecimento de uma ordem existente e estável – *kosmos*⁷ – que a cultura busca respeitar e contribuir para que se expresse e se realize plenamente.

A análise fenomenológica, ao se voltar para a experiência da pessoa, ressalta a importância de considerá-la situada em um mundo, seu mundo-da-vida, que não apenas a rodeia, mas contribui para sua constituição oferecendo-lhe as ferramentas, o substrato para seu processo de subjetivação. Por outro lado, esse mundo é sempre um mundo humano, que se estrutura e se mantém a partir dos posicionamentos daqueles que o compõem.

⁷ O *kosmos* sustenta e supera a figura transeunte do mundo, marcada por seu caráter corruptível: *saeculum*.

O reconhecimento dessa complexidade, somado à possibilidade de escavar a cultura até chegar a seu sentido radical, permite que nos aproximemos da experiência de voluntariado considerando-a não só como expressão de uma individualidade, mas vinculada desde sempre a uma elaboração coletiva situada em um horizonte cultural determinado. Portanto, incita-nos a olhar dessa perspectiva mais ampla, na qual não se perde o que é mais próprio da pessoa, ao mesmo tempo em que se busca considerar as matrizes sociais dos seus posicionamentos.

Trata-se, pois, de um duplo chamado: buscar captar na ação dos sujeitos o que há ali de estrutural e compartilhado e buscar compreender de que modo a proposta cultural em que essa ação se ancora contribui para a efetivação dessa ação e para a constituição da subjetividade.

6. Orientação cultural na contemporaneidade

Ao apresentar as bases para uma compreensão profunda da cultura e de suas possíveis relações com o mundo-da-vida, a Fenomenologia oferece-nos parâmetros para uma apreensão crítica das diversas propostas culturais existentes, em que se destaque a orientação cultural das sociedades tipicamente modernas.

Berger & Luckmann (2004) realizam tal apreensão crítica tomando como ponto de partida a explicitação dos fundamentos da significância na vida humana e de seu delineamento nas relações sociais. Seguindo este percurso, os autores demonstram a centralidade do reconhecimento do sentido⁸ e da sua objetivação por meio do agir social para o desenvolvimento da subjetividade humana. As ações humanas, compartilhadas intersubjetivamente em comunidades de vida e/ou de convicção e objetivadas em instituições, podem ter como derivação diferentes estratificações de sentido que vão desde as tipificações simples e basilares – relacionadas a fatos da natureza e ao mundo social – até os sistemas de valores supra-ordenados. Tais sistemas pretendem explicar e regular significativamente a totalidade da conduta subjetiva e intersubjetiva, incidindo, portanto, até mesmo nos estratos inferiores de sentido.

Enquanto nas culturas tradicionais verifica-se alto grau de integração e de coerência entre as estratificações de sentido, os autores apontam que o que caracteriza estruturalmente as sociedades modernas é o fato de que os diversos campos institucionais buscam autonomia

⁸ “O sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências” (Berger & Luckmann, 2004, p. 15).

de normas, utilizando-se, para isso, da vinculação de seus sentidos funcionais (racionalistas-finalistas) a valores supra-ordenados. Entretanto, tais tentativas

de ligar finalidades legitimadoras a valores supra-ordenados podem acarretar nada mais do que fórmulas vazias, assim como a conduta de vida orientada para valores pode ficar limitada ao âmbito privado. Assim se fortificariam as condições para a difusão de crises subjetivas e intersubjetivas de sentido. Contudo, criam-se assim também os pressupostos para outra coisa, isto é, para a coexistência de diferentes ordens de valores e de fragmentos de ordem de valores na mesma sociedade e, com isto, a existência paralela de comunidades de sentido bem diferentes. O estado que resulta desses pressupostos pode ser chamado pluralismo. Quando ele mesmo se desenvolve como um valor supra-ordenado para a sociedade, podemos falar de pluralismo moderno (p. 36).

Apesar do pluralismo moderno encarnar tal relativização dos sistemas de valores e, como conseqüência, contribuir decisivamente para a desorientação individual e coletiva, Berger & Luckmann (2004) assumem uma posição original com relação às críticas habituais da sociedade e da cultura contemporâneas ao reconhecerem a capacidade dos indivíduos e das comunidades de vida em preservar seus valores, resguardando a si e a sociedade como um todo de uma crise generalizada de sentido.

Como tal capacidade de resistência se expressa? Por meio das instituições intermediárias, que se constituem como instituições de produção e comunicação de sentido que permitem ao indivíduo colocar os valores da sua vida a serviço dos vários setores da sociedade. “Estas instituições atuam como geradoras e sustentadoras de sentido na conduta de vida dos indivíduos e na coesão de comunidades de vida” (p. 74), desde que apoiadas nos mundos-da-vida de tais comunidades. Nessa configuração, as instituições intermediárias revelam sua proeminência sobre outras formas de trato social das crises de sentido, tais como as posturas opostas do fundamentalismo e do relativismo. É por educar pessoas e comunidades para o diálogo com a proposta cultural vigente que as instituições intermediárias carregam em si a possibilidade de tanto prevenir contra as crises subjetivas e intersubjetivas de sentido quanto de auxiliar na própria produção e processamento do acervo social de sentido.

Quanto à consideração de quais seriam essas instituições intermediárias, Berger & Luckmann (2004) apontam para entidades com grande potencial para realizarem a intermediação entre a organização social ampla e a vida do indivíduo. Dentre estas, destacam-se as instituições de cunho religioso justamente por tenderem a representar a comunidade de sentido mais importante para os indivíduos, por meio da qual eles podem construir uma “ponte significativa entre sua vida particular e sua participação nas instituições sociais” (p.

72) e resguardarem-se da alienação para com a sociedade. No entanto, os próprios autores alertam para o fato de que o reconhecimento de quais instituições efetivamente funcionam como intermediárias somente é possível por meio da análise empírica do seu modo concreto de funcionamento.

Desse modo, fica a provocação da centralidade de investigações rigorosas para que se consiga explicitar o papel desempenhado pelas diferentes instituições que compõem o tecido social. No caso específico da presente pesquisa, as contribuições de Berger & Luckmann (2004) incitam-nos a buscar compreender em que medida a experiência de voluntariado realizado no contexto da instituição espírita em estudo constitui-se como uma resposta pessoal dos sujeitos à configuração cultural moderna. Como desdobramento, esperamos poder captar até que ponto tal instituição é tomada por esses sujeitos como intermediária entre sua vida pessoal e a sociedade mais ampla na qual se inserem.

7. Experiência de realização de si e experiência religiosa: possibilidades de articulação

Até aqui, vimos como a Fenomenologia auxilia-nos a reconhecer a centralidade das pessoas na cultura, pois a constituição desta depende fundamentalmente das elaborações e ações daqueles que a compõem. Ademais, é a resposta pessoal dos sujeitos que se constitui como a possibilidade de superar os recortes culturais potencialmente geradores de crises de sentido e alienação.

Esse processo alienante não coincide com uma das finalidades nucleares da ação: o ser pessoa (Giussani, 2001d; Grygiel, 2002; Wojtyla, 1982). E o voluntariado, por definição, coloca tal finalidade em primeiro plano, retomando o sentido de solidariedade como realização de si e do outro (Morandé, 1990).

Tocando neste último ponto, emerge a questão do que entendemos por experiência de realização de si, aspecto fundamental em nossa discussão.

Vimos com Wojtyla (1982) que a realização, do ponto de vista ontológico, se dá na execução da ação que atualiza a estrutura própria da pessoa, convertendo-a em alguém, e não meramente em algo. No entanto, a realização em sua plenitude não prescinde da dimensão ética, pois a pessoa somente se realiza por inteiro quando se posiciona considerando a bondade moral de sua ação. E o que se entende por bondade moral? Trata-se da busca, do reconhecimento e da adesão livre à verdade que se apresenta à consciência e que, ao tornar-se

um valor correspondente à pessoa, emerge como um dever a ser concretizado em ato. De fato, mesmo que eventualmente possa trazer algum tipo de prazer, a ação que não atende a tal critério da bondade moral leva à não realização, ainda que a pessoa atue.

Giussani (1998, 2003b, 2009) contribui para essa discussão ao indicar que, do ponto de vista vivencial, a pessoa se realiza quando satisfaz alguma necessidade e, se tal necessidade é física e/ou psíquica, a realização se dará nestes níveis.

Por exemplo: quando estamos com sede, temos necessidade de beber alguma coisa para “matá-la”. O que “mata a sede”? Água. Então, ao beber a água, a necessidade passa e ficamos saciados, gerando um prazer subsequente. Por instantes, sentimos-nos completos quanto a esta necessidade. No entanto, pouco tempo depois, sentimos sede novamente. Bebemos água e nos saciamos, e assim ininterruptamente. Esta é a dinâmica própria do prazer-necessidade, que é dada pela falta de algo, precedida por um desejo que gera um prazer momentâneo (Lewis, 2005).

Entretanto, Giussani (1998, 2003b, 2009) e Mahfoud (2001) retomam a experiência de realização em seus elementos fundantes ao apontar a centralidade de critérios estruturais, denominados exigências, chegando a uma compreensão do dinamismo propriamente humano que inclui, mas não se reduz à dimensão da necessidade.

Giussani (2002, 2004, 2009) chama esse núcleo de experiência elementar: conjunto de evidências e exigências (liberdade, justiça, beleza, felicidade, verdade, amor) constitutivas da pessoa, critério para avaliação de toda a experiência, busca infundável de sentido estruturalmente aberta à totalidade e que se revela somente no eu em ação.

Experiência elementar: algo que tende a indicar de maneira acabada o ímpeto original com o qual o ser humano se lança na realidade procurando identificar-se com ela por meio da realização de um projeto que imprima à própria realidade a imagem ideal que o estimula interiormente (Giussani, 2009, p. 27).

Nesse sentido, a experiência de realização não se joga na capacidade individual de estarmos isentos de condicionamentos para, enfim, podermos escolher; possibilidade que muitas vezes nos paralisa ao invés de mobilizar. Tal experiência também não coincide com vivências sentimentais de prazer que, passageiras, podem nos levar ao vício de querer sempre mais algo que não nos satisfaz pessoalmente. De fato, a realização se afirma enquanto experiência justamente no posicionamento da pessoa, calcado na promessa que a vida solicita, promessa esta que acende e potencializa a busca de ir em direção à realização plena (Gaspar, Maia & Mahfoud, 2008a).

Tal dinâmica é experienciada como liberdade, que não se encerra na capacidade de escolha, completando-se na adesão da pessoa àquilo que lhe corresponde no real (Giussani, 1998, 2003b, 2009). Assim, a liberdade se apresenta não só como possibilidade de escolha, mas se realiza como capacidade humana de carregar em si critérios elementares com os quais julgar a realidade e como responsabilidade (dever moral) de aderir àquilo que se reconhece como verdadeiro e realizador (Giussani, 1998, 2009).

Giussani (2001b, 2001d, 2003a, 2008) identifica neste dinamismo a possibilidade real do encontro entre pessoas por via do compartilhamento da vida em suas necessidades mais concretas até o sentido último que as motiva. Quanto mais se vive esta exigência, tanto mais a pessoa se realiza no encontro com o outro. Portanto, essa dinâmica evidencia a necessidade da alteridade para a realização pessoal, uma vez que são precisamente os relacionamentos significativos que dão força e consistência à liberdade de aderir às provocações próprias da vida e que realizam a pessoa naquilo que lhe é mais radical. Afirma Giussani (2009):

A dimensão comunitária representa não a substituição da liberdade, da energia e da decisão pessoal, mas é a condição para a sua afirmação. Se eu coloco uma semente de feijão sobre a mesa, mesmo depois de mil anos (dado que tudo permaneça intacto) ela não se desenvolverá. Se eu tomo essa semente e a coloco na terra, ela se torna uma planta. O húmus não substitui a energia irreduzível, a “personalidade” incomunicável da semente: o húmus é a condição para que a semente germine. A comunidade é a dimensão e a condição para que a semente humana dê o seu fruto (p. 198).

Fruto da experiência de felicidade é o empenho contínuo em imprimir no mundo o que é vislumbrado como ideal. Diferentemente do sonho que, por natureza, se constitui a partir de um amálgama produzido pela mente, o ideal se funda na virtude de emitir certezas existenciais acerca de propostas correspondentes às “urgências do coração” (Giussani, 1998, 2009).

Seguindo o percurso ressaltado por Giussani (1998), tais certezas existenciais provocam a pessoa a se comover em ato, a se relacionar com o outro reconhecendo suas exigências, esperando que ele se realize e confiando na potencialidade daquele encontro. A consequência última dessa confiança é a letícia, expressão da plenitude do ser calcada na experiência de gratuidade, que não espera nada do outro e não ser a sua felicidade total (Giussani, 1998, 2003a).

Trata-se de posicionamentos que expressam um relacionamento autêntico com alguma alteridade reconhecida como correspondente e que se tornam referência para a avaliação de outras vivências, mesmo que seja por meio da dor da não realização da experiência elementar

que convida a uma constante retomada das próprias exigências (Gaspar, Maia & Mahfoud, 2008a).

No entanto, uma correspondência total só pode se dar diante de uma alteridade infinita, demonstrando assim a importância de se considerar esse ímpeto por correspondência total, denominado senso religioso, como dimensão constitutiva da pessoa, imprescindível para a reflexão sobre as modalidades de realização plena (Giussani, 2000, 2008).

De fato, a experiência elementar ressalta o ímpeto existencial de abertura à realidade que busca algo correspondente à sua “face interior”, realizando-a. Essa abertura, fator constituinte da razão, se exprime em certas perguntas radicais e inextirpáveis da vida do eu e pedem uma resposta total. E quanto mais a razão se volta na tentativa de respondê-las, mais se evidencia a desproporção dramática entre a resposta dada e o horizonte total que a solicita (Giussani, 2009). No impacto com a realidade, a vida desperta perguntas cujas respostas estão para além da medida do homem, mas que, existencialmente, em vez de paralisá-lo, o instigam cada vez mais (Giussani, 2009; Mahfoud, 2001).

Segundo Giussani (2009), o senso religioso é justamente a “capacidade que a razão tem de exprimir a própria natureza profunda na interrogação última, *é o lócus da consciência que o homem tem da existência*” (Giussani, 2009, p. 88, grifos do autor). Isso significa que o ápice da conquista da razão consiste justamente em se abrir à totalidade dos fatores, aceitar maravilhado a provocação da realidade e perceber o sinal da Presença de um ser transcendente do qual tudo e todos dependem. Esta é a idéia de mistério. Portanto, o senso religioso é a base da experiência religiosa, que consiste no relacionamento do eu com esta Presença misteriosa reconhecida como fonte de sentido (Giussani, 1997, 2002, 2008, 2009).

Tal definição aproxima-se das elaborações de Gerardus van der Leeuw (1933/1964) que, em sua obra clássica *Fenomenología de la religión*, busca evidenciar a estrutura interna irreduzível do fenômeno religioso. Analisando diferentes religiões, o fenomenólogo pôde identificar que todas apontam para o reconhecimento de um Poder transcendente, surpreendente e altamente solicitador. A experiência religiosa é, então, a resposta concreta que tenta realizar a busca propriamente humana por um sentido último e por um relacionamento com o Mistério que lhe transcende.

Delineia-se, assim, o dinamismo propriamente humano que fundamenta a experiência religiosa, ponto fundamental do nosso projeto. O reconhecimento das imbricações entre experiência religiosa e experiências de realização, bem como a compreensão de que tais experiências de realização carregam um movimento próprio que se atualiza nos modos singulares da pessoa se posicionar no mundo preparam-nos para o trabalho de campo. De fato,

percebemos como tais compreensões abrem horizontes, possibilitando-nos adentrar nas vivências de voluntariado numa instituição espírita sem perder a complexidade dinâmica de seus fundamentos: a motivação pessoal; a ação livre e gratuita; a finalidade ideal e o horizonte cultural e religioso que a sustenta.

II – OBJETIVOS

1. Objetivo geral

Investigar como se configura o relacionamento entre a experiência de voluntariado enquanto potencialmente realizadora da pessoa e o contexto sociocultural de uma instituição espírita, tal como vivido e revelado pelos sujeitos da experiência.

2. Objetivos específicos

- 1) Captar como os sujeitos da experiência apreendem e elaboram o que lhes é proposto por esse contexto sociocultural e de que modo esse posicionamento pela via do voluntariado pode ser realizador;
- 2) compreender de que modo o contexto sociocultural da instituição espírita em estudo se estrutura e como é proposto concreta e cotidianamente aos sujeitos que o compõem;
- 3) apreender as contribuições da experiência religiosa no processo de elaboração e de realização da pessoa no contexto sociocultural.

III – JUSTIFICATIVA

Vimos que há considerável material disponível a respeito do voluntariado, inclusive a respeito do voluntariado no contexto sociocultural de instituições espíritas. Qual é então a originalidade do presente projeto?

Os estudos que abordam esses temas centram-se em análises históricas, antropológicas, institucionais e motivacionais, ao passo que a nós interessa a dinâmica de interação entre um contexto sociocultural específico e a experiência de voluntariado enquanto potencialmente realizadora da pessoa.

Entendemos que focar essa prática cultural a partir das vivências das pessoas nela inseridas gera subsídios para se repensar o voluntariado em seus fundamentos e problematizar a forma como ele tem sido exercido e definido contemporaneamente. Nessa perspectiva, situamo-nos no âmbito da Psicologia da Cultura de orientação fenomenológica (Augras, 1995), vertente da Psicologia Social.

IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. Campo da Pesquisa

Realizamos a pesquisa em uma instituição espírita de reconhecida notoriedade dentro do Movimento Espírita Mineiro e oficialmente vinculada à Federação Espírita Brasileira (FEB).

2. Coleta de dados

2.1. Trabalho de campo e escolha dos sujeitos

Temos como objetivo captar o relacionamento entre a experiência de voluntariado enquanto potencialmente realizadora da pessoa e o contexto sociocultural sem perder a riqueza característica desta dinâmica. Para tanto, recorreremos à *observação participante* tal como proposta por Brandão (2005, 2007) com vistas a compreender este fenômeno sem retirar sua vitalidade, preservando o que há de mais essencial naquilo que se apresenta.

A primeira etapa da coleta de dados constitui-se como um trabalho de campo de cunho etnográfico que se estendeu por três meses, em que buscamos partir da realidade concreta da vida cotidiana dos sujeitos em suas múltiplas facetas e interações com o intuito de colher a estrutura e as dinâmicas da *vida social* em sua historicidade e totalidade. A observação participante nessa modalidade de investigação solicita um envolvimento e uma convivência pessoal do pesquisador, que compreende e produz conhecimentos na relação intersubjetiva com os sujeitos que compõem tal realidade social (Brandão, 2005).

Nesse sentido, buscamos proceder à observação participante reconhecendo a centralidade do processo de elaboração pessoal, evitando pré-ideologizações partidárias e imposição de informações e valores, e salientando o compromisso com a comunidade enquanto fonte originária do saber que o pesquisador apreende, reconstrói e comunica em sua vivacidade (Brandão, 2007).

Baseando-nos nos passos ressaltados por Brandão (2007), num primeiro momento, convivemos pessoalmente com os sujeitos que trabalham voluntariamente na instituição investigada, objetivando descrever seu modo de funcionamento prático, apreender sua proposta sociocultural. Tal convivência implicou não só observar e registrar descritivamente,

mas buscar compreender em profundidade a vida social tal como vivida e revelada pelos sujeitos.

Não nos interessamos por identificar informações genéricas *sobre* o trabalho realizado, sobre fatos objetivos que o delineiam, mas sim por colher a experiência mesma dos sujeitos enquanto trabalham (Amatuzzi, 1996, 2008; Bosi, E., 2005), colher elaborações reveladoras, a um só tempo, de posicionamentos pessoais e do contexto sociocultural no qual eles se assentam. Para tanto, aproximamo-nos dos sujeitos em suas situações de trabalho, inclusive desempenhando algumas atividades junto a eles quando isso se mostrou pertinente, de modo que pudéssemos compartilhar a concretude do seu cotidiano de voluntários em uma instituição espírita.

Nesse empreendimento, utilizamos diário de campo e, quando necessário – especialmente em momentos de elaboração da experiência –, gravamos as conversas em registros sonoros.

Com essa imersão na realidade da instituição, pudemos, num segundo momento, identificar pessoas-referência quanto ao modo ideal de trabalhar ali, isto é, pessoas que são reconhecidas como modelos pelo modo como se envolvem e comprometem-se pessoalmente com a experiência de voluntariado. Sendo este um ponto crucial para nossa pesquisa, uma vez que estamos interessados em apreender possibilidades de relação entre voluntariado, realização da pessoa, contexto sociocultural e experiência religiosa, entendemos que a seleção aleatória de sujeitos traria grandes chances de que elementos acidentais do fenômeno fossem tomados como essenciais, inviabilizando o alcance de nosso objetivo. Por isso, optamos por proceder à modalidade de seleção intencional dos sujeitos, que parte das informações disponíveis para a identificação de figuras emblemáticas para a temática em questão (Gil, 1999).

Com essas pessoas selecionadas intencionalmente, objetivávamos passar a outro tipo de entrevista, que se diferenciasse pelo caráter semi-estruturado. Entretanto, em nosso contato com a instituição investigada, muitos foram indicados e reconhecidos por nós como pessoas-referência. Como, então, selecionamos os que entrevistamos nesse segundo momento? De um lado, a partir da observação das situações de trabalho voluntário, optamos por aqueles cuja atuação mais despertou nossa atenção quanto à vitalidade e empenho no modo de trabalhar. De outro, a variabilidade dos graus de dificuldade de acesso aos sujeitos favoreceu a realização de algumas entrevistas e inviabilizou outras.

2.2. Entrevistando os sujeitos

A etapa de entrevistas semi-estruturadas se estendeu por dois meses. Mantemos a proposta de privilegiar não opiniões sobre o assunto, mas a expressão da experiência (Amatuzzi, 2008). Em momentos propícios à elaboração, solicitamos diretamente aos sujeitos que discorressem sobre o trabalho voluntário que realizam.⁹ Ao longo da entrevista, buscamos não induzir que os sujeitos falassem aquilo que esperávamos deles, respeitando a dinâmica de elaboração de cada um, mas com cuidado para auxiliá-los a retomarem o foco na experiência sempre que necessário (Thompson, 1992).

3. Transcrição dos relatos

Os registros sonoros realizados foram transcritos integralmente, com cuidado para que fossem mantidos os estilos de linguagem de cada sujeito. Essa forma de transcrição implica buscar, a um só tempo, preservar a maneira como o sujeito se expressa e atentar para que a reprodução escrita não se torne caricatural. Entendemos, com Mahfoud (2003), que o critério para realizar a transcrição por esse modo está no fato de que os sujeitos possam se reconhecer no texto.

Procuramos também incluir nas transcrições dados não verbais registrados no diário de campo que pudessem ser reveladores da vivência dos sujeitos no momento da entrevista, tais como expressões faciais e corporais, olhares e gestos expressivos, etc.

Posteriormente, realizamos a textualização das transcrições com vistas a facilitar a leitura e a compreensão da experiência comunicada, com cuidado para que não fosse perdida sua vitalidade e complexidade original (Mahfoud, 2003).

4. Análise dos dados

A análise dos dados guiou-se pelo método fenomenológico (van der Leeuw, 1933/1964), que toma os relatos como expressão do vivido e escava a subjetividade e o

⁹ A entrevista também foi acompanhada pela leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide modelo do Termo em Anexo).

mundo-da-vida. Com esse procedimento, podemos chegar ao modo como a realidade social se estrutura; à constituição mútua entre o eu e o mundo; e também à estrutura das diversas vivências, como elas se organizam e se manifestam (Amatuzzi, 1996; Ales Bello, 2004).

Segundo van der Leeuw (1933/1964), a estrutura das vivências é uma totalidade orgânica compreendida, a qual emerge como o “desenho” que o sujeito traça no caótico emaranhado da realidade. É, pois, uma reconstrução, já que não há possibilidade de apreensão direta das vivências. Dessa forma, resulta que a estrutura a que chegamos não é nem totalmente experimentada e nem totalmente abstrata, ela é compreendida. Para chegarmos a essa compreensão da estrutura, é preciso apreender os diversos sentidos que se abrem aos sujeitos. Como passo ulterior, torna-se possível identificar a conexão compreensível entre as estruturas reveladoras da experiência-tipo daquele conjunto de dados.

Pautando-nos no método fenomenológico assim caracterizado, procedemos à análise dos dados, que se dividiu em dois momentos. Inicialmente, analisamos os dados referentes à proposta sociocultural da instituição investigada e, posteriormente, procedemos à análise das entrevistas semi-estruturadas.

4.1. A análise do contexto sociocultural

Para a compreensão da proposta sociocultural da instituição, utilizamos as informações registradas no diário de campo e os registros sonoros realizados no primeiro momento de coleta de dados. Sendo a instituição pesquisada uma entidade vinculada ao Movimento Espírita Mineiro, a análise de seu contexto sociocultural não poderia prescindir do contato com a filosofia que fundamenta tanto suas práticas quanto a visão de mundo por ela difundida. Entretanto, considerando que não temos por objetivo analisar a filosofia espírita e nem tampouco os fenômenos espíritos,¹⁰ optamos por recorrer a estes aspectos tão-somente na medida em que eles se fizessem necessários para que o leitor compreendesse a dinâmica do contexto desta instituição.

Dessa forma, para a apresentação da análise das propostas socioculturais, optamos por elaborar uma descrição que se aproximasse ao máximo da vivência de um observador que

¹⁰ Realizamos esta diferenciação seguindo a indicação de Sampaio (2009b), pois, como salienta o autor, o crescente montante de pesquisas científicas brasileiras sobre o Espiritismo concentra-se nessas três vertentes, a saber: o movimento espírita, os fenômenos espíritos e a filosofia espírita.

adentra a instituição. Quando se fez necessário apresentar conceitos da filosofia espírita ou explicar práticas relativas a fenômenos espíritas, buscamos nos ater às definições utilizadas pelos próprios integrantes da instituição, utilizando como fonte bibliográfica apenas as obras básicas do Espiritismo e o material produzido pela Federação Espírita Brasileira, entidade à qual a instituição é vinculada.

4.2. A análise das experiências de voluntariado

No segundo momento da análise, dentre dez entrevistas que foram realizadas, selecionamos quatro para análise. A necessidade de equacionar a produção da dissertação no período estipulado, sem prejuízo de nenhuma das partes que a compõem, mobilizou-nos a eleger as entrevistas que se revelaram como especialmente provocadoras e viáveis para a análise. Não obstante o ímpeto por incluir todo o material coletado, a análise realizada indicou-nos que as quatro entrevistas selecionadas apresentam riqueza de dados capaz de contemplar a experiência de voluntariado nesse contexto sociocultural em seus múltiplos níveis.

Na análise de cada entrevista, ordenamos os dados em três eixos temáticos elaborados a partir de nossos objetivos geral e específicos. Com tal ordenação, buscamos facilitar a compreensão das experiências a nós comunicadas e favorecer nossa atenção a aspectos que, seja pela revisão da literatura, seja pelo próprio contato prévio com os dados, reconhecemos como particularmente importantes. Assim, os eixos elaborados são: a) o trabalho concreto e os sentidos da ação voluntária apreendidos pelo sujeito; b) a configuração dos relacionamentos interpessoais, seja com os companheiros de trabalho, seja com o público atendido; c) a articulação entre ação voluntária e experiência religiosa.

Feita a ordenação, realizamos leituras sucessivas do material buscando, num primeiro momento, apreender o movimento da pessoa, seu modo próprio de elaboração. Num segundo momento, procuramos compreender os dados do ponto de vista da experiência de nosso interesse, atentando para o modo como a pessoa se realiza nessa experiência e de que forma ela responde às solicitações do contexto sociocultural em que se insere.

Como meio de apreender metodicamente a dinâmica da experiência e chegar a delimitar uma experiência-tipo a partir dos dados colhidos, tomamos como referência as diretrizes metodológicas propostas por van der Leeuw (1933/1964):

1) Nomeação: ato de separar e agrupar as vivências, que nos permite organizá-las, tornando-as inteligíveis. Ao darmos um nome a um conjunto de vivências, buscamos favorecer a aproximação das mesmas, e não sua reificação. Para tanto, utilizamos expressões tomadas dos próprios relatos dos sujeitos.

2) Inserção na própria vida: vivência consciente e metódica das ressonâncias que o fenômeno em estudo provoca no pesquisador. Não “mergulhamos” de modo inconsciente nos dados, mas sim buscamos colher com rigor o impacto das vivências do outro como indicativos de um sentido a ser compreendido. Uma vez que as ressonâncias são colhidas pelo pesquisador, é importante destacar que esse passo reconhece o lugar da personalidade daquele que investiga, que somente pode ser provocado a partir da sua própria história e sensibilidade. Nesse sentido, ressaltamos como os estudos teóricos preliminares enriqueceram nosso repertório, abrindo o campo de possibilidades a serem problematizadas e reconhecidas no ato da análise.

3) Inserção entre parênteses: suspensão da faticidade e de convicções pessoais prévias para a captação do sentido presente no que se mostra. Essa diretriz nada mais é que a atitude de *epoché*, com a qual se pretende que o pesquisador não se perca nem nas “coisas” (faticidade), nem no próprio ego (juízo), tendo como objetivo privilegiar a estrutura da vivência que está sendo buscada.

4) Elucidação: clarificação das vivências contempladas, em que se estabelecem categorias que ressaltem as conexões de sentido existentes. Nesta diretriz, a articulação entre as categorias apreendidas permitiu-nos a elaboração da conexão típica ideal, ou experiência-tipo de voluntariado tal como vivida e revelada pelos sujeitos da experiência.

5) Compreensão: espécie de união ou culminância das diretrizes antecedentes, na qual “a realidade caótica, inerte, converte-se (...) em uma informação, em uma revelação” (p. 648). Para alcançarmos a compreensão das experiências investigadas, foi importante, durante a análise, buscar colher os vários níveis de realização presentes nos depoimentos, bem como explicitar as especificidades e interconexões da ação voluntária e da experiência religiosa.

6) Retificação contínua: correção das compreensões alcançadas a partir do confronto com outros materiais. Nessa diretriz, a retomada do material coletado mostrou-se como imprescindível para que pudéssemos retificar as compreensões. Além disso, recorreremos ao diálogo com pares em espaços coletivos de discussão acadêmica e à supervisão com o orientador. Concomitantemente, empreendemos a discussão de nossas compreensões com elaborações teóricas já apresentadas em nosso referencial e com contribuições de outros

autores, uma vez que a configuração dos dados ultrapassou a revisão inicialmente realizada, solicitando-nos a ampliar nossa gama de referenciais.

7) Reconstrução da experiência vivida pelo sujeito visando a sua apresentação a terceiros de modo a possibilitar o acesso à compreensão da vivência alcançada. Esse passo, tão caro à pesquisa fenomenológica ao ponto de van der Leeuw (1933/1964) afirmar que a Fenomenologia “só quer uma coisa: *dar testemunho* daquilo que se mostra (...) mediante uma reconstrução” (p. 649), consiste justamente na apresentação dos dados na presente dissertação.

5. Apresentação dos Resultados e da Discussão

De modo a orientar a leitura das próximas seções, indicamos a forma como organizamos a apresentação dos resultados de nossas análises e a discussão dos mesmos:

1) Apresentação das propostas socioculturais da instituição investigada, na qual recorreremos à estrutura narrativa, colocando-nos na perspectiva de um observador que adentra a instituição em momentos de intensa atividade.

2) Apresentação da reconstrução de cada entrevista, em que trechos dos depoimentos dos entrevistados são seguidos pela análise que fizemos deles. Iniciamos com a descrição do contexto em que encontramos os entrevistados, em plena execução de seu trabalho voluntário. Na reconstrução de suas experiências, procuramos partir de elementos mais concretos da atividade e progressivamente apresentar suas elaborações mais complexas sobre a ação voluntária. Ao final de cada entrevista analisada, realizamos uma síntese da experiência de voluntariado do sujeito, buscando retomar aspectos relacionados aos eixos temáticos acima descritos. Destacamos a opção por alterar todos os nomes próprios, como forma de resguardar os sujeitos.

3) Discussão dos Resultados. Em lugar de apresentar inicialmente a experiência-tipo para somente depois iniciar a discussão dos resultados, optamos por subdividir o capítulo da discussão em seções, nas quais as compreensões alcançadas sobre cada uma das categorias da experiência-tipo de voluntariado são imediatamente seguidas pelo diálogo com contribuições de alguns autores.

4) Apresentação da experiência-tipo. Na última seção do capítulo da discussão, apresentamos a experiência-tipo e em seguida a articulamos às propostas socioculturais da

instituição investigada. Nessa etapa, recorreremos novamente ao diálogo com alguns autores de modo a explicitar nossa contribuição para a compreensão das experiências de voluntariado.

5) Conclusões, com retomada das principais conclusões e provocações advindas desse trabalho de investigação.

6) Epílogo: um convite de retorno à experiência.

VI – RESULTADOS

1. Adentrando a *Casa Espírita*

Anoitece. Nas proximidades de uma das principais vias de trânsito da cidade de Belo Horizonte, uma pequena fila se forma às portas da instituição cujo contexto sociocultural pretendemos conhecer. Pontualmente às dezenove horas os portões são abertos. As pessoas que aguardavam começam a entrar de modo organizado encaminhando-se para diferentes pontos dos três andares do prédio, enquanto outras chegam demonstrando familiaridade com o local e sua rotina.

Na fachada, podemos ler as iniciais e o nome completo da instituição, a que chamaremos *Casa Espírita*. São os próprios freqüentadores que a designam como “casa”, sugerindo-nos a intenção de expressar acolhimento. A designação “espírita”, por sua vez, busca expressar a vinculação desta instituição ao Espiritismo,¹¹ doutrina codificada por Allan Kardec¹² na França, em meados do século XIX.

Ainda à frente do prédio, podemos observar que ele é constituído por dois blocos conexos. O primeiro data de 1978 e sua construção conta um pouco da origem da *Casa*. Segundo o relato de seus fundadores, eles iniciaram suas atividades como uma instituição religiosa espírita em 1976, mesmo antes de possuírem uma sede própria, a partir da orientação de um Espírito dada a um médium.¹³ Após dois anos utilizando as dependências de outra instituição espírita, a *Casa Espírita* transferiu-se para o prédio em que agora nos encontramos, o qual foi construído com recursos angariados pelos próprios fundadores e por outras pessoas que a eles se juntaram. O segundo bloco, conhecido como “prédio anexo”, foi construído com a justificativa de melhor abrigar as atividades da *Casa*, tendo sido inaugurado em 2008.

¹¹ “Conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos (...) na Codificação Espírita: *O Livro dos Espíritos; O Livro dos Médiuns; O Evangelho segundo o Espiritismo; O Céu e o Inferno; A Gênese*” (FEB, 2008, s.p.). O Espiritismo “trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” (Kardec, 1859/2005c, p. 50). É importante destacar que o termo “Espíritos” refere-se aos “seres inteligentes da criação [que] povoam o Universo, fora do mundo material” (Kardec, 1857/2005a, p. 99) e que “são de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado” (p. 105).

¹² Allan Kardec é o pseudônimo de Leon Hippolite Denizard Rivail (1804-1869). Bacharel em Letras e em Ciências, especialista em Pedagogia e doutor em Medicina, Kardec foi discípulo emérito do célebre pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi (Wantuil & Thiesen, 2004). Kardec é conhecido como codificador por afirmar que não escreveu as obras, mas sim as organizou e comentou a partir das respostas dadas por Espíritos às suas perguntas em sessões mediúnicas, primeiramente com três meninas e, posteriormente, com outros médiuns em diversas partes do mundo (Kardec, 1857/2005a; Wantuil & Thiesen, 2004).

¹³ “Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; (...) todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva” (Kardec, 1861/2005b, p. 203).

Ambos os processos de construção, bem como todas as demais atividades ali desenvolvidas, foram e são viabilizados com recursos provenientes de doações, financeiras ou não, e de campanhas e eventos beneficentes.

Passando pelos portões, vemos um pequeno canteiro que circunda a edificação e somos cumprimentados pelo vigia noturno, um dos poucos trabalhadores assalariados desta instituição. À porta, há um pequeno balcão onde encontramos um grupo de pessoas que se destacam pelo uso de coletes azuis. Elas também usam crachás, nos quais constam os nomes da instituição e da própria pessoa, bem como a designação “voluntário”. Os voluntários ou “tarefeiros”, como são conhecidos na *Casa Espírita*, compõem a grande maioria dos trabalhadores da instituição e são responsáveis por uma vasta gama de atividades, ou “tarefas”, como logo veremos.

Os primeiros tarefeiros que encontramos próximos ao balcão, em que se lê “informações”, são responsáveis pela tarefa da Recepção. Muitos que chegam à *Casa* vão até eles buscando esclarecer todo tipo de questionamentos sobre a instituição e suas atividades. Atividades que entendemos dividirem-se em duas categorias principais, pois a *Casa Espírita* apresenta-se tanto como uma instituição religiosa que busca se guiar pelo Evangelho de Jesus Cristo¹⁴ iluminado pelas orientações da Doutrina Espírita¹⁵, quanto como uma entidade filantrópica que presta assistência social a populações carentes.¹⁶ Assim, aqueles que encontramos na *Casa Espírita* podem estar ali para freqüentar atividades regulares de cunho religioso, sendo pessoas que reconhecem o Espiritismo como sua religião, ou simplesmente curiosos ou simpatizantes, bem como podem estar ali para prestar ou receber assistência social.

Demonstrando disponibilidade e alegria, os tarefeiros da Recepção sorriem para todos os que chegam, esclarecem dúvidas e fazem encaminhamentos quando necessário. Observando o modo como eles conduzem essa tarefa, percebemos que as perguntas e pedidos são todos anotados e contabilizados em uma ficha. Esse procedimento foi implantado para

¹⁴ Para o Espiritismo, Jesus é o guia e modelo para toda a humanidade: seus ensinamentos e exemplos são a expressão mais pura da lei de Deus (Kardec, 1857/2005a).

¹⁵ Segundo a Doutrina Espírita, “o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atraí para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança” (Kardec, 1864/2004, p. 145).

¹⁶ Essa associação entre o caráter religioso e assistencial é recorrente nas instituições espíritas brasileiras (Giumbelli, 1998; Sampaio, 2004) e pode ser compreendida como uma forma de buscar aplicar uma máxima anunciada por Kardec (2005a, p. 284): “fora da caridade não há salvação”. Conforme expresso na Doutrina Espírita, a palavra “caridade” carrega um sentido calcado na moral cristã, abarcando “benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas” (Kardec, 1857/2005a, p. 457). Orientando qualquer tipo de ação por esses princípios, a pessoa está praticando a caridade e, portanto, está

que, identificando demandas recorrentes, eles possam elaborar propostas a partir delas, propostas que vão desde a alteração no modo de identificar as salas mais procuradas (como veremos), até a ampliação da divulgação de um curso oferecido pela *Casa Espírita*. Além dessa função formal, a Recepção é também ponto onde muitos freqüentadores se encontram, conversam sobre o cotidiano, estreitam laços de amizade, compartilham a vida.

A tarefa da Recepção é tida como “porta de entrada” da *Casa* e, por isso, se espera que o modo como os tarefeiros trabalham comunique o modo como a instituição como um todo trabalha. Portanto, podemos entender que aquilo que vimos expresso nesse setor – o empenho para acolher todos que chegam; a preocupação em atender adequadamente às necessidades das pessoas expressas em seus pedidos de informação; a atenção à experiência cotidiana para melhor organizar a tarefa; a abertura para constituir relacionamentos pessoais – nos fornecem indícios de posicionamentos valorizados em todo tipo de atividade desenvolvida por essa instituição.

Passando pela recepção, é possível ver à esquerda um destino procurado por muitos: a Livraria, também considerada porta de entrada ou “cartão de visitas” da *Casa Espírita*. Assim como a Biblioteca, que se encontra logo à frente, e o Jornal, produzido mensalmente pela instituição desde 1988 e distribuído gratuitamente, a Livraria é responsável pela divulgação espírita da *Casa*. Para os tarefeiros da Livraria e da Biblioteca, uma de suas funções é responder aos pedidos de indicação de livros tendo o cuidado de acolher o solicitante e compreender o que ele realmente está buscando. Outro aspecto por eles destacado é que todas as obras vendidas (ou emprestadas, no caso da Biblioteca) são avaliadas por uma comissão quanto a seu conteúdo doutrinário, pois a *Casa* entende que muitas obras que se dizem espíritas desvirtuam o conteúdo da Codificação. Os únicos autores cujos livros não necessitam de avaliação são Francisco Cândido Xavier¹⁷ e Divaldo Pereira Franco,¹⁸ os quais têm respaldo da Federação Espírita Brasileira.

A localização privilegiada e o grande fluxo de pessoas na Livraria e na Biblioteca bem como o cuidado na seleção e indicação de livros são alguns dos sinais que podemos colher quanto à importância dada à leitura na *Casa Espírita*. Tal compreensão é fortalecida ao

contribuindo tanto para a própria evolução pessoal rumo à perfeição, quanto para a evolução da humanidade inteira, a qual levará à transformação da Terra em um mundo de regeneração (Kardec, 1864/2004, 1857/2005a).

¹⁷ Médiun mineiro, Francisco Cândido Xavier (1910-2002), ou Chico Xavier, como é conhecido, escreveu 412 livros cuja autoria atribuiu a Espíritos, afirmando que as mensagens ali contidas lhe eram repassadas pelos Espíritos por meio da psicografia (escrita) ou psicofonia (fala). Dada a envergadura de sua obra e de sua atuação no movimento espírita, Chico Xavier é apontado como figura central na constituição do Espiritismo no Brasil (Maior, 2003; Lewgoy, 2001; Stoll, 2004).

¹⁸ Divaldo Pereira Franco (1927-), médiun e orador baiano, é reconhecido como um dos maiores expoentes espíritas da atualidade (FEB, n.d.).

depararmos-nos repetidas vezes com a referência que os tarefeiros fazem à convocação: “Espíritas! amai-vos, este é o primeiro ensinamento; instruí-vos, este é o segundo” (Kardec, 1864/2004, p. 146). Com essa frase eles nos indicam que um dos modos de instruir-se é buscar, por meio do estudo do Evangelho e das obras básicas e subsidiárias da Doutrina Espírita, conhecer e meditar sobre as verdades reveladas à humanidade. Assim, na convocação constante ao “estudo”, apreendemos o valor que a *Casa* confere ao aprimoramento intelectual, pois o exercício da razão é entendido como via de acesso à verdade e como fator fundamental do crescimento pessoal.¹⁹

Observando a Livraria e a Biblioteca, podemos ainda descobrir outros elementos que nos comunicam aspectos importantes do contexto sociocultural da *Casa Espírita*. Um desses elementos está expresso no nome de ambas, que remete a seus respectivos mentores. E o que ou quem é o mentor? Os tarefeiros nos explicam que mentor é o Espírito desencarnado²⁰ responsável por orientar e amparar a tarefa e todas as pessoas nela envolvidas. Cada setor da *Casa* possui um mentor e, caso existam subdivisões em virtude da quantidade ou variedade de tarefas realizadas, cada subdivisão conta também com um mentor próprio.

Na descrição da multiplicidade de mentores, captamos indicações a respeito de como a *Casa Espírita* organiza-se em uma estrutura segmentada e hierarquizada. Para nossos objetivos, basta destacar que cada tipo de atividade (doutrinária, assistencial, administrativa, etc.) corresponde a uma diretoria, composta por departamentos, os quais, por sua vez, podem ser subdivididos em setores. Cada segmento responde por uma tarefa, em geral realizada unicamente por voluntários, dentre os quais há sempre um responsável formal, chamado dirigente ou coordenador, ao qual os demais tarefeiros se remetem para sanar dúvidas ou solucionar conflitos.

Saindo da Livraria e percorrendo o corredor à sua esquerda, podemos perceber que o modo de organização dessa estrutura institucional orienta a divisão e nomeação das salas ali

¹⁹ De fato, assim como a ação de caridade, o desenvolvimento das faculdades intelectuais é um imperativo presente na Codificação Espírita, aspecto importante no processo de evolução do Espírito. (Kardec, 1857/2005a).

²⁰ Considerando-se que o Espiritismo adota a tese da reencarnação, o nascimento e a morte não são concebidos como o início ou fim da vida: o Espírito, já existente como individualidade, “encarna”, ou melhor, “reencarna” no mundo material quantas vezes forem necessárias para sua evolução rumo à perfeição. Por isso, utiliza-se o termo “desencarnado” para fazer-se referência a pessoas já falecidas que ainda não reencarnaram e, portanto, encontram-se no mundo espiritual. Cf. cap. IV de *O Livro dos Espíritos* (Kardec, 1857/2005a, p. 142-165). Ainda com relação aos Espíritos, vale destacar que a evolução moral alcançada no curso das reencarnações influencia suas ações enquanto desencarnados. Dessa forma, Espíritos evoluídos moralmente são considerados benfeitores e podem ser mentores de tarefas, enquanto aqueles que ainda praticam ações que causam prejuízos a si e aos outros são considerados “Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o Espírito e pela propensão para o mal” (Kardec, 1857/2005a, p. 108).

existentes. Há placas e sinalizações, revelando-nos a intenção de facilitar que as pessoas encontrem o departamento que procuram.

Do lado direito do corredor, encontramos primeiramente a sala do departamento de Tarefeiros, responsável por organizar todo o fluxo de voluntários da *Casa Espírita*. Conversando com a coordenadora desse departamento, somos informados de que, ao longo dos anos, percebeu-se a necessidade de formar os tarefeiros antes que eles começassem a realizar qualquer tipo de trabalho. Por isso, atualmente existe um Ciclo de Palestras no qual são abordados conteúdos evangélico-doutrinários, é apresentada a dinâmica de funcionamento da *Casa* e são debatidos os sentidos implicados na realização da tarefa. A participação nos módulos I e II²¹ desse Ciclo de Palestras é pré-requisito para que uma pessoa possa participar voluntariamente de qualquer atividade, isto é, tarefa da *Casa*.²² Após assistir às palestras, o interessado deve procurar o departamento de Tarefeiros, onde é entrevistado, recebe orientações gerais sobre as tarefas e é informado sobre os setores que possuem vagas disponíveis. A seguir, ele é encaminhado ao setor em que pretende trabalhar para conversar com seu coordenador sobre os detalhes da tarefa. Como último passo, o candidato retorna ao departamento de Tarefeiros, onde assina o termo de adesão, recebe uma carta de apresentação, uma carta de orientação ao tarefeiro e o seu crachá. Segundo a coordenadora, as pessoas que estão há mais tempo na instituição comumente realizam mais de uma tarefa, e aquelas que se afastam muitas vezes não comunicam o desligamento ao departamento de Tarefeiros. Assim, torna-se difícil precisar o número exato de voluntários da instituição, mas a estimativa é que eles sejam em torno de 1.500 pessoas trabalhando em mais de 100 tarefas.

Além da referência aos procedimentos formais, a coordenadora nos indica um panfleto, fixado em um mural, em que estão expressas diretrizes da tarefa na instituição. Dividido em tópicos, o panfleto inicia com uma frase atribuída àquele que é o mentor da *Casa* como um todo: “O compromisso da *Casa Espírita* é com o ser humano.” Fazendo uma síntese dos demais tópicos, podemos afirmar que todas as tarefas são tidas como iguais em valor e têm como objetivo auxiliar a Espiritualidade²³ a realizar o trabalho programado que visa ao crescimento espiritual²⁴ de todos e, para que isso aconteça, são necessários: ter como alicerce

²¹ Os módulos I e II têm como tema, respectivamente, Princípios Fundamentais da Doutrina Espírita e Evangelho. Os demais módulos são: III – Passes; IV – Mediunidade; V – Temático (Evangelho); VI – Expositor Espírita.

²² Destaca-se que, para algumas tarefas, há pré-requisitos específicos de acordo com a atividade desenvolvida.

²³ Embora possa referir-se a sentidos mais amplos, o termo “Espiritualidade” é utilizado aqui, e em geral, para designar o conjunto de Espíritos que se dedicam a fazer o bem.

²⁴ Assim como já afirmamos, na Doutrina Espírita, a perfeição é a meta da evolução do Espírito. Para atingi-la, é preciso crescer espiritualmente, o que inclui, entre outros fatores, o autodesenvolvimento intelectual e moral e o autoconhecimento. Esse processo, conhecido também como “reforma íntima”, é expresso como um dever ético

o Evangelho de Jesus; conhecer a Doutrina Espírita e o funcionamento da *Casa* e da tarefa; sintonizar-se com os mentores e buscar harmonizar a si e ao ambiente pela prece; demonstrar respeito, disciplina e compromisso, inclusive por meio da pontualidade e assiduidade; acolher fraternalmente todas as pessoas que buscam auxílio; integrar-se aos companheiros de tarefa e demais equipes de trabalho.

No contato com o departamento de Tarefeiros e com as orientações ali expressas, apreendemos elementos primordiais para a compreensão do contexto sociocultural da *Casa Espírita*. Mais uma vez, vemos evidenciada a importância dada ao que eles denominam ser “disciplina”, isto é, a organização e sistematização das atividades, seja na formulação de um curso específico para os voluntários, seja na delimitação de um fluxo preciso para que a pessoa se torne tarefeira, seja na formalização das diretrizes da tarefa. Em tais diretrizes, especialmente na alusão à frase do mentor da *Casa*, percebemos a preocupação em comunicar que todas as atividades ali desenvolvidas têm como foco primeiro a pessoa. O destaque dado à frase do mentor, a definição de que o objetivo da tarefa é auxiliar a atuação de Espíritos e a orientação de que é preciso sintonizar-se a eles indicam-nos que o trabalho voluntário é concebido nesse contexto como uma ação compartilhada entre pessoas encarnadas e desencarnadas, isto é, como uma ação que sempre inclui a dimensão religiosa de relacionamento com “presenças transcendentais”.²⁵ Além desses aspectos, apreendemos o quanto é valorizada a formação dos tarefeiros e o quanto se espera que eles se empenhem para transformarem-se interiormente, comprometam-se com a tarefa em todos os seus aspectos e se disponham para relacionarem-se pessoalmente com aqueles com quem convivem nesse ambiente.

Saindo do departamento de Tarefeiros, na próxima sala encontramos o departamento de Visita a Lares e Hospitais. Os tarefeiros ali presentes têm a função de agendar visitas àqueles que receberam essa indicação no Receituário Espiritual.²⁶ De segunda a sexta-feira, nos períodos da tarde e da noite, e aos sábados, no período da tarde, 77 equipes de duas a quatro pessoas se dirigem a casas e hospitais de toda a região metropolitana de Belo Horizonte, tendo

do espírita, tal como postulado no *Evangelho segundo o Espiritismo*: “reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más” (Kardec, 1864/2004, p. 327).

²⁵ Considerando-se que, na *Casa Espírita*, os Espíritos ou a Espiritualidade são reconhecidos como seres que transcendem o “Plano Físico” e carregam a potência de intervir sobre a realidade, reconhecemos que eles são tomados como presenças, embora não perceptíveis diretamente pela maioria. Daí nossa escolha pelo termo “presenças transcendentais” para designá-los ao longo do texto.

²⁶ O Receituário Espiritual é composto por orientações espirituais dos Espíritos mentores da instituição, também chamadas “receitas”. O Receituário é fornecido por meio da psicografia dos médiuns da *Casa* a partir da solicitação de interessados, que podem ser pessoas que vivenciam algum sofrimento físico, moral ou espiritual, cuja família enfrenta dificuldades, ou simplesmente pessoas interessadas em receber orientações mediúnicas.

como objetivo auxiliar o visitado e sua família por meio da prece, da leitura e comentário de mensagem de cunho evangélico²⁷ e do Passe.²⁸ Com as visitas, espera-se que a pessoa, ao receber ânimo e consolo, possa se equilibrar e fortalecer espiritualmente.

Percebemos no expressivo número de equipes de voluntários atuantes nessa tarefa a importância conferida ao acolhimento aos que sofrem, física ou espiritualmente. A mesma atenção para com os que necessitam e buscam auxílio na *Casa Espírita* pode ser observada se sairmos do departamento de Visita a Lares e Hospitais e nos dirigirmos à próxima sala, onde situa-se o Atendimento Fraternal. Há sempre uma pequena fila de pessoas sentadas em bancos à sua porta, pessoas que desejam conversar sobre a Doutrina Espírita e o funcionamento da *Casa*, ou sobre problemas pessoais em busca de esclarecimento, orientação ou consolo. O Atendimento Fraternal funciona nas noites de domingo a sexta-feira e, além disso, a *Casa Espírita* acolhe as pessoas que buscam auxílio por meio do SOS Preces, tarefa de atendimento a ligações telefônicas na qual voluntários se revezam em plantões das oito horas da manhã às vinte e uma horas e trinta minutos, todos os dias da semana, inclusive feriados. Os tarefeiros do setor nos explicam que sua função é levar mensagens de amor, otimismo e confiança àqueles que ligam buscando amparo, auxílio, uma palavra fraterna que possa soerguê-los moral e espiritualmente no enfrentamento dos mais diversos problemas e dificuldades.

A sala do Atendimento Fraternal é a última do lado direito. O corredor termina em uma porta de vidro que dá acesso ao refeitório. Sobre as mesas, vemos grande quantidade de sacolas com doações que são separadas por uma equipe. Trata-se de uma tarefa sob responsabilidade do departamento de Arrecadação, também conhecido como “Bazar”, nome que remonta à sua origem. Poucos anos após a fundação da *Casa Espírita*, tarefeiros iniciaram a organização de bazares nos quais objetos doados eram vendidos a preços simbólicos como meio de angariar recursos para as atividades assistenciais. Mais tarde, o Bazar tornou-se atividade semanal e, com a complexificação das tarefas a ele relacionadas, também foi organizado como departamento, tornando-se responsável por todo o fluxo de doações, exceto

²⁷ A conjunção entre prece e estudo do Evangelho feitos fora das instituições é chamada genericamente de “pequeno culto”. Trata-se de uma alusão ao “Culto do Evangelho no Lar”, prática estimulada pelo Espiritismo e também pela *Casa Espírita*, que o define como momento semanal em que familiares se reúnem, de forma livre e espontânea, para orar juntos, estudar mensagens evangélicas e buscar aplicá-las na reflexão sobre acontecimentos do cotidiano. Um dos objetivos do Culto é contribuir para a harmonia do lar, criando um ambiente favorável ao estudo, ao entendimento e à prática dos ensinamentos do Cristo.

²⁸ O Passe ou fluidoterapia é uma terapêutica amplamente empregada nos meios espíritas e que encontra fundamentação na Codificação (Cf. Kardec, 1864/2004, p. 440). O Passe é definido pela *Casa Espírita* como transmissão de energias por meio da imposição de mãos feita por médiuns passistas. Tais energias, oriundas do próprio passista, dos Espíritos benfeitores que operam juntamente a ele, ou de fluidos extraídos da natureza por esses Espíritos atuam sobre os centros vitais do doente a fim de reequilibrá-los.

as de gêneros alimentícios, desde o momento em que estas chegam à *Casa* até sua destinação final.

Atualmente, o departamento de Arrecadação funciona em outra unidade da *Casa Espírita*: a Fundação. Entidade filantrópica fundada e mantida pela *Casa Espírita*, a Fundação foi construída entre os anos de 1988 e 1992 no município de Contagem, num terreno doado de aproximadamente 11.320 metros quadrados. Seu objetivo é assistir famílias em situação de risco social por meio da oferta de serviços gratuitos de saúde²⁹ e educação infantil em tempo integral, bem como ensino fundamental e médio para 420 crianças e adolescentes e ensino profissionalizante.³⁰

Ao narrar a trajetória do departamento de Arrecadação e da Fundação, voltamos nosso olhar para o caráter assistencial da *Casa Espírita*. A preocupação em auxiliar também materialmente aos que necessitam remete-nos a uma passagem do Novo Testamento constantemente repetida por dirigentes e tarefeiros da instituição: “mostra-me a tua fé sem obras, e eu te mostrarei, pelas minhas obras, a minha fé” (Tg 2:18).

Se, ao passar pelo balcão na recepção, tivéssemos seguido à direita, teríamos entrado nas dependências do prédio anexo, onde consultórios médicos, odontológicos, farmácia e sala de enfermagem poderiam nos fornecer mais indícios sobre a importância das atividades assistenciais na *Casa Espírita*. Entretanto, é noite e as luzes estão apagadas, sugerindo-nos que é preciso voltar num outro dia para que possamos encontrar o que estamos buscando. Guardando o convite, prosseguimos caminhando pelas dependências do prédio que se apresentam abertas para o público nas noites de domingo a sexta-feira.

Começando a subir as escadas situadas logo atrás da recepção, podemos ler numa placa o agradecimento a todos os que colaboraram para a construção do prédio anexo, doando recursos, tempo ou vibrações positivas, possibilitando assim a ampliação das atividades que reforçam o compromisso da *Casa* com o ser humano. Chegando ao segundo andar, deparamo-nos com um quadro de avisos, no qual vislumbramos mais uma vez como a organização formal alia-se à abertura para compartilhar a totalidade da vida. Ali, informações sobre eventos, palestras e campanhas de arrecadação de doações da *Casa* e de outras instituições espíritas figuram ao lado de pedidos de doação de sangue e convites para a formatura universitária de jovens frequentadores da instituição.

²⁹ A administração do Centro de Saúde construído nas dependências da Fundação foi recentemente transferida para a Prefeitura do município.

³⁰ A oferta de ensino profissionalizante é uma meta ainda não concretizada da Fundação.

Grande parte das pessoas que havíamos encontrado na fila fora da *Casa Espírita* antes das dezenove horas dirige-se para o corredor à esquerda, ainda obedecendo à ordem de chegada. A pequena extensão desse corredor dá acesso ao “salão novo”, uma sala de múltiplo uso com capacidade para 150 pessoas. Nesse momento, a sala é utilizada para a tarefa do Receituário Espiritual. As pessoas da fila, que chegaram cedo por saberem que o número de atendidos é limitado, são recebidas por tarefeiros que anotam seu nome, idade e endereço em uma ficha, na qual mais tarde será psicografada uma receita espiritual. A designação “receita” visa a indicar que, além de uma mensagem de estímulo e conforto, a pessoa poderá receber orientações dos Espíritos sugerindo tratamento com Passes, leitura de livros, participação em tarefas, adoção do Culto do Evangelho no Lar, entre outras.

No modo como se configura o Receituário Espiritual, apreendemos a conjugação entre alguns dos elementos que já destacamos como essenciais na configuração do contexto sociocultural da *Casa Espírita*: a concepção do trabalho realizado como uma ação compartilhada com presenças transcendentais; a disposição para acolher os que buscam auxílio e consolo; a preocupação em atender a quem solicita fornecendo orientações em consonância com aquilo que a Doutrina Espírita indica ser favorável ao crescimento espiritual.

Retornando ao ponto do quadro de avisos, encontramos à direita um salão com capacidade para cerca de 450 pessoas, no qual acontece a principal atividade da *Casa Espírita* nas noites de domingo a sexta-feira: a Reunião Pública. Assim como em todas as demais atividades, há tarefeiros que trabalham na Reunião Pública organizando o salão, ajustando os equipamentos de som e microfones, acrescentando cadeiras quando necessário e anotando pedidos de orações em intercessão de pessoas encarnadas ou desencarnadas. Entramos no salão por sua parte de trás e vemos que à frente das cadeiras para o público se localiza uma grande mesa. Nesta mesa sentam-se: o dirigente que preside a Reunião Pública (um para cada dia da semana), alguns auxiliares e dois a quatro médiuns que irão realizar a psicografia do Receituário Espiritual durante o transcorrer da Reunião. Atrás da mesa, há uma fileira de cadeiras ocupadas por tarefeiros da *Casa* que se mantêm em oração durante toda a Reunião: trata-se da “corrente vibracional” que tem como objetivo sustentar energeticamente os médiuns que psicografam. Do lado direito da mesa, há uma tribuna onde são proferidas duas palestras a cada noite e, do lado esquerdo, observamos o local reservado para a fluidificação da água:³¹ um grande móvel com prateleiras repletas de garrafas identificadas com o nome de quem as deixou ali, em sua maioria pessoas que vieram assistir à Reunião Pública.

³¹ De acordo com a Codificação Espírita, a água é substância especialmente suscetível à influência dos Espíritos que, manipulando seus elementos e aplicando-lhe fluidos, podem conferir à água propriedades curativas (Cf.

Praticamente em todos os dias da semana, a Reunião Pública é entremeada por hinos cantados pelo Coral ou pelo Grupo Musical da *Casa Espírita* ou tocados por tecladistas. A Reunião começa pontualmente às vinte horas. O presidente da mesa indica a pessoa que irá proferir a prece inicial e, em seguida à prece, convida o primeiro orador da noite ou “expositor do primeiro horário” a pronunciar sua palestra, baseada na leitura e comentário de um capítulo psicografado por Chico Xavier.³² Trinta minutos depois, outro momento de oração, conhecido como “prece de irradiação”: no mesmo horário, instituições espíritas de todo o país se unem em oração para enviar vibrações positivas e pedir a intercessão dos Espíritos em benefício de todos aqueles que sofrem. No “segundo horário” é proferida a principal palestra da noite, na qual um expositor convidado discorre sobre um tema escolhido pela *Casa Espírita*. Por fim, em torno das vinte e uma horas e trinta minutos, a Reunião é encerrada com avisos gerais e a prece final que, assim como as demais, é sempre uma oração espontânea.

Logo no início da Reunião Pública, observamos que, após a primeira prece, pessoas sentadas nas primeiras fileiras levantam-se e dirigem-se para duas salas, cujas entradas situam-se do lado direito e do lado esquerdo do local em que se encontra a mesa onde estão o presidente e os médiuns. Depois, em ambos os lados do salão, um tarefeiro percorre as fileiras chamando algumas pessoas que assistem às palestras, as quais se levantam, vão até as referidas salas e pouco tempo depois voltam. Toda essa dinâmica descreve a tarefa do Passe que ocorre durante as Reuniões Públicas. As primeiras pessoas a se dirigirem às salas ou “cabines de Passe” são os médiuns passistas, e os demais são aqueles que receberam a indicação para tratamento com Passes em suas receitas espirituais ou que simplesmente desejam receber o Passe naquele dia.

Finalizada a Reunião, enquanto a grande maioria das pessoas deixa o salão, alguns cumprimentam os expositores agradecendo pelas palestras, outros vão buscar suas garrafas de água fluidificada e aqueles que solicitaram o Receituário Mediúnico são chamados nominalmente para receberem suas receitas. Tarefeiros da Reunião Pública, dirigentes, médiuns e alguns frequentadores aproveitam a ocasião para conversarem entre si, demonstrando grande intimidade e satisfação.

Kardec, 1861/2005b, p. 170-3). O líquido assim transformado é conhecido como “água fluidificada” e pode ser obtido em qualquer situação em que, ao realizar preces ou cultos, um recipiente com água é colocado à frente.

³² São os próprios expositores do primeiro horário que selecionam o tema de suas palestras, seguindo, porém, a indicação dada pela *Casa Espírita* para utilizarem capítulos de livros de Chico Xavier nos quais o Espírito Emmanuel apresenta um pequeno trecho do Evangelho e comenta-o à luz da Doutrina Espírita.

Caminhando pelo salão já quase vazio, podemos ver que na parede do fundo há uma placa na qual, em nome de dirigentes e tarefeiros, se agradece à Espiritualidade pelo carinho, amizade e oportunidade bendita de trabalho em favor dos necessitados. Ao lermos esses dizeres tendo presente o que observamos na Reunião Pública, fica-nos ainda mais evidente aquele que entendemos ser um dos elementos essenciais do contexto sociocultural da *Casa Espírita*: a certeza quanto à existência de um relacionamento pessoal com presenças transcendentais, entendidas como benfeitores que acompanham, auxiliam e abençoam os trabalhadores da *Casa*. No agradecimento à dádiva de poder trabalhar cuidando de quem necessita, evidencia-se também como a instituição, em consonância com a Doutrina Espírita, defende que a ação voluntária de doar-se em benefício do outro é via privilegiada para a evolução de cada pessoa e da humanidade como um todo.

Continuando a conhecer a *Casa Espírita*, se, ao invés de entrar no salão, tivéssemos continuado a subir as escadas, chegaríamos ao terceiro e último andar. À direita, há um corredor com salas em que acontecem reuniões de coordenação e outras atividades doutrinárias, dependendo do dia da semana. À esquerda, vemos outro corredor com várias salas em que crianças, separadas em cinco ciclos de acordo com sua idade, recebem aulas de Evangelização enquanto seus responsáveis assistem à Reunião Pública no salão. Semanalmente, 70 voluntários da tarefa da Evangelização recebem cerca de 400 crianças de 3 a 12 anos³³ com o objetivo de contribuir para sua formação e evolução ao repassarem-lhes os ensinamentos de Cristo à luz da Doutrina Espírita. Os tarefeiros da Evangelização prezam pelo relacionamento acolhedor e afetuoso com as crianças, não sendo raro vê-las recebendo doces e pequenos brinquedos ao fim das aulas.

A dinâmica da tarefa da Evangelização, e também da Reunião Pública, remete-nos novamente àquilo que compreendemos com relação aos cursos oferecidos aos tarefeiros: a formação das pessoas é amplamente valorizada no contexto sociocultural da *Casa Espírita* e por isso a instituição empenha-se para oferecer formação adequada a todos os seus frequentadores, levando em conta a totalidade da sua pessoa, com especial atenção à sua faixa de idade e aos motivos que a levam a estar ali.

Todo esse quadro, que encontramos ao visitar a *Casa Espírita* em qualquer noite de segunda a sexta-feira,³⁴ é radicalmente transformado aos sábados pela manhã. Falar sobre “o

³³ Os adolescentes que completam 12 anos são estimulados a assistir às Reuniões Públicas junto a seus pais e a frequentarem os encontros da Mocidade Espírita da *Casa*, os quais acontecem aos sábados no período da tarde.

³⁴ Aos domingos a maior parte das atividades descritas não acontece, porém há Reuniões Públicas e Evangelização das crianças em horário diferente: das dezenove horas e trinta minutos às vinte e uma horas.

Sábado” é fazer referência ao conjunto de atividades que acontecem na *Casa* somente neste dia, tendo como alvo um público que em geral não frequenta a instituição durante a semana.

Retornamos, então, à *Casa Espírita* em uma manhã de sábado. Por volta das oito horas já é possível ver uma grande fila de pessoas aguardando a abertura dos portões: são os chamados “assistidos materiais”³⁵ ou simplesmente “assistidos”, moradores de rua ou de vilas, favelas e bairros próximos que vão à *Casa* prioritariamente em busca de algum tipo de assistência social. A cada semana, cerca de 300 assistidos são atendidos.

As atividades do dia começam com o cadastro dos que vêm à *Casa Espírita* pela primeira vez. Todos os assistidos possuem uma carteira com número de identificação, pré-requisito para solicitar qualquer tipo de atendimento na *Casa*. Em seus registros, constam mais de 10.700 cadastrados, pois a cada semana há em média 20 novos cadastros. A alta rotatividade observada é interpretada como positiva, pois a meta é que as pessoas progressivamente não dependam mais desse tipo de auxílio.

Após informarem seu nome na portaria, os assistidos que desejarem vão ao refeitório, aquele mesmo em que vimos doações serem separadas numa noite, antes e durante a Reunião Pública. Às oito horas e trinta minutos o café da manhã começa a ser servido acompanhado por pão com manteiga, leite e achocolatado. Após a refeição, todas as crianças presentes são conduzidas ao terceiro andar para participarem da Evangelização. Os adultos, por sua vez, direcionam-se: ou para o salão no segundo andar; ou para as salas atrás das cabines de Passe onde aqueles que se interessam têm aulas de Alfabetização para Adultos; ou para uma sala do terceiro andar onde acontece o Curso para Gestantes, composto por oito palestras sobre os aspectos espirituais da maternidade e sobre a saúde da mulher e do recém-nascido.³⁶

Todos os assistidos que se encaminham para o salão podem solicitar atendimento médico ou odontológico,³⁷ assistência jurídica,³⁸ banho adulto ou infantil, corte de cabelo e barba: para tanto, basta sentar-se nas cadeiras identificadas com o nome da tarefa. Como forma de cuidar ainda mais da organização, são distribuídas senhas para que os assistidos

³⁵ A designação “assistido” refere-se a qualquer pessoa que recebe auxílio. Uma vez que os tarefeiros da *Casa Espírita* consideram-se auxiliados espiritualmente por Espíritos, eles também se denominam como “assistidos espirituais”. Daí a necessidade de diferenciar aqueles que, além do auxílio espiritual, também recebem assistência social como “assistidos materiais”.

³⁶ O Curso para Gestantes é aberto a todos os frequentadores da *Casa Espírita* e, ao final, as gestantes que compareceram aos oito encontros e são cadastradas no departamento de Assistência Social recebem um enxoval básico para o bebê.

³⁷ Há atendimento médico na *Casa Espírita* também em alguns dias da semana à noite. O atendimento odontológico, por sua vez, é oferecido aos sábados para pessoas com quadros urgentes, enquanto o tratamento dentário acontece somente durante a semana.

possam ser atendidos em ordem de chegada. A partir das dez horas, um dos expositores da *Casa* profere palestra sobre temas do Evangelho e da Doutrina Espírita, palestra que é acompanhada por música e, assim como nas Reuniões Públicas, é iniciada e finalizada por uma prece espontânea.

Além das modalidades de atendimento já citadas, os assistidos podem solicitar também o recebimento de remédios (mediante apresentação de receita médica) e de cesta básica, roupas,³⁹ material escolar, móveis e eletrodomésticos. Essas doações vinculam-se à disponibilidade do que foi solicitado e à realização da “Sindicância”, isto é, de uma entrevista inicial e posterior visita à residência do assistido. No empenho demonstrado em mapear tudo o que cada assistido recebe, em sistematizar a tarefa da Sindicância e em zelar pelo destino de todas as doações que passam pela instituição, apreendemos como os tarefeiros desse setor se dedicam a colocar em prática as orientações da *Casa Espírita* com relação à disciplina e à seriedade no trabalho.

Há poucos meses, em agosto de 2009, foi instituída uma nova tarefa no sábado: trata-se da Evangelização de Mães, momento em que as mulheres cujos filhos participam da Evangelização ou do Banho Infantil são convidadas para um encontro especialmente voltado para a troca de experiências. O objetivo desta tarefa é tanto oferecer às mães ensinamentos evangélico-doutrinários relativos à família e criação dos filhos quanto, principalmente, constituir um espaço de diálogo em que essas mulheres tenham oportunidade de conversar sobre as dificuldades e situações de violência que vivenciam. Inicialmente restrita às mães, essa tarefa tem como meta ampliar seu público, favorecendo assim a ampliação da convivência entre os tarefeiros da *Casa Espírita* e todas as pessoas por ela atendidas.

Em tantos modos de ofertar auxílio a quem necessita – seja por meio do alimento, da educação, da assistência à saúde, da doação de recursos materiais e da abertura de espaços para a troca de experiências – vislumbramos novos indícios que fortalecem nosso entendimento de como o contexto sociocultural dessa instituição é marcado pela valorização da acolhida e do amparo à pessoa em sua totalidade. Mais uma vez, recordamos a frase,

³⁸ Oferecida por duas advogadas que representam a *Casa Espírita* juridicamente, a Assistência Jurídica restringe-se a causas vinculadas ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). São quatro a cinco casos por mês, em sua maioria relativos a aposentadoria e pensões.

³⁹ Todos os assistidos, adultos e crianças, que tomam banho na *Casa Espírita* recebem doação de roupas quinzenalmente. As roupas provêm de doações feitas à instituição e também são produzidas na tarefa de Corte e Costura. Nesta tarefa são confeccionadas ainda bolsas, cintos, colchas de fuxico, colares, entre outros, os quais têm como destino, além da doação a assistidos, a venda no Bazar que acontece na Fundação, a composição dos enxovais doados às futuras mães no Curso para Gestantes, bem como o atendimento a solicitações de outros setores da *Casa* e da Fundação.

também estampada no salão de Reuniões Públicas: “O compromisso da *Casa Espírita* é com o ser humano.”

Conversando com o coordenador do departamento da Assistência Social, tal compreensão se amplia na medida em que ele é enfático ao afirmar que a finalidade maior do Sábado não é dar auxílio material, e sim ofertar ensinamentos evangélico-doutrinários aos assistidos. Favorecer a formação e o desenvolvimento espiritual de todos é por ele apontado como o principal objetivo da *Casa Espírita* que é, antes de tudo, uma instituição religiosa. Na preocupação expressa por esse coordenador, colhemos mais indícios de como, no contexto dessa instituição, busca-se explicitar que todas as suas atividades ou tarefas abarcam e privilegiam a dimensão religiosa.

Outro elemento a nós evidenciado pelo coordenador da Assistência Social é a valorização do rigor na execução das tarefas. Ele nos conta que uma de suas preocupações, ao receber os novos tarefeiros do Sábado, é explicar a todos que cada procedimento adotado tem uma razão de ser, pois as atividades da Assistência Social e de toda a *Casa* são sistematizadas a partir do que a experiência mostra ser mais eficiente e adequado para atender às necessidades das pessoas. Assim, todos os tarefeiros podem contribuir com sugestões, que devem ser repassadas aos seus respectivos coordenadores, pois é justamente pela via da experiência de quem realiza a tarefa que ela pode ser aprimorada. Em tal comunicação sobre como as tarefas vão sendo sistematizadas, colhemos uma importante indicação de como, no contexto da *Casa Espírita*, busca-se justificar as razões da disciplina e do rigor ao mesmo tempo em que se valoriza a abertura a mudanças que possam contribuir para o aperfeiçoamento das atividades.

Encerrada a Evangelização das Crianças e a palestra para os adultos, os assistidos começam a retornar ao refeitório para o almoço. É dada prioridade a crianças e suas mães. Em todos os sábados do ano, a partir das onze horas é servida sopa com legumes, soja e macarrão e, como sobremesa, salada de frutas. Para os tarefeiros da Sopa e da Salada, não basta que a comida preparada seja nutritiva: ela precisa ser também gostosa. E, de fato, a refeição é constantemente elogiada por quem a saboreia e por isso espera ansiosamente pelo momento de “tomar a sopa e a salada”. Para incrementar as comemorações de datas especiais (natal, ano novo, dia das mães), há um almoço diferenciado, seguindo o estilo das ceias de final de ano.

Assim como o café da manhã, as tarefas da Sopa e da Salada de Frutas fazem parte do setor de Nutrição do departamento da Assistência Social. A preparação da sopa começa no dia anterior, com a Pré-sopa, quando todo o alimento que será utilizado é higienizado e cortado, bem como são cozidos os ingredientes que necessitam desse tipo de preparo. Já na manhã de

sábado, tudo é misturado e cozido em panelas muito grandes, chamadas pelos tarefeiros de “panelões”. A salada de frutas, por sua vez, é toda preparada no sábado: frutas são compradas e, junto àquelas que foram doadas, são lavadas, picadas e misturadas a um suco preparado com algumas frutas e leite condensado.

Os tarefeiros do setor de Nutrição se distinguem por suas vestimentas: todos usam avental, touca, luvas e bocal. A prevenção de contaminações é manifesta também no trabalho de duas nutricionistas voluntárias que dão cursos de higiene para os tarefeiros, orientam a preparação dos alimentos e recolhem, todo sábado, amostras da sopa e da salada para análise. Nesse cuidado revelado em detalhes mínimos apreendemos a disposição desses tarefeiros por seguir as indicações da *Casa Espírita*, que preza por ter seu trabalho assistencial reconhecido oficialmente graças à observação rigorosa das regras prescritas pelos órgãos que fiscalizam entidades filantrópicas.

Voltando ao refeitório, vemos que os tarefeiros do Sábado também tomam sopa e salada de frutas, mas em geral permanecem de pé, pois, como em tudo o que acontece no Sábado, a prioridade nas mesas é dada aos assistidos. Observando a alegria e o entrosamento dos tarefeiros enquanto almoçam, percebemos que há um grupo que se destaca. Alguns vestem camisas diferenciadas e todos estão chegando agora à *Casa Espírita*, pois a sua tarefa é desenvolvida fora da instituição.

Esses são os tarefeiros da Campanha do Quilo, que todos os sábados saem às oito horas da manhã⁴⁰ em equipes de quatro pessoas dirigindo-se a diversos bairros da região metropolitana para pedirem doações de casa em casa. Eles permanecem preferencialmente em duplas e, ao receberem as doações, sempre entregam um folheto com uma pequena mensagem de conteúdo cristão. Retornando à *Casa*, o que foi recolhido é entregue na Despensa, local em que tudo é pesado e separado. As doações que não são do gênero alimentício ou material de limpeza são encaminhadas na segunda-feira para o departamento de Arrecadação que, como dito, situa-se na Fundação. Os alimentos e materiais de limpeza, por seu turno, são registrados e estocados na própria Despensa, sendo posteriormente encaminhados para reabastecer tarefas e setores que deles necessitam e para compor cestas básicas distribuídas aos assistidos cadastrados.⁴¹ Caso haja excedente, tudo é repassado a outras 15 instituições filantrópicas, as quais são cadastradas na *Casa Espírita* e avaliadas anualmente pela Sindicância.

⁴⁰ A tarefa da Campanha do Quilo acontece também em todas as tardes de sábado e manhãs de domingo. Ao total, são 18 equipes que a cada semana percorrem 2 bairros cada uma, perfazendo 108 bairros a cada 2 meses.

⁴¹ A cada semana, são distribuídas cerca de 20 cestas básicas para os assistidos da *Casa*.

Próximo à Despensa, em bacias, pias e tanques há um cuidadoso processo de lavagem de todo o material utilizado nas tarefas da Sopa e da Salada, processo que se inicia antes mesmo do almoço ser servido e só termina depois que todos os assistidos já foram embora. Após a “lavação”, panelas, pratos, talheres e vasilhas são secos, embalados e guardados, e a última equipe de tarefeiros a finalizar as atividades encerra o Sábado do mesmo modo como todas as tarefas da *Casa Espírita* começam e terminam: com uma prece. Despedindo-se, todos os tarefeiros se abraçam e desejam “boa semana”.

Findo o Sábado, compreendemos que, mesmo não tendo sido possível descrever todas as tarefas da *Casa Espírita*,⁴² tivemos a oportunidade de colher muitos indícios sobre como se configura o contexto sociocultural dessa instituição.

Dentre esses indícios, destacamos em primeiro lugar a associação entre o caráter religioso e assistencial: na *Casa Espírita* as atividades que usualmente seriam tomadas como unicamente religiosas são apresentadas como tarefas, destacando-se assim que os envolvidos estão ou trabalhando ou sendo assistidos de algum modo. As atividades que, por outro lado, tenderíamos a descrever como meramente assistenciais são concebidas como ocasião de colaboração entre pessoas encarnadas e presenças transcendentais, num processo que tem como objetivo principal favorecer o crescimento espiritual de todos. Compreendemos que essa conjugação entre fé e obras, constantemente expressa nas alusões à mensagem contida na Carta de Tiago, sustenta-se numa concepção de que, ao agir para transformar o mundo, o agente transforma também a si mesmo, favorecendo a progressão de ambos rumo a suas metas de perfeição.

Na explicitação do crescimento espiritual como objetivo de todas as tarefas realizadas, entrevemos a ligação com outro fator que vislumbramos como essencial em tudo o que é proposto na *Casa Espírita*. Trata-se do compromisso com o ser humano, formulado explicitamente pelo mentor da *Casa* e expresso na prática cotidiana dos tarefeiros, seja ao empenharem-se para acolher e amparar todos que chegam, especialmente os que procuram auxílio material ou espiritual; seja ao buscarem relacionar-se pessoalmente com aqueles que são atendidos; seja ao tentarem compreender a totalidade das necessidades das pessoas, de modo a poder ajudá-las da melhor forma.

Para dar juízos sobre o que é melhor em cada situação, o crivo de orientação proposto pela *Casa Espírita* é sempre o Evangelho de Jesus tomado a partir da Doutrina Espírita. E se no Espiritismo a meta de toda obra da criação é a perfeição, colhemos como mais um

⁴² A título de exemplo, citamos os Ciclos de Estudos e Educação Mediúnica, bem como a Reunião do Terceiro Domingo, na qual médiuns da *Casa* transmitem mensagens dos mentores por psicofonia.

elemento estruturante do contexto sociocultural dessa instituição o incentivo dado a todos para que se desenvolvam moral e intelectualmente. Esse incentivo, dirigido com especial ênfase aos tarefeiros da *Casa*, traduz-se no estímulo à prática da caridade, ao empenho pessoal para a reforma íntima e à disponibilidade para constituir laços fraternos com todos com quem se convive. Traduz-se também na exortação ao estudo das obras básicas da Codificação e à participação nos vários eventos de formação que os próprios responsáveis da *Casa Espírita* elaboram com vistas justamente a oferecer instrução adequada a cada tipo de público.

Outro elemento deste contexto sociocultural que nos salta aos olhos é a valorização da organização das atividades. No contato que pudemos ter com as mais variadas tarefas da *Casa Espírita*, colhemos na importância dada à capacitação, ao compromisso e à disciplina a tentativa de sistematizar o trabalho ali desenvolvido. Se a preparação e execução das atividades exigem rigor, a justificativa apresentada é a de que a ordem estabelecida nasceu a partir do que a experiência demonstrou ser mais efetivo. Assim, as orientações dadas por instâncias superiores, religiosas ou jurídicas, bem como as ações e os posicionamentos que se mostraram adequados vão se cristalizando como propostas para todos.

Nesse processo de organização formal, a abertura para mudanças e para compartilhar a totalidade da vida não é excluída, pois, como já ficou dito, no lema da *Casa Espírita* o compromisso tem como centro a pessoa. E isso é patente também naquela última cena que narramos, quando os tarefeiros se despedem ao fim do Sábado. A realização da prece é, a um só tempo, uma determinação formal da *Casa*, um momento em que se busca explicitar e ampliar a conexão com presenças transcendentais que também atuam na tarefa, e uma ocasião para fortalecer as amizades constituídas com os companheiros.

2. *Olívia: Nós fazemos parte, Ele deixa a gente fazer parte dessa maravilha*

Manhã de sábado. O café da manhã é servido aos assistidos da Casa no refeitório. Alguns tarefeiros organizam-se para distribuir o café, o leite achocolatado, o pão com manteiga. Continuando em frente, saímos do refeitório e adentramos um novo ambiente: cerca de vinte tarefeiros vestidos com jaleco branco, touca, bocal e luvas debruçam-se sob vasilhas picando frutas. São várias: mamão, abacaxi, maçã, banana, manga, laranja. Ao lado, outros tarefeiros preparam uma espécie de suco que será misturado às frutas picadas num grande recipiente, com capacidade para mais de cem litros. Terminada esta primeira etapa, enquanto alguns cuidam da limpeza das vasilhas utilizadas, outros distribuem a mistura em pequenos potes. Está pronta a salada de frutas. Mais tarde, a partir das onze horas, ela será servida aos assistidos como sobremesa da sopa.

Acompanhando todo o processo, destaca-se a figura de Olívia, 54 anos, contadora aposentada e coordenadora desta tarefa. Ela não somente segue de perto a preparação da salada de frutas, verificando a quantidade precisa de cada ingrediente e o modo de distribuí-la nos potes, como recebe de braços abertos todos os tarefeiros que vão chegando, verifica quem está presente e quais são suas atividades, orienta a redistribuição de funções, solicita que todos acelerem a tarefa caso seja necessário. O modo como Olívia realiza essas atividades chama nossa atenção: são marcantes sua alegria que contagia e dita o tom de como os tarefeiros realizam a tarefa, sua afeição autêntica com cada pessoa que encontra e o gosto de cuidar de cada detalhe para que a tarefa aconteça da melhor forma.

Para tantas pessoas que encontramos na Casa, Olívia é a grande referência da tarefa da Salada de Frutas, não somente por ser coordenadora, mas principalmente por seu empenho em dar continuidade à tarefa e em defender a Salada nos mais variados contextos. Acompanhemos como ela elabora a sua experiência de trabalhar ali.

Ao ser indagada sobre este trabalho que realiza no Sábado, Olívia faz questão de destacar que ela tem “*outras tarefas que não sejam só a de Sábado*”, e continua:

São outras tarefas, mas a mais empolgante para mim é a tarefa de Sábado. Não que as outras não sejam gostosas de fazer, senão eu não estava nelas. Eu sempre falo: “tarefa é aquilo que a gente gosta! Se não você não faz com amor, aí não adianta”.

Apesar de destacar, de partida, que trabalha em outras tarefas, Olívia afirma categoricamente que *a mais empolgante* é realmente aquela vinculada à preparação e distribuição da salada de frutas. O que não significa que as demais tarefas não lhe despertem

gosto, pois senão, para Olívia, não haveria sentido em participar delas. Não há sentido porque a tarefa é, por definição, *aquilo que a gente gosta*. Nesse sentido, evidencia-se um critério importante que Olívia elege para descrever sua ação voluntária: é o gosto pela tarefa. E, para ela, trata-se de um critério tão central que, se não há gosto, não há *amor*, e se não há *amor*, não *adianta*.

Mas por que a tarefa do Sábado é *a mais empolgante*? Por que as outras tarefas também são *gostasas*, fazendo-a permanecer nelas? Por que a definição de tarefa precisa incluir a dimensão do gosto? Por que, se não fizer com *amor*, de nada *adianta*? Vejamos como Olívia enfrenta cada uma dessas questões.

Talvez, o carinho especial pela Salada, é porque foi criada por mim e por outro tarefeiro, o Roberto.

Talvez, o meu xodó é maior com a Salada porque a gente viu nascer.

O *carinho especial* que Olívia tem pela Salada passa pelo fato de que foi ela, em conjunto com outro tarefeiro da Casa, o Roberto, que criou esta tarefa, eles a viram nascer. Ficamos intrigados, pois habitualmente o ato de criar uma coisa – que traz o foco para a pessoa que criou – é diferente do ato de ver um nascimento – que traz o foco para o reconhecimento de um dado. Como é possível que, para Olívia, o fato de ter criado esta tarefa coincida com o fato de vê-la nascer?

Nós dois é que criamos e enfrentamos todos os percalços. E tivemos muitos, para ver se a gente era persistente. Foi legal. Uma senhora convidada desse Roberto, que era tarefeiro do Sábado, veio aqui, ajudou, e no sábado seguinte voltou. Ela mora em Brasília, mas estava passando férias aqui em Belo Horizonte. E trouxe uma porção de frutas. Eu falei: “uai?”. Ela falou: “não, é porque lá em Brasília, na Casa Espírita que eu freqüento, a gente dá frutas de sobremesa”. Logicamente, aqui a gente recebe muito mais gente. A Casa dela lá é pequena, tanto que as frutas que ela deu, dava para a gente dar um pouquinho para cada criança. Aí demos e achamos aquilo tão bonito, os meninos acharam aquilo uma novidade, né? E nós achamos aquele gesto lindo. No outro sábado ela já não voltou mais. Aí o Roberto falou comigo: “ô, Olívia, vamos fazer esse negócio.”

Para criar a tarefa, Olívia e Roberto enfrentaram muitos *percalços*, que solicitaram de ambos persistência para superá-los. Ao se propor a retomar a trajetória desta criação, Olívia percebe o quanto *foi legal* e, a partir desse juízo, adentra no acontecimento que provocou a iniciativa de *fazer esse negócio*. Foi uma iniciativa que nasceu a partir do gesto de outra pessoa, de outra cidade, de outra Casa Espírita, de levar *uma porção de frutas* para a tarefa do Sábado. O gesto seguinte de distribuir tais frutas para as crianças que lá estavam, mesmo sendo *um pouquinho para cada criança*, provocou um maravilhamento, *tão bonito*, em quem

distribuiu e despertou *uma novidade* em quem recebeu que, dali, a iniciativa nasceu: *vamos fazer esse negócio*. Ao mesmo tempo em que Roberto e Olívia criaram, formulando a idéia de distribuir frutas para os assistidos, eles viram nascer porque aceitaram maravilhados a provocação de um gesto – proposto por um outro – capaz de despertar a percepção da beleza em quem faz e trazer novidade para quem recebe.

Ao destacar em seu relato que enfrentou muitos *percalços* na constituição da Salada e que se empenhou pessoalmente para superá-los, compreendemos que Olívia está nos comunicando como essa tarefa é um valor para ela. E tanto é assim que, a seguir, ela retoma vários destes percalços enfrentados ao longo do caminho:

Lógico que a Casa teve um certo receio, porque é uma coisa nova, uma coisa que não se sabia. Principalmente porque a Casa vive de doação e, quando a Casa abraça um compromisso, ela tem (ênfase) que abraçar esse compromisso. Ela tem que, de qualquer forma, fornecer o café da manhã, a sopa, a cesta básica... são compromissos que ela já assumiu. E a Salada veio como mais uma coisa que é desgaste financeiro. E eu e Roberto resolvemos assumir do nosso bolso (ênfase). [No início] a gente só fornecia [para] crianças. Só que nem eu nem ele tínhamos condições financeiras de assumir (ênfase) o número de crianças que tem. Então a gente saiu pedindo nos sacolões. E a gente ganhava...

Ante a iniciativa de criação da tarefa da Salada de Frutas, é lógico para Olívia que a Casa apresentasse *um certo receio*, não só porque se tratava de uma tarefa *nova, que não se sabia*, mas principalmente porque traria mais um *desgaste financeiro*. Se é um princípio da Casa garantir a continuidade de cada *compromisso* abraçado, é compreensível concluir que seria difícil assumir mais um, pois ela *vive de doação*. Mas reconhecer que as limitações colocadas pelo contexto são justas não aplacou o ímpeto por concretizar o que se vislumbrou como beleza e novidade: sem o apoio da Casa, Olívia e Roberto decidem assumir a tarefa com o dinheiro retirado do próprio *bolso*. E mesmo ao tomarem para si a responsabilidade, Olívia relata que eles não tinham *condições financeiras* para darem conta do *número de crianças* que a Casa atende. Era preciso então dar um passo a mais: se nem a Casa nem eles mesmos tinham condições de sustentar a tarefa, a saída foi tentar ganhar os alimentos necessários para a realização da tarefa *pedindo nos sacolões*.

E, para Olívia, a experiência de pedir *nos sacolões* tinha como resultado mais do que conseguir os alimentos:

Eu aprendi muito (ênfase) com isso. E o Roberto tinha uma cabeça incrível. Eu me lembro que a gente ia ao sacolão... Sabe aqueles restos que ficam assim, que eles vão jogando [quando estão] podres? Verdura com fruta, com legume, com tudo. E nós fomos pedir e o cara [responsável pelo sacolão]

falou assim: “leva esse aí, ó.” Eu já ia falar: “não”, e o Roberto: “Jesus te abençoe.” E eu: “levar aquilo, cheio de lixo?” E o Roberto falou: “Olívia, ele já começou a ajudar, ele já está desprendendo.” Eu falei: “Mas isso é lixo!” Ele falou: “Lixo para ele não é o que é lixo para nós. Para ele nós vamos aproveitar alguma coisa, mas lógico que nós vamos jogar tudo no lixo.” Chegamos aqui, jogamos no lixo e eu na minha revolta: “que absurdo uma pessoa fazer isso.” Ele: “ó, todo sábado nós vamos lá.” E no sábado seguinte: [o homem disse] “só tem essa coisa...”. Mas, com alguns sábados, ele já começou a tirar da banca, já não deu mais do lixo. “Até tem umas bananas que eu deixei lá dentro”, podres, mas já não pegava do lixo. E o Roberto: “calma, porque a tarefa, Olívia, é essa. Não é minha, nem sua, nem de fulano, é da humanidade. Então, a gente não pode tirar a oportunidade desse moço de aprender a doar. Ele vai aprender a doar.” E, nisso aí, foi até o cara dar caixa fechada, para resumir a história, dava caixa fechada de frutas.

Empenhando-se para sustentar uma nova tarefa, Olívia não ganhou somente alimentos, ganhou uma grande lição de vida no relacionamento com Roberto. Em sua experiência de pedir *nos sacolões*, Olívia a princípio preocupava-se com o resultado concreto, com as doações, e por isso se revoltava e negava-se a aceitar a atitude de um homem que oferecia alimentos podres: “*levar aquilo, cheio de lixo?*”. Roberto, por outro lado, estava atento à disponibilidade inicial daquela pessoa em *ajudar*, em estar se *desprendendo*. Por isso ele era capaz de acolher tanto o alimento recebido – mesmo sendo inutilizável, indo *tudo para o lixo* – quanto o movimento de ajuda expresso naquele gesto de oferecer: “*Jesus te abençoe*”. Enquanto Olívia se pautava na reação de *absurdo* por *uma pessoa fazer isso*, Roberto, com paciência, tomava posição ao insistir em pedir para a mesma pessoa, no intuito de *não tirar a oportunidade desse moço*, pois, a partir daquele indício colhido, Roberto afirmava que aquela pessoa ainda iria *aprender a doar*. E foi essa insistência no movimento de *doar* já presente na experiência daquela pessoa que possibilitou que esta dinâmica se desenvolvesse e crescesse no seu ritmo. Se no início eram alimentos *podres* do *lixo*, depois estes, mesmo sendo *podres*, não estavam mais no *lixo*, até chegar ao ponto do *cara dar caixa fechada de frutas*. Nesse sentido, Olívia pôde aprender que a tarefa de pedir no *sacolão* estava para além do resultado material pretendido: conseguir as frutas. A ação voluntária se refere à disponibilidade para se relacionar oferecendo e aproveitando oportunidades de aprendizado. Tanto quem pede quanto quem recebe o pedido precisam aprender a doar e a doar-se. A tarefa, portanto, é de todos: *a tarefa, Olívia, é essa: é da humanidade*.

O relacionamento com Roberto implicava um convite a considerar a tarefa sob um novo ângulo. Enquanto ela se dedicava à tarefa preocupada com seus resultados imediatos, ele insistia em acentuar os horizontes mais amplos de aprendizado humano. E como Olívia respondeu a tais provocações para modificar o seu olhar?

Então o Roberto me ensinou muita coisa assim, sabe? Eu sou muito estabanada e ele trabalhava por esse lado aí. Então começou assim: na coragem (ênfase). E pedindo, pedindo mesmo. Davam para gente dez centavos, outro dava cinco centavos, alguém dava um real. E eu e Roberto ficávamos felizes e juntávamos: “quanto você tem?”. “Eu tenho tanto.”

O modo como Roberto se posicionava na tarefa é tão marcante para Olívia que ela insiste em dizer o quanto ele lhe *ensinou*, pois enquanto *ele trabalhava por esse lado aí*, ela se considera *muito estabanada*. Independente do quanto de alimento arrecadado ou do quanto de *dinheiro* juntado, ambos ficavam *felizes*, porque agora a questão para Olívia estava colocada em outros termos. Os ensinamentos de Roberto se tornaram referência para Olívia, permitindo a ela focar o olhar no que é realmente importante na experiência de realizar a tarefa. Desse modo, compreendemos que o ponto fundamental não era mais ficar na reação de *absurdo*, negando o que não é aproveitável. Era fundamental retomar a *coragem* que os fizera começar, insistindo na ação voluntária de pedir e podendo, assim, construir um relacionamento em que ambos se realizam com o pouco alcançado.

Superado este percalço, eis que outro aparece:

E aí o Roberto ficou desempregado. Falei: “agora está danado.” (...) Porque a Casa deixou bem claro que não podia mesmo colaborar com a gente porque não tinha condições [devido a] outros compromissos já assumidos.

Mas Jesus faz tudo bonitinho. Ele viu que estávamos interessados mesmo e aí trouxe um tarefeiro que entrou na Casa, achou bonitinho e começou... (...) Com a entrada dele, a gente pôde fornecer para os nossos assistidos adultos. As crianças podiam tomar mais [potes de salada de frutas], os adultos só podiam tomar um, mas tarefeiro, nunca.

Olívia, deparando-se com o desemprego de Roberto, vivencia o choque por acreditar que não seria mais possível dar continuidade à tarefa da Salada de Frutas: nem eles tinham condições de mantê-la, nem a Casa tinha condições *de colaborar* devido a *outros compromissos já assumidos*. Mas eis que um tarefeiro entra na Casa, sente-se tocado pela tarefa e começa a contribuir, possibilitando o aumento do número de potes de salada fornecidos e do público atendido. Olívia toma este acontecimento não como mero acaso ou golpe de sorte, mas como uma intervenção de ordem superior, pois *Jesus faz tudo bonitinho*. Para ela, Jesus, ao perceber que eles estavam *interessados mesmo*, intervém encaminhando uma pessoa e possibilitando, por meio da ajuda desta, tanto a continuidade da tarefa quanto a sua ampliação.

Já nesse trecho Olívia comunica-nos um fator que irá se revelar crucial no modo como ela retoma e elabora seu percurso de voluntariado: o relacionamento com presenças detentoras

de uma potência capaz de modificar o curso dos acontecimentos. Nesse sentido, entrevemos que, para compreender sua experiência ao realizar a tarefa, não podemos desconsiderar a dimensão religiosa. Para melhor compreender essa relação entre o trabalho voluntário e a religiosidade, vejamos o que Olívia afirma diante do reconhecimento da evidência da intervenção de Jesus:

“Meu Deus, nós temos que assumir mesmo, nós não podemos parar a tarefa.” Com isso as portas foram se abrindo porque a gente persistiu na tarefa, a gente não desistiu, nem eu, nem Roberto e nem quem estava entrando.

Surpresa, Olívia se dá conta do dever que eles têm de *assumir mesmo*, de não *parar a tarefa*. A intervenção de um outro na concretização da tarefa não é tomada como interferência desestabilizadora, mas como sinal que a mobiliza a reafirmar o caráter de dever do compromisso assumido e reforça o desejo de não desistir. E, nesse movimento de cada um *persistir na tarefa, as portas foram se abrindo*, e novas pessoas foram entrando:

Depois entrou Mariana que começou a colaborar e foi dando idéia: “vamos abrir esse leque?”. A gente foi abrindo esse leque de pessoas e até hoje a Casa não contribui. Até hoje somos nós. A Casa não contribui com dinheiro; contribui dando o açúcar e o material de limpeza, mas o resto ali é a gente que compra: todas as vasilhas, leite condensado, creme de leite, suco, tudo é nosso. Então a Casa fica muito feliz com nosso trabalho, mas nós assumimos até hoje.

Dentre as pessoas que entraram, Olívia destaca Mariana, que, além de auxiliar trabalhando na tarefa e doando dinheiro, colabora com a idéia de *abrir esse leque de pessoas*, possibilitando que a tarefa se sustente mesmo sem a contribuição financeira da Casa. Repercorrendo essa trajetória cheia de percalços, aprendizados, intervenções e colaborações é que compreendemos efetivamente o valor da tarefa para Olívia, que faz questão de afirmar: *até hoje somos nós*. É verdade que a Casa *contribui dando o açúcar e o material de limpeza*, e que *fica muito feliz com o trabalho*, mas para Olívia são as pessoas que estão colaborando com o próprio dinheiro que efetivamente assumem financeiramente a tarefa *até hoje*. Nesse sentido, Olívia nos comunica que um dos pontos de sustentação da ação voluntária é o próprio agente, que se empenha pessoalmente na concretização desse gesto no mundo. E esse empenho pessoal possibilita uma experiência comunitária, o reconhecimento de um *nós*.

No entanto, o empenho das pessoas e a constituição de uma experiência de comunidade na realização da tarefa não eliminam o aparecimento de novos percalços:

Acontece. Igual outro dia: um dos colaboradores saiu... porque muitas vezes tem gente que nem é da Salada e colabora porque já foi da Salada. Sai da tarefa, mas continua contribuindo. Um dos tarefeiros que contribuía parou. Falou comigo que não tinha mais condições de ajudar. E aí ficou muito entre eu, Mariana e Afrânio, e eu falei com a Mariana: “Mariana, nós perdemos...”. Qualquer dinheiro para nós faz falta. Aí no mesmo dia em que eu estava falando com a Mariana chegou uma tarefeira e falou: “ô, Olívia, eu queria colaborar, mas eu só posso dez por mês.” Então já não é vinte que eu preciso, é dez, né? Que nós (ênfase) precisamos. Falei: “mas lógico, é muito bem-vindo.” Aí chegou outro: “Olívia, posso colaborar com dez reais?” Inteirou os vinte! (risos) Eu fico feliz porque é a resposta da Espiritualidade, a resposta de Jesus para nós, certo? Porque se não fosse uma tarefa que fosse feita com amor, já tinha acabado, não ia durar tanto tempo. Quando eles dão essa resposta rápida, tipo assim: “é isso mesmo, eu estou no caminho.” Então, você faz parte desse negócio todo sabendo que está no caminho. Eu estou dando o meu melhor e a Espiritualidade está aí, concordando com a gente.

Justamente porque são as pessoas que assumem financeiramente a tarefa da Salada, colaborando com o próprio dinheiro de maneira livre, há o risco de alguém deixar de contribuir, e isso *acontece*. Quando *um dos colaboradores saiu* porque *não tinha mais condições de ajudar*, sustentar financeiramente a tarefa ficou mais difícil, uma vez que *qualquer dinheiro faz falta*. Mas, novamente, algo inesperado acontece: uma tarefeira quis *contribuir*, outro tarefeiro pediu para *colaborar*, e eis que *inteirou os vinte* reais necessários para continuar sustentando a tarefa. Ao se dar conta do caráter providencial deste acontecimento, isto é, quando reconhece que ele se dá segundo um desígnio que lhe é favorável, Olívia *fica feliz*, se realiza identificando neste fato presenças de ordem superior, *porque é a resposta da Espiritualidade, a resposta de Jesus para nós*. Para Olívia, a rapidez com que esta resposta é dada indica que ela *está no caminho*, e o fato dela dar *o seu melhor* neste caminhar mostra que esta presença da Espiritualidade está *concordando* com ela.

Para Olívia, é a percepção de que a Espiritualidade e Jesus estão facilitando e concordando com o caminho percorrido que direciona a ação voluntária por ela desenvolvida. Embora distintos, esses dois níveis de vivência se entrecruzam: é por trabalhar, isto é, por realizar a tarefa que Olívia pode perceber a intervenção divina providencial e, reconhecendo essa experiência religiosa como realizadora de si, ela a toma como resposta que sustenta e orienta o modo de agir voluntariamente.

Nesse trecho, Olívia também retoma a idéia, elaborando-a, de que *se não fosse uma tarefa que fosse feita com amor, já tinha acabado, não ia durar tanto tempo*, respondendo assim diretamente ao questionamento por nós proposto no início deste depoimento. Então, vamos à resposta: “por que se não fizer com *amor* de nada adianta?” Até o presente momento, compreendemos que, para Olívia, fazer com amor é fazer: com interesse, com disposição para

aprender, com outras pessoas, com gosto, com persistência, com colaboração de quem se dispõe a ajudar, enfrentando os percalços, trabalhando com coragem. Mas, acima de tudo, fazer com amor é fazer com a certeza de que se está sendo amparado por presenças de ordem superior, o que indica que o caminho percorrido é o caminho certo. Sem a intervenção desta ordem, *não ia durar tanto tempo*, porque as pessoas da Salada não dariam conta, por si mesmas, de efetivamente assumir a tarefa. Portanto, no fim das contas, fazer com amor é fazer sabendo que não é só você quem faz.

E como se dá o relacionamento de Olívia com a Espiritualidade?

Eu e o Roberto decidimos que era o Paulo o nosso mentor... porque é a Casa que escolhe. Mas aí... Roberto também é rebelde, então, “nós vamos pôr o Paulo!” Porque o João Alberto já é da Sopa, mas se você vê no jornal, não fala do Paulo, fala do João Alberto, porque eu e Roberto é que inventamos, criamos para nós. Então a gente considera. As vezes em que nós passamos dificuldades, a gente fala: “Paulo, você é mentor da Salada, meu filho, dá um jeito aí pra gente.” (...) E ele responde em atos. A gente passava sábados com pouco para dar para as crianças, dava um pouquinho assim... porque não era pote igual é hoje não, era nos canecos que servem o café. A gente punha aquele pouquinho... “ô tia, eu quero mais...”. E eu falava “ó, Paulo, você se vira aí, meu filho. Nós estamos aqui e está muita pouca fruta.” Aí no sábado seguinte sempre a gente ganhava mais uma caixa daqui, alguém que doava algum dinheiro, entendeu? Então, ele faz bem o papel dele de mentor. (risos)

Apesar de ser a *Casa que escolhe* qual é o mentor espiritual de cada tarefa, Olívia e Roberto decidiram por si mesmos quem seria o mentor da Salada: o Paulo. Trata-se de uma decisão de caráter informal, pois o nome dele não aparece oficialmente, não se *vê no jornal* – fundado e publicado pela própria Fraternidade –, mas independente disso, eles o consideraram como tal. É por isso que, em momentos de *dificuldade*, é a ele que Olívia recorre: *dá um jeito aí pra gente*. Para ela, o modo como Paulo responde é fazendo algo acontecer que resolva a situação, pois *ele responde em atos*. É por isso que para Olívia *ele faz bem o seu papel de mentor*. Trata-se de um relacionamento tão pessoal que Olívia tem a liberdade de pedir para ele “se virar aí” e a intimidade de chamá-lo de *meu filho*.

Então, eu fico muito feliz quando a gente mentaliza João Alberto e Paulo, eles estão juntos, né? Não é só Paulo, tem o João Alberto, e, mais que tudo, Jesus. A gente está sempre lembrando que a tarefa é para Ele. Ele falou: “o que fizeres para qualquer um dos pequeninos é para mim que fazeis”, então... Na verdade, nós somos os primeiros beneficiados, né?

Ao mentalizar João Alberto e Paulo, que *estão juntos* enquanto mentores da Sopa e da Salada de Frutas, atividades do departamento de Assistência Social, Olívia fica *feliz* por entrar em sintonia com a Espiritualidade. E entrar em sintonia com a Espiritualidade é entrar em

sintonia, *mais que tudo*, com Jesus. Por que *mais que tudo*? No modo como Olívia toma a frase do Evangelho, é razoável entendermos que, para ela, servir salada de frutas para os assistidos é realizar *a tarefa para Ele* e, fazendo assim, quem doa é quem primeiro recebe.

Mais uma vez, Olívia nos comunica como a vivência religiosa incide diretamente no objetivo de sua ação voluntária. Não há como desvencilhar uma da outra: no ato mesmo de trabalhar voluntariamente para os assistidos, Olívia amplia seu horizonte de observação e compreende que está atendendo ao chamado de Jesus e, portanto, trabalhando para Ele. E Jesus é, *mais que tudo*, sentido último da tarefa que direciona o modo concreto de doar para os assistidos.

Mas permanece uma pergunta: por que, para Olívia, *na verdade, nós somos os primeiros beneficiados*? Para compreender essa sua conclusão, acompanhemos a descrição dos vários benefícios por ela elencados:

Porque você chega aqui, e quando vai trabalhar naqueles panelões [por exemplo], você sai cansado, mas com uma energia diferente, não é? Vitalizado. Então, é esse sabor, é esse sabor. Igual, agora que eu vou entrar de licença, você fica, assim, atendida, sabe? Não é porque eu coordeno não, é porque eu faço parte da tarefa. Fico assim: “ai meu Deus, será que está tudo sendo feito na hora?” Ou fico assim: “a essa hora o café já está pronto”, “deve estar bem cheiroso”. “Ah, já está servindo sopa!” Você fica atendida mesmo, é muito legal, é muito bom.

Um benefício que Olívia descreve é experimentar *esse sabor* de, mesmo cansado, sair *com uma energia diferente* depois do trabalho realizado, sair *vitalizado*. O reconhecimento com gosto desse *sabor vitalizado* e com certeza de fazer *parte da tarefa* faz Olívia ficar *atenada* no transcorrer da tarefa, mesmo quando está *de licença*. Ficar *atenada* é ficar preocupada em saber se *tudo está sendo feito na hora* ou aliviada em imaginar *que o café já deve estar pronto*; satisfeita em intuir que o café *deve estar bem cheiroso*; contente em afirmar que *já está servindo a sopa*. E a própria experiência de ficar atenta à tarefa, mesmo quando não está contribuindo diretamente, é *muito legal* e muito boa. Em síntese, trata-se de afeição por um trabalho que corresponde e realiza Olívia.

Até aqui, podemos compreender que Olívia se vê beneficiada por participar de um trabalho que vitaliza a sua pessoa, que lhe interessa e que lhe corresponde, por isso a atenção e o cuidado com o transcurso da tarefa. Além disso, ela se vê beneficiada porque:

Sábado, talvez, a gente tem a oportunidade de conviver com os nossos assistidos materialmente. E me mudou no conceito da minha vida pessoal. Para ser franca, antes da tarefa eu era uma pessoa que não era nem de olhar para mendigo, sabe? E é aí você percebe o quanto que você é orgulhosa. Você não percebe assim... Eu não olhava, não fazia parte do

meu caminhar. E, de repente, você vê essas pessoas e pensa: “esse aí pode estar lá na rua.” Hoje em dia é o contrário: eu olho para ver se tem algum assistido nosso, sabe? Então, já de cara, me ajudou muito em saber que tem irmãos nossos em situações horrorosas.

A oportunidade de conviver com os assistidos da Casa provocou Olívia a rever o modo com que ela concebia e lidava com aqueles menos favorecidos e a perceber o quanto ela era orgulhosa ao tratá-los com indiferença. E foi justamente esta convivência concreta que a ajudou a se dar conta deste outro enquanto pessoa, porque, se antes ela não olhava, não entrava no seu horizonte de experiência, não fazia parte de seu caminhar, agora ela vê essas pessoas e pensa sobre a condição de vida em que elas se encontram. Se antes era mendigo, hoje são irmãos nossos. Se antes não era nem de olhar, hoje Olívia procura saber.

E quando você tira essa carga de orgulho, quando você vai conviver, você pára e conversa com eles, qualquer migalha que a gente passa, eles ficam muito felizes... Lógico que tem exceções, mas a maioria nunca deixa: “nó, obrigada, estava tão bom.” É uma satisfação muito grande que dá.

E, quando Olívia tira essa carga de orgulho, e começa efetivamente a conviver e a conversar com os assistidos, ela se satisfaz ao reconhecer a felicidade e a gratidão que a maioria dessas pessoas vive ao receber alguma doação, nem que seja qualquer migalha, mas que não deixa de ser tão bom.

Para Olívia, ajudar convivendo com o outro nestes termos é vivido como uma satisfação muito grande, que realiza a sua pessoa, seja devido à possibilidade de reconhecer a felicidade e a gratidão do outro a partir de tão pouco, seja porque:

Isso me lembra então o sofrimento que a gente... Então, sua vida, seus problemas. Isso não é demagogia não, é verdade (ênfase). E quando você vai enfrentar alguma barra, eu tiro por mim mesmo. Aí eu lembro: “gente, aquela dona me contou isso, isso e isso e eu estou aqui reclamando por causa disso!”, sabe como? Falei: “gente, aquele assistido ali perdeu tudo, está debaixo de uma lona! Uma lona quente ‘toda vida’, e eu calorenta.” Eu lembro que no último calor que teve: “meu Deus, eu não agüento, nem o ventilador está me ajudando!...”. Aí eu lembrei direitinho de um casal de idosos que mora debaixo de uma lona preta. Daquela lona preta! Eu falei: “meu Deus do céu! Eu tenho a minha cama, eu tenho ventilador na minha cara e aqueles dois, o que estão fazendo na rua?” Então, essa tarefa do Sábado me dá esse tipo de satisfação.

A convivência com a situação de sofrimento do assistido provoca Olívia a pensar em quê este sofrimento tem a ver com sua própria vida e o modo como ela lida com os seus problemas. Por ser uma compreensão calcada na experiência, isso não se trata de demagogia para ela, trata-se de uma afirmação contundente de verdade. E, para evidenciar tal

compreensão, Olívia lança mão de exemplos concretos de dificuldade, quando enfrentou *alguma barra*, em que ela, ao se lembrar dos problemas daquelas pessoas assistidas que conhece pessoalmente, reformulou o modo de enxergar e de encarar a situação. Ao retomar a própria vida considerando as provocações da pessoa do outro, Olívia também se realiza, vive *esse tipo de satisfação*.

Considerar a vida dos assistidos da Casa e as dificuldades materiais que eles passam é um valor tão importante para Olívia que ela orienta o modo de distribuir os potes de salada de frutas a partir desse valor:

As crianças e os adultos assistidos podem tomar à vontade e passamos [a dar um pote] para cada tarefeiro, que não é nem a nossa finalidade não. É só porque a gente sabe que agrada muito as pessoas. E muita gente não fica satisfeita com esse hábito, mas é uma decisão nossa, é bem pensada mesmo. Eu não posso dar salada para a Olívia, para o Yuri à vontade, se nosso assistido não tem essa oportunidade. Vê se eles vão comprar maçã, laranja e deixar de comprar o pão, o leite? Então, eles têm esse prazer de tomar a salada porque sabem que normalmente é o momento que eles têm de comer fruta.

A *finalidade* da salada é servir aos assistidos e não aos tarefeiros. É por isso que Olívia tomou esta *decisão, bem pensada mesmo*, de dar somente um pote *para cada tarefeiro*, mesmo que esse *hábito* desagrade *muita gente*. Ela sabe que comer a salada *agrada muito as pessoas*, mas o sentido da tarefa não está em agradar, e sim em orientar sua ação em função da finalidade reconhecida: dar *oportunidade* àqueles que não têm. E, para Olívia, o *prazer* que os assistidos têm ao tomar a salada vem do modo como eles aproveitam essa oportunidade, pois *este é o momento que eles têm de comer fruta*.

Ao retomar seu relacionamento com os assistidos, Olívia retoma sua própria história: se antes era orgulhosa e indiferente com relação aos miseráveis, a tarefa a ajudou a vê-los como pessoas e a se lançar no relacionamento com eles, importando-se com suas condições concretas e movendo-se na tentativa de ajudá-los, mesmo que seja com pouco. Diante das dificuldades do outro, Olívia é também solicitada a se voltar para a própria vida, reformulando o modo como se posiciona ante seus problemas. Envolvida desse modo com os assistidos, ver a gratidão com que eles recebem auxílio a realiza e orienta suas decisões também com relação aos companheiros de tarefa. Portanto, a experiência de trabalhar voluntariamente é vivida como uma abertura que permite Olívia se realizar ao reelaborar um modo pessoal de se relacionar com os assistidos, tirando daí conseqüências para outros âmbitos da vida e para o próprio modo de conduzir a tarefa.

Da convivência com os assistidos, chegamos à convivência com os tarefeiros. Se, de um lado, Olívia é firme na decisão de que a tarefa não tem como função primordial agradá-los, por outro, ela expressa o quanto a presença deles é importante para ela:

E tem esse outro lado de conviver com muita gente, né? Você me conhece, sabe que eu sou uma pessoa agitada. E meu astral, normalmente, é... Eu gosto da alegria, sabe? E aqui eu convivo com gente de todos os jeitos, mas sempre gente do bem. É muito bom conviver com essas pessoas.

[Essas pessoas estão] na busca, na mesma busca minha de crescimento, de aprendizado, de paz, e de altos fluidos, porque a gente está atrás de altos fluidos, né?

A tarefa da Salada possibilita que Olívia conviva *com muita gente*, fator que a realiza por corresponder a algo que ela é, que ela gosta e que ela busca. Não é simplesmente conviver *com gente de todos os jeitos* que realiza Olívia, mas a evidência de que essas pessoas, cada qual à sua maneira, são *sempre gente do bem*, isto é, pessoas que estão *na mesma busca* que Olívia reconhece em si.

E [ao conviver com essas pessoas] eu aprendo e acrescenta muito na minha vida. Eu acho gostoso que alguns me procuram para falar sobre problemas, para falar de alegrias, telefonam para a minha casa, me mandam e-mail. E sempre para mim é satisfatório, falo assim: “ah, que legal, criei mais uma amizade”, entendeu? E isso para mim é satisfatório. Não só o pessoal da Salada, o pessoal da Sopa também, de outras áreas aqui, de outros setores da tarefa. Então, Sábado, talvez seja por isso, que eu conviva com um número maior de pessoas e eu gosto de gente, sabe? E, é claro, de conviver com os próprios tarefeiros... e aprendendo, né? Você vai convivendo e você vai vendo as bobearas a que a gente se apegar. E aí, quando você percebe no outro, você vê que você também tem os mesmos melindres, as mesmas frescuras. Aí você começa a trabalhar em si mesmo, sabe. “Nossa... é mesmo! Para quê aquela situação ali?” Uma coisa boba e daí você percebe que está fazendo a mesma coisa, então você começa a mudar. Então, me ajuda na reforma íntima.

Conviver com os tarefeiros da Casa é *muito bom* também porque Olívia aprende com esses relacionamentos, o que *acrescenta muito* em sua vida. Trata-se de relações de *amizade*, nas quais *alguns a procuram para falar sobre problemas, para falar de alegrias, telefonam para sua casa, mandam e-mail*. Isto é, criam-se vínculos que ultrapassam o mero fazer algo juntos. Cuidar desses relacionamentos e continuar criando amizades é muito realizador para Olívia, a satisfaz enquanto pessoa. As amizades são vividas também como ocasião de aprendizado, porque na convivência tornam-se explícitas *as bobearas* a que o outro *se apegar* e, percebendo-as, Olívia pode se dar conta de que *também tem os mesmos melindres, as mesmas frescuras*. Nesse processo, ela se sente ajudada na própria *reforma íntima*: a percepção de como o outro se posiciona a mobiliza a rever os próprios posicionamentos e, a

partir dessa percepção de si com surpresa, – “*Nossa... é mesmo! Para quê aquela situação ali?*” – ela pode começar *a mudar*.

Aproximando as várias vivências que Olívia nos comunica a respeito de seu relacionamento com os companheiros de tarefa, podemos compreender que as dificuldades presentes na convivência, como o desagrado que ela provoca em alguns ou as bobeiças que ela percebe em outros, não definem o tom das relações. O ponto fundamental que a orienta é a realização vivenciada no convívio com essas pessoas, o qual é possibilitado pela ação voluntária e se concretiza tanto no momento mesmo da tarefa quanto fora dos muros da instituição.

Olívia expressa essa realização no gosto constantemente reafirmado e também no reconhecimento de que compartilha com os companheiros a busca por concretizar o mesmo critério de bem; no cuidado em criar e manter relacionamentos de real amizade; no aprendizado ao tomar esses relacionamentos como ocasião para se descobrir e para reformar-se interiormente.

Com essa compreensão, podemos retomar a pergunta sobre por que Olívia afirma ser a primeira beneficiada ao realizar a tarefa. De fato, vimos que a ação voluntária em si a vitaliza e lhe corresponde e que, ao trabalhar, ela constrói relacionamentos verdadeiramente pessoais – com assistidos e tarefeiros – nos quais tanto a presença quanto a provocação que o outro traz para que ela se transforme são vividos como satisfação. Assim, Olívia pode se reconhecer como a primeira beneficiada porque, antes mesmo de efetivar o auxílio a quem precisa, ela se realiza já no ato de fazer a tarefa. Mas é preciso lembrar que essa possibilidade de satisfação não é encontrada em qualquer atividade, mas em um certo tipo de ação, que expressa um sentido muito preciso: uma ação que, dirigindo-se concretamente *para os pequeninos, é mais que tudo, para Ele, Jesus*.

Diante de todo o percurso até aqui apresentado, entendemos que não é por acaso que Olívia considera a atividade realizada na Salada *a mais empolgante*. É a mais empolgante não só porque ela a concebeu, a viu nascer e se empenhou para que continuasse a crescer, mas também porque ali Olívia se reforma interiormente e se realiza enquanto pessoa por atualizar suas potencialidades e por agir reconhecendo, elaborando e afirmando em todas aquelas experiências cotidianas de trabalho o valor e o sentido último que as sustenta.

Esta compreensão ajuda Olívia a problematizar o sentido da tarefa:

Toda tarefa, a finalidade dela é essa [a reforma íntima]. Então, o voluntariado, que a gente deveria... A gente, aqui na Casa Espírita, tenta sempre passar isso para as pessoas, que ser tarefeiro é muito mais que ser

voluntário. Porque o voluntário, no conceito geral, é aquela pessoa que vai quando tem uma horinha, quando pode. Têm alguns até que são persistentes, mas se prendem à palavra “voluntário”. “Eu sou voluntário.” Então, se hoje eu tenho que fazer compra para minha mãe, eu não posso ir lá. Se eu tenho uma festa, então eu vou para o salão e não tenho tempo de ir lá. Já o tarefeiro, ele tem um compromisso (ênfase) com a Casa. Ele tem um horário a cumprir e não é uma coisa... É um trabalho, mas para Jesus, não é para nenhum de nós. Então, o compromisso é muito grande. Não que o voluntário também não faça. Mas a gente, dentro da Casa Espírita, tem que ter muita consciência disso. A gente fala muito disso, então tem que ter consciência, não é? Então, o tarefeiro tem que ver isso com um compromisso maior. E essa Casa (ênfase) Espírita... e Casa nenhuma... se você falta e eu falto, sempre tem alguém. Mas é pela nossa própria necessidade, né?

Para Olívia, tomar a *reforma íntima* como finalidade da tarefa é um ponto que diferencia a postura do tarefeiro da postura do voluntário. Enquanto o voluntário, *no seu conceito geral*, trabalha *quando pode* e faz questão de dizer que é voluntário, se autoafirmando sob o próprio trabalho, o tarefeiro, para ser considerado como tal, precisa ter a *consciência* do compromisso assumido consigo mesmo, com a Casa e com o sentido último que a tarefa expressa, isto é, com *um trabalho para Jesus*. Esse compromisso assumido não significa auto-afirmação voluntarista, pois *se você falta e eu falto, sempre tem alguém*, a tarefa vai continuar. Isso significa que, para Olívia, não estão somente no indivíduo a força e o sentido da tarefa: pelo contrário, a pessoa deve trabalhar percebendo e afirmando sua participação em uma obra maior, reconhecendo que está ali pela sua *própria necessidade*. E essa é uma proposta da *gente da Casa Espírita*, ou seja, é um direcionamento dado pelo contexto ao qual Olívia adere pessoalmente e se empenha para comunicar, para *passar isso para as pessoas*. Em síntese, *ser tarefeiro é muito mais que ser voluntário*, é ser capaz de aderir a uma proposta feita por um outro com consciência dos objetivos a serem alcançados, com clareza do sentido último a ser afirmado e com comprometimento com o próprio processo de crescimento pessoal.

Tarefa não é você só vir numa instituição espírita ou em qualquer outra instituição de ajuda, é dentro de casa. (...) Nós já temos esse conhecimento. Tem que ser um grande tarefeiro dentro da casa da gente. Lá tem que ser com certeza. A gente treina aqui fora para ficar dentro de casa.

Comprometimento com o próprio processo de crescimento pessoal, ou seja: é preciso que o conhecimento adquirido na tarefa transforme a pessoa do tarefeiro. Nesse sentido, o chamado não se restringe a fazer alguma tarefa dentro da instituição: *tem que ser um grande tarefeiro dentro da casa da gente*. Para Olívia, a casa é o ambiente privilegiado de verificação da transformação pessoal operada a partir do treino, isto é, dos conhecimentos adquiridos e do

compromisso com a tarefa *aqui fora*. Como corolário, assumir efetivamente esse compromisso *dentro de casa* configura-se como um dever: *tem que ser, com certeza*.

É fundamental retomarmos que, na experiência de Olívia, o reconhecimento de que, tanto na *instituição espírita* quanto *dentro de casa*, fazer a tarefa é um dever não elimina a possibilidade de realização que este fazer contém. A todo o momento, Olívia descreve a satisfação que a tarefa lhe traz, independente de qual seja:

Eu tenho outra tarefa na segunda, que é de Passe, que é outra gratificante, porque o passista, ele é o primeiro a receber mesmo. Então quando você sai, conclui essa tarefa, você sai altamente revigorado, sabe? Você sai com uma energia que dá vontade de abraçar o mundo!
Porque você é um canal. A Espiritualidade pega energia sua, trabalha nessa energia e a passa para aquele paciente. E é por isso que você tem que ter uma entrega principalmente no dia da tarefa. Mas no dia a dia você tem que ser uma pessoa que tenha disposição para a tarefa. (...) Aliás, toda tarefa tem que vir com o seu melhor. A tarefa de segunda é pura energia, pura energia. Então você tem que ter muita cautela com isso. Então é gratificante, é!

Assim como na tarefa da Salada de Frutas, Olívia também se realiza na tarefa do Passe por reconhecer que é a primeira a *receber*, pois fazer esta tarefa a revigora de um modo tal que lhe *dá vontade de abraçar o mundo*. Então é gratificante, mas isso não significa que o foco principal seja favorecer o tarefeiro, pois o que é característico dessa tarefa é o fato de o passista ser *canal* para que a Espiritualidade trabalhe passando *energia para aquele paciente*. Para Olívia, ser este *canal* a solicita a empenhar-se e a cuidar-se *no dia a dia* de modo a estar efetivamente disposta para que a tarefa se concretize. Reconhecendo essa sua *entrega* ao trabalhar como *passista*, Olívia apreende um critério que deve orientar todas as tarefas: *tem que vir com o seu melhor*. Portanto, ela se realiza ao perceber que sua atividade a transforma em instrumento da Espiritualidade: ela recebe e doa energia para o outro e, nesse processo, toma para si o que recebe, vitalizando-se e sentindo-se mobilizada a agir considerando horizontes de totalidade.

É evidente como a afeição pela tarefa é um ponto que marca o modo como Olívia elabora o que lhe acontece naquela atividade e também na tarefa da Salada de Frutas, como vimos acima. É por isso que a definição de tarefa, para ela, inclui sempre a dimensão do gosto. E na tarefa de Visita aos Lares não é diferente:

Na terça, eu faço Visita aos Lares, que também é gostoso. É uma responsabilidade de uma forma mais sensível porque você leva a palavra de Jesus para uma casa, sabe? E a maioria dos lares que a gente adentra são lares católicos. De vez em quando aparece algum espírita, mas a maioria é católica. Na instituição espírita, normalmente, grande parte dos

freqüentadores é católico. Então você tem que ter essa preocupação, primeiro porque, nós espíritas... eles têm uma visão deturpada da gente. Têm aquela visão: “nó, macumbeiro!” Então a gente tem que mostrar que a gente tem a visão de Cristo como todos têm.

Mesmo quando está preocupada em romper com preconceitos, visões deturpadas associadas ao espírita, a *responsabilidade* de levar a *palavra de Jesus para uma casa* é vivida com gosto por Olívia, pois o intuito não é ficar na diferença que distancia (“nó, macumbeiro!”), mas mostrar a unidade que permite compartilhar: *a gente tem a visão de Cristo como todos têm.*

E de que modo Olívia compartilha essa visão de Cristo com o outro?

A gente vai levar o Evangelho (ênfase) de Jesus para dentro da casa da pessoa. E a gente sabe que quando é pedido um passe no lar, a pessoa está com o comprometimento espiritual maior. Não é de dívida não, é de sintonia dentro de casa. Muitas vezes não é a pessoa que está tomando o passe, ela é só um canal para dentro de casa. E nunca você está sozinho naquele ambiente, tem irmãos que estão vindo do plano espiritual e que estão tão necessitados quanto. Então, na verdade, você está dando uma palestra. A gente faz um pequeno culto. Você vai cantar um hino para sintonizar; fazer uma oração inicial; fazer uma leitura – é a pessoa que vai tomar o passe que abre o livro –; comentar a leitura; dar o passe e encerrar. É um culto isso aí. A tarefa da Visita no Lar normalmente dura quinze, vinte minutos e já encerrou. Mas são quinze, vinte minutos em que a gente percebe a ansiedade que a pessoa fica esperando a gente, sabe? “Ah, vocês chegaram!” Então não pode nem atrasar, porque a gente sabe da ansiedade do outro. É um quadro gostoso.

Olívia enumera vários fatores envolvidos na tarefa de Visita aos Lares: o *comprometimento espiritual* da pessoa que é visitada, o fato de ela ser *um canal para dentro de casa*, a presença na casa de Espíritos desencarnados *tão necessitados quanto*; mas reafirma que a questão é *levar o Evangelho de Jesus*. Todo o conhecimento espírita e a estrutura de como se deve fazer este *pequeno culto* estão em função desse objetivo. O alcance deste objetivo, acrescido da espera de quem será visitado e do cuidado que isso desperta em Olívia, compõem para ela um cenário de auto-realização, *um quadro gostoso*. Que gosto é esse que Olívia vivencia?

Então... é difícil, a pessoa está com uma dificuldade... mas o gostoso é perceber... Igual, um lar que a gente adentrou de uma pessoa muito chorosa. Chorando muito, desde o primeiro dia que nós fomos lá. Uma pessoa que não conhece o Espiritismo, uma pessoa que alguém deve ter dito: “ó, vai lá, tira uma receita.” E essa semana, que ela está tomando o quarto passe, é outra pessoa. O prazer... é um prazer enorme. Você fala: “pô!...”. Cara, eu chego em casa à noite – porque a nossa tarefa é de dia – e falo assim: “Jesus, você me deixa (ênfase) participar disso!”, sabe como? Eu vou agradecer: “Jesus, você me deixa (ênfase) participar dessa

maravilha de...”. Lógico que eu tenho consciência que não sou eu, não é a minha dirigente, nem a equipe. Nós fazemos parte, Ele deixa a gente fazer parte, porque... vê se Ele precisa da gente, né? Então por isso que a gente tem que ter essa cautela (ênfase) de não achar (ênfase), não é? Se achar (ênfase), não. Ele só deixa a gente participar. Para, quem sabe um dia, desenvolver a caridade real... Hoje em dia a gente ainda faz porque precisa, mas um dia a gente vai fazer com esse desprendimento com que a Espiritualidade faz, simplesmente porque ama. Não tem outro sentido a não ser esse. Então, é gratificante. Essa semana ela [está] mais centrada, mais tranqüila... E isso a gente já percebeu em vários lares, então...

Embora envolvida em uma situação *difícil*, em que precisa lidar com pessoas em *dificuldade*, Olívia vivencia *um prazer enorme* por poder ajudar uma pessoa a sair de uma postura *chorosa*, de modo a ficar *mais centrada, mais tranqüila*. Retomando essas experiências quando *chega em casa*, ela se dá conta de que a *maravilha* desse acontecimento não está unicamente em sua mãos. Olívia tem clareza de que não é ela que faz o processo acontecer, porque sabe que nem Jesus nem a Espiritualidade precisam dela para fazer a caridade: *vê se Ele precisa da gente, né?* Olívia, a *dirigente* e a *equipe* participam dessa experiência, mas não a sustentam por si mesmos, pois é um Outro que a faz: *Ele só deixa a gente participar*. Por isso não há sentido em *se achar*. Por isso o fato dela poder participar dessa experiência *gratificante* é reconhecido como uma oportunidade concedida, despertando gratidão: *“Jesus, você me deixa participar disso!”*. Gratidão também porque tais experiências se constituem como ocasião de aprendizado e crescimento pessoal, pois, se hoje ela *ainda faz porque precisa*, sua esperança é de que a prática a conduza a *fazer com esse desprendimento com que a Espiritualidade faz*.

Em síntese, o maravilhamento diante de um acontecimento solicita Olívia a reconhecer que esta experiência lhe foi dada por Alguém. Assim, não há porque se auto-afirmar exaltando o próprio trabalho: a resposta que lhe corresponde é a gratidão por poder participar de algo que ultrapassa sua própria capacidade. Essa experiência abre horizontes que a permitem vislumbrar sua espera pela *caridade real*, espera por um dia poder agir com desprendimento, *simplesmente porque ama*. Chegar a fazer por amor: é por isso que Olívia se dedica à tarefa, porque *não tem outro sentido a não ser esse*, e gostaria que todos soubessem de quem se trata:

Tarefa é muito gostoso. Se as pessoas soubessem a força, a grandeza que é essa oportunidade... de estar junto de Jesus fazendo o que Jesus fazia, contente, caminhando lado a lado, ombro a ombro... acho que o mundo todo abraçava, cada um abraçava uma coisa para fazer.

Retomando todo seu percurso de elaboração sobre o sentido da tarefa e sobre o gosto que se vive ao realizá-la, Olívia pode expressar com convicção que *se as pessoas soubessem* o que ela sabe, *o mundo todo abraçava*. Partindo do âmbito circunscrito da sua experiência pessoal, da alegria por estar junto a uma Presença tão significativa para ela, por caminhar *ombro a ombro* com Ele e por se realizar na tarefa em Sua companhia, Olívia é capaz de dar um juízo que se abre para a humanidade inteira. Ela identifica a *força* e a *grandeza*, isto é, o valor da oportunidade oferecida pela tarefa e daí extrai a potência que o conhecimento desse valor tem de provocar o ser humano a se mover, a abraçar *uma coisa para fazer*.

Assim, tantos sentidos abertos pela tarefa, tantas possibilidades de realização e de vivência de experiências religiosas de integração com a divindade retornam ao elemento mais concreto, à ação: tudo isso é possível pelo fazer e convida a fazer. É a concretude da tarefa realizada, com esforço e cuidado, que possibilita e sustenta essa dinâmica.

2.1. A experiência de voluntariado de Olívia: uma síntese

No modo como Olívia elabora e comunica sua experiência de voluntariado, apreendemos que a realização de si emerge como vivência estruturante: é expressando o gosto, a satisfação, a felicidade que ela adentra cada experiência vivida enquanto tarefeira.

E qual é o dinamismo próprio de tais experiências? Em situações do cotidiano, Olívia apreende certas solicitações que a motivam a abraçar a tarefa. Aderindo àquilo que reconhece como correspondente, ela empenha-se pessoalmente para concretizar o que vislumbra como ideal. Esse processo é vivido como realização de si, permitindo que ela atualize sua motivação e persevere na ação voluntária. Nessa ação que é doação de si ao outro, ela enfrenta obstáculos e admira-se com os resultados alcançados, tomando tanto as dificuldades quanto o maravilhamento como provocações para reafirmar seu compromisso. Olívia também se descobre como beneficiada, identificando o que a realiza e reconhecendo que a sua ação é sustentada: ela participa de uma obra maior.

Na apreensão desses fatores, o relacionamento com o outro emerge como mais um ponto central na constituição da experiência de voluntariado de Olívia. Na relação com os assistidos, ela reformula o modo de lidar com eles, considerando-os como pessoas e buscando ajudá-los em suas reais necessidades. Nesse processo, ela reelabora seus próprios posicionamentos na forma de conduzir a tarefa e a vida como um todo. Com os companheiros

de tarefa, Olívia, mesmo considerando as dificuldades próprias da convivência, busca construir relacionamentos pessoais que a solicitem a reformar-se interiormente e que se tornem amizade, dentro e fora da instituição. A ação voluntária é, portanto, vivida como experiência compartilhada que carrega em si a força para a constituição de um nós, de um grupo unido pelo ideal e por laços de afeto: uma comunidade. Já com a Espiritualidade e com Jesus, Olívia busca configurar um relacionamento pessoal, reconhecendo suas intervenções providenciais e compreendendo que estas relações sustentam e direcionam sua ação voluntária.

Todos esses são relacionamentos que gratificam e realizam Olívia. Em cada um deles, ela se reconhece acompanhada por presenças que a envolvem pessoalmente, que a possibilitam transformar-se interiormente e que permitem que sua ação voluntária tenha sustentação, ressonância e impacto no mundo.

Dentre todas essas presenças, Jesus se configura como a principal: participar da sua obra é o sentido último da tarefa para Olívia. Trata-se de uma experiência de ordem religiosa que a gratifica profundamente e que fundamenta seu trabalho voluntário. É a partir da própria religiosidade que Olívia contempla e compreende o que lhe acontece, formula o voluntariado como um dever a ser cumprido e vivencia uma realização radical da sua pessoa ao reconhecer-se como partícipe da obra divina por meio de sua ação voluntária.

Nesse processo de elaborar sua inserção na tarefa em uma casa espírita, Olívia ultrapassa a descrição do fazer no âmbito circunscrito da materialidade, abrindo-se para os sentidos implicados nessa ação voluntária. Compreender a tarefa como ocasião de realizar-se, relacionar-se, reformar-se interiormente e viver a caridade cristã é tanto uma proposta do contexto sociocultural quanto uma vivência de Olívia ao agir. Isso significa que os direcionamentos que lhe foram e são passados encontram ressonância em sua experiência, mobilizando-a a repassar a outros aquilo que reconhece como correspondente para que eles também possam ter consciência do que está implicado em seu agir. Por outro lado, Olívia não deixa de inovar neste mesmo contexto, pois o maravilhamento diante de novos caminhos possíveis de ação a mobiliza a persistir para dar continuidade àquilo que reconhece como valor.

Seguindo e transformando, Olívia é formada e “con-forma” o contexto sociocultural em que se insere. Refletindo sobre sua inserção na tarefa, ela elabora sua experiência de voluntariado enquanto ponto de abertura que permite inserir a própria vida em horizontes de totalidade. Realizando-se em relação, Olívia sente-se integrada à obra divina: *nós fazemos parte, Ele deixa a gente fazer parte dessa maravilha.*

3. Telma: *Servindo à Casa Espírita toda vida, eu venho e sou grata por isso*

No sábado pela manhã, logo após as onze horas, cresce a fila de assistidos na porta do refeitório. Crianças, suas mães e pessoas idosas têm preferência e adentram o salão enquanto os demais aguardam. Os caldeirões já foram dispostos nas cabeceiras das mesas e estão cheios de sopa fervilhante. Enquanto os assistidos são instruídos a se acomodarem nas mesas, tarefeiros executam suas respectivas funções: preparar e colocar a sopa nos caldeirões, servir a sopa nos pratos, entregá-la aos assistidos, repor a sopa para aqueles que solicitam repetição, limpar as mesas quando necessário e todo o salão ao final da tarefa. O ritmo é ditado pelo número de assistidos que receberão a refeição e, para que o processo tenha continuidade, é preciso que os pratos e talheres utilizados sejam constantemente lavados para serem reutilizados.

A “lavação dos pratos” é feita por quatro a cinco tarefeiros num espaço próximo ao refeitório. Sobre uma bancada, bacias cheias de água e produtos de limpeza são instrumento para um processo cuidadoso de lavagem. Nesse espaço, o rigor com que são cumpridas as normas de higiene é entremeado por gargalhadas. É lá que encontramos Telma, uma dona de casa de 60 anos que caminha com dificuldade e que por onde passa leva um sorriso no rosto, sendo alvo constante de brincadeiras. Suas risadas são inconfundíveis. Embora não seja coordenadora, Telma, que há trinta anos trabalha na Casa, é uma figura bastante conhecida e respeitada no setor de nutrição por sua simplicidade, vivacidade e por sua trajetória de vida. Para muitos, é surpreendente que ela continue perseverando na tarefa mesmo com a saúde debilitada por problemas de articulação nos joelhos e por uma catarata progressiva, que ameaça roubar-lhe completamente a visão. É também digno de nota o fato de que ela não possui sequer o ensino fundamental completo, frequenta a Igreja Católica e que, sendo muito pobre, mora em um bairro periférico distante e por isso precisa pegar dois ônibus para chegar até a Casa.

Não admira que Telma seja alguém capaz de solicitar tanto os demais tarefeiros, sendo considerada referência por muitos. Vejamos o que ela mesma comunica da sua experiência na tarefa.

Yuri: Eu queria saber como é o trabalho que você faz, o que você faz aqui na Casa...

Telma: De uns tempos para cá, agora, eu estou só na sexta e no sábado. Na sexta-feira a gente vem, corta legumes, lava tudo direitinho e guarda. E cozinha o feijão... põe tudo no freezer e guarda tudo direitinho. E lava tudo, as vasilhas, tudo direitinho, seca e guarda. Isso na sexta, né?

Yuri: Vocês cortam o legume para Sábado?

Telma: Corta tudo, separa, guarda o que tem que guardar na geladeira e... casca tudo, corta e lava com muito cuidado para não sair nada errado. (tom de brincadeira)

Ao iniciar o relato sobre seu trabalho na Casa, Telma enfatiza a dimensão cronológica das tarefas que realiza: *de uns tempos para cá, agora, eu estou só na sexta e no sábado*. Nessa primeira afirmação, é possível colher seu interesse em comunicar que já esteve envolvida em outras tarefas, dando a entender que está na Casa há algum tempo e que, comparado ao que ela já fez, o trabalho que ela realiza atualmente é pouco: *estou só na sexta e no sábado*. A ênfase nesses dois fatores, o tempo de trabalho e a quantidade de atividades realizadas, sugere-nos o valor, para Telma, do ato de fazer tarefa. Outro indício desse valor pode ser apreendido no modo como ela, ao listar suas tarefas de sexta, destaca seu empenho para que saia *tudo direitinho*. Não basta vir, separar, cortar, cozinhar, lavar, secar e guardar, é preciso realizar cada uma dessas atividades *com muito cuidado para não sair nada errado*. Descrevendo o cotidiano da tarefa, Telma ressalta seu empenho e zelo com cada alimento e objeto manuseado: *tudo é cuidado* assim. E por que cuidar para que não haja nenhum erro é tão importante?

Tem que sair tudo certo, porque se não... além de ficar feio para nós que estamos trabalhando ali, estraga, né? Se a gente faz alguma coisa errada, estraga. Mas eu já trabalhei em muitas (ênfase) outras tarefas aqui na Casa.

É preciso cuidado porque, caso alguma coisa saia errado, *além de ficar feio* para quem está *trabalhando*, o alimento que está sendo preparado *estraga*. Cuidar de cada atividade tanto comunica a dedicação de quem faz, quanto permite que realmente se concretize sua finalidade. Para Telma, *se a gente faz alguma coisa errada, estraga*, isto é, sua ação voluntária carrega a responsabilidade de expressar o cuidado pessoal e de garantir que o objetivo pretendido não seja impossibilitado. Nesse sentido, compreendemos que a necessidade do cuidado é reconhecida como um dever por Telma: *tem que sair tudo certo*.

Finalizando esse trecho, Telma retoma o que já havia insinuado anteriormente, isto é, que já trabalhou *em muitas outras tarefas* da Casa. Por que ela insiste nesta afirmação?

Já trabalhei também perto do Ceasa, no [bairro] Kennedy.⁴³ Trabalhava lá na quarta separando roupa, calçados e na quinta era o Bazar. Então a gente ia para dar uma força, só que de uns anos para cá eu fiquei com as minhas pernas muito... né? Aí não deu. Aí eu fiquei aqui só na Casa.

[Hoje] eu fico mais é na lavação no sábado. Justamente agora que eu não tenho muita força nas pernas, também não estou enxergando direito, então

⁴³ Neste trecho Telma refere-se a outra unidade da mesma instituição.

eu me imagino no meio do povão lá dentro, eu tenho medo de esbarrar em alguém e cair, tenho medo de tropicar e cair. Então para cá eu fico mais segura. Então, de qualquer maneira, é a tarefa que está saindo. Mas se precisar de mim ali no meio do povão, é lógico que vou. Comigo não tem escolha de serviço não. Qualquer (ênfase) lugar na Casa que precisar de mim, eu vou lá. Por enquanto eu estou para cá, eu estou contente (risos). Está tudo certo.

Descrivendo algumas das atividades que já realizou, Telma introduz a razão por que não pode mais executá-las: *de uns anos para cá* a debilidade de suas *pernas* se acentuou e *aí não deu* para continuar a *dar uma força* naquelas tarefas, pois o local em que ocorrem é muito distante, *perto do Ceasa*.⁴⁴ Diante desse quadro, sua opção foi por ficar *na Casa*, isto é, por trabalhar *só* na sede da instituição. Sua fragilidade física e o medo daí decorrente também influem na decisão por não realizar tarefas dentro do refeitório onde é servida a sopa, e por se dedicar à tarefa de *lavação*, pois lá ela se sente *mais segura*. Entretanto, mesmo diante dessas limitações, Telma faz questão de afirmar que não é essa condição que a determina, já que *a tarefa está saindo*, ela está *contente* e, como conclusão, *está tudo certo*. Independente de sua fragilidade ou da atividade a ser realizada, Telma reafirma o gosto por permanecer trabalhando e sua disposição para continuar: *se precisar de mim, é lógico que vou*, pois *comigo não tem escolha de serviço não*.

Mais uma vez, emerge o valor da ação voluntária para Telma, valor que é exacerbado seja na descrição das condições adversas, seja na afirmação da disposição por superá-las. Nesse sentido, é possível compreender também por que Telma destaca que agora *só* faz certas tarefas e que já trabalhou em muitas anteriormente. Nessa afirmação constantemente repetida, colhemos a mesma dinâmica, em que Telma sublinha as restrições ao mesmo tempo que comunica seu empenho: o ponto é explicitar que ela se dedica onde for preciso. Ao relembrar como as tarefas da Pré-sopa e da Sopa eram realizadas anteriormente, Telma expressa esse mesmo dinamismo:

Na Pré-sopa, antigamente, a gente começava cortando legumes seis horas da tarde da sexta-feira. Eu chegava na minha casa uma e meia da manhã. E, na época, o ônibus não era lá em cima igual é, porque eu moro perto do final. O ônibus era cá embaixo. Aí eu subia tudo a pé. (...) Só que enquanto eu estava na rua, eu não tinha medo. Depois que eu chegava lá em casa, que olhava o relógio, é que me dava aquele medo, mas aí eu já estava em casa e ia só agradecer. Agora a gente pega cedo, e seis horas já está em casa. E, antes, seis horas a gente estava começando a fazer o trabalho. E era muita

⁴⁴ O Ceasa (Centrais de Abastecimento de Minas Gerais S/A) situa-se na rodovia BR 040, num ponto limítrofe entre os municípios de Belo Horizonte e Contagem. Ao tomá-lo como ponto de referência, é comum que as pessoas que vivem em Belo Horizonte queiram expressar uma grande distância, um local de difícil acesso. Considerando a localização da residência de Telma, o Ceasa situa-se, literalmente, do outro lado da cidade.

carne, era muita coisa que fazia. (...) Então, foi muito tempo, depois eles mudaram os horários e ficou melhor para mim. Passaram a pedir para ir mais cedo, porque tinha gente reclamando por causa dos horários, né? Eu mesma fui uma que reclamava... Pensa chegar em casa... E no outro dia, nós voltava para poder trabalhar. Chegava em casa tarde e no outro dia voltava, porque era a gente mesmo que fazia o trabalho da sopa no sábado. Não era igual hoje que tem uma equipe na sexta, e no sábado tem outra equipe. Antes era a gente mesmo. Deu certo, estou aqui até hoje, graças a Deus! (risos) Mas é muito bom, graças a Deus.

Ao retomar os horários da tarefa realizada na sexta-feira, Telma relembra as dificuldades que enfrentava: chegava em casa somente *uma e meia da manhã*, tinha que subir *tudo a pé*, dormia *tarde* e precisava voltar *no outro dia*. E, se hoje as condições melhoraram, Telma ressalta que isso se deve ao posicionamento de algumas pessoas, dentre as quais ela mesma, que, *reclamando*, conseguiram as modificações. Em sua experiência de voluntariado, Telma reconhece tanto as dificuldades pelas quais passou quanto o seu movimento de agir para que algumas coisas mudassem. E, arrematando sua fala, Telma novamente conclui ressaltando o caráter positivo dessa experiência: seu juízo é de que *deu certo*, pois está na Casa *até hoje* e isso é possível *graças a Deus*. Essas afirmações nos indicam que Telma vive a gratidão por poder permanecer na tarefa tanto por reconhecer limitações e o ímpeto de superá-las quanto pela realização experimentada ao trabalhar ali: *é muito bom*.

Ao relatar como era a tarefa *antigamente*, Telma também começa a nos contar mais detalhes de como se entrelaçam o trabalho nesta instituição e a sua trajetória pessoal. Acompanhemos o que ela nos diz sobre como se iniciou sua história na Casa:

Telma: Eu ainda morava de aluguel. (...) E eu, nessa época... não tinha o que dar para minhas filhas para comer. Eu, nessa época... pode falar mesmo?

Yuri: Pode.

Telma: Eu catava no lixão do mercado para dar para minhas [filhas] para comer. (...) Aí um dia, a minha vizinha, a Dona Angélica, que pegava feira aqui [na Casa], falou assim: “olha, amanhã, se a senhora quiser ir no Seu Luciano, eu pego uma cesta [básica] lá todo sábado. Se quiser ir, eu vou a pé com você para te ensinar o caminho e para ajudar a carregar os meninos.” Aí, falei: “eu vou sim.” Minhas meninas eram bem pequenas e eu tinha um menino também que não era muito bom de saúde, inclusive Deus me tirou ele. Ela falou comigo assim: “ó, você leva todo mundo e leva uma vasilha bem grande que no fim o Seu Luciano deixa trazer comida para casa.” Peguei uma latona bem grandona e trouxe. Aí nós viemos. (...) Só nesse dia (ênfase) que eu não lavei nada, não fiz nada, só esse primeiro sábado.

A história de Telma com a instituição em que hoje trabalha voluntariamente começou pela necessidade de auxílio material. Para nos contar sobre esse primeiro contato, ela precisa descrever, mesmo com receio do nosso julgamento, que vivia em situação de extrema

pobreza, chegando inclusive a catar restos de comida no *lixão do mercado* para poder alimentar seus filhos. Como *não tinha o que dar para eles*, Telma seguiu a indicação de sua vizinha, que lhe fez um convite e lhe ofereceu companhia para ir a um local que oferecia alimento *todo sábado*, inclusive permitindo levar *comida para casa*. Vislumbrando a oportunidade de ser ajudada, Telma aceitou prontamente a proposta: *aí nós viemos*. A situação miserável vivida por Telma nos impressiona e poderia nos levar a enfatizar somente sua condição de pedinte, entretanto, ela faz questão de ressaltar que o auxílio recebido não é o único fator que determina sua relação com a Casa, pois *só nesse dia* ela não trabalhou, *só esse primeiro sábado*. E por que aconteceu assim?

Quando eu cheguei, a Dona Janaína me apresentou para a Dona Terezinha que me apresentou para o Seu Luciano mais a Márcia. Eu expliquei a minha situação e o Seu Luciano virou para mim: “ó, a senhora vai fazer assim: hoje, você está com as crianças todas. Nós vamos te ajudar, mas você não vai ajudar nós hoje não. Sábado que vem, você tem com quem deixar as meninas?” Falei: “tenho, deixo as meninas em casa.” Ele falou: “sábado que vem você vem cedo porque nós temos trabalho para você. Você vai ajudar nós e nós vamos te ajudar.” Eu falei: “então tudo bem.” Eles me deram um tanto de coisa... Me deram muito mantimento, me deram sopa para levar, me deu roupa para as meninas, me deu tudo! E ainda me deu dinheiro para a passagem, para eu voltar para casa com todo mundo esse dia, o primeiro sábado. Voltei toda contente, com tudo, eu tinha o que dar para minhas filhas durante a semana. Aí... (começa a chorar) eu até me emociono, porque eu passava a semana inteira, às vezes, sem dar nada. Passei muita necessidade na vida. Aí eu voltei, toda feliz, minhas meninas tudo de roupa nova, tudo... Quando foi no outro sábado, eu cheguei cedo e daí, nunca mais (ênfase) eu fiquei sem mantimento. Servindo a Casa Espírita toda (ênfase) vida, eu venho e sou grata por isso. Depois, Deus levou o meu marido e eles, Seu Luciano mais a Márcia, me ajudaram a fazer o enterro, ajudaram a fazer tudo, e eu continuo na Casa, continuo na Casa. É assim.

O primeiro sábado. Telma retoma esse dia marcante em sua vida elencando as pessoas que encontrou: *a Dona Janaína, a Dona Terezinha, o Seu Luciano mais a Márcia*. Contar como começou sua história na Casa é retomar a presença de pessoas significativas que lhe ofereceram atenção, companhia, recursos para atender às suas necessidades imediatas e um convite para trabalhar. Convite que se apresentou como uma espécie de troca, *“você vai ajudar nós e nós vamos te ajudar”*, na qual Telma foi a primeira a receber: *me deram muito mantimento, me deram sopa para levar, me deu roupa para as meninas, me deu tudo!* Tendo aceitado a proposta do Seu Luciano, Telma viu suas necessidades serem prontamente atendidas, sendo a mais importante delas a possibilidade de ter *o que dar para as filhas durante a semana*. Necessidades atendidas naquele dia e em todos os demais, pois ela, que passou *muita necessidade na vida, nunca mais* ficou *sem mantimento*. É por isso que Telma

afirma tão enfaticamente que recebeu *tudo* e que voltou *toda contente, toda feliz*: a satisfação das necessidades materiais, tão prementes naquela época de sua vida, coincide com a realização de sua pessoa inteira. Também os relacionamentos iniciados naquele dia se tornaram referência, acompanhando-a inclusive em outros momentos, como quando seu marido morreu *e eles ajudaram a fazer o enterro, ajudaram a fazer tudo*. Diante de uma realização concreta que se abre em horizontes tão amplos, o juízo por ela emitido, a sua resposta foi e é o empenho de servir com gratidão a quem lhe ofereceu essa oportunidade.

Vivendo carências profundas, Telma encontrou companhias que lhe ofereceram justamente aquilo que lhe era mais importante naquele momento. A proposta de receber e doar-se tocou no centro de suas necessidades e, por isso, no todo de sua pessoa. A experiência de dizer sim a essa proposta e receber o que tanto almejava foi realizadora e gratificante, tornando-se referência para Telma: àqueles que lhe deram *tudo*, ela dá o que for preciso, *toda vida*. A ênfase na sua ação que responde ao chamado para trabalhar soma-se à gratidão àqueles que lhe concederam a oportunidade de vir, de trabalhar. *É assim*: Telma *continua na Casa* e prossegue realizando, se realizando e sendo *grata*.

Ao falar de si como alguém que *passava a semana inteira, às vezes, sem dar nada* às filhas, e que, tendo recebido o que precisava, até hoje *continua servindo* com gratidão, Telma se emociona e comove também a quem lhe escuta. As situações dramáticas por ela vividas são provocadoras, mas, sobretudo, admira-nos sua resposta ao convite contido na doação recebida, pois nessa resposta reconhecemos a potência de um gesto que transforma a própria vida e a de tantas pessoas que mais tarde viriam a conhecer a sua figura simples e a sua história surpreendente. A força do seu posicionamento permeia também outros episódios de sua trajetória na Casa:

Telma: Na época, eles davam para gente uma cesta por semana. Depois, passou de uma cesta de quinze em quinze e, quando passou bastante tempo, passou a ser uma cesta por mês. Até hoje, eu tenho uma cesta por mês. (...) Eu sou grata por isso. Teve um ano, um tempo, não sei se o Seu Luciano pensou que eu tinha melhorado de situação, não sei, aí ele cortou minha cesta e eu fiquei dois anos sem pegar cesta, mas eu não fiquei um sábado sem vir.

Yuri: Você continuou trabalhando.

Telma: Continuei vindo, fazendo a minha tarefa (tom de dignidade). Aí ele mesmo voltou com a minha cesta, mas eu não implorei, não falei nada. Ele mesmo voltou com a minha cesta, e estou até hoje, graças a Deus. Acabei de criar minhas meninas tudo, criei meus netos, da minha irmã, até hoje eu ajudo meus netos. E estou na Casa e sou feliz por isso, graças a Deus.

Num primeiro momento, Telma nos relata que, não obstante a frequência das doações tenha diminuído ao longo do tempo, ela continua a receber *uma cesta por mês* e permanece sendo *grata por isso*. Em seguida, ela revela que ficou *dois anos sem pegar cesta*, mas isso não a impediu de continuar na tarefa: *não fiquei um sábado sem vir*. A ênfase que a própria Telma confere ao fato de que ela permaneceu trabalhando e que não implorou pelo auxílio expressam o valor que fazer a tarefa assumiu em sua vida: não se trata de realizar algo em função somente da recompensa imediata, e sim de continuar *fazendo a minha tarefa*. A tarefa se tornou sua. Ao ressaltar a permanência no trabalho, Telma nos comunica a satisfação com o próprio posicionamento, pois a dedicação àquela ação voluntária é, para ela, sinal da sua dignidade, do seu comprometimento *até hoje* com a responsabilidade assumida, independentemente de receber ou não a *cesta*.

Telma permaneceu no trabalho e permaneceu sendo grata; está *na Casa* e é *feliz por isso*. Enquanto narra esse processo, ela afirma também: *acabei de criar minhas meninas tudo, criei meus netos, da minha irmã, até hoje eu ajudo meus netos*. Essa associação nos intriga: por que Telma aproxima o seu trabalho na Casa à criação dos seus descendentes?

Minhas meninas, a maioria delas, foram criadas aqui. Minha filha caçula, quando eu fiquei grávida dela, eu já estava na Casa. Ela cresceu, fez Campanha do Quilo por um tempo, mas depois deixou de vir... A cabeça muda, né? Mas eu estou aqui. Até quando, só Deus que sabe, mas enquanto eu puder estar aqui, eu vou estar, com certeza.

A história pessoal de Telma e a sua inserção na instituição não podem ser desvinculadas: suas *meninas, a maioria delas, foram criadas aqui*. Estar *na Casa* favoreceu que ela cuidasse da formação das filhas. Uma delas, inclusive, chegou a seguir os passos da mãe, atuando na tarefa da *Campanha do Quilo* por algum tempo, *mas depois deixou de vir*. Ao relatar esse fato, Telma mais uma vez faz questão de acentuar que, independentemente do que aconteça, ela persevera no trabalho: *eu estou aqui*. O limite temporal se apresenta então como um fator a ser considerado, pois *até quando, só Deus sabe*, mas Telma segue afirmando que enquanto depender do próprio esforço, ela vai continuar, *com certeza*.

Como temos observado ao longo desta análise, na apresentação de suas vivências relacionadas ao trabalho voluntário, Telma fornece-nos inúmeros indícios da centralidade do seu posicionamento pessoal de empenho, disposição e cuidado na configuração de sua ação. Para ela, realizar a tarefa não se restringe ao mero fazer: realizar a tarefa é uma ação que expressa seu posicionamento firme de permanecer se dedicando ao que assumiu, mesmo que as condições não sejam favoráveis. Em seu depoimento, a constante contraposição entre os

obstáculos e a disposição para superá-los é sinal de que permanecer na tarefa é um valor central para Telma e ocasião para a realização de si. Vejamos agora em que termos se dá essa realização:

Telma: Agora fez trinta anos que eu estou aqui na Casa e eu estou muito feliz.

Yuri: O que te deixa feliz aqui?

Telma: Eu gosto de estar aqui no meio de todo mundo. Gosto. Gosto de estar aqui no trabalho e gosto das pessoas. Eu já acostumei aqui, né? Eu não sei muito explicar, mas... (tom de desculpa). Eu gosto muito de estar aqui. Às vezes... agora eu não estou tendo muita força nas pernas e nos braços, mas mesmo assim eu gosto de estar no meio do povo, fico feliz.

Após *trinta anos na Casa*, Telma reconhece que está *muito feliz*. Indagada sobre os fatores que a fazem sentir-se realizada, ela começa a enumerar alguns: o *gosto de estar no meio de todo mundo*, o *gosto de estar aqui no trabalho*, o fato de já ter se acostumado. Entretanto, mesmo tendo elencado esses elementos, a própria Telma ressalta a dificuldade em detalhar essa vivência, indicando-nos que a realização no trabalho voluntário é como uma evidência para ela: *eu não sei muito explicar, mas... Eu gosto muito de estar aqui*.

Embora não pareça claro para Telma, seu relato deixa transparecer a centralidade *das pessoas* para que ela se sinta realizada na tarefa. Poder estar *no meio do povo*, compartilhando o trabalho com quem faz e com quem recebe, a faz *feliz*. Mesmo quando Telma não tem *muita força* física, a ação compartilhada num contexto habitual desperta nela um gosto, pelo trabalho e pelo lugar, que é realizador da sua pessoa.

Yuri: Você gosta de estar no meio dessas pessoas aqui?

Telma: Gosto. E há uns anos atrás... Ó, antes eu era muito egoísta, eu vinha para cá trabalhar, e se eu visse alguém ganhar alguma coisa, eu também queria. Hoje em dia eu não sou assim. Hoje em dia... nossa! Eu venho, trabalho e vou embora gratificada.

Yuri: Só o trabalho já te gratifica?

Telma: Só, só! Mas antes eu era egoísta, eu não entendia direito. Eu era muito egoísta.

Continuando a falar sobre sua realização no convívio com as pessoas na tarefa, Telma introduz um novo elemento: sua mudança de posição diante da vida. Se *há uns anos atrás* ela era *muito egoísta* e *queria ganhar* tudo o que os outros ganhassem, agora ela afirma categoricamente: *hoje em dia eu não sou assim*. A própria Telma expressa admiração por não ser mais *egoísta* e por alcançar a gratificação *só* com o trabalho: *nossa!* Para ela, o seu egoísmo vinculava-se à falta de compreensão: *eu não entendia direito*. E o que Telma entendeu para mudar de postura e deixar de ser *egoísta*?

Telma: Não tem mais aquele egoísmo, aquela bobagem comigo, nossa, como eu era egoísta! Egoísta demais, Nossa Senhora. E hoje em dia, eu sei que não é nada disso. Se os outros me fizessem, me falassem uma palavra, eu ficava com raiva à toa das pessoas. Agora não.

Yuri: Agora não?

Telma: Não, o quê que é isso! Não vai me fazer bem ficar com raiva de ninguém! (risos). Não vai me fazer bem, fazer nada. Ficar com raiva das pessoas, para quê?

Em primeiro lugar, Telma entendeu que o *egoísmo* é uma *bobagem* que não lhe faz *bem*. Diante desse reconhecimento, não faz sentido *ficar com raiva das pessoas, para quê?*

[Antes], *se eu fizesse o trabalho e visse alguém ganhar alguma coisa, eu também queria. Eu achava que eu também trabalhei, então... Só que a gente, assim, no íntimo da gente, a gente ganha muito mais do que... né? Então é isso que me dá força.*

Em segundo lugar, Telma reconhece que ao trabalhar ganha muito mais do que *alguma coisa*. Com o tempo, ela descobriu que fazer a tarefa lhe traz uma gratificação muito maior que qualquer recompensa material. Assim, não há sentido em reagir, em ficar com raiva de quem lhe desagradou ou ganhou algo. Trabalhando, Telma acredita ter se modificado, tornando-se capaz de não levar em consideração o que não lhe faz *bem*: sua ação voluntária abriu possibilidade de rever posicionamentos e caminhar desprendendo-se do que lhe é nocivo. Além disso, reconhecer o verdadeiro ganho, aquele que se dá no *íntimo*, também lhe dá *força*. Força para quê?

Telma: Me dá força, nossa! Igual, hoje mesmo eu acordei sentindo tanta (ênfase) dor nas pernas. Falei: “ô meu Deus, eu não vou lá não, porque eu não vou dar conta.” Aí depois eu pensei: “meu Deus, é feriado. Eu vou tomar o remédio e vou!” Aí tomei o remédio, enfiêi debaixo do chuveiro e estou lá: “ai, João Alberto, dá força nas minhas pernas, dá força nas minhas pernas...”. Quando eu me vi eu estava aqui! (risos) É engraçado isso, né? É muito engraçado! Eu não dou sossego para o João Alberto não, eu peço força para o João Alberto o tempo todo. Nó! Tenho fé mesmo, muito.

Yuri: E você quis vir no feriado, por quê?

Telma: Porque eu imaginei que viria pouca gente. Aí falei: “gente, deixa eu ir lá.”

A força que Telma ganha é disposição para trabalhar superando as dificuldades, disposição sustentada pela *fé*. Sofrendo com a *dor nas pernas*, ela dialoga com *Deus*, dizendo-lhe acreditar que não conseguirá realizar a tarefa: *eu não vou dar conta*. Mas a intuição de que no *feriado* poderia haver *pouca gente* trabalhando na tarefa reacende em Telma o juízo de se dedicar ao trabalho sempre que for preciso. Retomando esse ponto, as hesitações

desaparecem, e Telma pode se posicionar a favor do que reconhece como mais correspondente: *eu vou tomar o remédio e vou!* Entretanto, ela sabe que cuidar do que lhe corresponde não é algo que possa fazer sozinha: por isso pede ajuda a *João Alberto*, mentor espiritual da tarefa, para sustentar sua disposição para o trabalho. O reconhecimento da resposta imediata, *quando eu me vi eu estava aqui*, é vivido com surpresa, levando-a a retomar sua fé em *João Alberto*, a quem ela recorre *o tempo todo*: *Eu não dou sossego para o João Alberto não.*

Telma reafirma constantemente o seu ímpeto por superar os obstáculos para permanecer se dedicando à tarefa e, neste trecho, ela nos comunica que seu empenho é sustentado por interlocutores de seu diálogo íntimo: Deus e João Alberto. Nesse sentido, a vivência religiosa de relacionamento com figuras transcendentais incide no modo como ela realiza a ação voluntária: é a elas que Telma recorre quando percebe que não consegue sustentar sozinha o seu posicionamento. Observando que adquire forças para trabalhar mesmo quando acredita que não vai dar conta, Telma compreende que é a intervenção deles que opera modificando a realidade e instigando-a a continuar. A continuar mesmo com suas limitações físicas, que impõem limites ao modo como a tarefa é executada:

É, às vezes não sai certo, porque, igual, eu não estou enxergando direito, muita coisa sai errada, né? Porque quem não enxerga direito nem tudo vê. Assim, se eu não enxergo com o olho, eu vou enxergar com o olho do coração, com certeza. Aí eu lavo, direitinho. (...) Eu venho para cá de coração.

Enquanto realiza sua tarefa de lavar, Telma reconhece que *às vezes muita coisa sai errada* devido à sua dificuldade para enxergar, pois *quem não enxerga direito nem tudo vê*. Entretanto, para Telma, sua limitação visual é suplantada e ela pode *enxergar* com um outro *olho, o olho do coração*. O coração que a leva a estar ali é capaz de permitir que, mesmo sem ver com os olhos físicos, ela consiga lavar *direitinho*. Telma diz que faz *direitinho*, mas também admite que *às vezes não sai certo*: a aparente contradição nos indica que fazer direito não é fazer sem erros, fazer direito é fazer *de coração*. É o *coração*, o que há de mais nuclear na sua pessoa, que caracteriza o modo de Telma estar e agir ali. É esse fundamento que orienta sua disposição para trabalhar e lhe dá a *certeza* de que os erros não apagam o valor de sua contribuição.

Prosseguindo, Telma reafirma:

Eu venho para cá de coração. Às vezes eu falo assim, eu chego dia de sexta-feira aqui, chego assim desanimada, todo mundo desanimada... Eu fico

assim para minhas colegas: “vamos, gente, se a gente quiser curtir preguiça, fica em casa, não vem para cá, não.” (risos)

Ao ir para a tarefa *de coração*, mesmo chegando *desanimada* e percebendo este estado de ânimo também em suas *colegas*, Telma é capaz de retomar o valor do trabalho, comunicando-o para as demais e incitando-as a prosseguir: “*vamos, gente*”. A tarefa não é lugar para *curtir preguiça*: é necessário estar ali de um outro modo.

Pautando-se no fundamento que é o *coração*, Telma age tanto superando a limitação física para enxergar quanto modificando seu estado de ânimo. Nesse sentido, podemos retomar toda a sua dinâmica de exaltar a superação de obstáculos iluminando-a com essa nova luz: a sua disposição para lutar contra todos os impedimentos fundamenta-se no *coração*. Agindo *de coração* e vitalizada pela *força* recebida no *íntimo*, Telma dá sua contribuição para que a tarefa se concretize da melhor forma. Contribuição que muitas vezes vem em forma de brincadeira, como expresso acima, explicitando que, para Telma, a alegria é um importante recurso:

Telma: O meu trabalho, eu tenho certeza que é gratificante para mim e para quem participa do meu trabalho. Porque, assim... (risos) Eu tenho certeza, nem que seja rir bastante (risos). Ai, ai...

Yuri: Então você tenta passar isso para as pessoas, essa alegria?

Telma: Eu tento, não sei se as pessoas saem gratificadas, mas eu fico. Eu saio.

O *trabalho* de Telma é permeado pela alegria e pela realização: ela sempre pode *rir bastante* e sair gratificada. A princípio, ela diz que também seus companheiros de tarefa reconhecem o trabalho como *gratificante*, mas depois pondera que, mesmo tentando passar isso para eles, não pode garantir qual seja a vivência das outras *pessoas*. Nesse movimento, Telma retoma a *certeza* quanto à própria experiência de realização, podendo afirmar de modo categórico: *mas eu fico* gratificada. A certeza quanto ao que vivencia ao agir voluntariamente mobiliza Telma a buscar compartilhar com os demais essa realização e, ainda que não saiba o modo como as pessoas tomam a sua tentativa, ela sabe que, ao fazer assim, sai gratificada: isso também a realiza.

Eu sou feliz. Eu tenho esperança de que tudo vai dar certo, tanto na minha vida quanto na vida dos meus amigos, de todos. Porque, nas minhas orações, Yuri, eu não peço só por mim. Sabe como que eu me refiro? Eu digo assim, quando eu peço força para Deus, saúde, tudo, eu peço para a família da Casa Espírita. Eu tenho aqui uma família. Eu faço é assim. Porque, no meu coração, aqui é uma família. Então eu peço assim. Dá força para nós, a nossa família da Casa Espírita, que fique todo mundo feliz,

reunido, alegre, fazendo cada qual a sua tarefa. Aí, no fim, no dia, dá tudo certo. É muito gostoso aqui, eu gosto.

Telma é feliz e tem *esperança*: reconhece que *é muito gostoso aqui*, acredita que *tudo vai dar certo* e não se esquece de *todos* os seus *amigos* nas suas *orações*, pois no seu *coração* eles são como sua *família*. Ser *família* é ser um *nós*: o fazer juntos com clareza do sentido da ação e com gosto, afeto e humor consolida laços que superam a convivência ocasional, levando-nos a compreender que, para Telma, o grupo de tarefeiros constitui-se como comunidade.

Retomando a sua realização no trabalho voluntário, ela dá juízos sobre o que vive no contexto específico da Casa, falando da sua experiência presente que se abre para o futuro e que inclui o cuidado com presenças significativas. Nesse horizonte de totalidade, também o seu pedido específico para o *dia* da tarefa se apresenta de modo abrangente, incluindo as dimensões da força, da saúde, da felicidade, da união, da alegria, e retornando ao substrato em que tudo isso se ancora: a ação voluntária de cada um. Com todas essas dimensões contempladas e *fazendo cada qual a sua tarefa, dá tudo certo* e Telma pode finalizar afirmando mais uma vez a sua realização: *eu gosto*.

3.1. A experiência de voluntariado de Telma: uma síntese

Ao longo de seu depoimento, Telma apresenta-nos um modo próprio de elaborar sua experiência de voluntariado. Na referência constante a condições adversas e a sua disposição por superá-las, ela nos comunica como valoriza seu posicionamento de persistir se empenhando naquilo que a corresponde e faz sentido para ela. O modo como Telma se empenha é expresso no cuidado e na certeza de que, mesmo existindo erros, a tarefa alcança sua finalidade porque sua disposição para trabalhar brota do centro da sua pessoa, do seu coração. Nesse processo de se dedicar a algo que lhe é correspondente, Telma vivencia a gratidão e a realização de si, bem como a oportunidade de se transformar superando posicionamentos de fechamento e sendo fortalecida interiormente.

Trabalhando voluntariamente, Telma também vivencia o gosto por compartilhar sua ação com outros: estar junto aos companheiros empenhando-se na tarefa é evidentemente realizador para ela. Telma apreende nesses relacionamentos fortes vínculos que, para ela, coincidem com vínculos familiares, o que evidencia para nós o reconhecimento de que, na sua

experiência, a equipe de tarefeiros forma uma comunidade. E é por meio de seu empenho, de sua alegria característica, da tentativa de comunicar o sentido da tarefa e de suas orações que Telma busca ajudar os demais a prosseguir, contribuindo a seu modo para que essa comunidade se constitua e perdure no tempo.

Assim como reafirma sua disposição e realização no trabalho voluntário e busca instigar os companheiros, Telma percebe que suas limitações evidenciam que ela não conseguiria sustentar sua ação sozinha. Não consegue, mas faz: a superação de certas adversidades a leva a intuir que é amparada por presenças transcendentais e a recorrer a elas solicitando forças para prosseguir. Nesse sentido, compreendemos que a experiência religiosa se constitui como um dos pilares de sustentação de sua ação voluntária.

E compreendemos também que a análise da ação voluntária de Telma não pode prescindir da reflexão sobre o contexto sociocultural em que essa ação é realizada. É o relacionamento com presenças físicas e transcendentais neste contexto que sustenta e fortalece a disposição de Telma para se empenhar na tarefa. Além disso, foi por um convite de pessoas da Casa que Telma começou a trabalhar voluntariamente, de início como forma de retribuir uma satisfação totalizante por ela vivida graças às doações recebidas. Com o passar dos anos, ela passou a vivenciar novos sentidos ao fazer a tarefa, transformando sua motivação ao atualizá-la e ampliando a gama de fatores que a realizam. Nesse sentido, diante de uma proposta vinculada a uma experiência de realização, Telma emitiu um juízo de gratidão e compromisso: a proposta se converteu em dever que satisfaz a totalidade da sua pessoa e a motiva a persistir na tarefa superando obstáculos. *Servindo a Casa Espírita toda vida, eu venho e sou grata por isso.*

4. Márcia: *essa é a minha tarefa, eu vou abraçar ela com todo amor*

Num espaço próximo ao refeitório em que são servidos o café da manhã, a sopa e a salada de frutas, bebês e crianças de até quatro anos transitam no colo ou de mãos dadas com tarefeiras vestidas de aventais. O modo como as crianças saem dali, limpinhas, cheirosas, com cabelo bem penteado e roupa impecável chama atenção de todos que as vêem e já anuncia o que elas foram fazer: tomar banho. O “Banho Infantil” é uma tarefa que acontece todos os sábados, das nove às onze e meia da manhã. Embora a tarefa aconteça há muitos anos, o local em que é realizada foi recentemente alterado: é o “Banho novo”. Em virtude da alteração do local, hoje, todo o setor da Assistência Social acompanha o trânsito de crianças e tarefeiras e são notáveis o cuidado e o carinho com que os pequenos são tratados. Aproximando-nos do local do Banho, vemos por uma vidraça que cada tarefeira cuida de uma criança em uma etapa diferente do processo: primeiro tirar a roupa, depois dar o banho propriamente dito, secar, vestir a roupa, arrumar o cabelo.

Em meio a este trabalho, destaca-se a figura alegre de Márcia, coordenadora da tarefa. Ela possui 59 anos, é atriz e produtora executiva, trabalha na Casa há treze anos e, há nove, começou no Banho Infantil. Sua vivacidade e a proximidade que demonstra ter com as crianças e as mães bem como o modo como orienta as colegas de trabalho indicam-nos sua centralidade na execução daquela tarefa.

Ao nos mostrar o espaço do Banho Infantil, Márcia opta por descrever cada etapa do trabalho, voltando-se para a sua experiência de modo a nos comunicar sua contribuição na atual configuração desta tarefa. Acompanhemos seu percurso de elaboração:

Nós somos voluntárias do Banho Infantil. E a gente acha a tarefa maravilhosa (ênfase). É uma tarefa que nos ensina muito, porque a gente aprende com a criança o carinho e o amor, aprende com as mães e elas aprendem várias coisas com a gente, como cuidar dos filhos. Porque às vezes muitas mães são novinhas e têm meninos sem nenhuma experiência. E aqui a gente tenta passar as experiências para elas, tenta passar o que a gente sabe.

Já no início do seu depoimento, Márcia apresenta-nos uma espécie de síntese de sua experiência como tarefeira do Banho Infantil, contemplando os principais pontos de seu trabalho: a opção por usar o “nós” para incluir a equipe envolvida; o valor de definir sua ação como *voluntária*; a realização de si vivida nessa tarefa, tida como *maravilhosa*; o aprendizado na convivência com as crianças, marcada pelo *carinho* e pelo *amor*; a importância do

relacionamento com as mães, que tanto ensinam às tarefas quanto apreendem *experiências* que lhes são passadas; a centralidade da dimensão do cuidado.

Ao longo de sua fala, Márcia explora cada um desses elementos, a começar pela dimensão do cuidado, que orienta o modo como ela apresenta o cotidiano da tarefa:

Normalmente, o banho começa às nove horas. Oito e meia, nós já estamos aqui, fazemos a nossa prece, as meninas põem o avental e a toquinha para dar banho. No final, terminou o banho, todas fazem a limpeza do lugar. Deixa tudo arrumadinho para o próximo sábado. Você vê que está tudo lavado; os tapetes, os panos de chão... até os panos de chão são limpinhos.

Neste quadro geral da tarefa, é ressaltado o compromisso com os horários, com a *prece* no início, com a arrumação no final *para o próximo sábado*, com a limpeza. Entendemos que, no modo como Márcia enumera os pormenores da atividade, afirmando que *tudo é arrumadinho*, já se anuncia como, em sua ação voluntária, ela valoriza a preparação, a organização e o cuidado no desenvolvimento da tarefa. Nesse sentido, realizar a *prece* antes das crianças chegarem é cuidar do ponto de vista espiritual; colocar *o avental e a toquinha* é preparar-se para poder *dar banho*; lavar *tudo*, deixando *limpinhos até os panos de chão*, é cuidar e organizar o ambiente com atenção para todos os seus elementos.

Então funciona assim. Tudo fica organizadinho. Cada criança é com uma buchinha. A gente nunca usa... Por exemplo, se a criança está com sarampo, catapora ou com algum outro tipo de doença de pele, ou alguma coisa, a gente sempre dá banho, joga a água fora, lava a banheira, desinfeta com álcool. Às vezes a gente bota até Lysoform. Tem uma nossa menininha agora que tem sarna. Então é um negócio que pega mesmo. Então a toalha dela é lavada separada. A bacia, toda vez que ela acaba de tomar banho, é lavada com Lysoform. Então a gente tem esse cuidado das crianças não transmitirem as coisas para as outras crianças.

Para Márcia, o modo *organizadinho* como *funciona* o Banho Infantil não inclui somente o *cuidado* com a limpeza e a organização do espaço, pois é importante que sua ação contemple *sempre* o cuidado com as crianças lá atendidas. Para exemplificar, ela relata todas as precauções tomadas no procedimento de limpeza quando alguma criança está com *doença* no intuito de evitar a transmissão *para as outras crianças*. E o cuidado e a organização do espaço também se refletem na separação das crianças por idade:

Aqui [onde estão as banheiras] é onde lavam as crianças, aqui [onde estão os chuveiros] são os maiores. Normalmente a gente separa os maiores dos menores na hora do banho. (...) Porque às vezes não tem jeito, tem quinze recém-nascidos, aí são só pequeninhos. A gente não atende os maiores. E os maiores choram porque eles não tomaram banho. Tem menino, que quando eu chego no salão, está em prantos. “Por que você está chorando?”

“porque eu não tomei banho hoje”. Dá até pena. Mas tem dia que não dá, porque nós temos hora de começar e hora de terminar. E tem menino que chora.

Ao diferenciar o espaço onde as crianças *menores* e as *maiores* tomam banho, ressaltando que, às vezes, devido à grande quantidade de recém-nascidos, não é possível atender *os maiores*, Márcia retoma a experiência de vínculo afetivo que as crianças têm com o banho. Assim, o relato de que *tem menino que chora* porque não pôde tomar banho naquele dia evidencia que, para Márcia, o cuidado com as crianças desperta nelas o gosto pelo banho. Diante do choro dos *maiores*, Márcia sente *até pena*, mas reconhece que, devido ao horário determinado para a realização da tarefa e à prioridade dada aos recém-nascidos, *tem dia que não dá*.

Na descrição de como as crianças e ela própria vivenciam emocionalmente situações cotidianas da tarefa, Márcia nos comunica como, em sua experiência, a ação voluntária é capaz de estabelecer vínculos afetivos recíprocos entre tarefeiros e assistidos. Além disso, compreendemos que em sua ação o cuidado com o lugar e com as crianças soma-se à decisão por respeitar o modo de organização da tarefa e a quem ela primeiramente se dirige. Nesse sentido, colhemos um primeiro indício de como Márcia elabora sua experiência de voluntariado de modo integrado, contemplando tanto a dimensão afetiva quanto o compromisso assumido com a proposta da tarefa.

Continuando a nos mostrar o espaço do Banho Infantil, Márcia conclui:

*Então funciona assim. É lindo. O Banho ficou lindo, arejado, claro, tudo novinho. Muito bom, é muito gostoso trabalhar aqui. Eu sou apaixonada, e com os meus nenéns também, nossa! E os meninos se apaixonam de tal maneira pela gente que quando chegamos lá em cima os pequenininhos já dão os bracinhos. Eles já sabem que nós vamos pegar para dar banho. E chega aqui é a maior festa. Tinham muitos que choravam bastante quando vinha tomar banho, mas agora não choram. Chega e já sabe que aqui é o lugar de tomar banho. Então parece que eles já entram em sintonia com a gente. E isso é maravilhoso!
Tem uma criança que é tão apaixonada comigo! Acho que ela me escolheu, né? Eu chego lá no salão, ela já dá o bracinho. (...) Lindo demais! E ela fica no meu colo o tempo todo. Enquanto não desce para o banho, ela não sai do meu colo. Então, é muito prazeroso, eu amo.*

Dando o juízo sobre como ficou *lindo* o espaço onde é realizado o Banho Infantil, Márcia afirma o quanto é *bom e gostoso trabalhar* ali. Da descrição do local, ela chega à afirmação sobre a realização pessoal que vivencia, dizendo-se *apaixonada* pela tarefa e pelas crianças atendidas. E ela percebe essa paixão também nessas crianças porque, se num primeiro momento *choravam bastante*, elas *agora não choram, dão os bracinhos* para ir para

o banho e fazem *a maior festa* quando chegam. Para Márcia, o fato delas já saberem que ali *é o lugar de tomar banho* parece indicar que elas estão *em sintonia* com as tarefeiras. *E isso é maravilhoso*, ou seja, reconhecer que as crianças também se satisfazem nesse processo é realizador para Márcia. Portanto, compreendemos que a sua vivência de realização de si enquanto trabalha voluntariamente inclui o reconhecimento de que sua ação tem ressonância naqueles para quem é direcionada.

Ao falar do relacionamento com uma criança em especial, *que é tão apaixonada* por ela, Márcia conta-nos como *é lindo demais* o momento em que essa criança lhe *dá o bracinho* para ficar em seu *colo*, e conclui: *é muito prazeroso, eu amo*. Com esse exemplo, ela fornece-nos mais indícios de como o vínculo afetivo com os pequenos que são atendidos é central na configuração desta ação voluntária que realiza a sua pessoa.

Assim, ao falar sobre a dimensão do cuidado na tarefa, Márcia chega a tematizar seu relacionamento com as crianças, elaborando como sua ação voluntária contribui para a constituição do afeto mútuo, aspecto central desse relacionamento que a realiza como pessoa. E, do relacionamento com as crianças, ela passa ao relacionamento com as mães:

A tarefa de quem trabalha com as crianças na Casa Espírita é uma tarefa maravilhosa, de muita responsabilidade. Nossa responsabilidade é maior, eu acho, por ser isso: cuidar das crianças. (...) É difícil uma mãe entregar o recém-nascido para você, sem saber como é que ele vai ser tratado. (...) Nossa! Tem todo um cuidado mesmo. Porque a nossa responsabilidade é muito grande, e as mães confiam na gente. No nosso trabalho, a gente sempre tem que estar mostrando para elas que nós realmente merecemos a confiança delas.

Para Márcia, a tarefa do Banho Infantil, além de ser *maravilhosa*, *é de muita responsabilidade* justamente porque se trata de *cuidar das crianças*. Isso quer dizer que, por definição, é preciso um acompanhamento mais cuidadoso, que leve em consideração também a confiança que as mães precisam ter nas tarefeiras. Reconhecendo que *é difícil uma mãe entregar* seu filho pequeno a um desconhecido, Márcia compreende que *sempre tem que estar mostrando para elas que nós realmente merecemos a confiança*, ou seja, a confiança consolida-se no modo como é realizado o trabalho, com *todo um cuidado mesmo*. Nesse sentido, é possível perceber que a ação voluntária de Márcia, ao propor um relacionamento com as crianças pautado no cuidado, amplia horizontes incluindo também o cuidado com as mães.

E de que modo Márcia consegue transmitir às mães esse cuidado, construindo relações de confiança?

Por exemplo, aconteceu um caso aqui muito interessante e toda vez eu cito. Tinha uma mãe que não dava banho aqui porque tinha medo. Ela falava “eu não conheço as pessoas que dão banho, não sei como é que é”. Aí eu a trouxe aqui para conhecer o Banho. Ela achou lindo: “eu vou deixar o meu neném tomar banho com vocês.” Mas a irmã dela não quis deixar: “você nem conhece, como é que você vai deixar?”. No outro sábado, eu falei para ela: “e aí?”, e ela falou: “minha irmã acha que eu não devo.” E o quê que aconteceu? A menina dela teve uma diarreia tão grande que sujou até a raiz do cabelo, de tanto que a menina ficou suja. Aí ela chegou com a menina aqui e falou: “gente, pelo amor de Deus, me ajuda.” Eu fui, dei banho e botamos a menina toda cheirosa, toda linda. Quando eu entreguei para a mãe, ela viu, olhou para mim e falou: “de hoje em diante, minha menina vai tomar banho aqui todos os sábados.” Essa menina... quando a gente chega lá, ela fica doida! Desde pequenininha até hoje, quando a gente chega, ela fica com os bracinhos. Eu tenho que pegá-la e ela fica o tempo todinho comigo porque sabe que vem dar banho. E se eu a devolvo para a mãe, ela não quer. O que ela quer? Tomar banho. Então, para você ver, como até mesmo os Espíritos encaminham, porque sabem que aquela criança está precisando.

Para mostrar como constrói relacionamentos de confiança com as mães, Márcia se ancora em *um caso* que ela cita *toda vez* por considerar *muito interessante*. Diante da opção de uma mãe por não deixar sua filha tomar banho devido ao *medo* por não conhecer as tarefas nem o modo de realização da tarefa, Márcia se posiciona levando-a para *conhecer o Banho*. Mesmo impactada pela beleza do que viu, a mãe mantém a decisão de não deixar a filha lá, influenciada pela opinião da irmã. Mas eis que um novo fato acontece: a menina, com diarreia, suja-se muito, obrigando a mãe a recorrer à ajuda de Márcia para limpar sua filha. A mãe, provocada pelo resultado final do trabalho, que deixou sua filha *toda cheirosa, toda linda*, reformula sua decisão: “de hoje em diante, minha menina vai tomar banho aqui todos os sábados.” E não foi só a mãe que gostou. A menina, quando vê Márcia, já sabe que é a hora do banho, ficando *doida* porque quer tomá-lo. Para Márcia, toda essa experiência é uma evidência da intervenção dos *Espíritos* que, neste caso, encaminharam esta criança para o banho *porque sabem que ela está precisando*.

Compreendemos que, para Márcia, este *caso é interessante* porque evidencia diversos aspectos que ela considera essenciais em sua ação voluntária no Banho Infantil: o fato de que é a reflexão sobre situações concretas por ela vivenciadas que orienta o modo de conduzir a tarefa; o valor do cuidado e do respeito no relacionamento com as mães; a experiência de maravilhamento que essa tarefa provoca em quem a conhece; a importância de, pelo trabalho, despertar o gosto e conquistar a confiança tanto das crianças quanto das mães; o reconhecimento da intervenção dos *Espíritos* em função da necessidade da pessoa.

Com relação a este último aspecto, Márcia afirma:

Porque o banho não é só um banho. Como a sopa. Os Espíritos põem dentro da sopa tudo aquilo que... Eles estão nos vendo e sabem o que a gente precisa. Então, cada assistido vai comer aquela sopa e vai ter ali dentro o que ele necessita para poder... E eu acho que o banho é assim também. A tarefaira está dando um passe na criança, e [transmitindo] o amor que elas têm pelas crianças. Aquilo faz com que aquela criança, quando está doente, melhore; a mãe, quando está com problema, melhora.

Ao comparar o banho com a sopa, entendemos que Márcia objetiva explicitar o modo de intervenção dos Espíritos na tarefa, ressaltando o saber que eles têm sobre *o que* a pessoa precisa. Para ela, enquanto na sopa os Espíritos colocam *ali dentro* o que é necessário, no banho a intervenção é via *passe*, isto é, as tarefairas são instrumentos que repassam energia para a criança. Soma-se a isso a transmissão do *amor que elas têm* e, como resultado, Márcia apreende como a ação realizada na tarefa do banho *faz com que aquela criança, quando está doente, melhore; a mãe, quando está com problema, melhora.*

É nesse sentido que *o banho não é só um banho*. Compreendemos que, na experiência de Márcia, está implícito algo a mais nessa atividade, pois sua ação é ocasião tanto de abertura para o relacionamento com presenças transcendentais que intervêm em função do que é preciso quanto de concretização do amor que o tarefairo nutre pela criança assistida. Contemplando esse processo, Márcia conclui que a comunhão desses fatores faz com que aconteçam transformações na vida dos assistidos, o que significa que, para ela, sua ação voluntária atinge horizontes mais amplos do que sua finalidade imediata.

E tanto é assim que as mães vislumbram em Márcia uma companhia para compartilhar situações dramáticas por elas vivenciadas:

Quando a mãe está tão confiante no trabalho da gente, ela nos chama quando está com problema. Fala assim: “Márcia, estou com um problema e queria a sua ajuda.” Conversam... Mãe que tem problemas de consumo de drogas, mãe que tem marido que bebe e bate, mãe que tem marido que quer molestar as crianças.

Novamente: *o banho não é só um banho*. Para Márcia, a confiança em seu trabalho abre caminho para que as mães a chamem para conversar sobre seus problemas, buscando *sua ajuda*. O cuidado demonstrado no relacionamento com elas e com seus filhos levam-nas a tomar a tarefaira como referência, ponto de apoio em momentos de dificuldade. A esse respeito, Márcia, mais uma vez, exemplifica sua compreensão retomando um caso recente:

No começo do ano, o marido de uma das mães foi assassinado. Uma das meninas deles tomava banho aqui. E ela ficou assim... ela presenciou tudo. Sempre quando ela chegava aqui, a gente se reunia, fazia uma oração

para ela e para o pai. Porque a gente sabe que [se a pessoa] morrer naquelas circunstâncias, fica por aí. E ele era muito apegado com ela. A menina o via, sabe? Falava para a mãe: “olha o meu pai ali.” Quer dizer, não está, mas ele estava presente. Ele não queria ir embora. Então nós fizemos muita oração para eles, todas nós, todas as tarefeiras. Toda vez lá em casa, no Culto no Lar, colocamos o nome dele. São pessoas que a gente nunca viu, não conhece, mas o nome e o endereço estão ali para orarmos.

O fato de que uma das crianças assistidas presenciou o assassinato do próprio pai provoca Márcia profundamente. De acordo com a sua compreensão calcada na Doutrina Espírita, *morrer naquelas circunstâncias* leva a pessoa a ficar *por aí*, o que justificaria o fato de que *a menina o via* e a conclusão de que *ele não queria ir embora*. A provocação vivida diante deste acontecimento e a compreensão sobre o que nele está implícito mobilizam Márcia e as demais tarefeiras a reformularem o modo de lidar com a menina, reunindo-se antes de recebê-la no Banho para fazer *uma oração para ela e para o pai*. Esse movimento de oração se estende para fora dos muros da instituição, pois Márcia também ora para ele em sua casa, *no Culto no Lar*.

Na forma como Márcia narra este caso e apresenta seu posicionamento a respeito, vislumbramos como, de modo semelhante ao que afirmou a respeito dos Espíritos, ela age buscando levar em consideração o que a mãe e a criança estão precisando em suas vidas. Além disso, ao relatar que ora em sua casa por *pessoas que nunca viu*, ela mais uma vez indica como se abre para um relacionamento pessoal com os assistidos, especialmente com as mães.

Você ter essa relação também com as mães. De ver o que a gente pode fazer para diminuir um pouco o sofrimento delas, porque não é fácil não. É uma vida muito difícil a delas. A gente, que não passa por esse tipo de coisa, acha às vezes que nem existe. Porque a gente não tem essa convivência, mas acontece, e muito. E aqui a gente aprende essa lição. Aprende a agradecer a família que a gente tem, aprende a agradecer ter nascido espírita e saber da Doutrina Espírita. Porque tudo que a gente faz, a Doutrina Espírita dá uma força para a gente. E as mães estão aprendendo agora.

Márcia, *que não passa por esse tipo de dificuldade, acha às vezes que nem existe*, mas a convivência com as mães proporcionada pela tarefa lhe ensinou a *lição* de que é preciso reconhecer que os problemas acontecem, *e muito*, e de que é preciso fazer o que se *pode para diminuir um pouco o sofrimento delas*. Diante dessa provocação, Márcia também colhe a *lição* da gratidão: *aprende a agradecer a família que tem, aprende a agradecer ter nascido espírita e saber da Doutrina Espírita*. Gratidão pelo fato de ter uma base familiar e religiosa que *lhe dá uma força em tudo que ela faz*.

Compreendemos que, para Márcia, a experiência de trabalhar voluntariamente é ocasião de abertura para o relacionamento com o outro em toda a sua dramaticidade, isto é, nas dificuldades que ele enfrenta em sua vida e na possibilidade concreta de se posicionar pessoalmente ajudando-o a enfrentar e diminuir seus problemas. Além disso, ao se dar conta dessa realidade, Márcia agradece por aquilo que recebeu, seja no âmbito familiar, seja no âmbito religioso, e que lhe dá sustentação e lhe impulsiona em tudo que ela faz, inclusive em sua ação voluntária.

Diante do reconhecimento de que a Doutrina Espírita lhe oferece força, Márcia afirma que as mães *estão aprendendo agora*. Que aprendizado é esse? De que modo Márcia entende que as mães estão aprendendo e como ela tem contribuído na constituição desse aprendizado?

Depois que eu comecei a coordenar o banho, eu achei que... porque antes elas às vezes ficavam brigando: “eu cheguei primeiro”, “não! Fui eu que cheguei primeiro.” Então eu falei: “não. Agora o Fábio vai anotar e a gente vai dar uma senha. Então todo mundo vai receber uma senha.” Porque aí não tem briga, cada uma sabe que a hora que for chamada é a hora dela. Agora, elas ficam sentadas lá no lugar que é do Banho Infantil, e as tarefas vão subindo e chamando pelo número da senha.

Se antes as mães ficavam *brigando* para ver quem iria ser atendida primeiro, Márcia, ao começar a *coordenar* a tarefa do Banho Infantil, posicionou-se buscando solucionar essa questão por meio da distribuição de *senha*, de modo que cada mãe, quando chamada, saberá que *é a hora dela*. Nesse sentido, para ela, um primeiro aprendizado das mães envolve o respeito pelas pessoas e pela dinâmica da tarefa, aprendizado favorecido pela mudança na recepção, proposta pela própria Márcia, que pôs fim a certo tipo de conflito. Portanto, ao assumir a coordenação, Márcia propõe uma melhoria na organização formal da tarefa, de modo a facilitar o trabalho dos tarefeiros e a diminuir a briga entre as mães. Outra mudança proposta refere-se à doação de roupas para as crianças:

Aqui a gente dá roupa de quinze em quinze dias. Um sábado a gente dá a roupa, no outro sábado a mãe traz a roupa. Porque antes não, antes era todo sábado que dava roupa. Aí eu conversei com o coordenador [da Assistência Social], que na época era o Henrique, e falei: “Henrique, você que pode, seu filho ganha roupa todo sábado? Não ganha.” Isso é outra coisa que a gente tem que aprender. Nós estamos aqui não é só para achar que a gente tem que dar, dar, dar. Não. A gente tem que fazê-las também aprender que elas têm que ter responsabilidade, elas têm que aprender que aqui não é só doação das coisas, elas têm que se doarem também.

Se antes cada criança que tomava banho ganhava roupa *todo sábado*, agora é *de quinze em quinze dias*. Trata-se de uma mudança específica com um intuito preciso: *a gente tem que*

aprender. Diante de uma provocação concreta feita ao coordenador da Assistência Social: “*você que pode, seu filho ganha roupa todo sábado? Não ganha*”, Márcia propõe uma mudança de mentalidade quanto à questão da doação. Para ela, o objetivo de quem trabalha voluntariamente não é só *dar, dar, dar*. É preciso também que a experiência de doação seja ocasião de aprendizado tanto para quem doa quanto para quem recebe. Para quem doa, é um dever ensinar algo a mais com o gesto de doar: *a gente tem que fazê-las também aprender.* Para quem recebe, é um dever se responsabilizar pessoalmente pelo que ganha materialmente: *aqui não é só doação das coisas, elas têm que se doarem também.*

Compreendemos que a ação de Márcia de modificar aspectos formais da tarefa, seja organizando a recepção, seja alterando a dinâmica das doações, ao mesmo tempo em que visa a mudar concretamente uma determinada situação, busca repropor a relação entre quem doa e quem recebe. Assim, no empenho de Márcia para concretizar melhorias pontuais, apreendemos a expressão de um objetivo bem mais amplo, de transformação de mentalidades e de formação de todas as pessoas envolvidas.

No caso específico das mães, Márcia entende que essa formação tem como meta que elas se responsabilizem e se doem a partir daquilo que recebem. Como se dá esse processo?

Antes era uma briga, era uma confusão. Aí eu comecei a conversar com o Henrique para falar [às mães]: “olha, gente... vocês aqui também estão ajudando. Vocês têm que vibrar positivamente. Quando entrar no salão, começar a rezar. Rezar para vocês, para os filhos, para todos que estão aqui na Casa. Porque mãe tem uma energia muito boa, muito positiva. Com suas energias, vocês vão fazer o trabalho do salão melhorar. Não vocês atrapalhem, mas vocês têm que ajudar. Então, neném está chorando, pega o neném e dá uma saidinha para ele melhorar. Os maiores têm (ênfase) que ir para a evangelização. Tenta conversar para eles ficarem lá em cima. Vocês têm que ajudar aqui.” Porque antes era uma briga, uma confusão! Toda vez chamavam a gente, “sobe lá porque as mães estão dando trabalho”. Então hoje elas estão, assim, outra coisa.

Dada a *briga*, a *confusão* que as mães faziam no salão, Márcia mais uma vez conversa com o coordenador da Assistência Social para, num segundo momento, comunicar às mães o que entende ser a contribuição delas para que as tarefas cumpram o seu objetivo da melhor forma: *vocês têm que ajudar, com suas energias, vocês vão fazer o trabalho do salão melhorar.* Márcia expressa como um dever aquilo que considera importante, um dever com finalidade e forma de concretização bem precisos. Com esse chamado de atenção, se *antes* procuravam Márcia porque as mães estavam *dando trabalho, hoje elas estão, assim, outra coisa.*

Dessa forma, vemos que, diante de uma circunstância conflituosa, Márcia recorre a seu superior para conversar, levando a ele propostas de mudanças concretas que gerem aprendizados. Uma vez discutidas e aprovadas, Márcia narra como essas propostas foram colocadas em prática, modificando tanto a situação quanto as pessoas nela envolvidas. Nesse sentido, revela-se novamente como sua ação voluntária configura-se a partir da observação e reflexão apuradas sobre cada situação e do respeito à organização já estabelecida, tendo como meta concretizar modificações com a convicção de poder contribuir para a melhoria da tarefa ao formar e transformar as pessoas.

Tal convicção de Márcia poderia levar-nos a vê-la como uma figura autoritária, como alguém que impõe às mães a sua visão de mundo. Se fosse assim, por que elas iriam levá-la à sério?

Quando você conversa com amor, com carinho, explica para elas qual o sentido da Casa Espírita, que elas não vêm aqui só para receber, elas podem doar também... Então, por exemplo, até roupa, que antes ia e nunca voltava, agora não. As roupas que não vão servindo, elas falam: “Márcia, a gente pode trazer as roupas que não servem mais para o neném?” “Pode.” Então elas já trazem as roupas. Quer dizer, olha, já aprenderam que, ao invés delas só receberem, elas podem pegar as roupinhas que não servem mais e doar para outras que estão chegando.

Márcia comunica sim o que acredita ser o certo e busca fazer isso conversando com as mães *com amor, com carinho*, explicitando o sentido do voluntariado: *elas não vêm aqui só para receber, elas podem doar também*. Nesse processo, as mães têm a oportunidade de reconhecer a validade daquilo que é proposto por Márcia e de modificar o seu comportamento: *até roupa, que antes ia e nunca voltava, agora não*, elas doam aquelas que *não servem mais para outras que estão chegando*. A transformação das mães, para Márcia, é sinal de que o modo como ela expressa suas compreensões, buscando ensinar-lhes algo, constrói um relacionamento educativo que contém uma proposta e espera uma resposta, tornando-se aprendizado.

E as mães estão aprendendo agora. Tanto é que agora elas estão ficando separadas no salão, porque vai ter o curso para todas as mães. Vai ter palestras de tudo quanto é tipo, pedagógico mesmo, para elas aprenderem como orientar e conduzir os filhos. Eu achei fantástico. De dez às onze horas, todas as mães vão ao salão novo para ter esse tipo de palestra. Elas precisam disso. Isso também já foi conversado com os nossos coordenadores, que acharam que deveria ser isso. Queira ou não queira, elas são diferenciadas de outras pessoas que vêm. Porque, afinal de contas, elas estão entregando seus filhos em nossas mãos para orientarmos e ajudá-las a orientar.

Eu conversei com o Wellington [coordenador da Assistência Social] ano passado, e ele pediu para gente assim: “faz aí o que vocês acham que a gente deveria fazer com as mães, quais os temas que se deveria abordar.” O Banho Infantil fez e a Evangelização também fez. Então agora todas as mães que têm crianças na Evangelização e no Banho Infantil vão para esse trabalho. É mais um passo que foi dado no Sábado em benefício das mães da Casa. Então eu achei fantástico, era uma tarefa que não tinha. E a gente achava que precisava disso. Ali elas vão aprender coisas de cultura, de psicologia, de crianças, porque elas não têm isso, coitadas. Infelizmente, são mães às vezes analfabetas, que moram em áreas de risco, em áreas de droga. Tem muito problema: tem muito pai alcoólatra, tem muita mãe alcoólatra, que tem problema de droga, e estão com os filhos aqui. Quer dizer, isso é um pedido de ajuda, um pedido de socorro. Agora essas mães vão realmente ser atendidas nesse ponto que elas precisam mais. São pessoas que entendem e que podem passar isso para elas. Bom demais, fantástico.

Outro sinal que indica a importância do aprendizado das mães para Márcia é o entusiasmo com que ela se refere à proposta de um curso específico para as assistidas que são mães: *bom demais, fantástico*. Trata-se de um curso de caráter *pedagógico* cujo objetivo é ensinar às mães *como orientar e conduzir os filhos*. Conversando com os coordenadores, Márcia propõe e valoriza *esse tipo de palestra* porque entende que essas mães são pessoas *diferenciadas* que *precisam* desse tipo de orientação devido à falta de oportunidade, de conhecimento e aos problemas que elas enfrentam. Para Márcia, o fato de as mães estarem ali, mesmo com tantos problemas, *é um pedido de socorro*, e por isso esse curso é *mais um passo que foi dado em benefício* delas porque elas serão *realmente atendidas nesse ponto que elas precisam mais*. Apreendemos que, comovida pela realidade dramática vivida pelo outro, Márcia se mobiliza para auxiliar da forma que entende ser a melhor, isto é, da forma que vislumbra ser adequada às principais necessidades de cada grupo de assistidos.

Novamente nos é possível visualizar o modo como Márcia se empenha para ajudar os assistidos elaborando propostas que, debatidas com seus superiores, são colocadas em prática com o intento de possibilitar aprendizados para quem esteja envolvido. Além disso, compreendemos que, para ela, é fundamental trabalhar atenta àquilo que a realidade concreta solicita, para elaborar propostas que nasçam destas solicitações e busquem responder às necessidades compreendidas. E, estando atenta à realidade vivida pelos assistidos, Márcia constantemente reafirma o quanto as situações dramáticas por eles relatadas a tocam:

Tem crianças que falam para gente cada coisa que acontece com elas, que acontece com a mãe. Meninos de quatro anos, cinco anos, que estão aprendendo, começando a vida agora, mas já sabem tanta coisa que o coração da gente dói. Porque a gente sabe, a gente que tem família estruturada, que tem noção de relacionamento familiar, de como conduzir os filhos. Principalmente nós espíritas, que temos mais ou menos uma noção

de como conduzir. E a gente vê o tanto que essas crianças sofrem, e a gente sofre junto. O coração fica apertadinho quando eles começam a falar.

Lidar com os problemas dos assistidos, principalmente quando relatados pelas próprias crianças, comove Márcia fortemente: *meninos que estão começando a vida agora, mas já sabem tanta coisa que o coração da gente dói.* Para ela, reconhecer que tem *família estruturada* e que tem *noção de como conduzir os filhos*, principalmente por ser *espírita*, permite que ela veja *o tanto que essas crianças sofrem*, levando-a a sofrer *junto*. Nesse trecho, é evidente o quanto Márcia se importa pessoalmente com aqueles em quem dá banho, revelando, uma vez mais, sua *paixão* pelas crianças atendidas.

E Márcia entende que essa *paixão* pelas crianças é um ponto tão estrutural para as tarefas que atrai pessoas de outra religião...

As tarefas aqui, nós somos apaixonadas (ênfase) pelas crianças. Tem uma tarefaira, a Lourdes, ela é católica, freqüenta a Casa, e já falou que não deixa por nada (ênfase) essa tarefa das crianças. Ela fala: “as minhas crianças!” Ela é apaixonada mesmo. Inclusive, o padre da Paróquia sabe que ela trabalha aqui como voluntária. E ela já falou para ele: “oh padre, eu não deixo, porque eu amo aquelas minhas crianças.”

... e jovens que não têm filhos:

Então todas as tarefairas daqui, inclusive, têm umas novatas, que são moças novinhas que não têm filhos. E cuida dos meninos como se tivessem! Elas dão banho em recém-nascidos. Não têm nenhum medo. Parece que elas foram feitas para isso, já estão aqui aprendendo.

Em ambos os trechos, Márcia destaca que o forte vínculo afetivo que as tarefairas têm com as crianças é critério que as permite enfrentar possíveis objeções, seja devido ao fato de professar uma religião diferente, seja devido à inexperiência no manejo com recém-nascidos. Nesse sentido, é possível entrever como ela entende que a ação voluntária pode ser vivida como uma experiência de abertura capaz de aproximar os diferentes em torno de um núcleo compartilhado: o amor pelas crianças na realização da tarefa.

Além disso, para Márcia, as tarefairas *estão aqui aprendendo*, ou seja, ela destaca mais uma vez a função de aprendizado que a tarefa do Banho Infantil possui:

Inclusive, tem uma tarefaira que está de licença, a Joana. Ela chegou aqui e falou assim: “gente, eu vim para cá para aprender a ser mãe. E eu já estou tentando ter um filho há uns três anos e não consigo. Então eu vim porque eu quero aprender como é que se cuida de uma criança, como se dá banho. Porque quando o meu vier...”. Ela ficou aqui com a gente trabalhando e um tempo depois estava grávida. A nossa mentora é a Mirian. Então a Mirian deu a... “é agora! Está na hora, ela já aprendeu.” Agora ela está de licença

e veio aqui esse mês para mostrar a barriga dela para gente. Então assim, é uma tarefa que eu acho abençoada.

O aprendizado como fator constitutivo da tarefa é tão explícito para Márcia que ela faz questão de apresentar o exemplo de uma pessoa que procurou o Banho Infantil justamente *para aprender a ser mãe, aprender como é que se cuida de uma criança, como se dá banho*. Neste exemplo, a mulher que há três anos tentava *ter um filho*, ao trabalhar no Banho Infantil, *um tempo depois* ficou *grávida* e, já de licença, retornou para compartilhar o fato com as demais tarefeiras. Ao relatar-nos esse caso, Márcia afirma que o trabalho voluntário, além do aprendizado, proporciona também outros ganhos, pois a gravidez da tarefeira é descrita como uma bênção e sua convivência com as demais, que começou com um interesse específico, transformou-se em amizade: mesmo tendo interrompido suas atividades, ela foi ao encontro das outras tarefeiras *para mostrar a barriga*.

Em sua elaboração sobre a gravidez aparentemente improvável, mais uma vez vemos como, para Márcia, a atuação dos Espíritos incide sobre a ação voluntária. Anteriormente, compreendemos como ela descreve a ação como um canal para a atuação da Espiritualidade, bem como se descobre amparada ao agir voluntariamente em benefício daqueles que precisam. E, neste trecho, ao definir a gravidez como uma bênção recebida a partir da intervenção da *mentora Mirian*, Márcia novamente ressalta como, em sua experiência, a ação voluntária não se separa da intervenção providencial de presenças transcendentais. Intervenção que, para ela, não prescinde do posicionamento daquele que será beneficiado: a tarefeira precisou aprender para que chegasse a sua *hora*, ou seja, precisou se empenhar para merecer aquilo que tanto almejava.

Além disso, apreendemos nesse trecho como a ação voluntária pode favorecer a constituição de laços de amizade entre as companheiras de tarefa. Ao elaborar esse vínculo das tarefeiras entre si e com o Banho Infantil, Márcia comunica-nos que ele se torna explícito particularmente em momentos em que há a possibilidade de deixar essa tarefa:

Todas as tarefeiras do Banho não trocam. Quando tem que sair daqui, quando tem que deixar, fica... Hoje mesmo nós recebemos a visita de uma ex-tarefeira que ficou doente, e ela falou: "Ah, Marcinha, eu estou doida para voltar, não agüento ficar longe do Banho." Então a gente vê que as pessoas fazem com amor mesmo a tarefa.

Eu acho que a gente está sempre no lugar que tem afinidade. Eu tenho outra tarefa que é o Coral. E, de vez em quando, eu tenho que me afastar porque é à noite e, às vezes, eu não posso. Mas a tarefa do Banho... essa eu não deixo. Tem nove anos que eu faço essa tarefa do Banho. Não quero deixar de jeito nenhum, a não ser que aconteça alguma coisa. Eu acho que cada pessoa que vai para um determinado lugar, é porque aquele é o lugar dela. Porque, quando você vai para uma tarefa que realmente não é para você,

you logo a está deixando. Mas quando você acha aquela que é a sua, que você abraça mesmo, e fala: “essa é a minha tarefa, eu vou abraçar ela com todo amor.” Você não sai dela fácil também não. Cria um vínculo.

O fato de as tarefeiras não quererem sair do Banho Infantil ou, quando afastadas por algum motivo, ficarem *doidas* para voltar é, para Márcia, um sinal de que elas *fazem com amor mesmo* essa tarefa. Porque, para ela, *quando você vai para uma tarefa que realmente não é para você, você logo a está deixando*. A permanência não depende de uma decisão voluntarista, mas sim se articula à correspondência vivida no trabalho, à *afinidade* que não pode ser inventada, apenas reconhecida. Márcia reconhece esse sinal também em sua própria experiência como tarefeira, pois, se *às vezes* ela precisa se *afastar* do Coral – *outra tarefa* que realiza na Casa –, *a tarefa do Banho, essa ela não deixa de jeito nenhum*. Este é mais um entre tantos outros indícios que ela nos fornece de que o Banho Infantil é a *sua* tarefa, a tarefa que a realiza como pessoa e que ela *abraça mesmo, com todo amor*.

Observando o seu vínculo com o Banho Infantil e o de outras tarefeiras, Márcia pontua novamente a centralidade do *amor* na execução dessa tarefa. A constante referência à vinculação afetiva às crianças e à tarefa em si indica-nos ser este um ponto que tanto sustenta a ação voluntária e a permanência nessa tarefa quanto unifica o grupo, constituindo-se como eixo em torno do qual se constitui a equipe de tarefeiras.

Retomando os demais pontos que já no início da análise indicamos como centrais para Márcia na vivência do voluntariado, podemos perceber como o reconhecimento desse amor encontra-se na base de suas elaborações sobre o cuidado com o ambiente e com as pessoas, a valorização da abertura ao outro num processo contínuo de aprendizado e a vinculação à equipe que, com ela, trabalha voluntariamente. Entretanto, não podemos desvincular a vivência desse amor à realização de si experienciada na tarefa, realização que também fundamenta seu percurso de elaboração, levando-a a concluir, ao final do depoimento:

Então... é bom demais! Ser voluntária da Casa, pelo menos para mim, foi a melhor coisa que eu já fiz na minha vida.

Finalizando sua fala, Márcia se dá conta de que a realização de si vivenciada na tarefa é tão intensa que ela afirma que *ser voluntária da Casa foi a melhor coisa* que ela já fez em sua vida. Nesse sentido, vemos como, para ela, reconhecer que *é bom demais!* constitui-se como um juízo sobre a satisfação possibilitada pela ação voluntária que torna a experiência de voluntariado uma referência na elaboração do que ela vivencia na totalidade de sua existência.

4.1. A experiência de voluntariado de Márcia: uma síntese

Na elaboração que Márcia realiza sobre sua experiência de voluntariado, colhemos o quanto essa experiência é para ela significativa e realizadora e como ela busca configurar sua ação voluntária como um posicionamento de cuidado, seja com o ambiente, seja com as pessoas. E, em todas essas formas de cuidado, apreendemos a centralidade do aprendizado. Para Márcia, ela própria, as crianças e suas mães, as companheiras de tarefa e seus dirigentes, todos podem sempre ensinar e aprender com a experiência. Nesse sentido, compreendemos que o aprendizado apresenta-se como um dos sentidos fundamentais da ação voluntária no modo como Márcia a concebe e vivencia.

Além disso, comunicando-nos como busca cuidar, Márcia revela como se envolve pessoalmente na tarefa do Banho Infantil. Nessa ação voluntária, ela se dedica por inteiro, atualizando tanto sua capacidade reflexiva na atenção às circunstâncias e na constante avaliação sobre o melhor modo de contribuir quanto a sua afetividade na vivência do carinho para com os assistidos e da amizade com os companheiros de tarefa.

Uma vez que Márcia elabora sua ação voluntária afirmando a centralidade dos aprendizados mútuos e dos vínculos afetivos recíprocos, sua análise não pode prescindir da consideração dos relacionamentos interpessoais. No contato e na convivência com o outro possibilitados pela tarefa, Márcia ensina e aprende, constitui laços de afeto e se realiza como pessoa. Atenta ao que está implícito nos relacionamentos vivenciados nesse contexto, especialmente com os assistidos, Márcia busca ser uma companhia em quem tanto crianças quanto mães possam confiar. Estreitando laços com pessoas que vivem realidades tão distintas da sua, ela se comove com experiências que lhe são comunicadas. É uma comoção que amplia sua compreensão do caráter dramático da vida, sua gratidão por tudo aquilo que recebeu e sua determinação por auxiliar essas pessoas naquilo que elas precisam das formas que estão ao seu alcance. Assim, compreendemos como Márcia trabalha voluntariamente construindo relacionamentos pessoais que ultrapassam o âmbito delimitado pela finalidade imediata do banho e que se configuram como oportunidade para sua própria transformação pessoal.

Assim como Márcia age buscando auxiliar pessoas que passam por dificuldades, compreendemos que, para ela, a alteração providencial no curso de certos acontecimentos é sinal da atuação de Espíritos, presenças transcendentais que intervêm na realidade dando às pessoas o que elas precisam e merecem. Refletindo sobre sua experiência na tarefa, Márcia entende que sua força para lidar com situações dramáticas que a comovem relaciona-se tanto à companhia dessas presenças quanto aos ensinamentos da Doutrina Espírita e, reconhecendo-

se privilegiada, sente-se grata e realizada por isso. Nesse sentido, compreendemos que a experiência religiosa sustenta e fortalece sua ação voluntária, constituindo-se como elemento fundamental na realização de si vivenciada por Márcia no trabalho desenvolvido na Casa. Trata-se de um trabalho que se caracteriza pela busca por inovar para atender às solicitações apreendidas na realidade, sempre respeitando a organização já estabelecida.

Ao guiar sua ação voluntária por esses parâmetros, vislumbramos que Márcia se empenha para conhecer o contexto em que atua. Isso inclui conhecer as necessidades de quem é assistido e a hierarquia proposta por quem dirige a Casa, de forma a poder contribuir de modo pessoal e integrado ao seu contexto sociocultural. E esse seu modo próprio de contribuir revela-se na determinação por sugerir e implantar melhorias com o cuidado de propor conversando, cultivando assim os relacionamentos que são significativos para ela.

Assim, compreendemos como Márcia, em sua experiência de voluntariado, tanto aprende quanto busca ensinar. Atenta e aberta para se transformar a partir do que vivencia, ela entende que pode propor esperando que o outro responda aderindo às razões que ela comunica por apreendê-las como correspondentes. E todo esse processo tem como base o seu juízo sobre a realização vivenciada na ação voluntária, juízo que a permite reconhecer a importância que essa ação tem em sua vida e comprometer-se com ela na totalidade da sua pessoa: *essa é a minha tarefa, eu vou abraçar ela com todo amor.*

5. Shirley: *Essa tarefa é missionária: é uma oportunidade única, eu tenho que abraçar*

Quinta-feira. São quase oito horas da noite. As pessoas chegam à Casa para a reunião pública. Enquanto algumas ficam no primeiro andar para serem atendidas, para irem à livraria ou à biblioteca, a grande maioria sobe para o segundo andar, acomodando-se nas cadeiras do salão onde acontecerá a reunião, que está prestes a começar. No terceiro andar, onde se localiza o departamento de Evangelização, o cenário é dominado pelas crianças: enquanto algumas, tímidas, ficam encostadas na parede, outras conversam animadamente sentadas sobre uma mesa, e outras, subvertendo a ordem, ainda correm pelos corredores onde se localizam as salas de evangelização, sendo rapidamente repreendidas pelos pais e pelos evangelizadores que se encontram por perto. Muitos dizem que se trata de um verdadeiro “colégio” devido tanto à quantidade de crianças quanto à disciplina, à responsabilidade e ao trabalho que são exigidos. Adentrando a sala da coordenação, encontramos vários evangelizadores conversando descontraidamente sobre a vida cotidiana e, logo depois, reunindo-se em volta de uma mesa para a realização de uma “leitura edificante” e da prece do dia, antes de irem para as suas respectivas salas de evangelização.

É nesse ambiente que somos recebidos pela dirigente geral da Evangelização Infantil, Shirley, que nos convida para sentar à mesa de reuniões. Formada em pedagogia, ela trabalhou durante vinte e um anos como professora e hoje, aos 46 anos, não exerce a profissão. É a ela que as pessoas se referem quando o assunto é evangelização. Observando a dinâmica de funcionamento desse departamento, percebemos como Shirley destaca-se como referência não só pelo cargo de direção que ocupa e pelo fato de ser filha de um casal que atuou na Casa desde a sua fundação. É visível o quanto Shirley é querida pelos evangelizadores, que a ela recorrem para sanar dúvidas concretas, para compartilhar preocupações, conquistas e alegrias, seja a respeito do cotidiano da tarefa, seja com relação a acontecimentos em outros âmbitos da vida. A disposição, a alegria e a seriedade com que Shirley conduz o trabalho contagiam os demais e ditam o tom da conversa nesta sala de reuniões.

Questionada sobre o seu cotidiano de trabalho, Shirley se volta para a descrição do modo de organização das atividades ali desenvolvidas no departamento de Evangelização, comunicando-nos os dias e horários de funcionamento das aulas de evangelização; o modo de divisão das salas com a correspondente idade das crianças atendidas; as campanhas e eventos promovidos pelo departamento e como ocorre o planejamento e preparação das aulas e da

formação dos evangelizadores. Vejamos como ela elabora sua experiência de voluntariado começando pela descrição de uma destas atividades:

Para assumir a turma, ele tem que fazer o curso de evangelizador. (...) Tem um curso que prepara. E a gente, de dois em dois meses, se reúne num domingo pela manhã e faz os planos de aula, sabe? A gente faz o planejamento de oito aulas. Então a gente ainda encontra para poder discutir... Cada coordenador é responsável por um ciclo. Então reúne todos do Maternal, todos do Ciclo I, todos do Ciclo II numa sala e eles vão discutir os temas que vão ser abordados nessas oito aulas, tirar dúvidas, trazer material de enriquecimento. E, antes de começar o planejamento, a gente divide o domingo em duas partes: a primeira parte a gente sempre traz alguma coisa para os evangelizadores, no sentido assim de palestras, oficinas... tudo no intuito de fazer com que eles se enriqueçam com as aulas que eles vão trabalhar. E que eles possam ser fortalecidos também na tarefa.

Para o evangelizador *assumir a turma* é necessário estar preparado para exercer tal função, o que implica uma formação anterior oferecida pela própria Casa e um trabalho contínuo de planejamento junto aos demais evangelizadores. Inicialmente, Shirley se propõe a descrever os aspectos formais desta atividade de planejamento das aulas, apresentando de quanto em quanto tempo ela ocorre, quantas aulas são planejadas, como este momento é organizado, a necessidade da utilização de materiais para discutir temas. E, enquanto descreve tais atividades, ela inclui um novo elemento que precisa acontecer: o envolvimento pessoal, pois o intuito de tudo aquilo ali é possibilitar que os evangelizadores *se enriqueçam com as aulas que eles vão trabalhar*. Assim, a estrutura formal está em função da pessoa, de modo que *eles possam ser fortalecidos também na tarefa*.

Dessa afirmação, emerge para nós a pergunta sobre que fortalecimento é este: trata-se de um fortalecimento do sujeito enquanto tarefeiro ou enquanto pessoa? Acompanhemos o modo como Shirley responde a esta questão:

A gente prepara... é uma palestra, um texto para refletir, incentiva a estudar a doutrina, incentiva a fazer os cursos. Inclusive tem o Ciclo de Palestras também que a Casa oferece. Então a gente incentiva também os evangelizadores a fazerem esse ciclo, porque é um conhecimento a mais que eles vão adquirindo e que vai trabalhando cada vez mais o interior da gente. Porque o nosso objetivo também é a reforma íntima.

Fortalecer-se é, portanto, buscar refletir, estudar, fazer cursos, preparando-se para a tarefa. E fortalecer-se é também aceitar as oportunidades oferecidas por Shirley e pela Casa para adquirir *um conhecimento a mais*, isto é, um conhecimento que promova um trabalho interior. Nesse sentido, o evangelizador, ao se fortalecer como tarefeiro, pode se fortalecer como pessoa se tomar o conhecimento oferecido como instrumento para sua *reforma íntima*.

Em ambos os trechos até aqui apresentados, Shirley começa a nos sinalizar como ela, enquanto dirigente, busca contribuir no processo de preparação dos evangelizadores ao incentivá-los a participarem de cursos oferecidos pela própria instituição e ao propor indicações que os ajudem em sua formação pessoal.

E como se justifica a importância da reforma íntima no trabalho de evangelização?

O quê que acontece? A maioria de nós trabalha o dia inteiro naquela tensão, naquele desgaste. Se a gente chegar à tarefa atordoado, atormentado, excitado, vai entrar no ritmo dos meninos que estão chegando aqui também. Então tem que se tranquilizar, serenar a mente, o coração, para poder adentrar a sala e se preparar para receber as crianças que vão chegar com toda a bagagem, com tudo de bom e de ruim que captaram durante o dia.

Shirley, para explicitar o valor da reforma íntima no trabalho do evangelizador, apresenta um fato cotidiano que solicita dele uma postura diferenciada do ritmo tenso e desgastante do trabalho habitual. Para que o estado inicial de excitação possa ser superado, é preciso um empenho pessoal de *tranquilizar, serenar a mente e o coração* de modo a poder receber adequadamente as crianças que chegam. A reforma íntima é, então, o *conhecimento a mais* que prepara a pessoa do tarefeiro para enfrentar concretamente as situações de modo centrado.

A reforma íntima é aspecto tão importante na configuração da ação voluntária que se torna critério para selecionar e conduzir a formação do evangelizador:

Porque o evangelizador só pode assumir a sala depois que ele fizer o Curso de Evangelização. E, como o curso acontece uma vez no ano, então muitas vezes o evangelizador tem que esperar até o próximo ano para poder fazer. Não deixa de, nesse tempo, ele estar se preparando, né? Porque aqui a gente não exige que a pessoa seja um professor, que seja da área de educação, mas que seja um voluntário de boa vontade, comprometido com aquilo que faz, responsável para abraçar a causa. Porque, ao longo do tempo, ele vai vendo que o suporte que a gente dá, os encontros que a gente faz, vai dando segurança à pessoa que está passando aquele conteúdo. E ela, fazendo a parte dela, estudando, se dedicando, tudo fica tranquilo.

Não é exigido do tarefeiro uma formação especializada ou um domínio prévio do conteúdo, mas é preciso que o mesmo, além de cumprir com as exigências formais para ser evangelizador, tenha *boa vontade*, isto é, busque se preparar constantemente e tenha comprometimento para responder à causa educativa, abraçando-a. Para Shirley, se os evangelizadores têm consciência e dedicação para agir a partir do princípio da boa vontade, *tudo fica tranquilo*, porque é a partir daí que todo o suporte que ela pode oferecer tem terreno fértil para florescer.

E como é possível que tudo fique *tranquilo* se se trata de um trabalho contínuo de preparação que exige um grande comprometimento do tarefeiro? Como é possível que o tarefeiro não se sinta sobrecarregado se lhe são solicitadas muita dedicação e responsabilidade? Como Shirley ajuda a responder a estas provocações? Acompanhemos:

A gente procura envolver todo mundo. (...) É muito importante estar trabalhando em equipe, que fica um trabalho mais leve, mais gostoso, cooperativo mesmo. As pessoas vêem a sua importância, o seu papel ali. Não tem ninguém que está aqui só para fazer uma coisa, a gente acaba fazendo mil coisas, justamente porque abraçamos essa causa. A gente divide as comissões [dentro do próprio departamento de Evangelização], mas acaba que uma comissão ajuda a outra, sabe? Então assim, a gente sempre trabalha nessa troca mesmo, nessa troca de experiências, procura escutar a experiência de um, a experiência do outro. Eu acho que não tem outra maneira de você trabalhar.

Para que a preparação se torne formação, para que a boa vontade se torne dedicação, Shirley procura *envolver todo mundo* de modo que a tarefa seja de cooperação. Fazendo assim, *em equipe*, o trabalho se torna *leve* e *gostoso*, realizando a sua pessoa. Como a própria Shirley diz em outro momento de seu depoimento, o trabalho fica mais leve porque “*a responsabilidade é dividida*”; fica mais gostoso porque “*tem um certo envolvimento, um vínculo que se cria um com o outro, com a Casa, com a tarefa*”; e, por tudo isso, fica *cooperativo mesmo* por se basear na ajuda mútua e no compartilhamento de experiências. É nesse sentido que Shirley propõe um modo pessoal de se relacionar com o outro na tarefa, criando vínculos comunitários onde cada um é considerado em sua singularidade e em *sua importância*, em *seu papel ali*. E *não tem outra maneira de trabalhar* porque, a partir de sua experiência, é somente assim que a ação voluntária tem ressonância e impacto no mundo de um modo que a corresponde.

É possível reconhecermos aqui a centralidade do relacionamento com o companheiro de tarefa na constituição da ação voluntária de Shirley. Seja enquanto proposta de formação pessoal para a tarefa, seja no momento da ação mesma, Shirley entende que é trabalhando comunitariamente, em equipe – isto é, respeitando a individualidade e a contribuição de cada um e cultivando a cooperação –, que se pode concretizar a finalidade da tarefa, facilitar a própria execução do trabalho e ampliar a realização de si.

Retomando o percurso de análise até este ponto, identificamos vários indícios que nos permitem enfrentar com mais consistência a questão de como Shirley, em sua ação voluntária, busca auxiliar na formação dos tarefeiros e na organização do próprio departamento de Evangelização. Como vimos, Shirley se propõe a contribuir no fortalecimento dos tarefeiros,

oferecendo materiais didáticos e incentivando sua participação em momentos propícios ao diálogo para que eles se preparem para o trabalho e, nesse processo, reformem-se interiormente, cumprindo assim os critérios esperados para a realização dessa tarefa. Nessa busca por facilitar a formação pessoal do evangelizador, Shirley empenha-se tanto para acompanhá-los ao longo da tarefa, dando suporte didático e experiencial sempre que necessário, quanto para envolvê-los no trabalho em equipe, de modo que eles se ajudem mutuamente, reconhecendo a importância de cada um e compartilhando pessoalmente sua experiência. E todo esse empenho ao agir voluntariamente, essas *mil coisas* que são feitas, têm como sentido *abraçar essa causa*.

Curiosos, perguntamo-nos: que causa é essa que precisa ser abraçada? Em outras palavras, qual o sentido desta tarefa que tanto solicita do tarefeiro?

Uai... é divulgar mesmo os ensinamentos de Jesus à luz da Doutrina Espírita às crianças que aqui vêm! Ensinar para elas desde pequeninhas os ensinamentos de Jesus, para que elas possam, ao longo da vida, da sua caminhada evolutiva, focar a sua vida nesses ensinamentos. Então a gente lança essas sementes.

Diante da pergunta pelo motivo de tudo isso, a resposta emerge como pura evidência: *uai*. É tão óbvio para Shirley, está tão perto, que ela se surpreende ao explicitá-lo, *uai*. O motivo é simples no sentido de ser transparente, evidente, *é divulgar mesmo*. Entendemos que não é divulgar qualquer coisa de qualquer jeito: é divulgar *ensinamentos de Jesus* a partir das luzes lançadas pela *Doutrina Espírita*, ou seja, é apresentar às crianças conhecimentos iluminados por parâmetros precisos. É isso, simplesmente, *ensinar*. Para Shirley, este é um ensino que, ao mesmo tempo em que se propõe a *focar, lançar*; ao mesmo tempo em que é para crianças, *pequeninhas*, é para o decorrer da vida, da *caminhada evolutiva*. Nesse sentido, sua ação voluntária consiste em propor um modo educativo de responder à vida a partir de certos ensinamentos. Um modo focado, mas não fechado, pois a aposta é que estes ensinamentos repassados sejam *sementes* lançadas no presente com consciência de sua possível fecundidade futura, ao longo da *caminhada* da vida.

Como lançar essas sementes? Como trabalhar tais ensinamentos?

Aqui a gente tem um papel de dar o exemplo e de mostrar esses ensinamentos do Cristo de uma forma prática e que seja do cotidiano deles, que eles possam vivenciar no dia a dia. Não é uma coisa distante deles.

O foco educativo proposto por Shirley não é passar certo conteúdo, é uma proposta para a vida. Nesse sentido, a forma de educar não é medida pela formação técnica do

evangelizador, mas se fundamenta no *dar o exemplo*, isto é, no posicionamento diante da vida que a própria pessoa do educador comunica em ato. Além disso, é preciso que tal ensinamento seja adequado à realidade dos educandos, para que eles apliquem concreta e cotidianamente o que lhes foi passado, para que eles *possam vivenciar no dia a dia*.

Portanto, para educar, é preciso preparar o semeador de modo que ele lance as sementes em terreno fértil e cuide para que elas brotem adequadamente, de acordo com o momento do solo lançado, pois só assim a semente pode dar frutos. Só assim, a aposta pode se tornar vislumbre de certeza. Nas palavras da própria Shirley: “*trabalhando esses ensinamentos de Jesus, com certeza pessoas melhores eles serão!*”. E ela vai além:

O departamento de Evangelização é o que está trabalhando com o início de uma nova humanidade. Você despertar nesses Espíritos os ensinamentos do Cristo é muito bacana! Ser mais humano, ser mais solidário, isso é muito bacana. Hoje, quando você vê a nação mobilizando o homem, já barbado, sensibilizando por causa de um, por causa de outro, se solidarizando por causa das turbulências da vida, você fala: “poxa vida, isso é bacana.” Um se preocupando com o outro. Se a gente puder desde pequenininho colocar essas crianças nesse caminho, com certeza esse mundo de regeneração vem mais rápido. (risos)

Porque trabalhar os *ensinamentos do Cristo* é também iniciar uma *nova humanidade*. Nova por fundamentar a relação humana em outros termos, no princípio da solidariedade. E o que é ser solidário? É ser capaz de se sensibilizar, preocupar, mobilizar *por causa das turbulências da vida* de cada pessoa que se encontra, *de um e de outro*. Em síntese, é *ser mais humano*. E, para Shirley, envolver-se nesse processo é *muito bacana*, realizador da sua pessoa, porque é a sua contribuição no processo de despertar as potencialidades humanas visando à construção de um mundo melhor, de *regeneração*.

Portanto, Shirley vivencia a realização de si ao empenhar-se pessoalmente em algo que a corresponde por tocar em seus anseios e ao reconhecer que sua ação contribui para a concretização do sentido da tarefa. Contribuição colocada num horizonte amplo e, ao mesmo tempo, completamente enraizada nas suas atividades mais cotidianas enquanto dirigente do departamento de Evangelização, pois ela pode ajudar a *colocar essas crianças nesse caminho* enquanto:

Dá um suporte muito grande à equipe, procura sempre estar trazendo novidades, sempre estar trazendo pessoas para falar, para desenvolver e pensar no trabalhador mesmo: a importância daquela tarefa, o compromisso assumido, porque ninguém cai aqui de pára-quadras, né? Todo mundo tem uma razão de estar no departamento, seja ele de Evangelização, seja ele departamento de Relações Públicas, Mediúnico, seja o que for, ou até mesmo aquela senhorinha, aquela pessoa que fica lá escrevendo o

endereço das pessoas no livro de irradiação. Então toda tarefa aqui tem um porquê, tem uma razão daquela pessoa estar ali.

Retomando os diferentes modos de dar suporte aos evangelizadores, Shirley, diante de temas que remetem à pessoa do *trabalhador mesmo*, comunica-nos sua crença de que *ninguém cai aqui de pára-quadras*. Ao aprofundar os modos de considerar a pessoa do tarefeiro, ela se dá conta da importância de problematizar a razão do mesmo realizar um trabalho voluntário, independente de qual seja. Diante desta sua conclusão, somos levados a buscar compreender qual é a razão dela mesma estar ali, no departamento de Evangelização.

Busquemos, em primeiro lugar, elementos de sua história que nos ajudem a apreender o porquê desta tarefa e não de outra:

Formei-me professora, sou pedagoga. Trabalhei em sala de aula vinte e um anos. Então assim, a minha história de educação faz parte de mim.

Uma primeira razão perpassa sua formação acadêmica e profissional, formação esta que *faz parte* da sua pessoa, uma vez que ela reconhece o gosto pela educação,

desde quando era pequena. Eu dava aula sozinha, meu quadro era as portas dos armários de roupa dos meus irmãos, sabe? Eu punha carteiras e meus cadernos eram cadernos de escola. Eu trabalhava e ficava brincando ali, com meus aluninhos imaginários. E deu certo, porque foi o caminhar, foi tudo... eu fiz o magistério, depois fui trabalhar, fui dar aula, fiz pedagogia, participei de vários seminários, vários cursos. Então assim, a educação estava sempre no meu sangue, e continua!

E o fato deste gosto estar no *sangue*, isto é, estar presente *desde quando Shirley era pequena* permite que ela reconheça a ligação com a educação mesmo quando não está atuando profissionalmente:

A gente que fica na área de educação, por mais que você desgrude da aula, você acaba de alguma forma ficando preso a ela. Porque eu passei por uns problemas e tive que sair, desligar de escolas, de serviço que tinha horário e carteira remunerada. Porque minha mãe adoeceu, e eu ainda tive que cuidar dela.

Retomando os trechos anteriores, percebemos como o gosto pela educação direcionou o modo de Shirley caminhar: perpassando as brincadeiras quando criança, a escolha de qual profissão seguir, a formação técnica e acadêmica e o trabalho profissional na área escolhida. Trata-se de um caminho tão pessoal que está *no sangue*: o percurso pode até ser redirecionado, mas nunca abandonado completamente, pois de *alguma forma* se permanece conectado a ele. E de que forma Shirley continuou conectada à educação?

Eu toda vida trabalhei em escola, fui professora, e depois eu parei. E quando eu tive a oportunidade no departamento [de Evangelização] e cheguei a ser dirigente dele, falei assim: “é... realmente é um caminho que eu não posso parar.” (...) E tento colocar tudo aquilo que eu aprendi ao longo da caminhada acadêmica e de experiência aqui. Eu parei de dar aula, mas tive de continuar com a evangelização, né? Então assim, é a missão da gente mesmo!

Ao assumir o cargo de dirigente do departamento, Shirley se deu conta de que, mesmo tendo parado de dar aulas profissionalmente, o seu caminho na área educativa não poderia ser interrompido, tanto porque ela continuou a utilizar nesse trabalho voluntário o que aprendeu *ao longo da caminhada acadêmica e de experiência* quanto porque ela chega à conclusão de que esse caminho é missionário. E o que isso significa?

Porque teve épocas que tive vontade de sair da tarefa de evangelizar, e eu falava assim “eu já dava aula, mexia com meninos e ainda tinha de noite (voz de preguiça)... e tinha que ficar e tal”. Passou pela minha cabeça essa questão, sabe? E quando eu pedi uma orientação para o mentor da Casa Espírita, ele falou: “não, essa tarefa é missionária.” Então assim, quando foi colocado dessa forma, aí que eu realmente senti que era uma oportunidade única que estavam me dando e que eu precisava persistir nela.

Estamos perplexos... por que Shirley reconhece como missão a adesão a uma tarefa que vai contra a sua vontade? Que missão é essa que, proposta (outros diriam, “imposta”) por um outro, é vivida como *oportunidade única*? Esta persistência na missão não seria, no fundo, alienação? Vejamos como Shirley se debruça sobre o acontecimento relatado anteriormente:

Quando ele falou isso [que a tarefa é missionária], eu falei “nossa! Eu não posso sair né? É uma responsabilidade muito grande! Eu que assumi isso daqui perante a Espiritualidade.” Então agora eu tenho que abraçar.

Não foi o desejo de querer fazer uma coisa diferente ou o estado de preguiça que orientou a decisão de Shirley. É verdade que *passou pela sua cabeça*, mas esse não foi o fator preponderante na sua resolução por continuar ou não naquele caminho. O fato de o caráter missionário da tarefa de evangelização ser apontado por um outro não elimina o posicionamento pessoal de Shirley. Pelo contrário, exalta-o. Foi diante da proposta do mentor de considerar a tarefa enquanto missão que Shirley sentiu *realmente* a provocação que estava contida ali, retomando a grandeza da *oportunidade* e da *responsabilidade* dessa ação voluntária. Além disso, na resposta ao anúncio recebido, Shirley afirma compreender que foi ela mesma quem assumiu *isso perante a Espiritualidade*: diante da proposta do outro, apresenta-se como resposta à consciência do eu. O chamado é assim reconhecido como dever que a convoca a *persistir* na tarefa, a continuar abraçando-a.

Ao tomar a tarefa de Evangelização enquanto missão, Shirley indica-nos que essa ação voluntária é vivida como oportunidade concreta de realização do sentido da sua vida. Trata-se de uma experiência em que, a partir de algo que é dado, apontado por um outro, emerge um posicionamento pessoal de seguir as indicações recebidas, um posicionamento que não é alienado porque se vincula ao reconhecimento desse dado como correspondente a si mesmo. Daí a responsabilidade que essa ação carrega para Shirley e o reconhecimento de dever realizá-la no mundo, realizando-se como pessoa nesse ato.

É nesse sentido que a *Espiritualidade*, para Shirley, é companhia que a ajuda a tomar nas mãos o próprio percurso. O modo como ela adere ao chamado da Espiritualidade evidencia-nos a importância e a incidência que esse relacionamento tem em sua vida.

Aprofundando o relato sobre a vivência da tarefa como missão, chegamos assim a identificar dois elementos fundamentais: o relacionamento com a Espiritualidade que indica certos direcionamentos, e o modo como Shirley responde ao que lhe é proposto. Essa compreensão continua a nos interrogar: qual a natureza desse relacionamento? Que modo é esse de responder ao chamado da Espiritualidade? Quais os desdobramentos dessa resposta em sua vivência pessoal? Partamos do primeiro questionamento:

Com os ensinamentos da Doutrina [Espírita], estando com esses ensinamentos em ebulição dentro da gente, a gente ganha uns aliados. A Espiritualidade sente um canal para poder estar nos intuindo, nos auxiliando até nos momentos de baixa, de desânimo. Porque quando a gente pega alguma coisa para fazer, até um livro, quando você pega para ler, você está ali intuindo para sugar o máximo que puder daquele conteúdo. E assim é no trabalho também. Quando o tarefeiro está dando o melhor que ele pode, a Espiritualidade está ali preparando ele, intuindo na hora de um desânimo, injeta nele uma energia vital.

Seja enquanto a pessoa está elaborando *os ensinamentos da Doutrina*, seja *quando o tarefeiro está dando o melhor que ele pode*, Shirley acredita que a Espiritualidade atua como aliada *intuindo, auxiliando, preparando*. Para ela, a pessoa, ao agir buscando dar o seu melhor, é amparada por presenças transcendentais que sustentam o seu caminhar. O trabalho voluntário é compreendido como uma ocasião especial que favorece a concretização desse amparo. E tanto é assim que Shirley reconhece que a persistência na ação voluntária aproxima ainda mais a Espiritualidade de si:

A Espiritualidade fica mais próxima da gente. (...) Eu não tenho vergonha de pedir, não tenho vergonha de implorar tem hora, você entendeu? Porque acaba tendo tanta intimidade que a gente não tem nem vergonha mais de ficar escondendo. Por que esconder? Esconder o quê?

Trata-se de um relacionamento pessoal, de *tanta intimidade*, que permite a Shirley se mostrar por inteiro: não existe *vergonha de pedir, de implorar*. A Espiritualidade é, portanto, reconhecida como companhia que acolhe tanto o que é pedido, implorado, quanto a própria fragilidade de quem solicita ajuda. Por isso não há sentido em *ficar escondendo*. Além disso,

a Espiritualidade sabe de tudo, das nossas necessidades. Deus está aí, Jesus está no [leme], para compreender, e a Espiritualidade para nos dar o amparo. Com certeza a gente tem uma afinidade muito gostosa com a Espiritualidade, sabe que pode contar. O quanto que a gente é amparada e não sabe! Se a gente pudesse ter olhos de ver o trabalho que é feito aqui [na Casa]...

Para Shirley, a Espiritualidade é presença que *sabe das nossas necessidades* e pode *dar o amparo*, mas que não pode ser desvinculada de *Deus*, que *está aí*, e de *Jesus*, que *está no leme*. Vislumbramos aqui a expressão de uma hierarquia entre Deus, Jesus e a Espiritualidade, da qual podemos depreender que cabe à última executar o *trabalho* de amparar. Enquanto sente receber esse amparo, mesmo que não seja capaz de enxergar tudo o que *é feito na Casa*, Shirley reconhece uma *afinidade* com a Espiritualidade, a qual é vivida como gosto e como confiança: *sabe que pode contar*.

E sabe porque já viveu, mais de uma vez, situações dramáticas em que a presença e o amparo invisível se tornaram evidentes para ela:

Quando minha mãe adoeceu, quando o médico confirmou que ela estava com um tumor nos rins, aquilo assim... meu mundo caiu. Porque (...) eu que ficava naquele envolvimento dela e o médico comunicou a mim. Nossa Senhora, eu entrei no desespero. E eu fui para o carro pedindo a Deus: “pelo amor de Deus, que me desse a oportunidade de cuidar dela”. Eu não importaria de abrir mão de nada da minha vida. Por isso que eu te falo, parece que a Espiritualidade fica tão próxima que eu não tenho vergonha de pedir nada. E de repente eles me deram essa oportunidade. Você entendeu? De repente me deram. E foi tão interessante porque ela ia fazer uma cirurgia, ia ter que tirar um rim, e acabou quebrando o fêmur. Caiu no banheiro e quebrou o fêmur. Então o rim ficou para dois anos depois que ela recuperou da cirurgia da perna. (...) Quer dizer, e a gente achando que o rim é que iria primeiro [risos]. Ainda teve esse episódio da perna. Então assim, é muito interessante para você ver como que as coisas acontecem, como que a Espiritualidade a todo o tempo mostra presença. Eu mesmo não vejo, mas sinto, percebo a presença deles, o amparo. Mesmo não vendo eles, vejo a coisa acontecer, e saber que foi através deles, que foi por eles que aconteceu. Em momento algum a gente, assim, desacreditava. E eu fui muito beneficiada porque em 1995 eu tive esclerose múltipla. De uma certa forma, me deram uma prorrogação! Um segundo tempo para que eu pudesse chegar onde eu estou, porque com certeza de lá pra cá muitas coisas se renovaram dentro de mim. Então foi uma oportunidade que, graças a Deus, eu despertei para ela e vi que estava em minhas mãos, que a oportunidade estava me sendo dada, que o segundo tempo estava me sendo dado, e que eu precisava fazer algo a mais!

Falamos em presença invisível e Shirley nos diz justamente que sabe e reconhece a intervenção, mesmo não sendo capaz de ver seu autor, pois *a coisa acontece*. Frente ao desespero inicial, sua resposta é a oração. Da oração, segue-se, para ela, a intervenção da Espiritualidade que se manifesta na *oportunidade* concedida: seja a possibilidade de *cuidar* da mãe, seja a *prorrogação* da própria vida. A Espiritualidade, portanto, oferece a *oportunidade* em benefício da vontade radical que orienta o pedido, o que nem sempre coincide com a forma concreta que a própria Shirley achava que deveria ser.

A partir desses últimos trechos, em que Shirley nos apresenta o modo como concebe seu relacionamento com a Espiritualidade, compreendemos que sua elaboração sobre a ação voluntária não pode ser dissociada de sua experiência religiosa. Fazer a tarefa, para ela, é ocasião de proximidade com presenças transcendentais que preparam, intuem e amparam, convocando-a a persistir no trabalho anunciado e reconhecido como missão. Nesse sentido, apreendemos como a ação voluntária é vivida por Shirley como uma experiência que possibilita a conexão com o transcendente e que se configura como abertura, abraçando a totalidade da sua existência.

Diante da oportunidade concedida, Shirley é provocada a se mover, levando-nos à questão do modo como ela responde ao que lhe é proposto no relacionamento com a Espiritualidade. Até aqui, já colhemos alguns dinamismos que nos possibilitam apreender posicionamentos estruturantes da experiência de Shirley: pedir sempre que necessário, despertar-se tomando nas *mãos* a *oportunidade* concedida, renovar-se interiormente e *fazer algo a mais*. Continuemos a colher indícios que nos ajudem a compreender melhor a experiência dela:

Quando você descobre que você está com alguma coisa, quando você descobre que uma pessoa que você ama, que você gosta, está com uma coisa grave, a primeira coisa que você tem é aquele choque! Às vezes você tenta entrar no desespero, e quando você vê, começa acontecer alguma coisa que te acalma, te asserena (sic). (...) Eu te falo assim, a sintonia com a Espiritualidade é tão grande que até o tempo de sofrimento é pequeno.

Ao vivenciar situações dramáticas, a primeira reação de Shirley é o *choque*. Se algo inesperado entra no horizonte de sua experiência, pode provocar *desespero*, mas quando *você* vê, isto é, quando Shirley abre os olhos para sintonizar-se com a Espiritualidade, um acontecimento se dá, *alguma coisa* a *acalma*, levando-a a refletir:

Se tiver que passar, vai passar com tranqüilidade, se tiver que sofrer alguma coisa, vai sofrer com tranqüilidade. (...) O que vai diferenciar um do outro

vai ser como você vai passar, se vai ser com mais sofrimento, ou com menos sofrimento, ou com nenhum sofrimento. Eu acho às vezes impossível, porque um pouquinho, nem que seja um pouquinho, a gente sofre. (...) Mas é o tempo mesmo de sofrimento, é a importância que você dá para determinadas coisas. Então é assim, a vida vai dando oportunidade de demonstrar “poxa, você estuda tanto, fala tanto e tal. Então vamos pôr uma prova, vamos passar agora um pouquinho para ver se você realmente fixou aquilo.” Às vezes a gente capenga mas vai (risos). Não desiste.

Nessa reflexão, vemos que Shirley, ao reconhecer que a duração do sofrimento depende do posicionamento da pessoa, do modo como ela *vai passar*, explicita valores a serem cuidados: *o tempo mesmo de sofrimento, a importância que a pessoa dá para determinadas coisas*. Portanto, para ela, a dinâmica própria da vida convida à fixação da compreensão, à elaboração da experiência. Sofrer, *nem que seja um pouquinho*; ficar *capenga*, às vezes. Mas o foco da questão não é eliminar por completo o sofrimento ou nunca mais capengar. O ponto é que o fato de não desistir, de continuar persistindo, é que faz a pessoa ir, caminhar.

E, ao caminhar neste rumo:

A gente abre mais esse campo de compreensão, de entendimento das coisas; sabe que nada é por acaso; tenta dar o melhor e aproveitar ao máximo aquela oportunidade ali. (...) Há uns dez anos atrás, eu já achei que minha mãe ia desencarnar, e hoje ela ainda está aí. A alegria de tê-la com 85 anos e poder curtir isso.

Aí você começa a descobrir coisas, sabe? Você começa a descobrir como é gostoso falar “eu te amo”. Você ter essa oportunidade... Uma benção que eu recebi na minha vida foi poder cuidar da minha mãe. E eu falei assim “gente, quantas pessoas às vezes não têm essa oportunidade”.

Ao elaborar os próprios passos, Shirley abre horizontes de compreensão, colhe sentidos e se empenha pessoalmente para *aproveitar ao máximo aquela oportunidade*. Este movimento a faz *descobrir coisas* com gosto, com gratidão, com realização de si e com provocação, chegando a extrair conclusões que, enraizadas na vivência de situações dramáticas, tornam-se orientações para compreender a vida como um todo:

O caminhar da gente é assim, é altos e baixos. Ninguém está aqui só para colher os louros. Está todo mundo aqui para passar por uns pedacinhos. Mas tudo é passageiro. Você tem que ter muita paciência, prudência, e ter a certeza de que a nossa caminhada aqui é evolutiva. A evolução não dá saltos. Tudo é no seu tempo.

Do seu *caminhar*, isto é, da elaboração sobre seu modo de responder ao amparo concedido pela Espiritualidade, Shirley passa a discorrer sobre o *caminhar da gente*, de todas as pessoas. Retomando a sua história, ela colhe a *certeza de que a nossa caminhada aqui é evolutiva* porque é capaz de apreender para quê *todo mundo* está aqui e que *tudo é passageiro*,

no sentido de que as pessoas passam pelas coisas e de que as coisas mesmas passam. Isso significa que, partindo da sua experiência circunscrita de responder às oportunidades que lhe são dadas pela Espiritualidade, ela amplia horizontes de compreensão sobre o que é a vida, uma *evolução que não dá saltos*, e sobre como todos precisam se posicionar diante dela, com *muita paciência e prudência*.

Trata-se de reflexões que incidem na sua ação voluntária, pois a ajudam a dar um juízo sobre o próprio processo de crescimento pessoal na tarefa de Evangelização:

Hoje, na Casa Espírita, na Evangelização propriamente dita, eu creio que um pouquinho melhor do que ontem eu acho que eu fiquei, porque tem coisas que é até perceptível na gente. E vai muito também do amadurecimento, como você enxerga as coisas. Eu não sou uma pessoa radical, mas sou uma pessoa que, hoje, eu tenho princípios. Então assim, não é qualquer coisa que me leva.

Aí você pensa “mas por que caiu na minha mão e não caiu na mão de outro, né?”. Então sou eu que preciso ser trabalhado. Esses cargos de direção trabalham justamente a maleabilidade, a postura diante do outro, o respeito. Então assim, é uma oportunidade de crescimento pessoal muito grande, sabe? (...) Aqui fica um pouquinho mais tranquilo porque você tem um objeto que é o evangelho de Jesus, que é Kardec, a Doutrina Espírita, mas isso não quer dizer que as tendências de cada um às vezes não atrapalhem o andamento das coisas. Mas aí que vem aquela pessoa que dirige, que é o jogo de cintura, que é você escutar e, antes de retrucar, você respirar fundo para poder dizer de outra forma. Ou então “vamos tentar fazer dessa forma que você então está pensando”.

O modo como Shirley toma na mão os *princípios* que a orientam na ação voluntária possibilita que ela não seja levada por *qualquer coisa*. Mas isso não significa que Shirley se veja como uma *pessoa radical*, isto é, que a forma como ela *enxerga as coisas* seja fechada. Pelo contrário. É a afirmação destes *princípios* que permite Shirley se abrir aos questionamentos que emergem no cotidiano do trabalho. Assim, da reflexão do *porquê* esta tarefa *caiu* em sua *mão* e *não caiu na mão de outro*, ela colhe uma provocação para si e conclui: *então sou eu que preciso ser trabalhado*. É nessa dinâmica que Shirley identifica com clareza quais são os pontos que precisam ser enfrentados no trabalho como dirigente, reconhece as facilidades e as dificuldades presentes na tarefa de evangelização e toma posição levando em consideração todos estes fatores, transformando-se.

Portanto, ao agir voluntariamente, Shirley colhe *uma oportunidade de crescimento pessoal muito grande*, que a faz perceber que *um pouquinho melhor do que ontem* ela ficou, não só dentro da *Casa*, pois:

A gente vai treinando para lá fora a gente pôr em prática também né? (risos) A gente treina aqui para lá fora a gente tentar. Lá fora o peso é

maior. Aqui tudo são flores (risos). Quando a gente põe o pé ali fora, começam os conflitos, as dificuldades. Mas aí você se pega pedindo a Deus para amenizar o coração, para tirar os pensamentos ruins. E você fica assim: “poxa... parece que eu estou crescendo, estou caminhando!” Porque antes pensava: “eu queria era matar! Pegar um, pegar outro.” Hoje você já pede pelo amor de Deus para cortar a sua mão para não fazer bobagem! Então já é um caminho, já é uma caminhada.

Ao aproveitar as oportunidades que sua experiência na tarefa de Evangelização proporciona para o próprio crescimento pessoal, Shirley, de certa forma, *vai treinando* para praticar *lá fora* os ensinamentos adquiridos. Se dentro da *Casa* é mais *tranquilo* devido ao objetivo *que é o evangelho de Jesus, lá fora o peso é maior* em virtude dos *conflitos e dificuldades*. No entanto, mesmo diante do *peso* das situações externas ao ambiente da *Casa*, Shirley reconhece que o fato de se colocar numa posição de pedido é um avanço que a possibilita caminhar, porque, se antes ela queria mesmo era *pegar um*, hoje ela já pede *para cortar a sua mão para não fazer bobagem*. O que é elaborado no trabalho voluntário é, pois, tomado como referência que orienta e permite reconhecer as mudanças de posicionamento em todos os contextos de sua vida.

Ao voltarmos-nos para os dois últimos trechos, ficamos intrigados com a seguinte questão: como é possível que Shirley conceba e se divirta com o fato de que *aqui*, na Evangelização, *tudo são flores* se, por vezes – mesmo a tarefa sendo mais tranquila –, *as tendências de cada um podem atrapalhar o andamento das coisas?* Acompanhemos:

E assim, vale a pena! É uma tarefa que, se todo mundo conseguisse dimensionar a beleza dela, a importância dela, o valor que ela tem na vida de um ser humano, a gente nem queixaria das reuniões (risos) que a gente tem no domingo de manhã. A gente viria... como eu sei que já tem muitos que já se conscientizaram disso, já vêm de coração aberto, é a maioria, graças a Deus. Têm uns ainda que reclamam, mas está tudo dentro da caminhada de cada um, a gente sabe. Mas a minha caminhada foi essa. E a gente abraçou mesmo com muita dedicação, com muito amor, ou como podia. Aqui é o meu emprego! Aqui a minha remuneração é a minha saúde, o meu bem-estar, a minha energia de poder trabalhar mais ainda.

O modo pessoal de se empenhar na tarefa colhendo as provocações que dali emergem possibilita Shirley dizer, de “boca cheia”, *vale a pena!*. Diante desta afirmação, ela constata que se os evangelizadores vislumbrassem a *beleza, a importância, o valor* desta ação voluntária para o *ser humano*, eles viriam *de coração aberto* às reuniões de domingo de manhã, evento que, por parte de alguns tarefeiros, é alvo de queixas e reclamações. Portanto, para Shirley, *tudo são flores* na Evangelização não porque inexistam problemas a serem enfrentados. *Tudo são flores* porque ela tem clareza e certeza de quais critérios são mais

correspondentes à sua experiência de voluntariado, devendo então orientar a tarefa e a pessoa do tarefeiro. E, ainda, *tudo são flores* porque ali ela se realiza ao abraçar a causa com empenho pessoal, com *amor* e com consciência da sua responsabilidade: *aqui é o meu emprego!*; bem como ao reconhecer os vários benefícios recebidos: *a minha saúde, o meu bem-estar, a minha energia*. Dessa forma, compreendemos que reconhecer os sentidos implicados na experiência de voluntariado mobiliza Shirley a agir enfrentando as dificuldades guiada pelos critérios que a correspondem e dedicando-se por inteiro a algo que a realiza.

Retomemos agora o percurso que nos permite apreender o modo como Shirley se posiciona ante a proposta da Espiritualidade, ante a tarefa de Evangelização e, por que não, ante a própria vida. Vimos que ela reconhece na Espiritualidade uma companhia segura, para a qual ela se mostra por inteiro e não tem vergonha de pedir, vivendo assim uma experiência de intimidade e de compartilhamento da vida. Com a certeza desse relacionamento, ela pode vivenciar situações dramáticas em que suas reações frágeis são acompanhadas pela possibilidade de reconhecer intervenções que a tranqüilizam. Só então ela é capaz de ir além do desespero e de pedir à Espiritualidade que lhe dê a possibilidade de se posicionar naquela situação de sofrimento em prol de uma renovação da vida, na qual ela se empenha para viver o que realmente apreende como valor e para ser digna das oportunidades recebidas. E, ao se empenhar para aproveitar essas oportunidades, Shirley reflete e toma nas mãos suas experiências, apreendendo critérios de orientação que ampliam sua compreensão da vida, da tarefa de Evangelização, do tarefeiro e de si mesma. Trata-se de uma compreensão que mobiliza responsabilidade com o próprio processo de crescimento pessoal em todos os contextos em que Shirley se encontra, que a realiza enquanto pessoa e que desperta gratidão:

Aqui, eu só tenho alegrias, só tenho que agradecer mesmo as bênçãos de Deus por ter me dado essa chance, essa oportunidade de trabalhar.

Agradeço sempre a Espiritualidade, agradeço sempre os nossos mentores por terem confiado no meu trabalho, na minha postura aqui dentro. Então assim, é um trabalho que eu levo com muita seriedade. Isso aqui eu faço como meu trabalho, onde eu não tenho o salário em espécie, mas a gente sabe dos bônus!

Então, para mim, trabalhar neste departamento aqui, meu filho, é uma bênção. Eu me considero uma pessoa privilegiada pela Casa ter me concedido essa oportunidade de trabalho, porque a grandeza desse departamento aqui é uma coisa imensurável. Não tem como medir o trabalho que é desenvolvido aqui com essas crianças. Porque eu sempre penso assim: “poxa vida, eu estou tendo a oportunidade de trabalhar num departamento onde a gente está trabalhando a nova geração com valores, com posturas, com exemplos do Cristo.” Então assim, para mim, foi uma dádiva divina ter sido me dada essa oportunidade de estar aqui servindo essa Casa nesse departamento.

Admirando-se com a *grandeza* do departamento de Evangelização, reconhecendo a *oportunidade* que lhe foi concedida de participar e de crescer interiormente nesta tarefa e conscientizando-se da confiança que lhe foi depositada e dos *bônus* recebidos, Shirley *só* tem a *agradecer mesmo às bênçãos de Deus* e à *Espiritualidade*. Doando-se na tarefa, ela se percebe como beneficiada e é grata por isso. A oportunidade de trabalhar voluntariamente na Evangelização é vivida por Shirley como uma *dádiva* que lhe foi dada por alguém, e por isso a gratidão por quem permitiu e possibilitou que isso acontecesse, e a realização de si, cheia de *alegria*, por poder agradecer e desfrutar desta *benção* recebida.

É uma gratidão tão forte por essa oportunidade que Shirley, ao falar disso, se comove:

Falar do departamento de Evangelização para mim é uma emoção. Isso me envolve, me comove (choro). A gente tenta segurar as lágrimas, mas realmente é uma coisa que importa. Tanto é que às vezes eles pedem para a gente falar alguma coisa e eu fico segurando, porque falar do departamento para mim é falar realmente... de emoção (choro).

É um vínculo muito grande que eu tenho com isso aqui. Eu falo que a misericórdia divina na minha vida foi abraçar essa tarefa. Eu digo que é a misericórdia de Deus (choro). Para mim é a oportunidade bendita que Deus me deu, sabe.

Comunicar a experiência de voluntariado vivida no departamento de Evangelização emociona Shirley *porque realmente é uma coisa que importa*, toca em algo de valor que a envolve pessoalmente. O reconhecimento com gratidão da *misericórdia de Deus* por conceder a *oportunidade* de trabalhar na Evangelização a sensibiliza até *as lágrimas*. Em outras palavras, ao agir voluntariamente, ao *abraçar essa tarefa*, Shirley emite um juízo sobre a gratidão que ali vivencia, juízo que arrasta sua sensibilidade, chegando a emocioná-la. Portanto, *falar do departamento* não é falar genericamente do que acontece ali, é falar com emoção de um *vínculo* pessoal *muito grande* que a *envolve* e que a *comove* por inteiro.

Então, a gente defende esse departamento aqui com “unhas e dentes”. Na reunião de diretoria, o povo já fala: “lá vem a Shirley falar do departamento”, falo mesmo! Cada um “puxa a sardinha para sua lata”. Eu procuro sempre estar divulgando o departamento, sempre inovando, sempre fazendo coisas aqui para mostrar, para gente pensar no tarefeiro, a grandeza dessa tarefa, sabe?

Aqui eu dou o meu sangue, dou a minha vida por esse departamento. É a extensão da minha família, muitas vezes até... não que assim, coloco isso aqui como mais importante, mas muitas vezes deixo até muitas coisas lá para vir agir aqui, sabe? Porque é um compromisso que eu abracei, e isso aqui fala muito forte no meu dia a dia. Então aonde eu tiver que deixar para poder vir para cá, eu estou deixando, entendeu? Então assim, é aqui que eu tenho também força para prosseguir. É aqui que eu me reabasteço para continuar o dia a dia, as tarefas. A gente como médium, a gente fica muito sensível, e tem seus altos e baixos, então a tarefa me fortalece.

O envolvimento de Shirley com o departamento de Evangelização a leva a defendê-lo com “*unhas e dentes*”, sendo capaz de doar o seu *sangue*, a sua *vida*. Nesse processo, ela se move: divulga, inova, mostra, prepara, envolve; enfim, faz acontecer. Se for preciso, deixa outras coisas importantes, inclusive de *família*, para *vir para cá*, agir nesta tarefa, pois Shirley a reconhece como uma *extensão da sua família*. Mas por quê? Porque é na ação voluntária realizada na Evangelização que Shirley reconhece o *compromisso* missionário que direciona sua vida, se reabastece para prosseguir no *dia a dia*, e se fortalece para lidar adequadamente com a sensibilidade própria de sua mediunidade, seus *altos e baixos*.

A percepção dos benefícios recebidos ao doar-se no trabalho voluntário mobiliza Shirley a defender o contexto em que ela concretiza essa ação e a se dedicar ainda mais a essa tarefa. E, mesmo dedicando-se, Shirley tem consciência de que sempre poderá ser necessário doar-se ainda mais:

Eu acho que [a evangelização das crianças assistidas do] Sábado aqui mostra isso, pede da gente mostrar um algo a mais. É uma realidade que nos mostra o contraste de valores. É muito diferente! Sabe assim, quando você dá um carrinho sem rodas, para eles, você deu o melhor presente do mundo! E tudo o que esse carrinho sem roda significa para esse menino, para valer tanto assim. São outros valores, são outras visões, (...) tem tanta coisa acontecendo à sua volta e a gente às vezes fica numa picuinha. Então você começa a fazer até uma reflexão mesmo do seu dia a dia, das coisas que você dá importância, das coisas que você ainda fica naquele “nhê, nhê, nhê”, aí você vê: “o quê que é isso!”.

A tarefa de Evangelização que acontece aos sábados pede *um algo a mais* porque, para Shirley, as crianças atendidas neste dia revelam uma realidade muito diferente, que contém uma grande provocação por questionar o modo habitual como as pessoas valorizam e significam suas experiências. A satisfação com que estas crianças recebem um presente singelo, mesmo que seja quebrado, surpreende Shirley de um modo tal que a faz refletir e rever o real valor que ela dá ao seu *dia a dia*. É verdade que os *valores*, as *visões são outros*, mas eles abrem horizontes que incidem diretamente no modo como Shirley lida com as *coisas* que são realmente importantes e a levam a questionar as *picuinhas*: “o quê que é isso!”.

Portanto, a ação voluntária é vivida também como ocasião para relacionar-se com pessoas que significam a vida de outro modo e, nesse impacto com a alteridade, a apreensão do *contraste* entre si e o diferente solicita Shirley a repensar os próprios valores e a forma de se posicionar diante da vida.

É uma oportunidade de crescimento, de amadurecimento, de reflexão, sabe? A dor do outro, o problema do outro. “Eu tenho problema...”. Qual? Qual

problema? E com isso a gente vai vendo que, se tem um problema, tem uma solução. Todo problema tem uma solução. Por mais complicado que seja um problema, tem uma hora que vai ter um retorno disso. Outro dia eu estava lendo uma revista espírita, e lá o Divaldo [Pereira Franco] falou que “as respostas estão todas dentro de nós”. Se você for pensar bem, todo questionamento tem uma resposta, e você já sabe qual é. Você já sabe. Teve um seminário que o Otávio, nosso diretor doutrinário, falou assim: “ô Shirley, faz uma pergunta aí, uma dúvida que você tem”, e eu falei: “mas... que dúvida?”. (...) Dúvida de quê! Você tem é que aplicar! Você tem é que pôr em prática! Dúvida de quê mais, quê mais que a gente está querendo explicação, as coisas estão claras! Explicar o quê! Dúvida de quê! Por quê? Porque aquilo a gente já traz na gente, só falta “arregaçar as mangas” e praticar, e trabalhar, e pôr em prática, olho a olho, corpo a corpo, cara a cara. Tem coisa que não tem mais o quê perguntar, está claro! Dúvida de interpretação que você quer? Você quer perguntar dúvidas? Se você quer perguntar sobre mediunidade, sobre o que é mediunidade, como é que o médium tem que agir, isso aí nós já estamos carecas de saber! Nós precisamos é praticar.

Lidar com os assistidos de Sábado é uma provocação tão grande para Shirley que ela toma a *dor do outro* também como oportunidade de *crescimento* e *amadurecimento* pessoal. Por quê? Porque o problema do outro a faz olhar não só para a existência do problema, mas para a espera de solução que todo problema contém. Portanto, *todo problema tem uma solução*. Não importa o quanto ele seja *complicado*, a possibilidade do retorno à solução está dada por princípio, basta reconhecer e aplicar. Compreendemos que, para Shirley, se a resposta é inerente à pergunta, e se a pergunta faz parte da vida do eu, por conseqüência, a resposta brota de *dentro* do eu, a questão é saber dizer qual é. Não se trata de responder de um modo que elimine a questão, mas de uma resposta que está para além da dúvida de interpretação que paralisa. Isto é, se trata de uma resposta que dinamize a ação, que coloque em prática o motor humano, pois o conteúdo mesmo da resposta já se *está careca de saber*.

Compreendemos que é por se dedicar ao trabalho voluntário que Shirley pode reconhecer a necessidade de superar posições racionalizantes, que se limitam a *explicar* o que na verdade se deve *aplicar*. Agindo e refletindo sobre a realidade que a cerca, Shirley apreende como a consciência de já possuir a *resposta* a seus anseios converte-se no dever de colocar *em prática* aquilo que ela *traz* em si. E esse processo, que tanto a solicita, é vivido também como auto-realização:

É muito bacana! É uma responsabilidade muito grande. Por isso que tudo que a gente fizer tem que fazer com amor, tudo que a gente abraçar tem que ser com amor. Não tem outro caminho! Se você quiser fazer as coisas por fazer, você vai perder um tempo muito grande. Mas quando você faz por amor, tudo rende, tudo cresce, tudo multiplica, divide, soma. Nada subtrai. Então é muito bacana... muito bacana.

Shirley destaca que não basta *fazer as coisas por fazer*, pois se perde *um tempo muito grande*. É preciso um algo a mais: é preciso *amor*. Todo o caminho de Shirley não tem sentido se o amor não guiar seus passos. E ao fazer *por amor*, o *tudo* é concebido, e o *nada* não tem valor. Dar-se conta disso é, para Shirley, *muito bacana... muito bacana*.

Assim, para agir voluntariamente responsabilizando-se pela grandiosidade anunciada e realizando-se enquanto pessoa, o foco da ação voluntária não pode estar no mero fazer, mas sim no porquê e no como se faz, isto é, *por* e *com* amor. Para Shirley, é somente assim que o fazer tem incidência no mundo, pois o amor lança horizontes cheios de afirmação positiva que ampliam o alcance da ação e que não podem ser reduzidos, diminuídos em sua potência.

E, da reflexão sobre como deve constituir-se a ação voluntária, Shirley chega à reflexão sobre a vida como um todo:

Então assim, são coisas que vão levando a gente a refletir, a pensar, a mudar postura, a rever valor. E você sabe... dá um rumo na sua vida! O quê que você quer para sua vida? Você quer uma vida cheia de turbulência, cheia de altos e baixos, quer uma vida desequilibrada, desregrada? Tem! Tem essa vida. Você quer uma vida mais equilibrada, você quer uma vida mais tranqüila, um caminho mais reto para seguir, sem muitas curvas? Tem também esse caminho. Você tem que escolher! Só que tem hora que você fala assim “chega!”, “chega de tanto tumulto!”, “chega de tanto sofrimento desnecessário!”. Se eu tiver que sofrer tem que ser realmente por uma causa muito nobre (risos). Mas por pequenez, por coisas pequenas... Aí você vê que alguma coisa está acontecendo em você. Se você começa a pensar e a ver como é que você está agindo, você: “poxa, eu acho que já consegui entender mais ou menos.” Mas se a gente ainda tiver dúvidas, aí a gente volta! (risos) Mas a gente está avançando, de alguma forma a gente está avançando. Então é isso, a caminhada que eu tenho feito na minha vida tem me dado oportunidades grandiosas, de crescimento, amadurecimento. A gente não está aqui para ser perfeito, mas a gente está aqui pelo menos para ser um pouquinho melhor. Voltar do jeito que veio não pode! (risos), pelo menos com alguma coisa na mão, né! Pelo menos com alguma coisa na mão para poder falar que “espera aí que eu ainda tenho uma cartinha para poder tirar” (risos). Não chegar tão de mãos vazias. Tem que levar! Valer a pena a oportunidade.

Para Shirley, a reflexão sobre *as coisas* vivenciadas na ação voluntária, além de levar a mudanças de *postura* e *valor*, *dá um rumo na vida*. Para isso é preciso um ato de liberdade: é preciso se perguntar sobre o que se quer para a própria vida e escolher um caminho. O drama da escolha evidencia que há tanto um caminhos cheio de *turbulência* que aponta para *uma vida desequilibrada, desregrada*, quanto *um caminho mais reto para seguir, uma vida mais equilibrada*. O ponto da questão está em identificar os momentos em que a própria experiência te solicita a falar “*chega!*”. É a partir dessa percepção que se torna ação que a pessoa pode retomar e compreender a vida em outros termos. E no percurso de Shirley, essas

oportunidades são percebidas como dadas, cabendo a ela aproveitá-las. Não se trata de cobrar perfeição, pois a fragilidade do ser humano é evidente. Trata-se de valorizar a busca por ser uma pessoa melhor, nem que seja *um pouquinho*. Esta é a caminhada que permite Shirley avançar, crescer, amadurecer e carregar *alguma coisa na mão*, para fazer *valer a pena a oportunidade*.

Podemos, assim, apreender que a ação voluntária para Shirley é o ponto que a permite cuidar das provocações contidas na experiência e se empenhar a partir do que é solicitado, aderindo ao que reconhece como mais correspondente. Fazendo assim, ela compreende que pode tanto aproveitar as oportunidades que lhe são concedidas quanto se transformar interiormente, *avançando* na sua caminhada.

5.1. A experiência de voluntariado de Shirley: uma síntese

Na análise da experiência de Shirley, a ação voluntária configura-se como um ato de liberdade que visa a transformar o mundo por meio da transformação das pessoas. Enquanto dirigente da tarefa de Evangelização Infantil, Shirley busca contribuir para tal transformação preparando e formando os tarefeiros que coordena, de modo a viabilizar melhorias na execução da tarefa e a auxiliar os evangelizadores em sua própria reforma íntima. Contemplando o próprio empenho na tarefa, Shirley apreende como ela conecta-se a sua trajetória pessoal e profissional, descobre caminhos para a concretização da causa que a solicita interiormente e se vê solicitada a buscar também a transformação de si mesma. Assim, a ação voluntária apresenta-se como transformadora do próprio agente que, refletindo sobre sua experiência ao agir, é mobilizado a modificar posicionamentos e ampliar horizontes de realização da ação mesma e de compreensão de si e da vida como um todo.

É nesse sentido que os dramas e problemas vividos e elaborados na experiência de voluntariado solicitam tanto Shirley, provocando-a a questionar valores e posturas cotidianas, convidando-a a ir mais fundo em cada questão que se lhe apresenta e a dar um passo a mais, colocando em prática uma resposta apropriada aos próprios questionamentos. Compreendemos que Shirley, mesmo considerando que todo esse percurso passa pela liberdade, já que a vida também apresenta outros caminhos, busca identificar e levar a sério as provocações da experiência que lhe indicam um caminho mais correspondente e realizador de si. Desse modo, mesmo uma experiência de dor ou de dificuldade é vivida como realização

por Shirley, pois ela sabe que pode lidar com as adversidades enfatizando aquilo que a corresponde, aprendendo com a oportunidade e empenhando-se no que reconhece como realmente importante na vida. Em outras palavras, Shirley expressa como vivencia a realização de si mostrando-nos que essa realização não elimina o sofrimento, mas propõe um modo humano e vivo de enfrentá-lo, o que implica aceitar a realidade, abraçar o que lhe é dado e dar o testemunho com dedicação e gratidão pela oportunidade.

Aprendemos que essa dedicação que Shirley nos comunica é um indício central que nos revela que essa ação voluntária é vivida como um dever com o compromisso assumido e, a partir de um acontecimento, reconhecida como missão. A radicalidade desse compromisso em sua vida lhe foi anunciada por um outro e imediatamente reconhecida e abraçada como própria. Esse caráter missionário se torna uma experiência referência que a motiva a persistir comprometendo-se ainda mais com a tarefa. Compreendemos que essa resposta de Shirley à provocação recebida não se configura nem como intimista nem como alienada, mas sim como profundamente pessoal: trata-se de uma experiência de descobrir o sentido de sua existência no relacionamento com o outro e de realizá-lo no mundo com a consciência ainda maior do que está implicado naquela ação. Nesse sentido, compreendemos que, na experiência de Shirley, seguir um outro que te corresponde é seguir os princípios que te constituem. E Shirley se realiza ao aderir à própria missão, que lhe indica um percurso de trabalho muito mais correspondente do que seguir outros caminhos que ela poderia querer. E a possibilidade de concretizar essa missão nesta instituição é vivida com gratidão por Shirley, que considera essa ação voluntária uma oportunidade que lhe foi dada, cabendo a ela depurar-se para ser digna dessa oportunidade e empenhar-se com gosto e dedicação.

Com clareza dos sentidos implicados em sua ação voluntária, Shirley também vivencia satisfação nos relacionamentos interpessoais: a experiência de trabalhar voluntariamente em equipe, tendo como fundamento o princípio de solidariedade e compartilhando o cotidiano da tarefa e da vida com os outros, a realiza enquanto pessoa. Além disso, os relacionamentos são tomados como oportunidade de crescimento pessoal, uma vez que ela experiencia como a convivência a transforma, tornando-a mais preparada para contribuir de modo mais efetivo na tarefa. E o que Shirley vive é também por ela proposto: o modo como busca formar o outro e constituir vínculos comunitários, que respeitem a pessoa de cada um e que estimulem a troca de experiências, tem a mesma meta de reforma íntima e conseqüente aprimoramento da própria ação voluntária.

O relacionamento que Shirley apreende como mais potente nessa dinâmica de colher oportunidades para se transformar, transformando também a própria ação voluntária, é o

relacionamento com presenças transcendentais. Na experiência de Shirley, o trabalho voluntário a aproxima da Espiritualidade, reconhecida como companhia íntima que a ajuda: a modificação do curso de acontecimentos, especialmente aqueles mais dramáticos, é compreendida por ela como intervenção de caráter providencial. E é reconhecendo-se como amplamente amparada e beneficiada que Shirley expressa com realização de si, gratidão e convicção ainda maior o seu empenho para dedicar-se à ação voluntária, tomada como um dever. Nesse sentido, apreendemos como a ação voluntária abre canais que possibilitam Shirley reconhecer, vivenciar e elaborar experiências de cunho religioso que instigam e sustentam sua ação mesma.

Dessa forma, compreendemos como Shirley se relaciona com o contexto sociocultural em que age reconhecendo os fortes vínculos que a ligam a esse contexto, aproveitando as propostas oferecidas e instigando os demais a seguirem o caminho que ela reconhece como correspondente, realizador de si. No modo como ela elabora sua ação voluntária, não há cisão nem sobreposição entre pessoa e meio: ao tomar de modo próprio o que lhe é oferecido pelo contexto, principalmente por meio de relacionamentos significativos, Shirley também dá a sua contribuição para a constituição deste contexto, pois, iluminada pelas indicações de sua própria experiência, ela elabora o que recebe e se posiciona propondo o que considera importante. Uma dinâmica de formar-se no contexto, “con-formando” esse contexto de modo pessoal, dinâmica que se mostra especialmente evidente no anúncio que lhe é feito, *essa tarefa é missionária*, e na resposta que ela nos anuncia: *é uma oportunidade única, eu tenho que abraçar*.

VII – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: diálogos e elaboração da experiência-tipo

Ao adentrar a *Casa Espírita* buscando apreender as bases em que se estruturam suas propostas e ao analisar os depoimentos de Olívia, Telma, Márcia e Shirley acompanhando o modo como cada uma elabora sua ação voluntária, empenhamo-nos para colher os elementos essenciais que nos permitissem chegar à apreensão da experiência de voluntariado nesse contexto sociocultural em sua complexidade dinâmica. A Fenomenologia, enquanto referencial teórico-metodológico, auxiliou-nos a compreender como os conteúdos comunicados articulam-se de modo a expressar um movimento que é próprio de cada sujeito, um movimento que revela como eles se posicionam e quais são os elementos que emergem como essenciais em suas elaborações da experiência de voluntariado.

Finda a etapa de análise, é chegado o momento de explicitar como os elementos essenciais que se mostraram comuns a todos os sujeitos foram estruturados em categorias, as quais, por sua vez, orientam a elaboração da experiência-tipo.

Destaca-se que as categorias apreendidas articulam-se intimamente umas às outras, de modo que a compreensão de cada uma não pode prescindir da compreensão das demais. Tal configuração coloca-nos o desafio de apresentá-las ressaltando o que é específico e encadeando-as de forma a facilitar a comunicação da complexidade da experiência investigada. Considerando esse desafio, buscamos organizar as seções deste capítulo em uma seqüência que favoreça a apreensão tanto das nuances de cada categoria quanto da expressiva conexão existente entre elas.

Em cada seção, empreendemos o diálogo com a produção de outros autores, de modo que se consolide nossa contribuição para a compreensão dessa modalidade de experiência. Além das conceituações já presentes em nosso referencial teórico-metodológico, a configuração dos dados analisados nos solicitou diálogos com outros autores, cujas contribuições se mostraram pertinentes para a ampliação das compreensões que alcançamos.

Assim, comparando o que encontramos com o dinamismo de certas modalidades de experiência descrito em termos gerais por esses autores, poderemos explicitar como as vivências por nós compreendidas articulam-se à constituição da estrutura fundamental da experiência humana. E, apreendendo a experiência analisada em termos da estrutura propriamente humana, poderemos lançar as bases para que nossos dados sejam generalizados sem que se perca sua vitalidade originária.

Na última seção, sintetizamos a experiência-tipo elaborada e a articulamos àquilo que apreendemos com relação às propostas socioculturais da *Casa Espírita*, de modo a atender ao objetivo de delinear como se configura o relacionamento entre a experiência de voluntariado e o contexto sociocultural dessa instituição espírita. Assim como as demais, essa seção também inclui o diálogo com alguns autores com vistas a dimensionar a contribuição dessa investigação para o campo de estudo das experiências de voluntariado.

1. A ação voluntária como doação de si ao outro

1.1. Na doação de si, emerge a pessoa

Ao nos comunicarem a experiência vivida na tarefa, os sujeitos entrevistados elaboram sua atividade como uma ação marcada pelo empenho para que se cumpram os objetivos ali visados. Embora traduzido de diferentes maneiras na experiência de cada um, o empenho se caracteriza pela atenção às orientações dadas pelo contexto sociocultural no qual se revela o esforço de dar o melhor de si ao fazer a tarefa.

A ação voluntária configura-se como um gesto de doar-se ao outro buscando concretizar no mundo algo que se reconhece como importante. Privilegiando o posicionamento de empenho como elemento estruturante na elaboração da experiência, cada sujeito indica-nos, a um só tempo, como o objetivo pretendido é para ele um valor e como a ação voluntária expressa a sua pessoa. Expressa a sua pessoa ao revelar o seu temperamento, os seus gostos e interesses, os seus medos e preocupações. Na explicitação desses aspectos da sua personalidade, vemos emergir também o modo como os sujeitos lidam com suas características, um modo que, sendo próprio e único, expressa a singularidade de cada um.

Como vimos, para Stein (1922/2005a), o que possibilita o ato não é um acontecimento causal ou arbitrário, e sim o posicionamento do sujeito, posicionamento este que revela tanto o movimento do eu em direção a algo quanto aspectos do mundo apreendido de modo singular e humano. O ato, portanto, pode ser entendido como livre quanto se trata de um posicionamento pessoal de aceitar ou rechaçar as provocações da realidade que mobilizam uma ação propriamente dita. É nesse sentido que Stein (1922/2005a) explicita como o eu, ao vivenciar os atos, é também “senhor de seu vivenciar” (p. 264).

Por outra via de análise, Wojtyla (1982) chega a considerações similares ao demonstrar como a ação é capaz de revelar a pessoa inteira e não só alguns de seus aspectos, convertendo-a em alguém capaz de governar e possuir a si mesmo. Isto é, ao agir a pessoa é sujeito de sua ação, é capaz de tomá-la nas mãos, direcionando seu curso a partir daquilo que emerge como valor para si.

Giussani (2008, 2009), por seu turno, contribui para essa discussão ao explicitar como é somente por meio do empenho que a pessoa poderá descobrir suas capacidades. Para o autor, não é possível se descobrir apenas pensando sobre si: é só na ação que emerge a individualidade, seus talentos e fragilidades.

De modo a tornar claro seu argumento, Giussani (2009) apresenta um exemplo:

Imaginemos (...) um jovem que, por vários motivos, não goste de aritmética e, por isso, nunca se tenha empenhado em estudá-la. Ele não está em condições de entender que possui uma capacidade pelo menos normal nesse campo. Se, pelo contrário, começar a se empenhar, poderá de verdade descobrir que tem até uma capacidade acima do normal (p. 61).

Nesse exemplo, explicita-se como o empenho ou o “eu-em-ação”, nas palavras do autor, é o que de fato revela a pessoa. Ainda a esse respeito, Giussani (2008) afirma: “a dedicação de si ao outro não é uma coisa genérica, é uma coisa muito concreta. Por quê? Porque o eu vive não como uma grande nuvem abstrata, vive como ato; o eu vive como ato, move-se como ato” (p. 287).

Sem agir, o sujeito não atualiza suas potencialidades e nem mesmo pode saber que elas existem, pois elas se encontram obliteradas. É nesse sentido que Giussani (2009) explicita a importância de empenhar-se em ação para que os fatores constitutivos do humano possam ser expressos e percebidos.

Essa breve apresentação das implicações do empenho para Giussani (2009), somada à retomada das afirmações de Stein (1922/2005a) e Wojtyla (1982) sobre como o ato expressa a pessoa, enriquece o olhar lançado à experiência dos sujeitos que entrevistamos.

Ao elaborarem a experiência de voluntariado como doação de si, Olívia, Telma, Márcia e Shirley revelam como se posicionam livremente: no ato de doarem-se, cada uma emerge como sujeito de sua ação. Ali, elas dão o seu sangue, a sua vida, como diz Shirley, sintetizando um movimento de empenho pessoal que perpassa a experiência de cada uma. Naquele gesto, a pessoa se compromete para concretizar no mundo as exigências reconhecidas como valor e, como corolário, atualiza o dinamismo que lhe é peculiar e pode ver expressa a totalidade do seu ser. Por tudo isso, compreendemos que o modo de agir

voluntariamente comunicado por cada sujeito coincide com o seu “eu”, aquela tarefa é sua, nas palavras de Márcia: é a sua pessoa acontecendo no mundo.

1.2. Para doar-se é preciso amor: o eu em direção ao outro

O que os sujeitos apreendem como central ao se expressarem doando-se ao outro?

Na análise dos depoimentos, vimos como cada qual vivencia esse processo a seu modo, sendo fatores que marcam a singularidade dos posicionamentos a trajetória pessoal e certas características peculiares às tarefas realizadas por cada um. Não obstante, todos apontam o amor como elemento fundamental, sem o qual a ação voluntária não pode efetivamente alcançar seus objetivos.

A eleição do amor como fator imprescindível, somada à crítica às posições voluntaristas de auto-afirmação, evidencia como os sujeitos tomam como ideal a afirmação do outro por meio da doação de si sem exigir retribuição. Nas palavras de Olívia, sem amor, não adianta: assim como a intenção sem ação não pode construir, não basta executar a atividade sem incluir no gesto concreto a abertura à dimensão afetiva e a espera de que essa ação concretize seu ideal.

Em tal configuração, o amor emerge não apenas como sentimento, mas como uma forma de posicionamento, o que contraria definições correntes e solicita-nos ao diálogo com autores que se debruçam sobre a experiência do amor e seus significados.

Victor Frankl (1986) nos auxilia a apreender o amor para além do nível instintivo ou psíquico ao afirmar que na experiência de amor o homem pode, de fato, se voltar para um sentido que simultaneamente o transcende e o constitui. O amor é um estado de espírito, um ato intencional – do qual temos consciência e podemos compreender – que permite ao homem ir ao encontro de um tu. E é na afirmação deste tu em seu caráter único e irrepetível que o “eu” pode afirmar a si mesmo.

Para o autor, quanto mais verdadeira a relação entre duas pessoas fundamentada no amor, mais tal relação remete, indica algo maior, algo que os une naquela relação e no seu ideal. Em outras palavras, o amor pressupõe, além da pessoa amada, a valorização do caráter de encontro e acolhimento, pois não se ama somente a pessoa, mas também a relação que se estabelece com ela. Quem ama afirma, confirma e reafirma tanto quanto for necessário o valor

desse amor e tal ideal de relação torna-se referência, passando a nortear a ação nos demais relacionamentos.

Tocando nesse ponto, Frankl (1986) retoma como o amor é um posicionamento e não só um sentimento, pois o amor precisa da ação para concretizar o que é reconhecido como ideal:

A resposta a dar em cada caso não se pode dar efetivamente com palavras, mas antes com ações, através de um agir (...) A resposta correta vem a ser, portanto, uma resposta ativa e uma resposta no dia-a-dia, enquanto espaço concreto do humano ser-responsável (p. 159).

De modo análogo, Giussani (1999, 2008, 2009) ressalta como a experiência de amor é uma exigência propriamente humana, a qual é indissociável do gesto de ir além de si mesmo, de voltar-se para o outro e afirmá-lo. Sendo uma exigência, a sua concretização é vivida como correspondência, isto é, na experiência de amor, a busca por afirmar o outro coincide com a afirmação de si mesmo: é cuidando do outro que a pessoa cuida do que corresponde ao próprio ser (Gaspar, Maia & Mahfoud, 2008b).

Não se trata de uma posição puramente sentimentalista nem puramente voluntarista, pois a experiência de amor é vivida como um “juízo da inteligência que arrasta toda a sensibilidade humana” (Giussani, 2001c, p. 71). Portanto, é o juízo dado sobre tal correspondência que mobiliza a pessoa por inteiro a afirmar o outro. Trata-se de uma experiência que solicita uma abertura, tornando-se referência, pois a pessoa passa a buscar nas demais relações a correspondência que é vivida num relacionamento fundamentado no amor. É nesse sentido que a experiência de amor, ao mesmo tempo em que realiza a pessoa, a conclama ao dever, a algo que deve acontecer nas relações.

Não obstante, para que o amor aconteça no mundo, não basta o mero fazer concreto pelo outro, pois este fazer, se desprovido de simpatia e comoção, não alcança o seu verdadeiro objetivo: a afirmação do outro. Nesse sentido, é fundamental que o movimento de buscar atender às necessidades do outro inclua a busca por compartilhar a vida. Para Giussani (2008), é preciso, então, o “dom de si comovido” (p. 285), que afirma, no gesto de se doar ao outro, o sentido último que sustenta o fazer. Tomada nesses termos, a ação como expressão amorosa se constitui como movimento “em que o eu se move pelo outro e a razão que a sustenta é o objeto autêntico do amor, isto é, o bem e o destino do outro” (p. 286).

A ação voluntária pautada no amor caracteriza-se, portanto, pela clareza quanto à razão que a orienta, que é a afirmação do outro sem esperar recompensas. Como explica Giussani (2008), a ação assim caracterizada é o mesmo que caridade, termo derivado do grego *caris*,

que significa simplesmente grátis ou gratuidade. Por todo o exposto, na caridade se encontra a forma suprema de expressão amorosa, pois nela

é banido todo cálculo, toda espera de recompensa, toda previsão de levar vantagem. (...) A caridade abole totalmente – totalmente, no sentido absoluto do termo – qualquer retorno. Quer dizer: a caridade age por puro amor, somente por amor (pp. 269-270).

Com tal explicitação de como o amor não pode ser reduzido ao sentimento por ser um posicionamento concreto de afirmação de um tu, cuja forma suprema é a caridade em que o eu se doa comovido ao outro, colhemos a possibilidade de ampliar a compressão da experiência de voluntariado na *Casa Espírita*.

Elaborando sua experiência, os sujeitos que entrevistamos constantemente reafirmam como se dedicam às tarefas que, como sabemos, constituem-se como uma modalidade de trabalho sem remuneração. Dedicam-se demonstrando como valorizam a ação de cuidar do outro em suas mais variadas necessidades e, aliada a essa dedicação, vemos expressa em seus depoimentos a clareza de que sem amar a quem se doa, o gesto torna-se árido, é um fazer sem sentido. Novamente: fazer sem amor não adianta, pois o mero ativismo não é capaz de alcançar tudo aquilo que a ação voluntária quer realmente afirmar.

Fundamentada no amor, a ação voluntária é vivenciada pelos sujeitos, a um só tempo, como sentimento, decisão e entrega. Amar, para eles, é doar-se por inteiro ao outro, buscando afirmar com esse posicionamento o que é reconhecido na experiência como solicitador e correspondente. Essa experiência os recompensa na medida em que concretiza o ideal vislumbrado, mas não se trata de fazer esperando retribuição do outro. Trata-se, isso sim, de fazer por amor e com amor, como bem sintetiza Shirley, incitando-nos a caracterizar a ação voluntária dos sujeitos como caridade no sentido original do termo.

2. A realização de si na ação voluntária: um círculo virtuoso

2.1. Na elaboração da experiência, emerge a centralidade da realização de si

A ação voluntária, ao expressar a pessoa, carrega a potência de realizar plenamente o agente e é isso que observamos nas experiências a nós comunicadas. Em todos os depoimentos, não foi preciso colocar a tema a questão da realização de si: os sujeitos,

elaborando sua experiência na tarefa, recorrentemente afirmavam o quanto se satisfazem, gostam, são apaixonados, sentem-se felizes e gratificados nessa experiência. Para eles, quem se doa ao outro sempre recebe, porque o próprio gesto de doação voluntária já realiza quem o faz.

Surgindo espontaneamente em diferentes níveis e guiando grande parte das elaborações, a realização de si emerge como elemento estruturante da experiência de voluntariado, sendo uma de suas marcas distintivas a ligação a algo nuclear à pessoa: ao coração de Telma, à missão de Shirley, à paixão de Márcia, ao gosto de Olívia. Uma vivência assim radical marca os sujeitos: o modo como a realização de si orienta suas elaborações evidencia-nos como a espera por essa realização mobiliza-os a continuarem se dedicando. A ação voluntária, portanto, ao expressar e realizar a pessoa, solicita ao dever: solicita que Shirley abrace a causa e Márcia, a tarefa; solicita que Telma continue servindo e Olívia, participando.

Ao descrever o modo de constituição dos atos que compõem a estrutura da pessoa, Stein (1922/2005a) demonstra como a auto-realização se dá na medida em que o eu atualiza a totalidade da sua estrutura propriamente humana. E, para realizar a pessoa em sua totalidade, é preciso que o ato corresponda a uma exigência que brote do centro de si mesmo. Portanto, não é qualquer posicionamento que realiza a pessoa, e sim aquele que toma a exigência como critério que orienta a ação.

Wojtyla (1982) caracteriza esse agir realizador apontando que a ação realiza algo que o homem é e para o qual ele foi feito. Conforme evidenciado, o homem é pessoa e foi feito para se posicionar em função daquilo que mais o corresponde moralmente no relacionamento com a vida. Isso significa que é preciso que na ação esteja incluída a dimensão moral de adesão a um bem reconhecido e concretizado de modo bom, que corresponda à solicitação própria do bem e ao núcleo da pessoa. Realizar-se é realizar a si mesmo no mundo, é um acontecimento que se faz presente e que mobiliza a pessoa por inteiro. Trata-se de uma mobilização justamente porque toca naquilo que a pessoa almeja de mais verdadeiro, como um chamado que brota do centro do eu, um dever ser. Desse modo, a realização tanto é conduzida quanto conduz a ação humana, mas sempre em função de uma estrutura pessoal que precisa acontecer existencialmente.

E Giussani (2000, 2008, 2009), por sua vez, destaca que a experiência de realização de si é fundamentada em um conjunto de evidências e exigências radicais, por ele denominado *Experiência Elementar*. Dentre tais exigências encontra-se a de realização, que indica aquele ímpeto original por felicidade, por satisfação de si no mundo. Ímpeto que se afirma enquanto experiência no posicionamento da pessoa buscar concretizar a promessa de realização plena

suscitada pela vida. Essa dinâmica, experienciada como liberdade, solicita empenho contínuo em imprimir no mundo o ideal vislumbrado, provocando letícia e comoção.

Com Stein (1922/2005a), Wojtyła (1982) e Giussani (2000, 2008, 2009), podemos compreender como a realização de si comunicada por cada sujeito é um acontecimento que se refere à sua pessoa inteira na medida em que, realizando os sentidos da ação voluntária, ele está realizando algo que lhe é radicalmente correspondente. Além disso, por ligar-se a algo que lhes é nuclear, apreendemos que essa realização é realização do seu centro e, por isso, trata-se de uma correspondência que abarca a totalidade da sua pessoa.

A realização de si é, portanto, um acontecimento que concretiza uma exigência, que atualiza o que a pessoa é e que corresponde ao que ela espera. E é um acontecimento que inaugura um dinamismo, pois a vivência da realização de si se converte em promessa de que essa experiência se perpetue e o empenho passa a ser reconhecido como compromisso para a concretização de algo que deve acontecer.

2.2. Realização e juízo

Na elaboração do próprio agir e da realização de si por ele possibilitada, os sujeitos se vêem solicitados a retomarem o que os motiva a estarem ali, num movimento de abertura que reconfigura os motivos já apreendidos e permite a percepção de novos. Tendo decidido livremente por dedicarem-se à tarefa, eles nos mostram como a clareza quanto ao porquê trabalham voluntariamente constitui-se como um juízo que os solicita a avaliarem constantemente o modo como realizam sua ação e os auxilia a permanecerem se empenhando e colhendo novas provocações que os mobilizam ao trabalho.

Nesse movimento de retomada constante, o juízo dado revela sua centralidade para que a associação entre doação e realização de si possa se tornar experiência e referência. É como um “círculo virtuoso”:⁴⁵ a consciência do porquê agir voluntariamente os mobiliza a dedicarem-se; dedicando-se, eles se expressam e se realizam como pessoa, surpreendendo-se com as novas provocações que constantemente estão emergindo; atentos e abertos a essas provocações, eles podem dar novos juízos sobre o valor e o sentido da ação voluntária, fortalecendo, assim, o ímpeto por dedicarem-se e realizarem-se sempre mais.

⁴⁵ Expressão que remonta à filosofia aristotélica, a noção de círculo virtuoso quer indicar que a virtude motiva a razão prática, a qual, por sua vez, alimenta a virtude (Cf. Aristóteles, IV a.C./2002).

Em nosso referencial teórico-metodológico, recorreremos prioritariamente a Stein (1922/2005a) com vistas a compreender a motivação em seu sentido profundo. Vimos como a fenomenóloga destaca a radicalidade da motivação como a vinculação capaz de desvelar as especificidades da experiência humana, posto que indicativa da existência da vida espiritual. E vimos também que as vivências podem se ligar por causalidade, mas são os vínculos por motivação que nos caracterizam enquanto humanos. Não obstante o caráter estrutural da motivação, é somente na pessoa – entendida em sua singularidade, unidade e totalidade – que o dinamismo motivacional efetivamente se constitui. Nesse sentido, não basta compreender somente os antecedentes que levam o homem a agir no mundo, é preciso considerar a dinâmica de elaboração pessoal destes motivos que possibilitam a ação propriamente dita.

Ales Bello (2004, p. 114) sintetiza tal compreensão ao dizer que “a motivação é, portanto, a análise pessoal das condições que tornam possível a realização de um motivo”. É daí que se conclui que a motivação não é um mecanismo que opera à revelia da pessoa, mas emerge enquanto dinamismo estrutural e existencial, porque reconhecido na experiência. Somente a partir daí se pode apreender o valor da motivação em sua plenitude, expressão do centro e da integração do eu em ação. Nesse processo, o eu efetivamente se realiza por se abrir verdadeiramente às suas exigências mais radicais, aos anseios mais profundos que o mobilizam no mundo, e por julgar aquilo que vivencia como correspondente ou não a esses anseios.

Considerar a motivação sob este prisma desvela a necessidade de compreendermos a fundo o que seja o juízo, suas características e desdobramentos. Para tanto, selecionamos o ensaio *Renovação como problema ético-individual*, de Husserl (1924/2006b), por sua especial fecundidade para a temática em questão.

Para o fenomenólogo, é na ação que o valor deixa de ser genérico e efetivamente regula a constituição do sujeito e do seu mundo. Nesse processo, é possível a realização do bem, do verdadeiro e de si se o sujeito agir segundo a razão, isto é, se agir perguntando-se pelo que é verdadeiro e buscando apreender o elemento fundante do que encontra. É o exercício da razão, portanto, que permite o juízo sobre o vivido, juízo que salienta o que corresponde à totalidade da pessoa e que permite coordenar a ação em função dessa correspondência. A esse respeito, escreve Husserl (1924/2006b):

Assim se compreende a peculiaridade do *esforço racional*, enquanto esforço para dar à vida pessoal, a respeito das suas respectivas tomadas de posição judicativas, valorativas e práticas, a forma da intelectividade, ou seja, numa relação de adequação a esta, a da *legitimidade* ou da *racionalidade*. Numa expressão correlativa, isso é o esforço para expor, na sua autocaptação

intelectiva, o “verdadeiro” em cada um destes aspectos – ser verdadeiro, conteúdo judicativo verdadeiro, valores e bens verdadeiros ou “autênticos” (...) Poder ver isso e deixar-se motivar por isto pertence às possibilidades de essência do homem. Como também, além disso, a possibilidade de que o homem avalie segundo normas da razão e se transforme do ponto de vista prático (p. 45 - grifos do autor).

É a esse posicionamento contínuo do sujeito de retomada da autenticidade da sua experiência que Husserl (1924/2006b) se refere ao falar em “renovação”. Para sustentar essa posição ativa de colher o que se apresenta como valor, é necessário abrir-se para os horizontes totais implicados em cada gesto, e essa é a possibilidade de uma vida ética. Tomada nesses termos, a ética se refere ao ato pessoal de reconhecer o valor que corresponde porque permite experimentar a inteireza de si, de tomá-lo como bem e de continuamente decidir por sua afirmação e pela verdade da experiência. Nesse processo, o sujeito se empenha para que sua ação contribua para a continuidade daquele valor reconhecido. Esse querer configurar o mundo a partir do valor que emerge na experiência de inteireza confere estabilidade à pessoa e, como corolário, é essa inteireza que dá o caráter de duradouro a algo circunscrito, posto que ela reordena outros posicionamentos.

Desse modo, Husserl (1924/2006b) nos auxilia a perceber a centralidade do posicionamento da pessoa, seja ao dar juízos sobre o que vivencia, seja ao extrair de tais juízos a possibilidade de uma vida ética. Auxilia-nos também a compreender como os posicionamentos pautados no exercício da razão podem afirmar de modo legítimo valores e bens reconhecidos como verdadeiros, favorecendo novos posicionamentos que caminhem na mesma direção. Em síntese, trata-se de como, respondendo às solicitações da vida, podemos experimentar a inteireza da nossa pessoa e como essa experiência, reconhecida como bem, pode se configurar como o fundamento do posicionamento ético em todos os contextos da vida. Nas palavras do autor:

De acordo com estas análises, é claro como a vida ética, segundo sua essência, é, de fato, vida provinda de uma “*renovação*”, provinda de uma vontade originária de renovação, que, de seguida, sempre de novo deve se reativar. Uma vida que se denomine como vida ética, no sentido verdadeiro, não pode surgir e crescer “a partir de si”, ao modo da passividade orgânica, não pode também ser encaminhada e sugestionada a partir de fora, sejam quais forem as disposições racionais originárias capazes de desenvolvimento que se possam pressupor, e seja qual for a ajuda trazida pelo exemplo e a reta orientação de outros. Somente pela liberdade própria pode um homem chegar à razão e dar forma racional tanto a seu mundo circundante quanto a si próprio (pp. 61-2).

Retomando contribuições de Stein (1922/2005a) acerca da complexa dinâmica da motivação e introduzindo elaborações de Husserl (1924/2006b) acerca do juízo e da possibilidade da vida ética, podemos redimensionar a compreensão das experiências de voluntariado a nós comunicadas.

A partir da análise dos depoimentos, afirmamos que a ação voluntária se configura como experiência em que motivações se concretizam num processo realizador da pessoa. Acompanhando Olívia, Telma, Márcia e Shirley, captamos como a força da vivência de realização de si faz com que os sujeitos a tomem como chave de leitura, inclusive, de sua motivação. Isso significa que eles retomam sua trajetória guiando suas elaborações pela realização de si, num processo em que muitas vezes os fatores que mobilizaram inicialmente à ação voluntária não precisam sequer serem tematizados, pois não se constituem como essenciais para a compreensão da experiência em ato (Mahfoud, 2008).

Assim, enquanto muitos se perguntam sobre o que leva as pessoas a trabalharem voluntariamente restringindo-se ao questionamento pelos motivos, os sujeitos da experiência nos evidenciam a importância de considerarmos como eles estão se realizando e o que eles estão realizando ao trabalhar. Dialogando com Stein (1922/2005a), podemos perceber o quanto essa configuração em que os motivos manifestam-se como secundários às elaborações da pessoa em ação são condizentes com a dinâmica da motivação em seu sentido pleno. Um olhar que questiona sem considerar o movimento do sujeito que trabalha voluntariamente se revela, assim, como um olhar externo que não consegue alcançar aquilo que é mais central na experiência.

Complementando esse quadro, temos o reconhecimento de que os sujeitos, pautando-se nos juízos dados sobre o que é valor e bem na experiência, buscam se dedicar dando o melhor de si. Recorrendo às contribuições de Husserl (1924/2006b), entendemos que essa dedicação pode ser descrita como posicionamento ético. Além disso, podemos avançar na compreensão do “círculo virtuoso” a partir da explicitação de como o exercício da razão permite dar juízos sobre as experiências vividas como realizadoras da totalidade da pessoa, juízos que mobilizam a novos posicionamentos na mesma direção, num processo que favorece o empenho para buscar configurar o mundo a partir dos valores reconhecidos como verdadeiros e correspondentes.

3. A ação voluntária como provocação à contemplação e à transformação

3.1. Na abertura da razão, a ação convida à contemplação

Analisando o modo como os sujeitos elaboram sua ação voluntária, percebemos como a experiência de voluntariado afeta o agente: provoca maravilhamento em Olívia e felicidade em Telma, toca Márcia e emociona Shirley. E, diante desse impacto, a pessoa julga o que lhe aconteceu, procurando rever concepções e agir da forma que reconhece ser mais razoável e correspondente a si mesma, o que inclui modificar os próprios posicionamentos.

Nesse processo de elaborarem sua experiência de voluntariado, reconhecemos como os sujeitos partem da vivência concreta e, numa dinâmica de abertura da razão, colhem, além do sentido imediato da atividade, sentidos outros que incidem diretamente no modo como realizam tal atividade. Nesse movimento de ampliação dos sentidos apreendidos na ação voluntária, eles tomam as experiências como provocações que dilatam seus horizontes de compreensão de si e da vida como um todo.

Na discussão sobre o lugar do juízo na dinâmica da experiência de realização de si, já chegamos a delimitar a importância do exercício da razão diante daquilo que se vive. Aqui, vislumbramos outro desdobramento desse processo de abertura da razão: trata-se do alargamento de horizontes em que os sentidos apreendidos numa ação circunscrita se constituem como crivo que transforma até mesmo a visão de mundo do agente. Assim, para compreender esse movimento que se revela como essencial na elaboração que os sujeitos fazem de sua experiência de voluntariado, recorreremos ao diálogo com as considerações de Hannah Arendt (1958/2001, 1971/2008) acerca da importância da contemplação na dinâmica da ação.

Segundo Critelli (1993), seguindo um viés fenomenológico de apreensão da ação enquanto constituinte da condição humana, Hannah Arendt debruça-se sobre as conseqüências do agir no mundo. Partindo da afirmação de que nem toda atividade é necessariamente ação, Arendt (1958/2001, 1971/2008) mostra que esta última revela o agente no processo mesmo de agir; precisa ser comunicada e ter ressonância no mundo para realizar-se enquanto tal; expressa pluralidade de posicionamentos e é base para o reconhecimento mútuo; bem como é a única capaz de trazer novidade, romper limites e, por isso, construir história.

Lançando um olhar crítico à racionalidade moderna, a autora salienta como o valor extremo conferido à ação, entendida como fazer, levou à eleição da verificação como a única modalidade de se alcançar a certeza do conhecimento, em detrimento da contemplação. Nesse

processo, até mesmo o pensamento é tomado como um fazer que elimina o espaço da vida contemplativa, abolindo, assim, o sentido original do pensar enquanto contemplação da verdade.

Retomando a filosofia clássica, Arendt (1971/2008) afirma que, para alcançar a verdade das coisas, a contemplação precisa da quietude, ou seja, de “uma ausência de qualquer ação ou perturbação, a retirada do envolvimento e da parcialidade dos interesses imediatos que de um modo ou de outro fazem de mim parte do mundo real” (p. 101). Definida como um ato de não participação ativa e deliberada, a contemplação se traduz na posição de abertura que lança o olhar sob cada aspecto da realidade tendo presente o *kosmos* como um todo.

Como corolário, para Arendt (1971/2008), “não é por meio da ação, mas da contemplação, que o ‘algo diferente’, a saber, o significado do todo é revelado. O espectador, e não o ator, tem a chave do significado dos negócios humanos” (p. 115). Tomada nesses termos, a contemplação se revela como pré-requisito de todo juízo verdadeiro e como condição da compreensão do sentido da vida.

Isso significa que, para não empobrecer seus próprios objetivos, a ação precisa dar espaço à contemplação, precisa de quietude para conseguir se inserir num contexto maior, ultrapassando os resultados imediatos do fazer e podendo, assim, ser realmente efetiva. De outra parte, também a contemplação precisa da ação, caso contrário a atenção aguda aos elementos da realidade pode levar o sujeito a não se envolver com o mundo, perdendo-se num racionalismo visionário. Na constatação dessa dependência mútua, dissolve-se a aparente contradição entre ação e contemplação.

Tomando como ponto de partida as afirmações de Arendt (1958/2001, 1971/2008), Mahfoud, Dillinger, Gaspar, Leite & Maia (2009) ressaltam como o caráter livre da ação voluntária favorece com que o sujeito não encerre no próprio ato todas as suas expectativas de correspondência. Concebendo a própria vida como parte de algo maior, ele pode distanciar-se da concretude do gesto e da reatividade dos próprios interesses. Nesse processo, o desapego quanto aos resultados imediatos da ação abre espaço para a apreensão das provocações que emergem durante o fazer, para a contemplação da beleza e da verdade dos sentidos implicados na ação, para a vivência de experiências totalizantes.

Assim, resgatando a importância primordial da contemplação para a ação, Arendt (1958/2001, 1971/2008) e Mahfoud *et al.* (2009) permitem-nos perceber como os sujeitos que entrevistamos não se restringem ao ativismo tipicamente contemporâneo, mas sim agem voluntariamente com a abertura racional capaz de colher as múltiplas solicitações contidas na experiência. Relatando-nos como as situações vivenciadas na tarefa os provocam a modificar

posicionamentos e concepções sobre a ação, sobre si e sobre o mundo, eles estão expressando como o seu fazer é acompanhado pela contemplação que os permite superar limites circunscritos e avançar em direção a horizontes de totalidade.

3.2. Na contemplação do agir, a possibilidade de transformar a si mesmo

Considerar que as experiências que analisamos incluem ação e contemplação significa reconhecer como a ação voluntária, a um só tempo, comove e solicita reflexão, mobiliza a pessoa a se perguntar sobre o que a realiza e a se posicionar a partir do que compreende. É nesse sentido que podemos compreender como os sujeitos que entrevistamos vivem a ação voluntária como ocasião de “reforma íntima”.

Aspecto essencial na elaboração que os sujeitos fazem de sua experiência, a reforma íntima apresenta-se também como uma proposta do contexto sociocultural, à qual os sujeitos aderem e, a seu modo, repropõem aos demais por reconhecerem-na vivencialmente como correspondente. Correspondente porque esse processo os realiza: transformando-se, os sujeitos apreendem que estão crescendo em direção àquilo que acreditam ser o melhor para si e para o mundo.

Para captarmos a possibilidade dessa transformação de si a partir da reflexão sobre o agir, buscamos o diálogo com a filosofia da atenção de Simone Weil (1947/1993, 1949/2001), a qual em muitos pontos se aproxima da temática da contemplação acima apresentada.

A obra, e também a trajetória de vida da filósofa, testemunham seu projeto de unir a busca pela verdade à ação eficaz (Bosi, E., 2003). Para tanto, o fazer marcado pela angústia da pressa e do consumo precisa ser vencido pela perseverança do olhar que ama aquilo que olha. Esse é o significado da atenção para Weil (1947/1993):

Método para compreender as imagens, os símbolos, etc. Não tentar interpretá-los, mas olhá-los até que jorre a luz. De maneira geral, método de exercer a inteligência que consiste em olhar. (...) A condição é que a atenção seja um olhar e não um apego (p. 131).

O ego é chamado, portanto, a sacrificar seu apego às coisas e a si para que possa ampliar suas possibilidades de compressão. Nesse processo de desapego, os pensamentos prévios são sacrificados e o sentimento de realidade pode se tornar mais intenso. Assim, ao

retrair-se para melhor agir, o ego pode participar das forças cósmicas que o transcendem (Bosi, E., 2003; Weil, 1949/2001).

Segundo Alfredo Bosi (1993), Simone Weil aprendeu com seu mestre Alain a reconhecer a atenção como a força que permite à práxis não naufragar no mar de ilusões do ego preenchido apenas por si mesmo. Aprofundando esse caráter de despojamento como dimensão estrutural da atenção para Weil, escreve o autor:

A atenção é uma escolha, logo, uma ascese. Quem prefere, pretere. O mesmo movimento do espírito que vai ao enalço dos seres esvazia-se dos caprichos do ego engeguedido que, na reveladora expressão da linguagem coloquial, “não quer nem saber”. A atenção, ao contrário, tudo sacrifica para ver e saber. O desapego liberta os olhos das ilusões compensadoras entre as quais são particularmente cativantes e tenazes as que lisonjeiam o amor-próprio (pp. 84-5).

A práxis acompanhada pelo olhar atento configura-se então como via privilegiada para que a pessoa possa superar o amor-próprio e transformar-se a partir do impacto com a realidade. E é justamente esse processo que apreendemos na dinâmica de elaboração dos sujeitos que entrevistamos: atentos ao seu fazer, eles podem colher solicitações presentes em situações circunscritas, solicitações que direcionam e ampliam seu olhar. Em sua ação voluntária, eles se posicionam de modo a dar espaço às provocações da experiência, abrindo-se para rever valores, preconceitos, posturas, visões de mundo, e para reafirmar o que buscam expressar e cuidar em sua ação.

Assim, impactados pela ampliação dos sentidos apreendidos na ação voluntária, os sujeitos colhem provocações permitindo que elas alarguem seus horizontes de compreensão e que os modifiquem pessoalmente, pois, na transformação de concepções e posicionamentos a partir de uma situação circunscrita, é a pessoa inteira que está se transformando.

4. A ação voluntária como relacionamento e participação

4.1. A centralidade dos relacionamentos na experiência de voluntariado

Nas elaborações que os sujeitos nos relatam, apreendemos a centralidade do relacionamento com o outro na constituição da ação voluntária. Compreendemos que, para eles, sua ação somente pode ter ressonância e impacto no mundo se incluir o cuidado com as

relações estabelecidas, seja com as pessoas a quem essa ação se dirige, seja com os companheiros com quem se realiza a ação.

Trabalhando voluntariamente, os sujeitos se surpreendem no encontro com o outro e, seguindo os convites que colhem nessa experiência, empenham-se na constituição de relacionamentos pessoais nos quais se evidenciam sua comoção diante do outro, sua consideração por ele e sua disposição tanto para aprenderem quanto para ensinarem. Diante do outro, o “eu” não fica parado.

Provocados na convivência com o outro, os sujeitos também reelaboram o modo como agem voluntariamente e colhem aprendizados que se tornam referência, inclusive em outros contextos de suas vidas. Nesse processo, os sujeitos também nos expressam a realização de si ao se abrirem para a vivência de relacionamentos renovados, em que todos são considerados em sua singularidade e humanidade.

Dialogando com Stein (1917/2005b), podemos ampliar nosso horizonte de compreensão retomando a descrição da vivência da empatia, isto é, na percepção imediata do outro enquanto pessoa, um “outro eu” formado de corpo, psique e espírito, capaz de agir no mundo. Explicitar essa modalidade de vivência permite desvelar como o relacionamento tem como fundamento originário o fato de que os seres humanos se reconhecem mutuamente enquanto sujeitos, simultaneamente diferenciados e semelhantes.

Nesse sentido, afirmamos a importância da alteridade na constituição da subjetividade, na medida em que, no relacionamento pessoal, o olhar do outro convida a pessoa a olhar para si mesma e a se posicionar. Assim, é no relacionamento que o sujeito se constitui por responder, de modo próprio, às provocações solicitadas nessa relação, podendo ampliar a consciência de si mesmo.

A respeito da constituição da pessoa nesse intercâmbio constante entre interior e exterior, Stein (1930/2003b) ressalta, ainda, que é somente crescendo como membro de coletividades que a pessoa pode ver florescer aquilo que lhe é mais característico. Em outras palavras, embora não seja inteiramente determinada por seu contexto social, a pessoa precisa fazer parte de um grupo humano para poder ser mais si mesma.

Voltando às contribuições de Frankl (1986), podemos avançar nessa discussão a partir da compreensão de como a percepção do outro como pessoa, como um ser presente, único, permite a constituição de relações em que o sujeito não capta “apenas o que a pessoa ‘é’ (...), mas também e simultaneamente o que ela pode vir a ser” (p. 191).

Assim, uma relação em que prevalecem os laços de amor, o sujeito se vê mobilizado a transformar-se para poder viver concretamente o ideal que a relação solicita. Saber-se

envolvido num relacionamento pessoal encoraja-o a explorar a existência com mais segurança, a buscar o próprio crescimento, a querer ser uma pessoa melhor.

Com essas considerações, podemos melhor compreender como, na experiência de voluntariado, a presença do outro e as solicitações apreendidas nesse relacionamento são essenciais tanto para a apreensão dos sentidos do gesto quanto nos modos de concretizá-lo no mundo.

Apreendemos, assim, como a ação voluntária pode se constituir como via privilegiada para uma modalidade de convivência em que os sujeitos são provocados a reconhecerem o outro enquanto um ser humano singular, com necessidades a serem consideradas e respondidas, com potencialidades a serem desenvolvidas, com arestas a serem lapidadas. Em síntese, uma modalidade de convivência em que todos podem ser reconhecidos como pessoa, podem aprender e ensinar, podem se transformar e, por isso, vivenciar a realização de si.

4.2. Da ressignificação dos obstáculos à vivência da gratidão

Ao caracterizar os relacionamentos renovados que podem emergir no âmbito da experiência de voluntariado, não estamos pressupondo que os problemas não existam ou sejam desconsiderados. A consciência dos obstáculos à concretização da ação voluntária e à constituição dos relacionamentos interpessoais é evidente para os sujeitos: existem dificuldades físicas e erros para Telma; percalços e melindres para Olívia; queixas e turbulências para Shirley; trabalho ao lidar com as mães para Márcia.

A evidência das dificuldades, entretanto, não é o que as determina: elaborando suas experiências, elas tiram o foco do obstáculo por si mesmo e buscam colher o que ele está indicando. Nesse movimento, os sujeitos podem perceber, inclusive, que o obstáculo exalta a beleza, a grandiosidade e o valor do sentido do gesto. Como corolário, emerge a vivência da gratidão: os limites reforçam o reconhecimento da ação voluntária como oportunidade de crescimento pessoal e os sujeitos são gratos por isso.

Para dimensionar tal vivência de gratidão a partir do reconhecimento de obstáculos à ação, retomamos o diálogo com Husserl (1924/2006b) em seu ensaio *Renovação como problema ético-individual*.

Vimos como o fenomenólogo demonstra que, para a constituição de posicionamentos éticos, é imprescindível direcionar a ação a partir dos juízos dados sobre o que é

correspondente na experiência. Husserl (1924/2006b) denomina de “valores positivos” tudo o que é reconhecido como correspondente, realizador da pessoa, argumentando:

À essência da vida humana pertence, ademais, que ela se desenrole continuamente sob a forma do esforço; e, por fim, ela toma constantemente, com isso, a forma de um esforço *positivo*, e está dirigida, portanto, para a consecução de *valores positivos*. Porque todo o esforço negativo, a saber, o esforço para se afastar de um desvalor (por exemplo, a dor “sensível”), é apenas um ponto de passagem para o esforço positivo (...) Em suma, o sujeito vive na luta por uma vida “plena de valor”, assegurada contra sobrevenientes desvalorizações, contra o desmoronamento ou o esvaziamento de valores, contra as decepções, numa vida que sempre se eleva no seu teor de valor – o sujeito vive para uma vida que possa obter uma satisfação global continuamente e segura (pp. 43-4).

Problematizando este reconhecimento da prevalência dos valores positivos, Husserl (1924/2006b) avança na discussão demonstrando a inevitabilidade das frustrações e negações, pois todo o esforço empreendido na busca de concretizar um bem pode se mostrar inútil. Entretanto, a decepção pode mobilizar a crítica e a dor sentida na frustração reafirma a radicalidade da busca por satisfação plena. Assim, frente ao drama das negações vividas na experiência, a dinâmica propriamente humana é por ir além delas, é por buscar um horizonte sempre mais amplo. Em síntese, a frustração configura-se como um estado provisório, pois o ímpeto humano é por captar o que vale, é por empenhar-se na realidade para concretizar o que é apreendido como positivo.

Desse modo, desvela-se a importância da reflexão sobre o ímpeto por realização total de si para que se possa conceber a possibilidade de enfrentar as frustrações que fazem parte do caminho. Se não existe clareza quanto a essa realização buscada em cada ação, o sujeito se prende ao que consegue fazer, chegando a uma posição insustentável dada sua inevitável fragilidade. Num horizonte assim restrito, o erro é encarado fatalmente como o fim do percurso. Por outro lado, o empenho com cada pequeno aspecto do real e a abertura para encarar as frustrações como passageiras somente podem se sustentar se o sujeito pautar sua ação na afirmação de valores perenes que guiam ao infinito (Mahfoud, 2008).

A partir dessa discussão, compreendemos com maior clareza como os sujeitos podem ser gratos diante do reconhecimento de limitações. Entendemos que o ponto está em levar a sério a provocação e o sentido da ação voluntária, o que lhes permite encarar o drama dos obstáculos sem paralisarem-se diante deles. Ligando-se aos valores que apreendem como correspondentes, cada um se empenha de modo criativo para superar entraves e abre-se para as possibilidades de crescimento pessoal indicadas pela experiência.

4.3. Agir é participar de uma obra maior

Na expressão da gratidão diante das dificuldades, apreendemos como a ação voluntária, para os sujeitos entrevistados, não se prende àquilo que eles efetivamente fazem ou são capazes de fazer. Essa mesma percepção emerge, como surpresa, na apreensão do contraste entre os inúmeros limites presentes na realidade e a amplitude dos resultados alcançados a partir da ação voluntária. Nesse processo, os sujeitos vislumbram que sua ação se insere num horizonte maior: o agir emerge então como uma oportunidade que lhes foi dada e eles se sentem realizados e gratos por poderem fazer parte de algo que os supera e corresponde.

Assim, Olívia agradece por poder participar do trabalho de Jesus e Telma, por poder continuar servindo à Casa. Shirley entende que está apenas lançando sementes para que o mundo de regeneração venha mais rápido e Márcia, que os Espíritos atuam fazendo com que o banho não seja só um banho.

Vimos com Wojtyla (1982) como a ação não é solitária: a pessoa age junto a outros. A ação se insere num horizonte humano, revelando tanto um aspecto individual quanto um aspecto social. Como a ação revela a pessoa, Wojtyla (1982) destaca a dimensão intersubjetiva presente na estrutura propriamente humana, denominada por ele participação.

Mais do que simplesmente “fazer parte de”, participar é compartilhar em ato a sua pessoa com o outros, constituindo vínculos comunitários que podem ser solidários, isto é, que se fundamentam no reconhecimento de um bem comum que orienta e possibilita as relações.

Nicolas Berdiaeff (1936/1982) nos auxilia a entender a radicalidade da participação já no nível da consciência. Não obstante o caráter íntimo e pessoal da consciência, a sua realização no mundo é de caráter social, tornando possível a compreensão e a comunicação mútua. Portanto, a realização da consciência no mundo é também uma socialização, que se concretiza de acordo com o modo de organização e articulação de cada comunidade.

É nesse sentido que o autor afirma que a comunidade se encontra em um nível básico da experiência humana, posto que estrutura a pessoa em seu mundo. A existência do homem implica o relacionamento do “eu” com o “outro” em um mundo: a condição para que a pessoa exista é ter sempre presente um “tu” e um “nós”. Como corolário, para se realizar, a pessoa supõe a comunidade e esta, por sua vez, supõe a comunhão entre seus membros para que possa ser estável.

Aprofundando a temática da comunhão, Berdiaeff (1936/1982) esclarece que ela não pode ser função do Estado, não pode emergir de processos puramente formais, pois se dá entre homens que, juntos, miram sempre um algo maior, a transcendência. Assim, somente se

pode realizar a comunhão se se concebe um “tu” em relação com um outro “eu” e a comunhão entre “eu” e “tu” forma um “nós”. A comunhão é participação, participação recíproca, “interpenetração”. Uma participação que realiza a unidade da pessoa e realiza a unidade da relação entre “eu” e “tu” na medida em que, compartilhando a vida, pode-se reconhecer valores que lançam um horizonte de totalidade e de verdade. E é o reconhecimento compartilhado desses valores que permite ao homem reconhecer-se como instrumento de algo maior, do qual ele faz parte.

Fazer parte: Wojtyla (1982) e Berdiaeff (1936/1982) nos apontam como participar significa compartilhar a própria pessoa com outros, compartilhar valores que se dirigem a horizontes de totalidade, compartilhar a percepção de agir no mundo em função de algo maior. Trata-se de um processo em que, na unidade com o outro, o “eu” se afirma e realiza ao reconhecer-se como partícipe, instrumento.

Com tal definição, retornamos à experiência dos sujeitos podendo compreender melhor como eles articulam a gratidão frente a algo que os supera ao ímpeto por agirem. Sentindo-se integrados numa obra que ultrapassa o seu raio de atuação, compreendemos que eles se vêem impelidos a auxiliar, apreendem o dever de darem sua contribuição própria para que essa obra se concretize no mundo. Trata-se de um movimento em que, imprimindo no mundo a sua contribuição particular, os sujeitos, a um só tempo, realizam a unidade de uma relação reconhecida como correspondente e se realizam como pessoa.

4.4. Na ação compartilhada, constitui-se a comunidade

Concebendo a ação voluntária como participação numa obra maior, os sujeitos a reconhecem, ainda, como gesto a um só tempo pessoal e compartilhado: é preciso que muitos se unam para que a tarefa aconteça. Entretanto, não se trata de um mero conglomerado de pessoas que se aproximaram para executar um objetivo, pois os sujeitos sentem pertencer a um grupo, vivem a experiência de um “nós”, como nos dizem Olívia e Márcia, de uma “família” para Telma ou, “equipe” para Shirley.

Um grupo marcado não pela homogeneidade de crença ou de personalidade, mas sim unido pelo mesmo ímpeto, o mesmo desejo de se doar ao outro. Um grupo que, na vivência dos sujeitos, ultrapassa as barreiras do fazer juntos, abarcando relações de afeto e a consideração de cada pessoa em seu aspecto singular. Envolvidos na totalidade da sua pessoa,

compreendemos que os sujeitos se realizam ao compartilharem sua ação voluntária, num processo que consolida vínculos cada vez mais estreitos e fortalecidos.

Vimos com Stein (1930/2003b, 1922/2005) o caráter orgânico de formação da comunidade, que se realiza na disponibilidade para o relacionamento recíproco e no posicionamento próprio de cada sujeito que contribui para a constituição de vínculos onde cada um é considerado em sua personalidade. Tais vínculos, por sua vez, estimulam e sustentam os indivíduos que fazem parte da comunidade, possibilitando que as pessoas envolvidas sejam “si mesmas” nos relacionamentos em questão.

Discorrendo sobre a dinâmica da vida em comunidade, Stein (1930/2003b) afirma que, vivendo com seus semelhantes, a pessoa

aprende a pensar, sentir e trabalhar, cresce como membro da comunidade, porém ao mesmo tempo, também como indivíduo, pois a natureza individual que traz consigo ao mundo começa a fazer se sentir, vive e se ocupa nos atos em que ele realiza na e com a comunidade e lhe conferem sua característica pessoal. Pelo fato de que um novo membro cresce na comunidade e se desenvolve como um membro seu, a comunidade mesma experimenta uma transformação e um desenvolvimento dinâmico. Deste modo, crescem e se desenvolvem a comunidade, a qualidade de membro e a individualidade (p. 132).

Simone Weil (1949/2001) também lança luzes sobre a importância da constituição de meios sociais capazes de formar a pessoa por meio da descrição do “enraizamento” como uma das necessidades mais importantes da alma humana. Segundo a autora, uma pessoa encontra-se enraizada quando participa real, ativa e naturalmente de uma coletividade que conserva, de modo vivo, riquezas do passado e intuições de horizonte de futuro. São essas raízes que constituem o ser humano, uma vez que ele “precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente” (p.43).

Dadas as contribuições de Weil (1949/2001) sobre a radicalidade do enraizamento, e de Stein (1930/2003b, 1922/2005) sobre a importância da comunidade, podemos apreender, nos laços de afeto e no compartilhamento de experiências a nós comunicados pelos sujeitos entrevistados, a constituição de verdadeiras comunidades. Comunidades nas quais os sujeitos se transformam mutuamente e se posicionam pessoalmente, reconhecendo a singularidade e o valor de cada um. Comunidades capazes de enraizar as pessoas que a elas se vinculam, uma vez que oferecem subsídios que permitem a seus membros elaborarem sua experiência

“Eu tenho aqui uma família”, diz Telma, sintetizando uma vivência comum às demais entrevistadas e indicando-nos o reconhecimento da força desses laços comunitários que os unem e os mobilizam a cuidar para que essa comunidade perdure.

5. A ação voluntária como abertura ao relacionamento com presenças transcendentais

Os relacionamentos se mostram centrais na experiência de voluntariado dos sujeitos que encontramos e, dentre esses relacionamentos, um se destaca como especial. Olívia, Telma, Márcia e Shirley, todas elas reconhecem que são acompanhadas e sustentadas pela Espiritualidade, isto é, por presenças transcendentais que atuam de modo providencial sobre a realidade. Atribuindo tais intervenções a entidades individualizadas e benfeitoras, os sujeitos buscam constituir relacionamentos pessoais com essas entidades percebidas como companhias. Nos depoimentos, eles fazem referência a Deus, a Jesus e à Espiritualidade, sendo esta última a interlocutora mais constante.

Apreendemos nesse movimento a configuração de relacionamentos de fé, nos quais os sujeitos constroem o diálogo por meio da oração e do pedido e reconhecem mudanças no curso dos acontecimentos como respostas que lhes são dadas. Respostas que, como nos mostra Shirley, podem não atender exatamente ao que foi solicitado, mas sempre se constituem como intervenção benéfica, que a pessoa reconhece como correspondente por orientar-se em favor do critério que fundamenta o pedido. E, tendo a certeza de serem beneficiados pelas presenças transcendentais que operam transformando o mundo, os sujeitos também se vêm solicitados a agir, a dar a sua resposta como contribuição à obra dos benfeitores.

Comprometendo-se com essa obra que os ultrapassa por meio de sua ação voluntária, os sujeitos apreendem que os resultados de sua ação são potencializados pela intervenção superior e reconhecem que conseguem persistir na tarefa porque são fortalecidos. Sentindo-se gratos pelas oportunidades que lhes são dadas, eles se realizam nesse processo por se perceberem amparados e por vislumbrarem que estão progredindo no caminho que mais corresponde a eles mesmos e ao ideal que carregam.

Tal articulação entre experiência religiosa e ação voluntária, apreendida por Olívia, Telma, Márcia e Shirley em suas vivências cotidianas na tarefa, é também uma proposta do

contexto sociocultural da *Casa Espírita*, sugerindo-nos a íntima relação entre concepções que a instituição formaliza em orientações e aquilo que os sujeitos vivenciam em seu cotidiano.

Vimos a partir das elaborações de Giussani (2009) que a experiência religiosa se fundamenta no senso religioso: capacidade de abertura da razão que se exprime em certas interrogações radicais e inextirpáveis que emergem na experiência e solicitam uma resposta total. A evidência estrutural da inexauribilidade das perguntas não aplaca a busca humana por tentar respondê-las. Pelo contrário, a percepção existencial dessa desproporção dinamiza cada vez mais o motor humano, evidenciando como a natureza do ser humano é espera por resposta total, calcada na promessa que a vida solicita, e é exigência de ser-em-relação com algo que o supera e o constitui profundamente em cada aspecto concreto da vida.

Trata-se, portanto, de uma dimensão humana radical que é despertada existencialmente quando a pessoa, por meio do exercício de sua razão, abre-se à totalidade dos fatores e aceita maravilhada as provocações que daí advêm. Reconhecendo-se parte dessa presença que lhe é dada e que lhe atrai, a pessoa percebe o caráter providencial presente na realidade, isto é, percebe que a realidade é ordenada e “*se move* segundo um desígnio que lhe pode ser favorável” (p. 160, grifo do autor). O reconhecimento dessa providência provoca letícia, gratidão e solicita o sujeito a se perguntar sobre quem fez e continua fazendo tudo isso, inclusive a si mesmo.

Trata-se da intuição, que em todos os tempos o espírito humano mais agudo teve, dessa misteriosa presença pela qual a consistência do seu instante, do seu eu, é possível. *Eu* sou “tu-que-me-fazes”. Só que este “tu” é absolutamente sem rosto; uso a palavra “tu” porque é a menos inadequada, na minha experiência de homem, para indicar aquela presença incógnita que é incomparavelmente maior do que a minha experiência de homem. Que outra palavra deveria usar? (p. 162, grifo do autor).

Está nesse movimento a raiz que permite ao ser humano intuir o sinal da presença de um Ser transcendente do qual tudo e todos dependem. Esta é a base sob a qual se estrutura a experiência religiosa, que se constitui enquanto tal na resposta concreta do sujeito a tais perguntas últimas estabelecendo um relacionamento com a Presença transcendente, surpreendente, totalizante, solicitadora, reconhecida como fonte de sentido (Giussani, 1997, 2002, 2008, 2009; van der Leew, 1933/1964).

Vimos também com Giussani (2001d e 2009) que o eu se expressa e se conhece em ação. É agindo que as capacidades do eu se revelam, que suas exigências constitutivas se expressam em toda a sua potência e unidade. O trabalho, entendido como energia que opera

transformações segundo um desígnio, constitui-se como uma ocasião privilegiada de ação que pode expressar o ser pessoa em sua totalidade.

Para Giussani (2001a), a ação pode criar obras somente na medida em que busca responder sistematicamente a uma necessidade vital que solicita o ser humano. E o verdadeiro trabalho é aquele que consegue exprimir a autêntica natureza humana: sua relação com o infinito. “Esse horizonte maior deve presidir cada atividade humana; caso contrário, sua atividade restringe-se como gestão do real” (p. 112). Portanto, é o trabalho que coloca a pessoa em relação com o destino e com Deus. É por isso que “o trabalho é a oração real, e não existe oração que não seja trabalho, que não exprima um trabalho” (p. 103).

É nesse sentido que o senso religioso é concebido como a razão de todo o agir, pois é por via da ação que a pessoa pode atender à necessidade concreta fundamentada em suas exigências constitutivas, conectando-a ao horizonte de totalidade apreendido na realidade. Essa abertura ao infinito própria da dimensão religiosa tanto realiza a unidade da pessoa que trabalha, tornando-a protagonista, quanto lhe permite partilhar seu trabalho junto a outros, pois se compreende que todos são humanos e estão num mesmo caminho de realização.

O trabalho fundamentado no senso religioso também mobiliza a pessoa a questionar a todo o instante se o modo como concretiza o gesto coincide com o ideal que carrega dentro de si. Fazendo assim, ela é capaz de colher, em cada necessidade existencialmente presente, o sentido de totalidade que a sustenta, podendo realizar, no gesto concreto, a sua missão pessoal e o ideal de si e do mundo.

Para Giussani (2001a), é por amor ao infinito e com amor que se realiza plenamente esse ideal em cada ação. No entanto, como nos adverte o autor:

Assim como não é possível nascer sozinho nem viver sozinho, não é possível responder à própria necessidade – seja ela qual for, até a mais singular –, a não ser em uma companhia, a não ser com a ajuda de uma companhia. Sozinhos não podemos enfrentar nenhuma necessidade de modo sistemático, como exige a organicidade da nossa vida (p. 102).

Na experiência de voluntariado, a centralidade dessa companhia se faz presente de modo explícito, pois o gesto de solidariedade solicita a pessoa a se perguntar por que adere e, para Giussani (2001b), a adesão consciente só é possível numa experiência de pertencimento. É o fato de “pertencer que estrutura o ímpeto de generosidade e torna seus efeitos mais permanentes” (p. 124). Assumir esse pertencimento significa inserir a própria ação num horizonte maior e, se tal horizonte contempla o relacionamento com o transcendente, no gesto

de caridade o sujeito se doa gratuitamente buscando concretizar o ideal de Perfeição vislumbrado em sua experiência religiosa.

Nesse sentido, a caridade vivida como expressão da religiosidade é marcada pela segurança quanto ao horizonte em que o gesto se insere e pela certeza de que nada se perde. Assim, o sujeito se vê mobilizado a levar em consideração a totalidade dos fatores; a ser leal com o dado, com o que se lhe apresenta; a atender à necessidade acolhendo a pessoa; a compreender o outro e a se comover com ele partilhando a vida; a ter paciência para suportar as dificuldades. Além disso, a experiência de caridade concretizada em obras carrega a potência de se estabilizar num *habitus* permanente e é vivida como uma abertura para todos os âmbitos da experiência, tornando-se critério, compromisso e dever.

Com efeito, a caridade faz o ímpeto humano da solidariedade tornar-se realmente imaginativo e criativo. Na caridade, a pessoa, movida pela carência e pela necessidade com que a Providência a leva a deparar gera obras justamente pelo fato de que sua ação não se limita ao particular [detalhe] que o comove, mas tende a se encarregar, de maneira adequada, melhor e mais justa, da totalidade do contexto. E a totalidade do contexto é sem medida, tem como horizonte a própria totalidade do homem (p. 126).

E Giussani (2001b) conclui: “quanto mais um sujeito for vivo e consciente, quando solicitado por qualquer necessidade, mais responderá segundo uma preocupação total, isto é, segundo uma preocupação religiosa” (p. 126).

Com esse aprofundamento em múltiplos níveis da experiência religiosa, podemos avançar na compreensão de como o emergir de perguntas radicais suscitadas no impacto com a realidade mobiliza a pessoa a reconhecer Presença(s) de ordem superior e a buscar relacionar-se com o transcendente inserindo sua ação em horizontes de totalidade.

A explicitação desse dinamismo permite-nos afirmar com maior segurança como a experiência religiosa articula-se à ação voluntária no contexto sociocultural da *Casa Espírita*. Compreendemos que a experiência religiosa é vivida intensamente pelos sujeitos, chegando a ordenar sua apreensão da realidade e a fundamentar e direcionar sua ação voluntária. A percepção do caráter providencial da realidade os realiza como pessoa, mobilizando-os a buscar contribuir, com a totalidade da sua pessoa, para a concretização de um bem que supera seus interesses imediatos. E esse bem que os ultrapassa também os abraça: eles se sentem pertencentes a um horizonte totalizante, um horizonte cuja amplitude lhes permite dar a sua contribuição sem se prenderem aos resultados concretos do seu gesto. Um horizonte, portanto, que os convida a ampliar o olhar sobre a ação e sobre o que ela indica, convida-os a se perguntarem sobre o sentido da realidade e sobre o modo como têm se orientado nela.

Em síntese, a compreensão de como Olívia, Telma, Márcia e Shirley elaboram sua experiência permite-nos afirmar como, no contexto sociocultural da *Casa Espírita*, a ação voluntária é vivida como abertura para a experiência religiosa, pois, doando-se ao outro em gestos concretos, os sujeitos reconhecem que sua ação é sustentada por presenças transcendentais e direcionada à afirmação de um horizonte absoluto.

6. A ação voluntária e o contexto sociocultural: processo de mútua constituição

6.1. A experiência-tipo de voluntariado na *Casa Espírita*

A partir da discussão das categorias apreendidas, é chegado o momento de sintetizar a experiência-tipo de voluntariado na *Casa Espírita*.

Atentos à dinâmica da experiência de voluntariado dos sujeitos que entrevistamos, compreendemos como sua ação voluntária apresenta-se como uma doação de si ao outro na qual os sujeitos se empenham, com amor e por amor, para concretizar algo que apreendem como valor. Trata-se de uma ação que, expressando a totalidade da pessoa, é vivida pelos sujeitos como realização de si, como correspondência ao seu núcleo.

Elemento estruturante da experiência de voluntariado, a vivência da realização de si orienta a ação, potencializando seu caráter de espera e dever, espera de que a correspondência se perpetue e dever de comprometer-se pessoalmente com os sentidos dessa ação voluntária. Os juízos dados a partir dessa experiência de expressar-se e realizar-se ao agir voluntariamente mobilizam os sujeitos a reelaborarem suas motivações e a se abrirem para as provocações que constantemente emergem na experiência, num círculo virtuoso em que se fortalecem e dinamizam os juízos dados e o empenho na ação.

Assim, a experiência de voluntariado configura-se como abertura que considera ação e contemplação: agindo para transformar o mundo, a pessoa se comove, amplia horizontes de compreensão, transforma a si mesma e se realiza nesse processo de reformar-se interiormente.

A ação voluntária, profundamente pessoal, é também compartilhada. A presença do outro, reconhecido como pessoa, solicita tanto a rever posicionamentos quanto a cuidar dos relacionamentos. A experiência de um nós, com seus conflitos e correspondências, fundamenta-se em vínculos comunitários, favorecendo que a ação voluntária tenha ressonância no mundo. Reconhecendo-se como partícipes de uma obra que os supera, os

sujeitos buscam dar a sua contribuição pessoal para a concretização dessa obra que os corresponde e, nesse processo, sentem-se gratos e realizados.

Para os sujeitos, trata-se de uma obra na qual operam também outras mãos: com a certeza quanto à companhia de presenças transcendentais que intervêm providencialmente na realidade, eles se percebem amparados e mobilizados a continuarem trabalhando voluntariamente. Nesse quadro, a ação voluntária apresenta-se como sustentada e guiada pela experiência religiosa: embora distintas, essas duas experiências não são dissociadas nas elaborações dos sujeitos.

6.2. Experiência-tipo e contexto sociocultural

A experiência de voluntariado que investigamos se dá em um contexto sociocultural específico, o que nos provoca a ampliar as considerações sobre sua constituição. As considerações advindas da análise das elaborações dos sujeitos que entrevistamos sintetizam a típica experiência de voluntariado, ou experiência-tipo, nesse contexto sociocultural. A compreensão até aqui alcançada parte fundamentalmente da perspectiva dos sujeitos da experiência e, para complementar a visada sobre o fenômeno do voluntariado em uma instituição espírita, passamos agora à reflexão sobre este fenômeno contemplando-o a partir da perspectiva da proposta sociocultural dessa instituição.

Adentrando o contexto da instituição investigada, a qual denominamos *Casa Espírita*, foi-nos possível apreender a íntima relação entre seu caráter religioso e assistencial. Por um lado, todas as atividades, mesmo as de conotação fortemente religiosa, são propostas como tarefas, isto é, como um trabalho voluntário que exige compromisso e disciplina. E, por outro, concebe-se que as atividades de cunho assistencial são acompanhadas pela atuação de presenças transcendentais que operam visando à transformação espiritual de todos os envolvidos. Nesse processo, espera-se que o agente comprometa-se com o ser humano, isto é, que priorize a pessoa em todas as suas ações, seja buscando acolher e ajudar da melhor forma todos que buscam auxílio, seja colaborando para a integração fraterna dos grupos de trabalho, seja investindo no próprio processo de crescimento intelectual e moral. Na formulação de tais orientações, valoriza-se a fundamentação no Evangelho tomado à luz da Doutrina Espírita, a formação adequada e a disciplina na sistematização das atividades, pois a conjugação desses três aspectos é entendida como via privilegiada para o alcance dos objetivos pretendidos. Por

fim, ressaltamos como essa preocupação com o rigor alia-se à atenção, à experiência e à abertura para compartilhar a totalidade da vida.

Correlacionando as propostas apreendidas no contexto sociocultural da *Casa Espírita* à compreensão das elaborações de sujeitos que trabalham voluntariamente e que, por seu empenho, são tidos como figuras de referência nessa instituição, percebemos como a experiência dessas pessoas articula-se profundamente ao contexto em que estão inseridas. A concepção da ação voluntária como compromisso e doação de si, a importância dada à transformação pessoal e aos relacionamentos, a certeza quanto à existência de presenças transcendentais que intervêm na realidade, todos esses são elementos essenciais da proposta sociocultural da *Casa Espírita* e da elaboração que os sujeitos fazem de sua experiência de voluntariado.

Compreendemos tal correspondência entre o que é proposto e o que é vivido como sinal do seu processo de mútua constituição. Podemos vislumbrar, por um lado, que o contexto sociocultural constitui-se como pleno de propostas que convidam as pessoas a agirem pautadas nos aspectos tidos como centrais para o trabalho voluntário numa instituição espírita e elas, verificando tais propostas em sua experiência, aderem ao que lhes corresponde, repondo de modo criativo às demais o que reconhecem como valor. Por outro lado, os sujeitos vivenciam a ação voluntária como realizadora de si em múltiplos níveis e, atentos às provocações da experiência, colhem os elementos que se evidenciam como nucleares. Buscando cuidar desses elementos, eles se empenham para transformar o contexto de modo que aquilo que foi apreendido na experiência se formalize em orientações institucionais para todos.

A Fenomenologia husserliana nos auxilia a apreender o dinamismo de mútua constituição entre contexto sociocultural e pessoa por meio do conceito de mundo-da-vida (Ales Bello, 1998; Zilles, 1996, 1997). Trata-se do mundo histórico-social concreto, habitual, estável e pré-reflexivo, baseado na experiência pessoal e coletiva, que possibilita que o sujeito lide com o real de modo integrado à experiência compartilhada. Nesse sentido, o mundo-da-vida, ao mesmo tempo em que propõe recortes sobre como encarar a realidade, não prescinde do posicionamento do sujeito, que toma de modo próprio o que lhe é dado, contribuindo para a constituição da sua pessoa e do mundo que o cerca (Husserl, 1954/2008; Schutz cf. Wagner, 1979). O mundo-da-vida tem o homem como centro, ancorando-se numa antropologia *a priori*. Nesse sentido, o mundo-da-vida pode se articular de diferentes maneiras, favorecendo, ou não, o desenvolvimento da pessoa em seus múltiplos níveis: corpóreo, psíquico e espiritual.

Assim como o mundo-da-vida, é preciso considerar o mundo da cultura, analisado fenomenologicamente desde o seu interior. Nesse sentido, não há como desvincular a cultura, composta “pela mentalidade, pela forma de orientação, pelas expressões e produtos próprios de um grupo humano” (Ales Bello, 1998, p. 42), do posicionamento do sujeito que a constitui e que é por ela possibilitado. Embora possa se tornar abstrata, é fundamental que a cultura se articule organicamente ao mundo-da-vida de modo que os percursos oferecidos pela proposta cultural favoreçam que a pessoa elabore sua experiência levando em consideração toda a sua estrutura humana.

Como vimos, Grygiel (2002) destaca que não é qualquer posicionamento que constitui cultura. É preciso que tal tomada de posição coincida com o centro da pessoa, com a sua “consciência moral”. O verdadeiro homem de cultura é aquele que se relaciona com a realidade perguntando sobre o sentido do que está implicado nesse relacionamento; respeitando e confiando na dinâmica ordenada por ele apreendida; e agindo pessoalmente de modo a favorecer que tal dinâmica se expresse e se desenvolva cada vez mais.

A partir das contribuições acima descritas, apreendemos como, na *Casa Espírita*, a mútua constituição entre pessoa e contexto sociocultural se fundamenta em um mundo-da-vida complexo e pleno de significado. Pleno de significado porque é um mundo-da-vida capaz de favorecer que as experiências sejam pessoais e compartilhadas, de constituir a pessoa em seus múltiplos níveis e de contemplar um horizonte de totalidade correspondente à experiência ali vivida. Compreendemos que a força com que os elementos essenciais elencados estruturam a elaboração da experiência dos sujeitos, incidem nas propostas da instituição e no modo como são apresentadas, é indicativo de que tais elementos são basilares nesse mundo-da-vida.

As propostas presentes no contexto dessa instituição configuram-se como cultura na medida em que comunicam e encarnam uma visão de mundo compartilhada por um grupo e que contribui para e é fruto do posicionamento do sujeito. Trata-se de um contexto a um só tempo estruturado e aberto a novas solicitações, pois permanece o modo pessoal como os sujeitos propõem, realizam e elaboram sua ação voluntária. Portanto, o mundo-da-vida se conecta intimamente às propostas culturais presentes nessa instituição, favorecendo que a pessoa elabore sua experiência e aja no mundo de modo integrado. Nesse sentido, é uma cultura que respeita o posicionamento da pessoa e é vivida como fonte de realização pessoal. Podemos então compreender que as propostas dessa instituição constituem-se como cultura no sentido profundo do termo, pois correspondem àquilo que é mais nuclear à pessoa ao evidenciarem a centralidade conferida ao ser humano, seja na força da doação de si expressa

pelos sujeitos, seja no empenho por considerar o outro como pessoa, acolhendo-o em todas as suas dimensões.

Por fim, dialogando com as elaborações de Berger & Luckmann (2004), podemos apreender que essa instituição por nós analisada é tomada pelos sujeitos como mediadora entre sua vida pessoal e âmbitos mais amplos da vida social. Trata-se então de uma “instituição intermediária” por se apoiar em um rico mundo-da-vida que propõe um horizonte de totalidade, por oferecer oportunidade dos sujeitos contribuírem para a formação da sociedade, e por contribuir para a construção do acervo social de sentido.

6.3. A ação voluntária realiza a pessoa: provocações a ampliar o olhar

Por tudo o que foi descrito e discutido até aqui, compreendemos que, no processo de mútua constituição entre pessoa e contexto sociocultural, a experiência de realização de si emerge como fator fundamental que o dinamiza e vitaliza.

Seja descrevendo o processo a partir da proposta que é acolhida, seja partindo da experiência que se transforma em proposta, a realização de si emerge como inseparável do empenho dos sujeitos para se doarem na ação voluntária. Vivida na ação mesma que expressa a pessoa, nos relacionamentos, na percepção da própria transformação pessoal, na certeza quanto à intervenção providencial de presenças transcendentais e no reconhecimento de ser partícipe de uma obra maior, a realização de si é potencializada pelo juízo dado sobre essa vivência, juízo que a converte em experiência. Mobilizando os sujeitos a dedicarem-se para que tal experiência perdure, o juízo favorece que eles se abram continuamente a novas solicitações, ampliando a gama de possibilidades de realização e alargando horizontes de compreensão dos sentidos da ação voluntária, de si e da vida como um todo.

Na descrição desse percurso que abarca ação, juízo, reflexão e transformação, vemos evidenciado como a realização de si dinamiza e vitaliza o posicionamento dos sujeitos que trabalham voluntariamente e, justamente por isso, dinamiza e vitaliza o contexto sociocultural em que eles agem, uma vez que esse contexto se constitui a partir do posicionamento dos sujeitos que o integram. Com tal compreensão de que a *Casa Espírita* estrutura suas propostas em princípios que são vivenciados como correspondentes pelos sujeitos em suas experiências cotidianas de voluntariado, chegamos à delimitação de como essas propostas possam se

apresentar a nós como capazes de expressar seu objetivo primeiro: o compromisso com o ser humano.

Tal compreensão sobre o lugar da realização de si nas experiências de voluntariado no contexto sociocultural de uma instituição religiosa espírita convida-nos a comparar os resultados que alcançamos com estudos acadêmicos atuais que se debruçam sobre a temática do voluntariado.

Quanto aos estudos que analisam a relação entre o voluntário e o contexto em que ele se insere, vimos que parte das investigações critica posições que reduzem a motivação e o engajamento aos motivos colhidos na história pregressa dos sujeitos e às razões alegadas pelos próprios voluntários, ressaltando a importância de olhar para a experiência (Barros, Pinto & Guedes, 2006; Sampaio, 2004; Silva, 2006). Há ainda uma pesquisa sobre os aspectos característicos da personalidade do voluntário (Dockhorn, 2007).

Em nosso processo de pesquisa, apreendemos a importância de considerar a realização contida na ação voluntária, posto que ela se revelou como central na elaboração que os sujeitos fazem de sua experiência. Essa realização, que se refere tanto à concretização no mundo de algo que se reconhece como valor quanto à realização de si ao trabalhar, solicita a pessoa a se perguntar sobre o sentido da ação, o sentido da sua pessoa e o sentido da vida mesma. Por todo o exposto até aqui, podemos afirmar o quanto a realização se revela primordial para a compreensão da experiência de voluntariado, permitindo que nos aproximemos das razões pelas quais as pessoas persistem nesse tipo de trabalho sem receber monetariamente por isso.

Assim, confrontando nossos resultados com as produções científicas brasileiras, endossamos a crítica de que a pura ênfase nos motivos, tomados por si mesmos, leva à redução da experiência de voluntariado, perdendo-se dessa maneira a riqueza e a provocação das elaborações daqueles que, dedicando-se ao outro, realizam obras que os realizam como pessoas. É nesse sentido que apontamos o risco de olhar os voluntários somente pelo seu perfil, o que pode levar à compreensão de que tal experiência é restrita a um grupo específico. Entretanto, todo o nosso esforço de contemplar a dinâmica dessa experiência aponta para a compreensão do quanto ela é provocadora e acessível a todos, dado que diz do humano em suas múltiplas dimensões.

VIII – CONCLUSÕES: certezas e provocações

Encerrada a discussão, chegamos ao momento de apresentar nossas conclusões, aquilo que carregamos como certeza de tudo o que colhemos ao longo de nosso percurso. Certezas que levamos conosco como provocações, como experiência e como proposta.

Essa pesquisa nasceu da provocação de experiências que nos solicitaram a adentrar o universo do voluntariado. Impactados pela beleza do gesto, pela gratuidade com que ele é realizado e pela auto-realização por ele possibilitada, descobrimo-nos perplexos e impelidos à aventura do conhecimento. Assim impactados e mobilizados, começamos a nos perguntar: que experiência é essa que, nascida do gesto de se dispor ao outro sem esperar nada em troca, carrega uma realização tão potente para as pessoas?

Pergunta que nasceu da experiência e que buscou, na experiência, seus elementos fundamentais, seja analisando o modo como a pessoa toma o que lhe é proposto, seja contemplando o modo como uma proposta se objetiva tornando-se estruturante de um determinado contexto. Partir da experiência: fica conosco a certeza quanto à importância de avaliar o modo como o trabalho voluntário é executado contemplando a experiência de quem trabalha. Para isso, descobrimos a centralidade de um olhar atento à experiência, capaz de colher os elementos essenciais tanto da elaboração da pessoa sobre sua ação quanto do mundo-da-vida por ela compartilhado. Um olhar capaz de considerar outros fatores que incidem na ação mesma, como a experiência religiosa, o valor do relacionamento com o outro e a realização de si. Nesse sentido, colhemos também a certeza quanto à importância de olhar a pessoa encarnada em seu contexto, pois é no relacionamento com ele que a pessoa é formada, “con-formando” tal contexto de modo pessoal, criativo e vitalizado.

Vimos também que o olhar atento à experiência rasga horizontes fechados e preconcebidos sobre a realidade do voluntariado. Nosso olhar sobre a experiência pôde abrir horizontes e colher provocações que são apreendidas somente quando reconhecidas no modo como os sujeitos tomam a sua ação.

Com essas certezas, podemos afirmar que um olhar que desconsidera a complexidade dinâmica presente no vivo da experiência e que adentra o fenômeno do voluntariado com uma leitura predeterminada e externa não está aberto às provocações que esse fenômeno solicita. Como decorrência, não é possível encontrar nada de novo, e as conclusões se caracterizam por reafirmar somente o que já se compreendeu e por desconsiderar o que as pessoas vivenciam em seu cotidiano de voluntariado. Em nossa investigação, ao contrário, pudemos

apreender como a experiência de voluntariado carrega a força de problematizar concepções prontas que privilegiam somente uma única faceta da questão. A experiência de voluntariado é complexa e pode ser vitalizada, exigindo um esforço do pesquisador para compreender os elementos implicados no fenômeno, com abertura para o dinamismo que lhe é próprio.

Contemplando as compreensões advindas da investigação de como a experiência pessoal se articula ao contexto sociocultural, apreendemos, ainda, a importância de tomar o fenômeno do voluntariado situado em seu contexto. O contexto é sempre prenhe de propostas, vitalizadas ou não, que incidem diretamente no modo como as pessoas tomam sua ação voluntária e como elas estarão atentas ao realizarem esse gesto. Vimos, a partir dessa pesquisa em uma instituição espírita, como a experiência religiosa pode definir o modo de a pessoa estar ali e pode sustentá-la naquele trabalho, seja por via da força para enfrentar as dificuldades, seja por via da realização por ela possibilitada.

E o que colhemos de essencial dessa experiência?

Colhemos, na presença de Olívia, o espírito de uma pessoa forte, que no trabalho de coordenação da Salada expressa um afeto especial para com as pessoas que com ela interagem. Adentrando sua experiência, identificamos o valor daquela tarefa para ela: o carinho especial pela Salada carrega uma história cheia de percalços, de maravilhas e de aprendizados. Aprendizados que lhe permitem anunciar que a tarefa é “nossa”, dos companheiros de caminhada que assumem aquele gesto, e da humanidade como um todo. A tarefa é o que ela gosta, é a que ela se dedica com empenho e com amor. A tarefa também é da Espiritualidade, que intervém possibilitando que tudo se dirija ao caminho certo. Ali ela agita, convive com o diferente, insiste em certas posições, faz amizades, doa e se vê beneficiada, reforma-se interiormente e se realiza: é um sabor diferente que a satisfaz. Aquele gesto transforma a todos e comunica sentidos. Sentidos que buscam expressar, de modo muito concreto, o sentido último que a sustenta: fazer parte de um trabalho que é para Jesus.

Colhemos, na presença singela de Telma, a surpresa diante de alguém que, com tantas dificuldades físicas, lavando pratos num pequeno espaço, persiste na tarefa com uma alegria que cativa a todos. Conversando com ela, podemos entender o porquê de tamanha dedicação e satisfação: ali ela serve a quem lhe serviu no momento em que mais precisava. Ali ela se descobriu muito feliz e grata por tudo. Com Telma não tem escolha de serviço, ela se doa à Casa toda vida, cuida para não estragar nada, gosta de trabalhar ali, está tudo certo: é assim, evidente. E é importante buscar fazer tudo direitinho: na atenção aos detalhes, ela afirma o valor daquela experiência, comunicando-nos o quanto aprende a ser menos egoísta e o quanto também é fortalecida. É a fé, somada à dedicação, que a sustenta, fazendo-a continuar ali,

mesmo diante de todas as suas dificuldades. O trabalho pode até não sair certo, mas se o olho físico não enxerga, o olho do coração, esse sim, vê e faz acontecer. Naquele gesto, ela serve de coração, sabendo que ali ela tem uma família.

Colhemos, na presença cativante de Márcia, uma paixão evidente. O carinho com as crianças é explícito para quem a observa na tarefa e é também explícito em sua elaboração. Márcia e suas companheiras de trabalho são voluntárias do Banho Infantil: uma tarefa abençoada, linda, apaixonante. O trabalho de dar banho naquelas crianças é a sua tarefa, aquela em que ela cuida do espaço, das mães, das crianças, aprende, ensina, se comove e se realiza. O Banho solicita confiança, pede abertura para atender a quem precisa e gera mudança em quem se envolve, em Márcia, inclusive. Propondo ajudar no que está ao seu alcance, Márcia inova ao ensinar que o assistido não deve só receber, precisa se doar também, pois todos estão ali aprendendo. O Banho é a sua tarefa, é lá que tem afinidade e cria vínculos: essa tarefa Márcia não deixa por nada. Cuidando de cada detalhe, ela cuida de si e do ideal que carrega. É verdade: o banho não é só um banho.

Colhemos, na presença marcante de Shirley, o empenho para que a Evangelização alcance seu objetivo da melhor forma possível, empenho que busca transformar o mundo transformando as pessoas, inclusive a si mesma. Ali ela prepara, ensina, dá suporte, incentiva o trabalho em equipe: o importante é ter boa vontade e abraçar a causa. Empenhando-se, ela se vê lançando sementes, mostrando aos pequeninos os ensinamentos de Jesus por meio do exemplo. Naquele gesto, Shirley busca ajudar na formação pessoal das crianças e dos tarefeiros: é a sua contribuição para que o mundo de regeneração venha mais rápido. Isto é mais do que a sua contribuição, é a sua missão. Missão anunciada por aqueles a quem Shirley confia e pede: é a Espiritualidade, companhia íntima presente em sua vida, que lhe dá oportunidades e guia seus passos. Evangelizar abre-lhe horizontes de compreensão da vida, deixando-a melhor do que ontem. E tudo isso é mesmo “bacana” para Shirley: os problemas existem, mas o sentido ali implicado lhe permite afirmar com alegria, gratidão e comoção que tudo são flores e que pela Evangelização ela dá o seu sangue, a sua vida. Vida que, é verdade, até poderia ser outra coisa, mas Shirley entende que aquele gesto e a realização ali vivida lhe indicam um caminho mais correspondente à sua missão e ao ideal que carrega. O importante é fazer, é dedicar-se por inteiro para fazer valer a pena a oportunidade.

Colhemos, em todas essas experiências de voluntariado, o movimento de pessoas que, doando de si ao outro, expressam-se inteiramente.

Ficamos com a certeza quanto à importância de considerar o modo como tal doação é feita: é preciso amor, luz que ilumina os passos de quem trabalha e que aponta o caminho para

se alcançar o outro e o ideal pretendido. Certeza de que tal doação é vivida como realização, é correspondente ao centro da pessoa. Certeza de que o gesto de doar-se contempla horizontes mais amplos do que a concretude do gesto mesmo.

Doar-se é empenhar-se num ideal que corresponde e que solicita. Doar-se é também se perguntar sobre os sentidos implicados na doação. Doar-se é depurar-se interiormente para ser digno do ideal que tal doação quer comunicar. Portanto, a doação de si implica um juízo que mobiliza a pessoa. A ação convida à reflexão e à transformação. Quem doa de si ao outro é grato por essa oportunidade que lhe foi dada.

Também colhemos a certeza de que quem doa de si ao outro não está sozinho. Há outras pessoas com as quais se compartilha o gesto, companhias que sustentam a ação e que fazem do ambiente de trabalho uma comunidade, que fazem do gesto uma obra.

Ficamos com a certeza de que não é fácil construir e sustentar uma obra, pois os problemas existem. Mas também é certeza que os problemas não são limites que paralisam, são limites que pedem um passo a mais em direção à solução que o problema solicita e em direção ao valor que o limite não conseguiu apagar, pelo contrário, exalta.

A ação voluntária sustenta e é sustentada por uma obra da qual cada um participa de modo próprio. Obra que é maior também porque se abre para reconhecer atuações de ordem superior, situando-a num horizonte de totalidade. A ação voluntária pode ser concretização do relacionamento da pessoa com a transcendência, em que a doação de si ao outro é doação de si a um Outro. Portanto, ficamos com a certeza quanto à potência da experiência religiosa de impulsionar à ação, de estruturar o modo como o gesto é realizado e o modo como a pessoa se realiza nesse gesto.

Findo o percurso da dissertação, muitos horizontes se abrem aos nossos olhos. Horizontes de diálogo que nascem a partir de nossas compreensões. Horizontes de provocação àqueles que se deixarem tocar pela força das experiências que, comunicadas a nós, são agora comunicadas a vós. Horizontes de gratidão pela oportunidade de testemunhar o que vimos e de poder concretizar este trabalho como contribuição a uma obra que nos supera e solicita.

EPÍLOGO: um retorno à experiência

Gostaríamos de finalizar nosso trabalho de investigação do mesmo modo como buscamos conduzi-lo: voltando sempre à experiência.

Para tanto, queremos apresentar um dos hinos entoados na *Casa Espírita*. O modo como ele é cantado com comoção por freqüentadores e tarefeiros nas Reuniões Públicas indica-nos como, concretizando pequenos gestos juntos, eles se unem na afirmação de um grande ideal. Refletindo sobre seu conteúdo, surpreendemo-nos como este hino expressa grande parte dos elementos essenciais que estruturam a ação voluntária nesse contexto, tal como pudemos apreender em nossa análise.

Com tal empreendimento, esperamos explicitar e poetizar o relacionamento entre a experiência de voluntariado enquanto potencialmente realizadora da pessoa e o contexto sociocultural da instituição espírita pesquisada.

*FAZE O BEM - the psalms of life*⁴⁶

*Faze o bem, o dia desponta
Para um futuro de paz e de luz.*

*Anjos no alto anotam, vêm
Todos os atos, oh, faze o bem
Faze o bem, as portas se abrem,
Quebram-se agora cadeias servis.*

*Faze o bem com santa coragem,
Ei-a avante, avante ao fim.*

*Ora, espera a verdade que vem
Cessam as dores, oh, faze o bem.*

*Olhos chorosos fitam o além
Serão enxutos oh, faze o bem.*

*Faze o bem, os efeitos espera;
Sê livre, luta com fé e vigor
Sê forte, olha o futuro também
Deus te protege oh, faze o bem!*

Faze o bem: este é o chamado. Convite a realizar em ato o bem anunciado que, como vimos, corresponde também a quem o faz. Quem responde em gestos ao chamado ilumina a vida como um todo, pois *o dia desponta*, desvelando horizontes futuros e contribuindo para o

⁴⁶ Composição anônima.

despertar de um novo mundo, *de paz e de luz*. Horizontes que incluem os *anjos no alto*, presenças transcendentais, de ordem superior, que *anotam e vêem*, intervindo providencialmente em *todos os atos*.

Não perca a oportunidade de fazer parte dessa obra maior: *oh, faze o bem*, pois *as portas se abrem* para quem se dedica ao trabalho no bem. Portas repletas de ensinamentos que transformam o tarefeiro e o ambiente em que ele se encontra. Transformação que o liberta dos círculos viciosos de toda ordem que o impedem de crescer, pois, fazendo o bem, *quebram-se agora cadeias servis*.

Para isso, é preciso se empenhar, agir com o ideal que o coração carrega, *com santa coragem*. E é preciso perseverar no caminho superando as dificuldades na busca por afirmar o ideal de totalidade reconhecido como correspondente, *avante ao fim*.

É uma busca que sabe o que quer, é uma busca que contém uma *espera*. Porque quem age espera que o ideal de bem anunciado, reconhecido como *verdade*, se concretize no mundo, isto é, quem faz o bem *espera a verdade que vem*.

Um reconhecimento de *verdade* que consola, pois o tarefeiro sabe que seu gesto, assim como sua vida, se encontra inserido num horizonte maior pleno de sentido. O alcance da ação se multiplica, pois o compromisso desse bem é com o ser humano. E, assim, os *olhos* que se abrem para esse *além* anunciado no gesto *serão enxutos*.

É uma ação voluntária, *livre*, que embora não se prenda aos resultados, contém uma promessa: *os efeitos espera*. É um chamado exigente. É preciso deixar-se provocar por todas essas solicitações contidas no gesto, persistindo com *fé e vigor*, contemplando *o futuro também*. Pois é uma ação sustentada por um Outro: *Deus te protege*.

Se reconhece o chamado, se se reconhece chamado, aproveite a oportunidade que ora lhe é oferecida: *oh, faze o bem!*

REFERÊNCIAS

- Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica* (A. Angonese, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 1997).
- Ales Bello, A. (2000). *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino* (A. Angonese, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 1992).
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião* (M. Mahfoud & M. Massimi, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 2004).
- Ales Bello, A. (2006). *Introdução à fenomenologia*. (M. Mahfoud & J. T. Garcia, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 2006).
- Ales Bello, A. (2007). A questão do sujeito humano na perspectiva fenomenológica (G. B. Machado, Trad.). Em L. Moreira & A. M. A. Carvalho (Orgs). *Família, subjetividade, vínculos* (pp. 59-82). São Paulo: Paulinas.
- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de psicologia*, 13(1), 5-10.
- Amatuzzi, M. M. (2008). *Por uma psicologia humana* (2a ed.). Campinas, SP: Alínea.
- Arendt, H. (2001). *A condição humana* (10a ed.). (R. Raposo, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Publicação original de 1958).
- Arendt, H. (2008). *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar* (C. A. R. Almeida; A. Abranches & H. F. Martins, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Publicação original de 1971).
- Aristóteles (2001). *Ética a Nicômaco*. (M. G. Kury, Trad.). Brasília: Editora Universidade de Brasília. (Original do séc. IV a. C.).
- Augras, M. (1995). *Alteridade e dominação no Brasil: psicologia e cultura*. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Barros, V. A.; Pinto, J. B. M. & Guedes, M. A. (2006). Trabalho voluntário, solidariedade e política: um estudo junto aos agentes da Pastoral Carcerária de BH. Em S. M. Pimenta; L. A. S. Saraiva & M. L. Corrêa (Orgs.). *As organizações de terceiro setor: dilemas e polêmicas* (pp. 117-135). São Paulo: Saraiva.
- Bavaresco, R. M. S. (2003). *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos*. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

- Berdiaeff, N. (1982). *Cinque meditazioni sull'esistenza* (M. Carè, Trad.). Torino: Elle Di Ci. (Publicação original de 1936).
- Berger, P. & Luckmann, T. (2004). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem no mundo moderno* (E. Orth, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Publicação original de 1995).
- Bosi, A. (1993). Fenomenologia do Olhar. Em A. Novaes (Org.). *O olhar* (pp. 65-87). (4a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2003). A atenção em Simone Weil [versão eletrônica]. *Psicologia USP*, 14(1), 11-20.
- Bosi, E. (2005). *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (13a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Brandão, C. R. (2005). Pesquisa participante. Em A. L. Ferraro Jr. (Org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores* (pp. 257-266). Brasília: MMA.
- Brandão, C. R. (2007). Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e cultura*, 10(1), 11-27.
- Carneiro, M. R. (2008). *Apresentação do ano internacional do voluntariado*. Recuperado em 24 de agosto, 2008, de <http://www.ecclesia.pt/destaque/voluntariado/apresentacao.htm>.
- Castro, M. L. C. S. (2003). *A educação da alma: trabalho voluntário no CEA-AMIC*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Danner, M. F. P. (2006). Bezerra de Menezes e a outra face da ciência: medicina e espiritismo no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX (1851-1900). Em Associação Nacional de História (Org.) *Anais, XII Encontro regional de história* (pp. 1-6). Recuperado em 24 de agosto, 2008, de [http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Mario Fernando Passos Danner.pdf](http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Mario%20Fernando%20Passos%20Danner.pdf)
- Dockhorn, C. N. B. F. (2007). *Perfil sociodemográfico e psicológico dos voluntários dos postos CVV*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Federação Espírita Brasileira [FEB]. (2008). *Conheça o Espiritismo*. Recuperado em 07 nov. 2009, de <http://www.febnet.org.br/site/oquee.php?SecPad=216>

- Federação Espírita Brasileira [FEB] (n.d.). *Biografia de Divaldo Pereira Franco*. Recuperado em 07 nov. 2009, de [http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Biografia de Divaldo Pereira Franco.pdf](http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/Textos/Biografia%20de%20Divaldo%20Pereira%20Franco.pdf)
- Frankl, V. E. (1986). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial* (2a ed.). (A. M. Castro, Trad.). São Paulo: Quadrante. (Publicação original de 1982).
- Gaspar, Y. E; Maia, L. C. & Mahfoud, M. (2008a). *III Seminário experiência elementar em psicologia: exigência de realização* [Mimeo]. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Gaspar, Y. E; Maia, L. C. & Mahfoud, M. (2008b). *VI Seminário experiência elementar em psicologia: exigência de amor* [Mimeo]. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5a ed.). São Paulo: Atlas.
- Giumbelli, E. (1998). Caridade, assistência social, política e cidadania: práticas e reflexões no Espiritismo. Em L. Landim (Org.). *Ações em sociedade: militância, caridade, assistência etc* (pp. 123-172). Rio de Janeiro: NAU.
- Giussani, L. (1997). *O senso de Deus e o homem moderno: a questão humana e a novidade do cristianismo* (D. Cordas & P. A. E. Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Publicação original de 1985).
- Giussani, L. (2001a). A liberdade na raiz da obra. Em L. Giussani. *O eu, o poder, as obras* (pp. 100-122). (N. Oliveira & V. Resi, Trad.). São Paulo: Cidade Nova. (Publicação original de 1992-5).
- Giussani, L. (2001b). Dá-nos um coração grande para amar. Em L. Giussani. *O eu, o poder, as obras* (pp. 123-131). (N. Oliveira, Trad.). São Paulo: Cidade Nova. (Publicação original de 1993).
- Giussani, L. (2001c). O amor a Cristo, raiz do trabalho. Em L. Giussani. *O eu, o poder, as obras* (pp. 65-82). (N. Oliveira & V. Resi, Trad.). São Paulo: Cidade Nova. (Publicação original de 1998).
- Giussani, L. (2001d). Sempre mais adiante. Em L. Giussani. *O eu, o poder, as obras* (pp. 57-64). (N. Oliveira, Trad.). São Paulo: Cidade Nova. (Publicação original de 1988).
- Giussani, L. (2002). *La autoconciencia del cosmos* (I. Almería & C. Giussani, Trad.). Madrid: Encuentro. (Publicação original de 2000).

- Giussani, L. (2003a). A caridade, a lei do ser. Em L. Giussani. *Realidade e juventude: o desafio* (pp. 233-237). (M. J. M. Mendes, Trad.). Lisboa: Diel. (Publicação original de 1960).
- Giussani, L. (2003b). A felicidade, a dor, a escolha de Deus, a companhia. Em L. Giussani. *Realidade e juventude: o desafio* (pp. 241-248). (M. J. M. Mendes, Trad.). Lisboa: Diel. (Publicação original de 1993).
- Giussani, L. (2004). *Educar é um risco: como criação de personalidade e de história* (N. Oliveira, Trad.). São Paulo: Companhia Ilimitada. (Publicação original de 1977).
- Giussani, L. (2008). *É possível viver assim?: uma abordagem diferente da existência cristã* (2a ed.). (N. Oliveira & F. Tremolada, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Publicação original de 1994).
- Giussani, L. (2009). *O senso religioso* (P. A. E. Oliveira, Trad.). Brasília: Universa. (Publicação original de 1986).
- Goto, T. A. (2008). *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Grygiel, S. (2002). L'uscita dalla caverna e la salita al Monte Moria: saggio su natura e civiltà. *Il nuovo areopago*, 19(2/3), 25-61.
- Holanda, C. C. (2003). *Voluntariado e terceiro setor*. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Husserl, E. (2006a). *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (M. Suzuki, Trad.). Aparecida, SP: Idéias e Letras. (Publicação original póstuma de 1952).
- Husserl, E. (2006b). Renovação como problema ético-individual. Em E. Husserl. *Europa: crise e renovação* (pp.39-62). (P. M. S. Alves & C. A. Morujão, Trad.). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. (Publicação original de 1924).
- Husserl, E. (2008) *A Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica* (D. F. Ferrer, Trad.). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. (Publicação original póstuma de 1954).
- Kardec, A. (2004). *O evangelho segundo o Espiritismo* (124a ed.). (G. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: FEB. (Publicação original de 1864).
- Kardec, A. (2005a). *O livro dos Espíritos* (86a ed.). (G. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: FEB. (Publicação original de 1857).
- Kardec, A. (2005b). *O livro dos médiuns* (75a ed.). (G. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: FEB. (Publicação original de 1861).

- Kardec, A. (2005c). *O que é o Espiritismo*. (52a ed.). (G. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: FEB. (Publicação original de 1859).
- Lei 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. (1998). Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Diário Oficial da União, seção 1. Recuperado em 24 de agosto, 2008, de <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9608.htm>
- Lewgoy, B. (2001). Chico Xavier e a cultura brasileira [versão eletrônica]. *Revista de antropologia*, 44(1), 53-116.
- Lewis, C. S. (2005). *Os quatro amores* (P. Salles, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Publicação original de 1960).
- Mahfoud, M. (2001). Necessidade, desejo e exigências: cultura como âmbito da experiência. Em G. J. Paiva (Org.). *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião* (pp. 79-90). São Paulo: Edições Loyola.
- Mahfoud, M. (2003). *Folia de Reis: festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação ecológica Juréia-Itatins*. São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Mahfoud, M. (2005). Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber. *Memorandum*, 8, 52-61. Recuperado em 10 abril, 2007, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/mahfoud02.htm>
- Mahfoud, M. (2008). *Fenomenologia: fundamentos e antropologia filosófica* [Mimeo]. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Mahfoud, M.; Dillinger, E. S.; Gaspar, Y. E.; Leite, R. V. & Maia, L. C. (2009). *I Encontro de estudos avançados sobre experiência elementar* [Mimeo]. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Mahfoud, M. & Massimi, M. (2008). A pessoa como sujeito da experiência: contribuições da fenomenologia. *Memorandum*, 14, 52-61. Retirado em 08 de setembro, 2008, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/mahfoudmassimi02.htm>
- Maior, M. S. (2003). *As vidas de Chico Xavier* (2a ed.). São Paulo: Planeta.
- Montaño, C. (2003). *Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social* (2a ed.). São Paulo: Cortez.
- Morandé, P. (1990). A Cultura da solidariedade: exigência de uma humanidade unificada e interdependente. Em F. Santoro *et al.* (Orgs.). *A Cultura da solidariedade: escola de doutrina social* (pp. 17-36). (A. Cancian, Trad.). São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Portal do Voluntário. (n. d.). *Voluntariado global: declaração universal do voluntariado*. Recuperado em 23 de agosto, 2008, de <http://www.portaldovoluntario.org.br/site/pagina.php?idconteudo=224>.

- Sampaio, J. R. (2004). *Voluntários: um estudo sobre a motivação de pessoas e a cultura em uma organização do terceiro setor*. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sampaio, J. R. (Org.). (2009a). *Pesquisas sobre o Espiritismo no Brasil: textos selecionados*. São Paulo: CCPDE-ECM.
- Sampaio, J. R. (2009b). Introdução: pesquisas brasileiras sobre Espiritismo?. Em Sampaio, J. R. (Org.). *Pesquisas sobre o Espiritismo no Brasil: textos selecionados* (pp. 7-16). São Paulo: CCPDE-ECM.
- Silva, A. F. (2006). *Trabalho voluntário: considerações sobre dar e receber*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Stein, E. (2003a). Estructura de la persona humana. Em E. Stein. *Obras completas. v.IV: escritos antropológicos y pedagógicos* (pp. 555-749). (F. J. Sancho e col., Trad.) Vitoria, Espanha: El Carmen. (Publicação original de 1932-33).
- Stein, E. (2003b). Fundamentos teóricos do labor social de formación. Em E. Stein. *Obras completas. v.IV: escritos antropológicos y pedagógicos* (pp. 127-148). (F. J. Sancho e col., Trad.). Vitoria, Espanha: El Carmen. (Publicação original de 1930).
- Stein, E. (2003c). Sobre el concepto de formación. Em E. Stein. *Obras completas. v.IV: escritos antropológicos y pedagógicos* (pp. 177-194). (F. J. Sancho e col., Trad.). Vitoria, Espanha: El Carmen. (Publicação original de 1930).
- Stein, E. (2005a). Contribuiciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. Em E. Stein. *Obras completas. v.II: escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920)* (pp. 207-520). (F. J. Sancho e col., Trad.). Burgos, Espanha: Monte Carmelo. (Publicação original de 1922).
- Stein, E. (2005b). Sobre el problema de la empatía. Em E. Stein. *Obras completas. v.II: escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920)* (pp.55-203). (F. J. Sancho e col., Trad.). Burgos, Espanha: Monte Carmelo. (Publicação original de 1917).
- Stein, E. (2007a). Acto y potencia: estudos sobre uma filosofia del ser. Em E. Stein. *Obras Completas. v. III: Escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano)* (pp. 241-536). (A. Pérez; J. Mardomingo & C. R. Garrido, Trad.). Burgos, Espanha: Monte Carmelo. (Original de 1932-5).
- Stein, E. (2007b). Ser finito y Ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. Em E. Stein. *Obras Completas. v. III: Escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano)* (pp.

- 589-1201). (A. Pérez; J. Mardomingo & C. R. Garrido, Trad.). Burgos, Espanha: Monte Carmelo. (Original publicado em 1934-6)
- Stoll, S. J. (2004). *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp.
- Thompson, P. (1992). *A voz do passado: história oral* (3a ed.). (L. L. Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Publicação original de 1978).
- van der Leeuw, G. (1964). *Fenomenología de la religión* (E. de la Pena, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica. (Publicação original de 1933).
- Wagner, H. R. (Ed.). (1979). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz* (A. Melin, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Publicação original de 1970).
- Wantuil, Z. & Thiesen, F. (2004). *Allan Kardec: o educador e o codificador* (vol.1). Rio de Janeiro: FEB.
- Weil, S. (1993). A atenção e a vontade. Em S. Weil. *A gravidade e a graça* (pp. 127-133). (P. Neves, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1947).
- Weil, S. (2001). *O Enraizamento*. (M. L. Loureiro, Trad.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 1949).
- Wojtyla, K. (1982). *Persona e acción* (J. F. Zulaica, Trad.). Madrid: Biblioteca de autores cristianos. (Original publicado em 1980).
- Wojtyla, K. (2003a). El personalismo tomista. Em K. Wojtyla. *Mi visión del hombre: hacia una nueva ética* (4a ed., pp. 303-320). (M. P. Ferrer, Trad.). (Serie Pensamiento, 2). Madrid: Palabra. (Original publicado em 1961).
- Wojtyla, K. (2003b). Introducción a la ética. Em K. Wojtyla. *Mi visión del hombre: hacia una nueva ética* (4a ed., pp. 40-116). (M. P. Ferrer, Trad.). (Serie Pensamiento, 2). Madrid: Palabra. (Original publicado em 1955-57).
- Zilles, U. (1996). A fenomenologia husserliana como método radical. Em E. Husserl. *A crise da humanidade européia e a filosofia* (pp. 11-55). Porto Alegre: Edipucrs.
- Zilles, U. (1997). *Teoria do conhecimento* (3a ed.). Porto Alegre: Edipucrs. (Publicação original de 1994).

ANEXO: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH
Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado na área de concentração da Psicologia Social

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que terá duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, não ocorrerá nenhum tipo de penalização. Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável e/ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005, CEP 31270-901 – BH/MG – Telefax: 3409-4592 – e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

1. INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Ser voluntário, ser realizado: uma investigação fenomenológica numa instituição espírita

Pesquisador Responsável: Yuri Elias Gaspar – CRP: 28.079

Telefone para contato: (31) 8876 2483

Orientador da Pesquisa: Prof. Dr. Miguel Mahfoud

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a experiência de voluntariado no contexto cultural de uma instituição espírita. Para tanto, serão entrevistadas pessoas que realizam trabalho voluntário na Instituição Espírita selecionada para a pesquisa: a Casa Espírita.

A participação como sujeito da pesquisa se dá por livre decisão e opção da pessoa. Portanto, sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento.

Se concordar em participar, você concederá uma ou mais entrevistas que serão realizadas pelo mestrando e gravadas, transcritas e utilizadas como material de pesquisa. Apenas informações relacionadas aos objetivos da pesquisa serão utilizadas para fins de análise e como conteúdo da dissertação do mestrado e/ou como parte de publicação relativa à pesquisa. Serão preservados os dados que você delimitar como confidenciais.

A sua participação não implica em riscos, prejuízos, desconforto ou lesões. Também não haverá nenhuma despesa ou gratificação.

Yuri Elias Gaspar

2. CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG _____
 CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa Ser Voluntário, Ser Realizado: Uma Investigação Fenomenológica numa Instituição Espírita, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Yuri Elias Gaspar sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade.

Belo Horizonte, ____ de _____ de _____

Nome:

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____